



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

*"Da infância longínqua à ancianidade presente": tempos e vivências de  
Cora Coralina (séculos XIX - XX)*

Elis Regina da Silva Oliveira

Goiânia

2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

## TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

### E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

#### 1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação       Tese       Outro\*: \_\_\_\_\_

\*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

#### 2. Nome completo do autor

**Elis Regina da Silva Oliveira**

#### 3. Título do trabalho

*"Da infância longínqua à ancianidade presente": tempos e vivências de Cora Coralina (séculos XIX - XX)*

#### 4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento  SIM       NÃO<sup>1</sup>

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

- a) consulta ao(a) autor(a) e ao(a) orientador(a);
- b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;

- Publicação da dissertação/tese em livro.

**Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.**



Documento assinado eletronicamente por **Diane Valdez, Usuário Externo**, em 12/01/2024, às 08:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Elis Regina Da Silva Oliveira, Discente**, em 15/01/2024, às 08:00, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **4311621** e o código CRC **0E97A026**.

Referência: Processo nº 23070.067043/2023-41

SEI nº 4311621

ELIS REGINA DA SILVA OLIVEIRA

*"Da infância longínqua à ancianidade presente": tempos e vivências de  
Cora Coralina (séculos XIX - XX)*

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Goiás (UFG), como requisito para a obtenção do título de Doutora em Educação.

Área de Concentração: Educação

Linha de pesquisa: Estado, Políticas e História da Educação

Orientadora: Professora Dra. Diane Valdez

Goiânia

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Oliveira, Elis Regina da Silva  
*"Da infância longínqua à ancianidade presente": tempos e vivências de Cora Coralina (séculos XIX - XX)* [manuscrito] / Elis Regina da Silva Oliveira. - 2023.  
CCXXXIX, 239 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Diane Valdez.  
Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação (FE), Programa de Pós-Graduação em Educação, Goiânia, 2023.  
Bibliografia. Anexos.  
Inclui fotografias, abreviaturas.

1. Cora Coralina. 2. Infâncias. 3. Juventudes. 4. Literatura e História. 5. Lugares de educar e de instruir. I. Valdez, Diane, orient. II. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ATA DE DEFESA DE TESE

**Ata Nº 78** da sessão de Defesa de Tese de **ELIS REGINA DA SILVA OLIVEIRA** que confere o título de **Doutora em Educação** pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás - PPGE/FE/UFG, na *área de concentração em Educação*.

Aos **dezenove dias do mês de dezembro de dois mil e vinte e três (19/12/2023)**, a partir das **14:00h**, nas dependências da Faculdade de Educação, realizou-se a sessão pública de Defesa de Tese intitulada **"Da infância longínqua à ancianidade presente": tempos e vivências de Cora Coralina (séculos XIX - XX)**. Os trabalhos foram instalados pela Orientadora Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> **Diane Valdez (PPGE/FE/UFG)**, doutora em **Educação** pela **Unicamp**, com a participação das demais integrantes da Banca Examinadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> **Rita Márcia Magalhães Furtado (PPGE/FE/UFG)**, doutora em **Educação** pela **Unicamp** - integrante titular interna, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> **Ebe Maria de Lima Siqueira (UEG/Cidade Goiás)**, doutora em **Letras e Linguística** pela **UFG** - integrante titular externa; Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> **Ludmila Santos Andrade (UFPI/CCL)**, doutora em **Letras e Linguística** pela **UFG** - integrante titular externa e Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> **Ilma Socorro Gonçalves Vieira (CEPAE/UFG)**, doutora em **Letras e Linguística** pela **UFG** - integrante titular externa. Durante a arguição as integrantes da banca **não fizeram** sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Tese, tendo sido a candidata **aprovada** pelas suas integrantes. Proclamados os resultados pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Diane Valdez, Presidenta da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelas Integrantes da Banca Examinadora, aos dezenove dias do mês de dezembro de dois mil e vinte e três.

Banca Examinadora:

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Diane Valdez

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rita Márcia Magalhães Furtado

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ebe Maria de Lima Siqueira

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ludmila Santos Andrade

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ilma Socorro Gonçalves Vieira

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **LUDMILA SANTOS ANDRADE**, **Usuário Externo**, em 20/12/2023, às 13:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Diane Valdez, Usuário Externo**, em 20/12/2023, às 19:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



Documento assinado eletronicamente por **Marilza Vanessa Rosa Suanno, Vice-Coordenadora de Pós-Graduação**, em 09/01/2024, às 17:42, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



Documento assinado eletronicamente por **Rita Marcia Magalhaes Furtado, Professor do Magistério Superior**, em 10/01/2024, às 06:20, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



Documento assinado eletronicamente por **Ilma Socorro Goncalves Vieira, Professor do Magistério Superior**, em 10/01/2024, às 20:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **4265316** e o código CRC **7E84B45B**.

---

Referência: Processo nº 23070.067043/2023-41

SEI nº 4265316

## Dedicatória

A dureza da vida não são as carências  
nem a pobreza.  
Sofrem aqueles que desconhecem a luta  
E menosprezam o lutador. (Cora Coralina)

Para todas as mulheres, todas as vidas ... “a vida mera das obscuras” ...

Para minha grande família, meu porto seguro, minha razão de esperar, de acreditar, de lutar para a concretização dos mais inimagináveis sonhos!

Meus pais: Sirlene e Raimundo; minhas irmãs: Maria de Fátima, Sônia, Elizângela; meu irmão André; meus filhos: Luan Gabriel e Miguel; meu companheiro: João. A vocês, eu dedico cada linha destas páginas...

Para os brasileiros e as brasileiras que com seus impostos mantêm alguns poucos nas universidades públicas.

Agradecimentos...

“Tu encontrarás sempre no teu caminho  
Alguém para a lição de que precisas.” (Cora  
Coralina)

Não trilhei sozinha esta jornada de estudos e de aprendizagens. Embora o caminhar da pesquisa pareça solitário, encontrei em todo o trajeto pessoas especiais que me ajudaram a concretizar o sonho do doutoramento e me ensinaram as lições de que precisei em cada momento desta tessitura acadêmica. Pessoas que me ofereceram condições e apoio para que eu pudesse prosseguir na caminhada, apesar do contexto de pandemia da Covid-19, de medo, de negacionismo, de intolerância, de ódio, de perdas de vidas humanas em razão da negligência, da ingerência, da falta de empatia, da irresponsabilidade do desgoverno da gestão passada. Com a volta do governo do povo, eleito democraticamente, aos poucos estamos reconstruindo o nosso Brasil, com mais amor, mais solidariedade, mais equidade, mais Ciência... E viva a democracia!

À minha Mestra, escritora, Diane Valdez, o meu reconhecimento e gratidão pela orientação rigorosa, amorosa, solidária, leve. Por acreditar em meu potencial e me ajudar a superar as angústias, ansiedades, fraquezas e medos. Por me ensinar a problematizar os conceitos prontos e acabados. Por me apresentar um olhar poético das coisas desimportantes, simples, mas não simplistas, tornando-me uma “leitureira de romances da História”. Uma ‘viajadeira’ do mundo e “Perguntadeira” das memórias e das vivências, para usar suas próprias e vibrantes palavras. Obrigada por me apresentar Cora Coralina e, também, por me mostrar que as professoras e professores da Educação Básica, sobretudo da periferia, podem, sim, ocupar o espaço da academia, ser pesquisadoras e pesquisadores. Diane Valdez, como eu te admiro!

Às professoras, mestras solidárias, admiráveis pesquisadoras, Ludmila Santos Andrade, Ebe Maria de Lima Siqueira, Ilma Socorro Gonçalves Vieira, Rita Márcia M. Furtado, Tábata Quintana Yonaha, Márcia Ferreira Torres Pereira, pelo aceite em participar da banca de qualificação e de defesa. A leitura cuidadosa da tese, as contribuições de cada uma, bem como o olhar rigoroso e problematizador acerca do texto, ajudaram-me a avançar na pesquisa, a enxergar outras possibilidades de buscas, de aprendizagem. Obrigada!

À Universidade Federal de Goiás, por meio do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação, por me acolher, proporcionando-me o desenvolvimento deste estudo, pelas disciplinas cursadas e por todas e todos os professores e professoras que me ajudaram a tecer dialógicas relações entre o conhecimento ministrado e a minha pesquisa.

Às mulheres fortes, de luta, de resistência, do Grupo de Estudos e Pesquisas em Histórias da Educação (GEPHE). Todas vocês, sem exceção, receberam-me com alegria e compartilharam comigo seus saberes. Ajudaram-me a trilhar esse percurso com mais leveza, com mais sorrisos. Obrigada!

À minha grande e preciosa família:

Raimundo e Sirlene – meu pai e minha mãe – meus primeiros mestres da existência, da resistência, da sabedoria, do ‘longo estio que se chama vida’. Devo esse doutoramento ao esforço e à luta de vocês que acreditaram no impossível para os filhos e filhas da classe trabalhadora. Não há palavras suficientes para expressar todo o meu amor e gratidão a vocês.

Luan Gabriel e Miguel - meus filhos queridos – por suportarem minhas ausências, minhas alterações de humor. Vocês são a minha razão de viver. A minha alegria de todos os dias.

Ao meu esposo João, pelo companheirismo, amor e respeito.

Às minhas irmãs, meu irmão; meus cunhados e minhas cunhadas, meus sobrinhos e minhas sobrinhas, pelas parcerias, zelo, pela torcida de sempre.

Aos amigos e às amigas...

São tantas e tantos a agradecer que não citarei nomes. Eu sei que cada um e cada uma que trilhou comigo essa jornada de pesquisa receberá a minha gratidão pela solidariedade, pela parceria, pelo cuidado, pelo abraço reconfortante, pelas preces e palavras de otimismo, por me lembrarem de quem eu sou, da minha luta e resistências, por me incentivarem a ousar. Obrigada!

Enfim...

A Deus,

“Quem chama por Deus  
Não cansa nunca”  
e Ele se fará presente.  
Muito pedimos e pouco agradecemos.  
Sentimento raro de se encontrar no coração  
humano: Gratidão. (Cora Coralina)

## RESUMO

Esta tese vincula-se à linha de pesquisa Estado, Políticas e História da Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Goiás. Sedimentada nesse campo, os fios condutores entrelaçam literatura, história e educação com o propósito de trazer à tona vivências sócio-históricas de educação formal e informal no estado de Goiás do final do século XIX, bem como a atuação feminina na sociedade goiana no limiar do século XX. Para esse exercício de entrecruzamento de saberes, de olhares, tomamos o conjunto da obra poética de Cora Coralina (1889-1985), publicado em vida, como objeto de estudo revelador de um tempo histórico que une a 'infância longínqua à ancianidade presente'. Cora Coralina, em sua escrita literária, desmistificou a visão romântica de infância e traçou um panorama de todas as vidas que carregou dentro de si. Nesse mosaico de vivências, encontramos várias imagens dos modos de instruir e de educar as infâncias, juventudes e outras fases da vida. Diante disso, reconhecemos o estado de escrita da poetisa como 'lugar de memória' e de lembranças de uma pessoa adulta, distanciada no tempo, sobre sua infância e tempos outros. Com suas reminiscências, Cora Coralina nos coloca diante de diversas maneiras de pensar a história, de reavivar a memória, de reconstituir o espaço. Isso significa que pelas páginas do texto literário uma determinada realidade histórica pode ser lida e interpretada. A investigação possui caráter bibliográfico e documental, sob as bases da história cultural, articulada aos elementos estéticos dos estudos literários e ao campo educacional. Por essa via, entendemos a literatura como uma arte problematizadora que extrapola a linha temporal e descortina as formas cotidianas de vida dos mais diversos grupos sociais, incluindo nesse contexto, as infâncias. Os resultados da pesquisa demonstraram que o texto coraliniano, por meio das representações, constitui-se fonte significativa para análise dos fatos e acontecimentos da Cidade de Goiás durante o período delimitado (final do século XIX e parte do XX). Evidenciamos também o canto de Cora Coralina como a outra voz que problematizou a história das vivências diversas: das infâncias, dos modos de educá-las, da juventude e da atuação feminina frente aos mandos e desmandos patriarcais.

**Palavras-chave:** Cora Coralina; Infâncias, Juventudes, Literatura e História; Lugares de educar e de instruir.

## **ABSTRACT**

This thesis is linked to the State, Policies and History of Education research line of the Postgraduate Program in Education at the Federal University of Goiás. Sedimented in this field, the guiding threads intertwine literature, history and education with the purpose of bringing to light experiences socio-historical aspects of formal and informal education in the state of Goiás at the end of the 19th century, as well as female performance in the limitless society of Goiás in the 20th century. For this exercise of crossing knowledge and perspectives, we took the set of poetic works by Cora Coralina (1889-1985), published during her lifetime, as an object of study revealed from a historical time that unites 'distant childhood with present age'. Cora Coralina, in her literary writing, demystified the romantic vision of childhood and portrayed a panorama of all the lives she carried within herself. In this mosaic of experiences, we find several images of the ways of instructing and educating children, youth and other stages of life. In view of this, we record the poet's writing state as a 'place of memory' and memories of an adult, distant in time, about her childhood and other times. With her reminiscences, Cora Coralina presents us with different ways of thinking about history, of reviving memory, of reconstituting space. This means that through the pages of the literary text a certain historical reality can be read and interpreted. The investigation has a bibliographic and documentary character, based on cultural history, articulated with the aesthetic elements of literary studies and the educational field. In this way, we understand literature as a problematizing art that transcends the temporal line and reveals everyday forms of life in the most diverse social groups, including childhood within this context. The research results demonstrated that the Coralino text, through representations, constitutes a significant source for analyzing facts and events in the City of Goiás during the defined period (end of the 19th century and part of the 20th). We also highlight Cora Coralina's sing as another voice that problematized the history of diverse experiences: childhood, ways of educating them, youth and female action in the face of patriarchal commands and excesses.

**Keywords:** Cora Coralina; Childhood, Youth, Literature and History; Places to educate and instruct.

## RESUMEN

Esta tesis se inscribe en la línea de investigación Estado, Políticas e Historia de la Educación del Programa de Posgrado en Educación de la Universidad Federal de Goiás. Enraizado en este campo, los hilos conductores entrelazan literatura, historia y educación con el propósito de rescatar las vivencias sociohistóricas de la educación formal e informal en el estado de Goiás a finales del siglo XIX, así como la participación de las mujeres en la sociedad goiana en los albores del siglo XX. Para este ejercicio de entrecruzamiento de saberes y perspectivas, tomamos la obra poética completa de Cora Coralina (1889-1985), publicada en vida, como objeto de estudio revelador de una época histórica que conecta la "infancia lejana a la ancianidad presente". Cora Coralina, en su escritura literaria, desmitificó la visión romántica de la infancia y trazó un panorama de todas las vidas que llevaba consigo. En este mosaico de vivencias, encontramos diversas imágenes de las formas de educar en la infancia, juventud y otras etapas de la vida. Ante esto, reconocemos el estado de escritura de la poetisa como un "lugar de memoria" y recuerdos de una persona adulta, distante en el tiempo, sobre su infancia y otros tiempos. Con sus reminiscencias, Cora Coralina nos enfrenta a diversas formas de pensar la historia, de avivar la memoria y de reconstruir el espacio. Esto significa que a través de las páginas del texto literario se puede leer e interpretar una realidad histórica específica. La investigación tiene un carácter bibliográfico y documental, bajo los fundamentos de la historia cultural, articulada con los elementos estéticos de los estudios literarios y el ámbito educativo. De esta manera, entendemos la literatura como un arte problematizador que va más allá de la línea temporal y desvela las formas cotidianas de vida de diversos grupos sociales, incluyendo en este contexto la infancia. Los resultados de la investigación demostraron que el texto de Cora Coralina, a través de las representaciones, constituye una fuente significativa para analizar los hechos y acontecimientos de la Ciudad de Goiás durante el período delimitado (finales del siglo XIX y parte del XX). Destacamos también el canto de Cora Coralina como una voz más que problematizó la historia de experiencias diversas: la infancia, las formas de educarlas, la juventud y la acción femenina frente a los mandatos y excesos patriarcales.

**Palabras clave:** Cora Coralina; Infancia, Juventud, Literatura y Historia; Lugares de educar y de instruir.

## **LISTA DE IMAGENS**

Imagem 1: Cora Coralina, coração do Brasil

Imagem 2: Cartografia de Cora Coralina.

Imagem 3: Fotografia da classe de Mestra Inhola – Cidade de Goiás, século XIX.

Imagem 4: Cora Coralina na tessitura de sua escrita poética

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

AFLAG – Academia Feminina de Letras

BDTD – Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

BN – Biblioteca Nacional

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CLG - Clube Literário Goiano

FE - Faculdade de Educação

GEPHE – Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação

HDBN – Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional

IHGG – Instituto Histórico e Geográfico do Estado de Goiás

MLV – *Meu Livro de Cordel*

PBGEM - *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*

VC – *Vintém de cobre: meias confissões de Aninha*

## Sumário

PREÂMBULO.....	16
INTRODUÇÃO.....	21
CAPÍTULO I - PELOS BECOS DA MEMÓRIA: o encontro com Aninha.....	34
1.1 – A fortuna crítica: os lugares investigados do mundo coraliniano.....	43
1.2 - “O cântico primeiro de Aninha”: o tempo da infância .....	65
1.3 - O tempo do <i>Vintém de Cobre</i> : Aninha e infâncias outras.....	78
1.4 – A literatura e a infância: o emaranhado de vozes e os modos de educar .	100
CAPÍTULO II – ENTRE A INFÂNCIA LONGÍNQUA E A ANCIANIDADE PRESENTE: o tempo da juventude.....	115
2.1- O tempo do <i>Vintém de Cobre</i> : Goiás nas páginas da literatura .....	118
2.2 – Dona Jacintha Luiza do Couto Brandão Peixoto: a matriarca.....	126
2.3 - Cora mulher Coralina: a juventude.....	133
2.4 - As abelhas nos seus artesanatos: Cora Coralina e Leodegária de Jesus, jovens escritoras goianas no limiar do século XX.....	147
CAPÍTULO III – A GERAÇÃO PONTE: os modos de educar e de instruir em Goiás do final século XIX. .....	11564
3.1 – As mestras do passado cantadas por Cora Coralina: Inhola (Nhola), Lili e Silvina.....	167
3.2- O itinerário escolar de Aninha: a escola da mestra Silvina e o ensino doméstico.....	178
3.3 - O itinerário escolar de Aninha: “Contas de Dividir e Trinta e seis Bolos” .....	187
3.4 – Cora Coralina no tarde da vida: a ancianidade .....	195
4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	205
4.1 – A tessitura de um tempo: o princípio da caminhada. ....	206
4.2 – As tessituras do tempo da juventude.....	208
4.3 – As tessituras do tempo escolar de Aninha .....	211
4.4 – A ancianidade presente, o cântico da volta de Cora Coralina.....	212
REFERÊNCIAS.....	216
ANEXOS .....	230

## PREÂMBULO...

Irmanadas na poesia  
nos encontramos:  
Quem vem vindo.  
Quem vai indo.  
Na roda-viva da vida girando se esbaldando  
no encalço de uma rima fugidia.  
Pegar no laço do pensamento a rima feliz e  
plantar com amor na divisa  
extrema do verso...  
(Cora Coralina)

Sou Elis Regina da Silva Oliveira. Venho de uma família modesta, de uma mãe e de um pai que se sujeitaram no mundo das letras já ‘vestidos de cabelos brancos’. A vida regrada que tínhamos, eu, minhas três irmãs e meu único irmão, não impediu o nosso contato com a literatura. Mesmo não tendo acesso aos livros, mergulhávamos no mundo mágico das mais diversas histórias. Pela voz doce e arrastada de minha avó paterna, ouvíamos os ‘causos’ de assombração. Pela voz suave de minha mãe, os contos de fadas. Assim, por meio da literatura, “não de forma exclusiva ou redentora (...)”, como bem colocou Diane Valdez (2020, p. 16), fui desafiada a voltar meus “olhares para os tempos que a história constrói a respeito das subjetividades de aprender das pessoas” (idem). As primeiras palavras escritas foram desvendadas com a ajuda da mestra Francisca, professora que marcou a minha vida, no tempo do Grupo Escolar.

O curso ginásial contribuiu imensamente para a minha formação e para o meu apego à literatura. De forma coletiva, durante as aulas, líamos muito, fazíamos teatro e dávamos vida às personagens do universo literário. Nesse contexto, destaco duas professoras que me fizeram ir além dos muros da escola, sedimentando em mim a aspiração pela docência, já despertada desde a infância: Perpediva, de Língua Portuguesa, e Maria Lúcia, de História. Com elas, passei rapidinho das histórias ouvidas para os livros, estabelecendo, assim, uma ponte entre a educação escolarizada e as minhas vivências.

Conforme exposto por Ebe Maria de Lima Siqueira<sup>1</sup> (2013, p. 23), “a relação entre a educação e a formação humana está centrada no devir humano, naquilo que significa a sua interação com seus pares e com o mundo que o cerca”. Nessa teia de interações e enredada num universo empírico pelas histórias ouvidas na infância, pelas construções artísticas em tempos outros fui me deixando esculpir e me automodelando (idem). Acerca

---

<sup>1</sup> Optamos por referenciar os autores e autoras com o nome completo na primeira vez que aparecerem no texto. Caso sejam retomados (as), colocaremos apenas o último sobrenome.

dessa ideia, entendemos com Juarez Dayreel (2003, p. 43) que “o pleno desenvolvimento ou não das potencialidades que caracterizam o ser humano vai depender da qualidade das relações sociais desse meio no qual se insere”. Nesse sentido, as relações sociais estabelecidas na juventude foram determinantes para a constituição da minha historicidade. “Talvez seja esse o jeito de escrever sobre a alma em cuja memória se encontra as coisas eternas, que permanecem...” (ROSA, 2001,172).

Trabalhar e estudar, esse era o lema. Não havia outra saída, precisava conciliar as duas coisas. Ao concluir o ginásio, aos dezesseis anos de idade, procurei a Secretaria Municipal de Educação de Niquelândia decidida ser professora e melhorar o nosso ganha-pão. Embora a profissão de professora não fosse tão valorizada, o emprego em um supermercado da cidade não me faria alçar grandes voos. Como a falta de docentes na rede pública é histórica, fui contratada, mesmo não tendo dezoito anos e sem nenhuma formação. Já atuando em sala de aula, iniciei o curso de magistério em uma escola particular, Colégio Tiradentes. Conforme alteração trazida pela Reforma do ensino de 1971, a educação secundária passou a ser denominada de ensino de 2º grau e foi atrelada à profissionalização para atender aos filhos/as da classe trabalhadora. Ainda que o curso de 2º grau tenha estabelecido a terminalidade da escolarização, freando o avanço das camadas populares à educação superior, que continuou restrita à elite dirigente, eu tinha a certeza de que deveria continuar o meu processo formativo, apesar das dificuldades. Por isso, em sala de aula aplicava o que ia aprendendo com as professoras do magistério e com pensadores da educação que elas nos apresentavam. Esse exercício empírico ajudou-me a compreender melhor as vozes que me ensinavam a ser professora.

A aprovação no concurso público para educação da rede estadual de Goiás me fez vislumbrar a oportunidade de cursar uma faculdade na capital do estado. No ano de mil novecentos e noventa e nove fui aprovada, via vestibular, para a Licenciatura em Letras – Habilitação Português/Espanhol - UFG. Com isso, iniciei uma nova fase em minha vida acadêmica e profissional. Cinco anos após o término da graduação, ingressei-me no mestrado em Letras/Literatura, na mesma faculdade, sob a orientação do professor Rogério Santana dos Santos. Cursar o mestrado foi uma realização extraordinária e uma oportunidade de fazer a diferença em minha prática de sala de aula. No dia da defesa, lá estava meu pai, todo feliz, para prestigiar a filha. Ele, autodidata, aprendera a ler pelas páginas da bíblia e, mais do que nunca, sabia a importância daquele momento. Minha mãe não pôde comparecer, mas confiante e segura em suas palavras afirmou que não faltaria à defesa do doutorado. Quanto otimismo! Eu mesma não acreditava na

possibilidade de um doutoramento, dadas às inúmeras dificuldades enfrentadas à época do mestrado. Por isso, fiquei onze anos distante da pesquisa.

Todavia, com as palavras de minha mãe ecoando na cabeça e a necessidade de ampliar os conhecimentos, decidi voltar aos estudos. Desse modo, sem abandonar a literatura, busquei outro espaço de formação: a Faculdade de Educação. Para reiniciar esse processo, inscrevi-me na disciplina “Educação em Goiás: História e Memória” como aluna especial. Esse tempo de estudo aprofundado, de reflexões e de buscas fez emergir a possibilidade de estabelecer um diálogo entre a literatura e a educação em consonância com a história cultural, a memória, a sociedade. E assim me ingressei no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação – PPGE/UFG - com o projeto de pesquisa “A representação da infância nas obras de contos de Bernardo Élis: rupturas e permanências”.

No entanto, no curso do doutoramento vamos nos constituindo enquanto pesquisadoras, tecemos novas e dialógicas relações, construímos olhares inimagináveis... Nesse percurso, encontrei-me com Cora Coralina. Li seus textos poéticos, conheci sua história. Não deu outra. Fui seduzida pelo canto poético da cigarra cantadeira do longo estio que se chama vida. Não havia retorno. Estava inteiramente enredada no labor discursivo dessa formiga diligente. Pedi licença a Bernardo Élis, adiei nosso reencontro. E com o apoio de minha orientadora, Diane Valdez, trilhamos juntas os tempos das vivências de Aninha a Cora Coralina. Fomos de uma infância longínqua a uma ancianidade presente, visitamos os ‘lugares de memória’, para usar o termo de Nora (1993), apresentados pela poetisa dos becos de Goiás.

Nessa jornada, a escrita coraliniana nos levou a pensar os modos de educar as infâncias em Goiás do final do século XIX e início do XX. E nos conduziu também ao tempo de juventude de Cora Coralina, vivido em uma sociedade marcada pela mão forte do patriarcalismo. Com o texto coraliniano, percebemos o quanto a literatura pode nos ajudar a olhar para a história e para a vida humana em sua complexidade. Isso porque, conforme Eliane Marta Teixeira Lopes (1998, p. 40), a literatura é uma fonte “potencialmente rica para a história e, sobretudo, para a história da educação; ela pode oferecer uma chave instigante, levantar algum dado desprezado pela historiografia corrente que se vale apenas de documentos oficiais escritos como fonte”.

Como disse certa vez Bartolomeu Campos Queirós (2012, p.118), a literatura rompe o limite do provável, democratiza o poder de criar, imaginar, recriar. Ela nos possibilita voltar para nós mesmos e “nos acolhe sem ignorar nossa incompletude”. A literatura é o bilhete de partida para o universo das palavras. Com esse passaporte em

mãos, convidamos as pessoas leitoras desta tese a se enredarem no mundo coraliniano, a flanarem pelos becos de Goiás para revisitar o tempo do *vintém de cobre*, as infâncias, a juventude, a ancianidade presente, de Aninha a Cora Coralina.



Imagem 1- Cora Coralina, coração do Brasil.

Fonte: Capa do Catálogo da exposição realizada de 29 de setembro a 13 de dezembro de 2009.  
São Paulo: Museu da Língua Portuguesa, 2009.

## INTRODUÇÃO

Apenas a autenticidade da minha poesia  
arrancada aos pedaços do fundo da  
minha sensibilidade, e este anseio:  
procuro superar todos os dias.  
Minha própria personalidade renovada,  
despedaçando dentro de mim tudo que é  
velho e morto.  
Luta, a palavra vibrante que levanta os fracos  
e determina os fortes.  
Quem sentirá a Vida  
destas páginas...  
Gerações que hão de vir de gerações que vão  
nascer. (Cora Coralina)

Cora Coralina usou a poesia para escrever as suas vivências. No alinhavar de um verso ao outro e mais outro, ela bordou os silêncios, os não ditos, fez do tracejado da palavra poética seu refúgio, sua voz. Por meio do recurso da metalinguagem, Cora Coralina teceu uma espécie de conselho para si mesma e para os que desejam se enveredar no mundo dessa linguagem artística. Assim advertiu o eu lírico no poema “Oferta – Aos Novos que Poetizam”, que consta em *Meu livro de cordel* (2012):

Poeta, poetisa teu caminho.  
Pega, segura com os dedos da velha musa  
o que resta de poesia na transição da hora que passa.  
Cuida bem da inspiração que se despede por inútil.<sup>2</sup> (MLC, 2012, p. 75)

Nessa tessitura, de acordo com Cora Coralina, é preciso segurar nos dedos da velha musa<sup>3</sup> para realizar uma leitura sensível das experiências humanas, captar os momentos fugazes da vida, as contradições. Esse exercício de ser poeta<sup>4</sup> é também um exercício de ser gente, é a arte de doar sentidos, de entender a incompletude humana. De olhar para as coisas miúdas, desimportantes, como disse Manoel de Barros (1999). Afinal, apropriando-nos das palavras de Cora Coralina no poema “O poeta e a poesia”, do livro *Vintém de Cobre*, “não é o poeta que cria a poesia. / E sim a poesia que condiciona o poeta” (2013, p. 214).

---

<sup>2</sup> Optamos por manter a ortografia dos poemas.

<sup>3</sup> Ao usar o termo ‘velha musa’, Cora Coralina fez uma alusão a Calíope, figura mitológica da Grécia antiga, a mais velha das nove musas e a responsável por inspirar a criação artística.

<sup>4</sup> Trocadilho inspirado na obra poética *Exercícios de ser criança* (1999), de Manoel de Barros.

Essa forma sensível de captar a simplicidade da vida pode ser encontrada nas páginas dos livros da poetisa goiana Cora Coralina, selecionados para o estudo das infâncias e de tempos outros, como a juventude, a ancianidade, são eles: *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais* (1965); *Meu livro de cordel* (1976); e *Vintém de cobre: meias confissões de Aninha* (1983)<sup>5</sup>. O contexto e recorte temporal centram-se no Goiás do final do século XIX e início do XX. Esse material literário traz temas importantes para a história da educação brasileira e de Goiás, como o olhar para a infância, a atuação da juventude, a instrução primária, a escolarização da criança, dentre outros.

Nessas obras poéticas, conforme veremos, a poetisa<sup>6</sup> goiana manejou com maestria a sua escrita literária, alçando-a ao panteão do cânone brasileiro. A escolha desses três títulos deu-se em razão do seguinte critério: ter como *corpus* de análise as produções organizadas em forma de poemas, publicadas em livros sob a supervisão da autora. Como nosso objeto de estudo se compõe de poemas, cabe esclarecer as possíveis dúvidas acerca da diferença entre poesia e poema.

Para Octavio Paz (1984, p.17), o poema é uma obra, um produto humano, histórico, situado num tempo e num espaço, mas que transcende a esses dois. O poema “é um organismo verbal que contém, suscita ou emite poesia”. Essa estrutura poética se alimenta da linguagem viva de um povo, nutre-se de seus mitos, seus medos, sonhos, contradições. Todavia, vale lembrar que “nem todo poema – ou para sermos exatos, nem toda obra construída sob as leis da métrica – contém poesia. [...]. Por outro lado, há poesias sem poemas; paisagens, pessoas e fatos podem ser poéticos” (1984, p.16). Tal assertiva nos leva à compreensão de que esse mecanismo retórico, formado por estrofes, metros, rimas ou por formas livres ao ser tocado pela poesia se constitui um poema.

---

<sup>5</sup> Doravante, os referidos livros também serão identificados pelas seguintes abreviaturas: PBG - *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*; MLC – *Meu Livro de Cordel*; VC – *Vintém de cobre: meias confissões de Aninha*. A data que segue no parêntese corresponde ao ano de publicação dos livros. Para esta pesquisa, estamos utilizando as edições dos seguintes anos: PBG (2008); MLC - digital (2012); VC (2013).

<sup>6</sup> No mundo literário, há uma querela semântica em torno do termo ‘poetisa’, usado desde o século XX como feminino de poeta. Para desfazer esse imbróglio, esclarecemos alguns pontos. Primeiro, em relação ao gênero. Na língua portuguesa, poetisa não é o feminino de poeta, embora essa construção já esteja dicionarizada. Segundo, em relação ao ponto de vista histórico, social e, em muitos casos, literário, o termo poeta passou a ser considerado como comum a dois gêneros e se revestiu de uma significação superior, masculinizada, carregando a palavra poetisa com um tom pejorativo, menor. Em inúmeros trabalhos acadêmicos, encontramos autorias femininas identificadas como poetas e não poetisas, como se o reconhecimento dessas escritas dependesse da chancela masculina. A própria Cecília Meireles, escritora de prestígio no cânone nacional, fez coro à ideia de valorização do ser poeta ao se identificar, no poema “Motivo”, como tal. Todavia, em nossa tese, partilhamos do pensamento de Darcy Denófrío (2019, p. 19) em relação a essa questão e usaremos a palavra poetisa para nos referir às escritoras apresentadas. Isso não significa inferiorização de suas poéticas, “a penas entendemos que nós, mulheres que produzimos poesia, não precisamos assumir a forma atribuída ao gênero masculino – poeta – para sugerir a excelência de nosso trabalho”. Na tessitura do artesanato poético, somos sim poetisas.

Mergulhamos<sup>7</sup> nesse universo poético para extrair dele as imagens das infâncias e de momentos outros, a juventude e a ancianidade, guardados nos mais recônditos ‘lugares da memória’ de um eu lírico<sup>8</sup> distanciados no tempo e no espaço. O termo infâncias foi empregado com o sentido plural porque entendemos que, para além dos conceitos cronológicos e físicos inerentes a esse momento da vida, há uma multiplicidade de infâncias vividas em diferentes dimensões, sejam culturais, sociais e históricas em que a criança esteja inserida. Logo, não há uma infância universal, visto que “as concepções de infância se amoldam às condições específicas que resultam na inclusão e na exclusão de sentimentos, valores e direitos” (FERNANDES; KUHLMANNJÚNIOR, 2004, p. 30).

Tendo em vista a travessia, para usar as palavras de Riobaldo, em *Grande Sertão: veredas* (2001), procuramos unir as duas pontas da vida da nossa poetisa que vai do tempo da Aninha, a menina mal-amada, ao de Cora Coralina, considerada por Carlos Drummond de Andrade, a pessoa mais importante de Goiás. Ao tratarmos das infâncias, partimos de uma concepção que vê esse tempo da vida humana como uma construção social, portanto, contextualizada, variando segundo a cultura, o local, o tempo, a classe, o gênero e outras condições socioeconômicas. Essa mesma ideia se aplica também à juventude.

Defendemos a tese de que a escrita coraliniana se constitui fonte para que possamos pensar os modos de instruir e educar<sup>9</sup> as infâncias em Goiás do final do século XIX. Essa escrita nos conduz também ao tempo de juventude da poetisa e sua intensa atuação numa sociedade marcada pela mão forte do patriarcalismo. Isso significa que pelas páginas do texto literário uma determinada realidade histórica pode ser lida, problematizada e interpretada; o que faz da literatura uma fonte de pesquisa tal qual os

---

<sup>7</sup> Sabemos que uma pesquisa, a construção de uma tese, é como tecer uma manhã. Ela não é feita sozinha, é uma experiência partilhada, atravessada por um conjunto de vozes que se juntam num arranjo polifônico (BAKHTIN, 2013) em que o ‘eu’ se completa no outro, tomando um nós. Isso porque um “Galo sozinho não tece uma manhã” (MELO NETO, Tecendo a Manhã), ele precisará de outros e mais outros cantos para construir a aurora. Logo, esta tese se constitui em uma tessitura de muitas vozes: a da pesquisadora, a da orientadora, a dos pensadores e teóricos, a das pessoas leitoras. Eis o motivo de utilizar os verbos na primeira pessoa do plural.

<sup>8</sup> Conforme Neusa Sorrenti (2007, p. 80), o eu lírico que também pode ser identificado como eu poético “é a voz que se revela no poema” e não pode ser confundido com o autor, o artesão da palavra, a pessoa que escreve o poema. Essa mesma autora, no livro *A poesia vai à escola: reflexões, comentários e dicas de atividades* (2007), grafou os vocábulos eu lírico/eu poético sem o hífen. Essa ausência é também percebida em inúmeros textos que pesquisamos. Em outros, os dois vocábulos foram empregados com o hífen. Para desfazer essa confusão, fizemos uma busca em dicionários e gramáticas, mas não encontramos o uso dos dois termos. Todavia, conforme a regra de uso do hífen, quando na junção de palavras que tenham significação própria, como ‘eu’ e ‘lírico’ ou ‘eu’ e ‘poético’, surge um novo sentido, usa-se o hífen. Por não haver um consenso, nesta tese, seguimos com os termos sem o hífen.

<sup>9</sup> Tomamos os verbos instruir e educar com os seguintes sentidos: instruir – como um processo mais restrito: aquisição de conhecimentos sistematizados, via escola. Educar – como um processo mais amplo: aquisição de valores, princípios, condutas, via família, sociedade, igreja.

documentos oficiais. Pela poesia, alinhavada à memória, às lembranças, Cora Coralina trouxe a público realidades distintas, tanto das infâncias no tempo da menina Aninha quanto de outros momentos da vida humana.

De acordo com Paul Ricoeur (2010, p. 48, grifos do autor), “a busca da lembrança comprova uma das finalidades principais do ato de memória, a saber, lutar contra o esquecimento, arrancar alguns fragmentos de lembrança à “rapacidade” do tempo”. Diante disso, reconhecemos o estado de escrita da poetisa como ‘lugar de memória’, para usar o termo de Nora (1993), e de lembranças de uma pessoa adulta, distanciada no tempo, sobre suas vivências, a infância e sobre os modos de educar representados.

Nesse exercício, há uma aparente causalidade e unidade na dificultosa arte de poetizar/narrar que aponta para a ideia de problematização dessa escrita de memória, isso porque, como muito bem sinalizou Guimarães Rosa (2001, p. 95), em *Grande Sertão: veredas*, “a lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, uns com os outros acho que nem não se misturam”. Essa dificultosa arte poética de narrar a vida requer um olhar investigativo atento, “não pelos anos que já se passaram. Mas pela astúcia que têm certas coisas passadas – de fazer um balancê, de se remexerem dos lugares” (2001, 200). Isso acontece porque as memórias, conforme Peter Burke (2011), são maleáveis e, também, seletivas.

As infâncias estão presentes na estética literária brasileira. E como tal, não poderiam faltar textos cujas temáticas versam sobre a escola, a educação, as estruturas sociais e de poder em diferentes contextos históricos. Basta um rápido mergulho no universo literário de épocas distintas para confirmar essa assertiva. São obras de gêneros variados que vão desde *O Ateneu* (1888), de Raul Pompéia; *Doidinho* (1933), de José Lins do Rêgo; *Capitães da Areia* (1937), de Jorge Amado; *Infância* (1945), de Graciliano Ramos; *Meu Pé de Laranja Lima* (1968), de José Mauro de Vasconcelos; *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais* (1965), *Meu livro de cordel* (1976) e *Vintém de cobre: meias confissões de Aninha* (1983), os três de Cora Coralina, até *Cinzas do Norte* (2005), de Milton Hatoum, para citar apenas esses.

Cada obra, a seu modo e tempo, teceu representações das infâncias e dos modos e lugares de educá-las presentes na sociedade brasileira. Os textos literários, objetos construídos com base na verossimilhança<sup>10</sup>, ou seja, com uma aparência de real, possuem

---

<sup>10</sup> Como algo passível de acontecer, a verossimilhança, segundo Aristóteles (2005, p. 28), é o diferencial entre o historiador e o poeta (ou romancista). Aquele relata o que aconteceu e limita-se aos fatos

um poder humanizador, pois, de alguma forma, escancaram a realidade social e histórica, levando as pessoas a penetrarem nos problemas da vida e a perceberem a complexidade do mundo e dos sujeitos.

Os textos coralinianos não são mimeses totais da realidade, uma vez que “a imitação perfeita de acontecimentos não verbais, simultâneos, em um discurso verbal – linear – é uma utopia”, como defendeu Gérard Genette (1972, p. 167). O que percebemos na escrita da poetisa goiana é a transposição, o mais verossímil possível, de suas lembranças - memória individual - para a linguagem verbal. Diante disso, concluímos que o manejo estético feito por Cora Coralina com a linguagem foi além de representar o mundo, ela construiu sobre o mundo de suas vivências uma representação.

Assim, tendo em vista que a literatura pode ajudar a olhar para a história, a nossa proposta nesta tese é a de realizar uma incursão no universo poético coraliniano com a finalidade de trazer à tona os tempos da vida da escritora dos becos que vai da ‘infância longínqua à ancianidade presente’, bem como os modos de instruir e de educar as infâncias no Goiás do final do século XIX. É um exercício de entrecruzamento de saberes, de olhares que coloca em diálogo a literatura, a história e a educação. O marco temporal em questão não foi uma escolha aleatória. Trata-se dos tempos da infância e juventude de Cora Coralina, bem como de seus primeiros anos escolares, em uma instituição formal multisseriada, e de sua incursão no universo da escrita poética.

Essa tarefa tem o objetivo de apresentar a escrita literária de Cora Coralina como uma importante fonte para a análise dos modos de instruir e de educar as infâncias no recorte temporal em questão, levando em consideração os momentos outros das vivências da poetisa. Nesse ponto, com José D’Assunção Barros (2010, p. 10, grifos do autor), entendemos que a pessoa que faz a escrita da história é também um “literato, ainda que artífice de um tipo especial de literatura que lida metodicamente para a composição de sua narrativa, com os materiais trazidos pelos seus “outros”, a começar pelas próprias fontes históricas”. Igualmente, com Goiandira Ortiz de Camargo (2006, p. 65, grifos da autora), consideramos o texto da poetisa Cora Coralina como a outra voz, “o outro discurso a mediar a história de Goiás” e, conseqüentemente, a história das vivências diversas, das infâncias e dos modos de educá-las.

Apoiamos esta tese na concepção teórico-metodológica oriunda da História Cultural. Essa corrente epistemológica nos ajudou compreender o nosso objeto de

---

particulares, este enuncia as verdades gerais, narra o que poderia ter acontecido. Para Aristóteles, dentre esses dois enunciadores, o poeta se destaca por tratar do universal humano.

pesquisa em sua especificidade, problematizá-lo, buscar em suas contradições os mais diversos olhares sobre as experiências nos distintos tempos da vida, sobre a relação entre história e literatura, sem, contudo, estabelecer uma linearidade cronológica arbitrária. A História Cultural<sup>11</sup> com todas as suas potencialidades e também fragilidades tornou possível o entrecruzamento de distintas áreas do saber para o trabalho com nosso objeto de estudo, na formulação das questões e conceitos e na interpretação dos interditos, dos silêncios. Buscamos, com base nessa corrente teórica, as inúmeras veredas de leituras do texto literário de Cora Coralina como fonte para a pesquisa histórica em educação.

Conforme Peter Burke (2011, p. 245), a História Cultural “é também uma tradução cultural da linguagem do passado para o presente, dos conceitos da época estudada para os de historiadores e seus leitores”. Mas o que de fato seria a História Cultural? Essa pergunta data de mil oitocentos e noventa e sete e foi feita por Karl Lamprecht. A questão permanece sem uma resposta definitiva, dado seus variados e, até mesmo, controversos métodos. Burke expôs essa diversidade de incursão na História Cultural da seguinte forma:

Alguns historiadores culturais trabalham intuitivamente, como Jacob Burckhardt declarou fazer. Poucos tentam usar métodos quantitativos. Alguns descrevem seu trabalho em termos de uma procura de significado, outros focalizam as práticas e as representações. Alguns vêem [sic] seu objetivo como essencialmente descritivo, ou acreditam que a História Cultural, como a história política, pode e deve ser apresentada como uma narrativa. (BURKE, 2005, p. 7)

Como pudemos observar, há variedades de História Cultural, dentre as quais, tomamos para o nosso estudo a vertente que trata da ampliação das fontes, envolvendo a literatura, o imaginário, as representações. Sendo assim, destacamos a importância das reflexões literárias próprias de cada época para o trabalho das pessoas que pesquisam a história.

Por essa via de renovação da história, para além da linearidade dos acontecimentos, Burke propôs a história-problema. Esse tipo de abordagem envolve não apenas a apresentação dos acontecimentos e fatos do passado histórico, mas também a análise das estruturas subjacentes a eles, tendo em vista *o quê*, *o como* e *o porquê*. Nessa perspectiva, “visões retrospectivas, cortes e a alternância entre cena e história [...] podem

---

<sup>11</sup> Para Peter Burke (2005, p. 7), a História Cultural, redescoberta no ano mil novecentos e setenta do século XX, foi considerada “a Cinderela entre as disciplinas, desprezada pelas suas irmãs mais bem-sucedidas.”

também ajudar os historiadores em sua difícil tarefa de revelar o relacionamento entre os acontecimentos e as estruturas e apresentar pontos de vista múltiplos” (BURKE, 1992, p. 348).

Nessa esfera de ampliação das fontes, o olhar historiográfico não foca apenas nos feitos políticos, econômicos, mas na vida humana, como um todo, e nas fontes reveladoras do cotidiano e das mentalidades. É esse movimento que procuramos fazer com os textos coralinianos selecionados para a compreensão da temática em estudo. Por isso, a necessidade de se trabalhar com um método que propõe a ampliação das fontes na perspectiva da cultura, da memória, da política, da sociedade para a leitura e interpretação de um tempo histórico, sem compartimentação ou subordinação de um ou outro aspecto.

Para que essa relação se torne possível, é preciso levar em conta os distintos aspectos do fenômeno literário, bem como suas convenções e determinações. De igual modo, é necessário ter em mente as particularidades do discurso da história. Considerando tais confrontos, na relação entre história e literatura, partimos do pressuposto de que a escrita poética de Cora Coralina, construída a partir das reminiscências de uma pessoa adulta acerca do tempo da infância, constitui uma fonte para a leitura e interpretação de uma determinada realidade social e histórica.

Conforme exposto, o olhar ampliado para novas fontes foi possível pelo alargamento das maneiras de pensar e de agir propiciado pelo surgimento da História Cultural. Essa tendência historiográfica colocou o estudo das mentalidades em foco e propiciou a observação dos acontecimentos particulares pelo que eles revelam sobre a cultura de seu tempo e de toda uma coletividade. Emergem, dessa seara historiográfica, as relações sociais construídas em cada grupo, meio, classe, incluindo, nesse contexto, os tempos da vida humana que vão das infâncias à ancianidade.

Nesse exercício, os eventos ficcionais se entrelaçam aos do passado histórico, permitindo uma polifonia que coloca em evidência, sob diferentes perspectivas, os discursos silenciados, marginalizados na história oficial, tais como o da mulher, da criança, do negro, do indígena e outros. A representação multifacetada que resulta desse processo amplia as possibilidades de análise das estruturas subjacentes aos eventos do passado, conforme pensado por Linda Hutcheon (1991).

Assim, levando em consideração o olhar do eu lírico e o que pensaram os estudiosos da intrínseca relação entre história e literatura, tecemos reflexões sobre o tema proposto. Essa perspectiva interdisciplinar se enquadra no campo das investigações da

História Cultural, especificamente na linha de pesquisa *Estado, Políticas e História da Educação*, sob os vieses da cultura, da simbolização e das representações sociais.

Com base nesse aporte historiográfico, a análise da poética de Cora Coralina perpassa pelas condições de produção dessa escrita que também é histórica, cultural e social e parte da representação de um imaginário coletivo. Assim, tendo em vista a perspectiva estético-literária, articulada à história e à educação acerca da dimensão simbólica das infâncias e dos lugares de educá-las, sem, contudo, perder de vista tempos outros, como a juventude, a ancianidade, a nossa pesquisa foi norteadas pelas seguintes indagações: Ao problematizar os textos poéticos de Cora Coralina como fonte, que tipo de análise pode apontar os formatos de instruir e de educar as infâncias e as juventudes no estado de Goiás do final do século XIX? Quais infâncias o discurso literário de Cora Coralina colocou em evidência? Como foi a atuação literária da poetisa em tempos outros para além da velhice que marcou, e marca, sua trajetória de escritora?

A pesquisa possui caráter historiográfico, documental e bibliográfico com o uso de fontes visa à investigação dos vestígios sobre a representação das infâncias, incluindo os lugares de instruir e educar, presentes na estética literária dos textos poéticos de Cora Coralina. Os procedimentos metodológicos utilizados objetivaram a construção de um olhar sobre o objeto pesquisado na tentativa de compreender os discursos literários acerca dessa temática, procurando evitar interpretações distorcidas e anacrônicas do passado.

Realizamos uma leitura analítica e interpretativa dos três livros de poemas mencionados anteriormente. Com esse exercício, procuramos identificar se as imagens da infância presentes nessa estética literária estão em consonância com a representação socialmente construída dessa fase da vida ao longo da história. Intentamos também situar os tempos outros das vivências de Cora Coralina no solo fecundo de uma coletividade interiorana do início do século XX.

Em consonância com o exposto, o método de investigação selecionado segue a abordagem histórico-cultural em suas “múltiplas metodologias, diferenciadas por objetos, por seus processos cognitivos, por instrumentos lógicos, de modo a fazer ressaltar o pluralismo das abordagens e sua especificidade” (DECCA et al., 2006, p. 23). Esse processo, na perspectiva da educação e dos estudos culturais, coloca a pesquisa científica de cunho teórico-metodológico no tempo do fenômeno educativo, literário, individual e coletivo. Analisa-o em suas diferentes facetas, demandando, como pontuou Maria do Rosário Longo Mortatti (1999, p.71), a “recuperação, reunião, seleção e análise de fontes documentais, como mediadoras na produção do objeto de investigação.” Nesses

parâmetros, compreendemos o texto poético coraliniano como o lugar da enunciação, objeto singular de leitura e escrita, logo, produto da interação verbal.

Ainda com Mortatti (1999), a singularidade de um texto está intrinsecamente relacionada ao

conjunto de aspectos constitutivos de sua configuração textual, a saber: as opções temático-conteudísticas (o quê?) e estruturais-formais (como?), projetadas por um determinado sujeito (quem?), que se apresenta como autor de um discurso produzido de determinado ponto de vista e lugar social (de onde?) e momento histórico (quando?), movido por certas necessidades (por quê?) e propósitos (para quê?), visando a determinado efeito em determinado tipo de leitor (para quem?). (MORTATTI, 1999, p. 71)

Tais aspectos foram levados em consideração quando da leitura e análise dos textos coralinianos. Por meio de sua escrita poética, Cora Coralina, de alguma forma, conseguiu agir sobre o outro e sobre o mundo, representou realidades várias e fez emergir as experiências vividas em um determinado tempo e contexto. Como pessoa historicamente situada, a poetisa goiana construiu “uma representação sobre outras representações, produziu sentidos sobre outros sentidos” (1999, p. 75), suscitados por seus leitores/leitoras.

A par da abordagem histórico-cultural, trabalhamos também com a metodologia da pesquisa bibliográfica. Fizemos uma busca em livros, em bancos de teses e dissertações da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), no Catálogo de Teses e Dissertações (CAPES) e outros. Buscamos dados na Hemeroteca digital sobre publicações de Cora Coralina em jornais do início do século XX e pesquisamos sites que abrigam artigos científicos diversos, dentre os quais podemos citar o repositório *Scielo*.

Nesse emaranhado de vozes, procuramos tecer o nosso canto investigativo unindo-o ao outro e mais outro com o objetivo de avaliar posições diversas em relação ao tema tratado nesta tese. Assim realizamos a tessitura de nossa escrita, tendo a obra de Cora Coralina como fonte que une duas pontas da vida: “a infância longínqua e a ancianidade presente”. Nesse processo, estamos cientes de que, como muito bem disse o engenheiro da palavra, João Cabral de Melo Neto, “um galo sozinho não tece a manhã”. Essa é a beleza da pesquisa de tom bibliográfico.

Esse tipo de pesquisa, segundo Gil (2002, p. 44), utiliza-se de material já publicado, “constituído principalmente de livros e artigos científicos” e sua finalidade é a de ampliar os conhecimentos acerca da temática investigada. Dentre as vantagens desse

tipo de metodologia, podemos dizer que ela “possibilita ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente” (2002, p. 45). É assim que pesquisadores e pesquisadoras entram em contato com o que já foi produzido e registrado sobre o tema estudado. Em nosso caso, que é uma pesquisa sob as bases da história, da literatura e da educação, essa metodologia se tornou indispensável, pois “em muitas situações, não há outra maneira de conhecer os fatos passados se não com base em dados bibliográficos” (2002, p. 3).

Conforme mencionado, esta investigação parte de uma abordagem histórica, tendo o documento literário como uma das fontes utilizadas. Na perspectiva de Jacques Le Goff (1990), o documento é de extrema importância para o conhecimento do passado. Ele é um mecanismo de suporte da memória coletiva, portanto,

não é inócuo. É, antes de mais nada, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziu, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. (LE GOFF, 1990, p. 538)

Dessa forma, os poemas de Cora Coralina constituem documento literário mediador da constituição do objeto de pesquisa. Com Mortatti (1999, p. 73), entendemos que tais textos escritos são “portadores de testemunhos de uma época de natureza diversa” e dialogam com a “elaboração histórica resultante de escolha motivada pelo ponto de vista do pesquisador, que elege, dentre um conjunto disponível, determinados documentos como fontes de investigação”.

Posto isso, a par dos objetivos propostos e levando em consideração os confrontos e as problematizações acerca da temática em estudo, estruturamos esta tese em três capítulos. Cada qual ancorado em um referencial teórico que nos ajudou a desvelar as infâncias, bem como os lugares de educá-las, no tempo do chamado *vintém de cobre*, ou seja, no estado de Goiás do final século XIX e início do XX. Além disso, esclarecemos que tempos outros das vivências de Cora Coralina também serão rememorados nessa trajetória de pesquisa.

O aporte teórico selecionado para esta pesquisa aparecerá no transcurso de nossa análise. Assim, com o propósito de estabelecer um diálogo entre literatura, história e educação, no primeiro capítulo, faremos uma incursão pelos becos da memória, tendo em vista as conexões possíveis entre esses três construtos do saber. Vale ressaltar que, embora as fontes utilizadas constituam importantes documentos reveladores de uma época, é

necessário observar as diferenças relativas ao tempo passado, do enunciado, e o tempo da enunciação. Essa observação requer um trabalho interpretativo do olhar com a finalidade de trazer para o espaço do texto as marcas do passado e seus distintos significados, convertendo em representações um tempo e contexto histórico que não são os nossos. Este é o desafio: compreender as vivências e o lugar das infâncias e das juventudes no final do século XIX na literatura coraliniana e buscar a sua representação em um determinado período histórico, tendo o cuidado com anacronismos.

A par dessa premissa, enveredamos, ainda no primeiro capítulo, pelos becos da memória e tivemos um encontro com Aninha no tempo da infância no contexto goiano de final do século XIX. Identificamos, também, as vozes das infâncias presentes na literatura do Brasil do final do século XIX até meados do XX. Nessa parte, estabelecemos um diálogo entre a escrita poética coraliniana e o texto da tradição literária brasileira no que se refere à construção da imagem das infâncias e dos lugares de educá-las. Sendo assim, trouxemos para esse exercício de escuta das vozes silenciadas das crianças as seguintes autoras e o seguinte autor, dentre tantos outros: Helena Morley (2004), *Minha vida de menina*; Graciliano Ramos (1980) *Infância*; Carolina Maria de Jesus (2014), *Diário de Bitita*.

No segundo capítulo, “Entre a infância longínqua e a ancianidade presente: o tempo da juventude”, acompanhamos Cora mulher Coralina e suas atuações no meio da intelectualidade goiana das primeiras décadas do século XX. No referido capítulo, revisitamos o tempo do *vintém de cobre* nas páginas da literatura goiana do recorte temporal em questão. Sem a pretensão de fazer um exaustivo levantamento de toda a literatura produzida em Goiás, procuramos identificar as principais autoras literárias goianas e suas relações com o cânone nacional.

Destacamos também a atuação de Dona Jacintha Luiza do Couto Brandão Peixoto (1864-1936), mãe de Cora Coralina, na sociedade vilaboense. E, por fim, estabelecemos um diálogo entre as duas ‘formigas diligentes’ das nossas letras: Leodegária de Jesus e Cora Coralina, contemporâneas. Ambas nascidas no ano de mil oitocentos e oitenta e nove, no mês de agosto e com apenas doze dias de diferença da data de nascimento (Leodegária nasceu no dia oito e Cora no dia vinte). Tanto Leodegária quanto Cora, mulheres goianas, escritoras no limiar do século XX, por meio da escrita, romperam os limites da casa patriarcal e assumiram o protagonismo em espaços majoritariamente masculinos.

No capítulo três, “A geração ponte: modos de educar e de instruir em Goiás do final do século XIX”, trouxemos para o diálogo as mestras do passado cantadas por Cora Coralina, a saber: mestra Inhola, mestra Lili e mestra Silvina, ressaltando a atuação dessas mulheres na educação dos vilaboenses. Na sequência do capítulo, em “O itinerário escolar de Aninha: a escola da mestra Silvina e o ensino doméstico”, tratamos do ensino doméstico e do tempo escolar de Aninha. Em “O itinerário escolar de Aninha: Contas de Dividir e Trinta e seis Bolos: a escolarização da criança pequena em Goiás de final do século XIX”, voltamos nossos olhares para os métodos utilizados para inserir a criança no mundo da leitura e da escrita. Para esse exercício, tecemos um diálogo acerca da escolarização das infâncias com dois autores da literatura brasileira, a saber: Graciliano Ramos e José Lins do Rego. Fechamos esse capítulo com o cântico da volta de Cora Coralina já “no tarde” da vida, na ancianidade.

Em cada verso lapidado pelo tom memorialístico, autobiográfico<sup>12</sup>, Ana Lins dos Guimarães Peixoto, a Aninha, mais conhecida como Cora Coralina, apresentou o retrato de sua infância, bem como as formas utilizadas para inserir a criança no universo da leitura e da escrita em Goiás do final do século XIX. O conjunto da obra da poetisa trouxe inúmeras temáticas insurgentes, caras à historiografia. Seus poemas são as sementes de sua existência que se renovam a cada leitura e análise feitas via pesquisas e estudos. Não devem, portanto, ser usados como frases ornamentais de murais de instituições ou como epígrafes deslocadas em produções acadêmicas. O uso desenfreado de trechos de textos atribuídos a Cora Coralina, e que muitas vezes nem são de sua autoria, evidencia o quanto ainda é preciso voltar nossos olhares para a obra da autora e não apenas para a força e fascínio de seu nome: Cora Coralina.

---

<sup>12</sup> Conforme já mencionado, ressaltamos que o eu lírico/eu poético, voz poética que se manifesta no poema, não pode ser confundido com o autor, sob pena de comprometer a leitura e incorrer em generalizações infundadas. Toda via, no caso da poetisa Cora Coralina essa aproximação é possível, dada a especificidade de sua escrita literária autobiográfica, confirmada por ela própria. CORA CORALINA - CORAÇÃO VERMELHO, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Yra5PYVoaEk>, acesso em jan. de 2020.

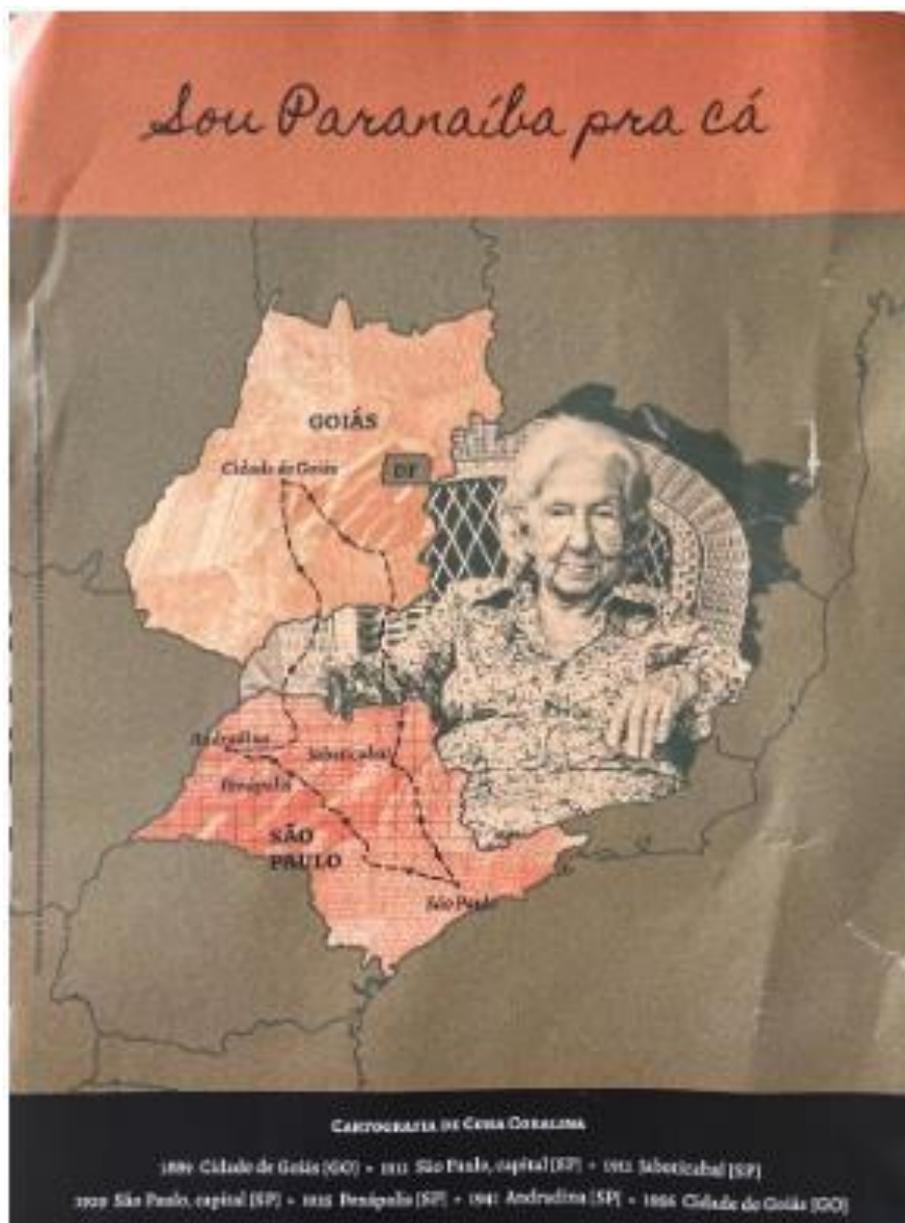


Imagem 2: Cartografia de Cora Coralina.

Fonte: Arte de Bia Menezes e retrato de Amaury Menezes, disponibilizado pela Livraria Leodegária de Jesus.

## CAPÍTULO I - PELOS BECOS DA MEMÓRIA: o encontro com Aninha

Que procura você, Aninha?  
Que força a fez despedaçar correntes de afeto  
e trazê-la de volta às pedras lapidares do  
passado?  
[...] (VC, 2013, p. 51)

O que trouxe Aninha de volta às pedras lapidares do passado? Buscamos a resposta a essa indagação nas tessituras poéticas de Cora Coralina. É na escrita literária da poetisa de todas as vidas que encontramos a força motriz que a fez despedaçar as correntes de afeto e trazer do passado a menina feia da ponte da lapa. A primeira parada? Infância. Nessa estação, deparamo-nos com as vozes de uma coletividade em relação à vida das crianças e de suas infâncias na sociedade goiana de final do século XIX. Esse entrelaçar de ruídos compôs a árvore das vivências de Aninha/Cora Coralina, via escrita da memória pessoal e coletiva. De acordo com Umberto Eco (1994, p 136-137), graças à função adesiva da memória pessoal e coletiva ligamos coisas e fatos de tempos passados ao presente. Logo, “esse emaranhado de memória individual e memória coletiva prolonga a nossa vida, fazendo-a recuar no tempo, e nos parece uma promessa de imortalidade.”

A escrita foi para Cora Coralina essa promessa de imortalidade. Por meio de seus artesanatos poéticos, ela percebeu e reconstituiu seu passado. Poetizou sua própria vida alinhavando suas lembranças aos fatos do presente da enunciação. Nessa costura dos tempos vividos, temos a ciência de que, na história, as linhas não seguem retas, em harmonia, para o mesmo ponto, mas via movimento de rupturas e discontinuidades, conforme registrou Marc Bloch (2002). Sendo assim, **buscamos** no emaranhado das lembranças de Cora Coralina, via fio condutor da memória, revisitar o passado da pequena Aninha da casa da ponte e os tempos outros de suas vivências. Com Aleida Assman (2011, p. 91), esclarecemos que o passado recordado não se desvincula da história, mas se integra a ela. Na verdade, esse passado “está relacionado com os projetos identitários e com as interpretações do presente”. Nessa jornada investigativa, evidenciamos como o texto coraliniano se constitui fonte reveladora dos modos e lugares de instruir e de educar num determinado contexto e momento histórico.

Assim, tomamos a literatura como fonte que favorece a problematização de aspectos históricos, culturais, sociais, políticos de um tempo e um contexto. Essa arte extrapola a linha temporal, revelando as formas cotidianas de vida dos mais diversos

grupos sociais, incluindo nesse contexto, as infâncias e as juventudes. Por meio da literatura, como disse Beth Brait (2010, p. 133), “a vida pode ser observada, usufruída, compreendida, questionada e, em certa medida, vivida”. Tudo isso, graças à sensibilidade presente na escrita poética de escritoras e escritores atentos à reinvenção da vida. Ao fazer emergir o vivido, “o imaginado ou a mistura das duas coisas, por meio da linguagem” (2010, p. 134), o texto literário pode oferecer vivências e percepções diversas às pessoas leitoras de distintos tempos históricos. Esse pressuposto nos permite vislumbrar, com Maurice Halbwachs (1990, p. 43), que “é da própria lembrança em si mesma, é em torno dela, que vemos brilhar de alguma forma sua significação histórica.”

Bloch (2002) trouxe para a discussão no campo da história o poder poético dessa área de conhecimento, de seus gozos estéticos próprios e, podemos assim dizer, de sua relação com a literatura. Esse tipo de história, conforme Bloch<sup>13</sup>, compreende o homem em sua especificidade, inserido na sociedade e no tempo, com suas ideias, atos, mentalidades e sensibilidades. Concordando com Bloch, Le Goff (2002, p. 19), no prefácio à obra *Apologia da História ou ofício de historiador*, ressaltou a necessidade de compreender a história como uma ciência, “que tem como uma de suas características, o que pode significar sua fraqueza, mas também sua virtude, ser poética, pois não pode ser reduzida a abstrações, a leis, a estrutura”.

Em *Trópicos do Discurso*, Hayden White (2001) teceu considerações a respeito do trabalho das pessoas que pesquisam a história, os/as historiadores/as, e das que fazem literatura, os/as literatos/as, com a finalidade de problematizar a querela entre esses dois

---

<sup>13</sup> Marc Bloch e Lucien Febvre foram idealizadores da Revista *Annales*, fundada na França, em 1929, um movimento que atuou contra a história de narrativa tradicional, cronológica, focada nos jogos de poder entre as/os consideradas/os grandes nações e grandes homens. Esses dois historiadores propuseram uma abordagem interdisciplinar da história, uma história-problema, construída não apenas do ponto de vista político, mas de todas as atividades humanas e das camadas subalternas das sociedades, de suas mentalidades. Uma história que mantivesse um diálogo aberto com outras áreas de conhecimento, como a geografia, a sociologia, a antropologia, a literatura, para citar apenas essas. De acordo com Peter Burke (1992, p. 13-14), o movimento dos *Annales* pode ser dividido em três fases: “Em sua primeira fase, de 1920 a 1945, caracterizou-se por ser pequeno, radical e subversivo, conduzindo uma guerra de guerrilhas contra a história tradicional, a história política e a história dos eventos. Depois da Segunda Guerra Mundial, os rebeldes apoderaram-se do *establishment* histórico. Essa segunda fase do movimento, que mais se aproxima verdadeiramente de uma “escola”, com conceitos diferentes (particularmente estrutura e conjuntura) e novos métodos (especialmente a “história serial” das mudanças na longa duração), foi dominada pela presença de Fernand Braudel. Na história do movimento, uma terceira fase se inicia por volta de 1968. É profundamente marcada pela fragmentação. A influência do movimento, especialmente na França, já era tão grande que perdera muito das especificidades anteriores.” Nas palavras de Marc Bloch (2002, p. 40), “resguardemo-nos de retirar de nossa ciência sua parte de poesia. Resguardemo-nos sobretudo, já surpreendi essa sensação em alguns, de enrubescer por isso. Seria uma espantosa tolice acreditar que, por exercer sobre a sensibilidade um apelo tão poderoso, ela devesse ser menos capaz de satisfazer também nossa inteligência”.

artífices da palavra. De acordo com White (2001), Aristóteles deixou bem marcada a existência de diferenças entre os eventos históricos, em princípio, observáveis ou perceptíveis, e os ficcionais, hipotéticos, frutos da imaginação criativa. Todavia, essa não é a questão central, pois no ato da escrita e na construção dos discursos tanto o/a historiador/a quanto o/a literato/a “desejam oferecer uma imagem verbal da “realidade” (WHITE, 2001, p. 138, grifos do autor). Nessa perspectiva, cabe pensar até que ponto “o discurso do historiador e do escritor imaginativo se sobrepõem, se assemelham ou se correspondem mutuamente” (2001, p. 138). É o que veremos.

Em consonância com Bloch, Le Goff também destacou as possibilidades de diálogo entre arte e história, resguardando as especificidades de cada campo do conhecimento, sem instrumentalizar uma ou outra área. Nessa perspectiva, a liberdade de criação do/a literato/a é limitada para o/a historiador/a que de uma forma clara “precisa dizer de onde brotaram suas idéias [sic] e qual o tratamento dado às fontes [...]” (BOM MEIHY, 1993, p. 151). Essa não é uma preocupação para a literatura. O seu labor criativo está comprometido com o fazer poético, com o confronto de ideias, com a construção de sentidos que, na visão de Lígia Chiappini (2000, p. 22) vai além dos “significados dos elementos isolados e ganham novas dimensões significativas num todo que deve ser procurado e produzido, lido, pelo leitor”. A autora, mesmo com suas reservas quanto à relação pragmática da história com a literatura, reconheceu que o diálogo entre elas amplia os dois campos e ao mesmo tempo problematiza-os.

Diante do exposto, temos a convicção de que a literatura pode se constituir fonte de pesquisa para explicar acontecimentos históricos e objeto de estudo a ser analisado, questionado. Nesse sentido, conforme apontou Le Goff (1990), a literatura, respeitadas as suas especificidades, constitui-se um documento histórico

Essa via de compreensão da história nos permitiu realizar as leituras analíticas dos poemas coralinianos como fontes reveladoras das mais diversas infâncias, dos modos de instruí-las num espaço e tempo históricos reacendidos pelo discurso memorialístico do eu lírico. Analisamos também os tempos outros das vivências de Cora Coralina e a sua atuação nos meios da intelectualidade goiana de início de século XX.

Foi trilhando o terreno nostálgico e movediço da memória que Cora Coralina, já vestida de cabelos brancos, recriou e poetizou sua própria vida desde os tempos de sua infância. Fez isso porque tomou para si a responsabilidade de “rever, escrever e assinar os autos do passado” antes que o tempo passasse tudo a raso, conforme sentenciou em um dos quatro paratextos de abertura de seu primeiro livro publicado, a saber: *Poemas*

*dos Becos de Goiás e estórias mais* (2008, p. 25). Cora Coralina fez da escrita literária a sua rede discursiva de acesso à memória, o seu antídoto contra o esquecimento<sup>14</sup>. Esse alinhavar dos tempos de suas vivências acabou por revelar outra camada, a da história de um povo, de uma coletividade. Nesse caso, a memória, intimamente ligada à história, retém o tempo, livra-o do esquecimento e da perda. Logo, essa interconexão entre história e memória se firma numa relação dinâmica, diacrônica e sincrônica da vida social.

Nesse exercício dialético entre história, literatura e memória, entendemos, com Pierre Nora (1993, p. 09), que “a história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado”. Cora Coralina, em sua escrita poética, fez emergir a dimensão social do experienciado, do vivido, estabelecendo uma ponte entre história e memória pela via da literatura.

Vislumbramos nos poemas uma forte carga dialógica em que a voz do eu lírico se entrelaçou a outras vozes por meio da abertura sensível ao mundo, às experiências, às contradições da vida. Nessa perspectiva, tanto a literatura quanto a história apreendem a realidade social no universo mais amplo dos bens culturais. As duas são construtos da humanidade, logo, formas de discurso e de significação. Ambas, segundo Hutcheon (1991, p. 182), “fazem parte dos sistemas de significação de nossa cultura, e aí está seu sentido e seu valor”.

A arte literária, como testemunha de uma época, tem seu campo de atuação nas formas de representação estética, cultural, social e histórica das experiências humanas e das diversas questões que envolvem as sociedades em seus tempos históricos. Sobre a ideia de literatura como meio de percepção de determinada época, sensibilidades e mentalidades, Valdeci Rezende Borges (2010, p. 98) ampliou esse conceito ao afirmar que essa arte “registra e expressa aspectos múltiplos do complexo, diversificado e conflituoso campo social no qual se insere e sobre o qual se refere. Ela é constituída a partir do mundo social e cultural, e, também, constituinte deste”.

Diante de tal premissa, podemos afirmar que a literatura proporciona às pessoas uma visão de mundo ampliada. Por meio de uma multiplicidade de sentidos, essa arte

---

<sup>14</sup> Tânia Regina de Souza, em sua dissertação: **Infância**: memórias em letras de forma, trouxe uma importante reflexão sobre o esquecimento e o resgate da memória que vale o registro: “Entre a possibilidade de esquecimento e a veracidade do resgate da memória, impõe-se a literatura que, imbricada ao conceito de arte, admite duas concepções. Uma busca na dimensão semântica do texto a imitação da realidade e do mundo. A outra fundamenta-se sobre o material no qual a arte está moldada. Em outras palavras, é a possibilidade de perceber na linguagem e suas articulações o transcendente da escritura; seus vínculos externos e vestígios culturais (SOUZA, 1996, p. 17).

pode provocar reflexões acerca da perplexidade do homem diante da dureza da vida e da morte. O texto literário, além de atribuir sentidos ao mundo e aos seus fenômenos por meio da imaginação, da leitura do sensível, do irreal, abstrato, ilusório, ele também está atrelado ao contexto histórico de seu/sua autor/autora. Segundo Nicolau Sevcenko (2003, 29), “todo escritor possui uma espécie de liberdade condicional de criação, uma vez que os seus temas, motivos, valores, normas ou revoltas são fornecidos ou sugeridos pela sua sociedade e seu tempo e é destes que eles falam”. Dessa forma, a narratividade da história está atrelada às vivências individuais de quem escreve. Logo, o contexto e o tempo, de alguma forma, influenciam a produção do sujeito enunciador.

Para Antonio Candido (2011, p. 180), a tessitura poética por meio da linguagem desencadeia o processo de humanização. E assim o é porque a literatura incute no homem traços essenciais de sua vida em sociedade, como “o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, o senso da beleza [...]”. Isso significa que a literatura, para além do entretenimento, oferece possibilidades de vivermos dialeticamente as dificuldades da vida e de percebermos, a partir da movimentação das personagens no curso das narrativas ou da voz lírica nos poemas, conforme assinalou Valdez (2020, p. 10), os “sentimentos e emoções que nem sempre são captados pela história”.

As tramas poéticas de Cora Coralina cumprem essa função. Assim, como pessoa sócio-histórica, a escritora goiana desempenhou o seu papel social ao apresentar uma literatura engajada, compromissada com a cultura regional. A produção literária de Cora nos instiga a buscar nos interstícios do texto o que os silêncios revelam. Esse exercício é possível porque o texto literário se projeta como um meio de manifestação das contradições dialéticas, das tensões sociais, das representações, de modo a expressar um saber sobre o seu objeto, nesse caso, em especial, as infâncias e as juventudes e os lugares de educá-las na escrita poética de Cora Coralina.

A escrita literária da poetisa goiana, de acordo com Goiandira Ortiz de Camargo (2006, p. 65), emerge “dos vazios que a história não preencheu e são pronunciados, agora, de outro lugar que não o centro”. Não é a história dos grandes feitos que a poetisa cantou, mas a história da periferia, dos ermos do Planalto Central<sup>15</sup>. A partir de tal premissa,

---

<sup>15</sup> Em razão da localização geográfica do estado de Goiás, por muito tempo, uma parte da historiografia difundiu a ideia de que o frágil desenvolvimento da região se deu em virtude das dificuldades de acesso e pelo distanciamento do estado dos grandes centros comerciais, administrativos do país. Estudiosos como Luís Palacín, Francisco Itami Campos, Paulo Bertran, Genesco Bretas e tantos outros, ao se dedicarem a temáticas diversas sobre Goiás, de algum modo, deixaram transparecer em suas escritas a visão de lugar

conjeturamos que o texto literário como uma fonte histórica atualiza a própria história, complementando-a.

Em se tratando da produção estética literária, essa fonte se constitui um documento revelador de uma sociedade, de um contexto, de uma coletividade, das mentalidades. É pelas trilhas da História Cultural que podemos colocar o texto literário no rol do documento-monumento no sentido proposto por Le Goff (1990, p. 538), qual seja, “todo documento é um monumento que deve ser desestruturado, desmontado [...]. Os documentos só passam a ser fontes históricas depois de estar sujeitos a tratamentos destinados a transformar sua função de mentira em confissão de verdade”.

Desvelar a condição histórica da produção literária, incluindo nesse cenário o texto, o contexto, a autoria, as intencionalidades, faz parte do trabalho das pessoas que pesquisam história. Nesse exercício, é preciso ter em mente que a recepção e a leitura singular de diferentes públicos ultrapassam os limites impostos pelos dispositivos inerentes à produção do texto literário e ampliam os efeitos de sentido dessa escritura estética. Para Chartier (2002), as obras literárias,

produzidas em uma ordem específica, escapam dela e ganham existência sendo investidas pelas significações que lhe atribuem, por vezes na longa duração, seus diferentes públicos. Articular a diferença que funda (diversamente) a especificidade da literatura e as dependências (múltiplas) que a inscrevem no mundo social: esta é, a meu ver, a melhor formulação do necessário encontro entre a história da literatura e a história cultural. (CHARTIER, 2002, p. 259)

Sob as bases desse aporte historiográfico, os fios de nossa pesquisa, tal qual os “fios de um tapete”, para usar a metáfora de Carlo Ginzburg (2009, p. 170), cerzem o tempo das infâncias às memórias, às vivências do passado/presente de Aninha/Cora Coralina. Essa tessitura traz para a superfície do texto o retrato de um período histórico e social a ser problematizado.

Com Walter Benjamin (1991, p. 107), entendemos que o retorno às vivências passadas, à experiência no sentido estrito do termo, coloca em evidência “certos conteúdos do passado individual com outros do passado coletivo”. O que, de algum modo,

---

ermo, atrasado, separado do resto do Brasil. Esse foi o foco de muitos contadores de nossa história que voltaram seus olhares apenas para as dificuldades de acesso às terras goianas, para as mazelas vividas no estado em decorrência do declínio do ouro e da duradoura estrutura oligárquica, mantida sob os domínios do coronelismo. No entanto, a literatura produzida no território dos *goyazes* e toda a manifestação cultural do período revelaram o oposto dessa ideia e apontaram outras formas de leituras da realidade histórica goiana.

possibilita o entendimento da construção da realidade social retratada como um processo que não é neutro, mas determinado por valores, julgamentos e interesses da sociedade representada.

O tempo da menina Aninha foi reconstruído por Cora Coralina numa tessitura que vai da “infância longínqua à ancianidade presente”. Esse reconstruir, portanto, foi feito segundo intencionalidades, estruturadas a partir da percepção de uma senhora sexagenária acerca das infâncias projetadas para ela e por ela como um ato de reafirmação de suas origens, de sua identidade.

Calcada nas lembranças mais profundas, a poética coraliniana trouxe as imagens de acontecimentos passados, não apenas as individuais, mas também as coletivas, de seu meio social. Essa capacidade de unir o que é da ordem individual com o de toda uma coletividade tornou possível o reconhecimento e a reconstrução das lembranças comuns à sociedade do tempo de Aninha. Acerca dessa ideia, entendemos com Halbwachs (1990) que

Não é suficiente reconstituir peça por peça a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança. É necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade. Somente assim podemos compreender que uma lembrança possa ser ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída. (HALBWACHS, 1990, p. 22)

As inúmeras vozes que atravessaram a poética coraliniana consolidaram as lembranças individuais da poetisa, colocando em diálogo a infância de Aninha com tantas outras infâncias. Em seus poemas, ela escancarou os tratamentos dispensados às crianças de um tempo marcado pela incompreensão, ignorância, brutalidade. Uma dessas lembranças individuais, reconhecida e reconstruída no âmbito de uma coletividade, encontra-se no poema “Sequências” (VC, 2013). Nele, o eu lírico trouxe à tona a dor e a revolta de Aninha pelos castigos sofridos em razão de sua atitude ingênua de se dirigir a um estranho na rua e pedir a ele o abacate que carregava consigo. Assim revelou o eu lírico:

#### Sequências

Eu era pequena. A cozinheira Lizarda  
tinha nos levado ao mercado, minha irmã, e eu.  
Passava um homem com um abacate na mão e

eu inconsciente:  
 “Ome, me dá esse abacate...”  
 O homem me entregou a fruta madura.  
 Minha irmã, de pronto: “vou contar pra mãe que ocê  
 pediu abacate na rua.”

Eu voltava trocando as pernas bambas.  
 Meus medos, crescidos, enormes...  
 A denúncia confirmada, o auto, a comprovação do delito.  
 O impulso materno... consequência obscura da  
 escravidão passada,  
 o ranço dos castigos corporais.

Eu, aos gritos, esperneando.  
 O abacate esmagado, pisado, me sujando toda.  
 Durante muitos anos minha repugnância por esta fruta  
 trazendo a recordação permanente do castigo cruel.  
 Sentia, sem definir, a recreação dos que ficaram de fora,  
 Assistentes, acusadores.  
 Nada mais aprazível no tempo, do que presenciar a  
 Criança indefesa  
 espernear numa coça de chineladas.  
 “É pra seu bem,” diziam, “doutra vez não pedi fruta  
 Na rua.” (VC, 2013, p. 131-132)

No poema, Cora Coralina dirigiu o olhar para sua infância e, numa sequência cadenciada de fatos, fez emergir os ranços dos castigos corporais sofridos pela criança no tempo de Aninha. Para as meninas de uma classe social mais favorecida, sair às ruas era proibido, a menos que estivessem acompanhadas por uma pessoa adulta. Mais proibido ainda era se dirigir a um estranho para lhe pedir alguma coisa, como fizera a menina. Tal contravenção era punida com castigos físicos e na presença dos acusadores que, no caso de Aninha, fora a própria irmã. Afinal, “nada mais aprazível no tempo, do que presenciar a / criança indefesa / espernear numa coça de chineladas.”

O ranço do castigo cruel, na visão do eu lírico, deixara o abacate com um gosto amargo. A fruta, antes tão desejada, passou a ser uma dolorosa recordação da humilhação sofrida num tempo em que a infância era vigiada, cerceada, limitada. Um tempo em que “o menino peralta, arteiro, inquieto, era contido na sua vivacidade e daninheza, como se dizia, amarrado no pé da mesa” (VC, 2013, p. 107). Em contrapartida, no universo coralino, mesmo sofrendo tantas adversidades, Aninha, em suas viagens infindáveis ao “mundo imaginário, mesclado à realidade”, também foi retratada como uma menina ativa, sensível aos acontecimentos, bem o oposto da ideia de criança como ser incapaz de compreender as agruras vivenciadas, ingênua.

A obra de Cora Coralina faz um panorama de sua infância, de sua terra natal, de todas as vidas que carregou dentro de si. Seus poemas, construídos pelo mosaico de suas memórias, permitiu-nos visualizar representações diversas das infâncias no tempo de Aninha. Infâncias construídas por um corpo poético composto de inúmeras vozes e de inúmeras camadas interpretativas. Ao nos deparar com os becos poéticos desse passado, somos conduzidos por um eu lírico a uma seara particular que se expande para reflexões universais sobre a condição humana.

Todavia, essa conexão com a realidade da escritora não pode ser entendida como a reprodução fiel de seu contexto. A literatura é atemporal, é alegórica. Ela possui uma forma peculiar de representação, de manejo com a linguagem, de trabalho com a verossimilhança que a diferencia do discurso referencial, datado. Sobre essa questão, Oswaldino Marques, em “Cora Coralina: professora de existência” (2008), um dos paratextos de PBG, classificou os poemas da escritora goiana em duas vertentes: documentos e criações líricas. E para não incorrer em categorização apressada da poética coralina, o crítico assim advertiu:

Não pense, contudo, que mesmo as [poesias] que se enquadram sem esforço no primeiro item se confundam com relatórios, com insípidas páginas cartorárias. A resina aromática da poesia neutraliza o mofo dos sarcófagos do passado e suscita a sua ressurreição, graças ao sortilégio da palavra balsâmica. São documentos na medida em que funcionam como traslado dos gestos e dos vínculos ritualizados do grupo social, no seu defrontar intersubjetivo. (MARQUES, 2008, p. 16)

Isso significa que a representação dos conflitos humanos e da própria vida social se constituíram fontes para a criação artística da poetisa goiana. Ela trouxe para a ordem do discurso temas instigantes a serem problematizados, confrontados, analisados, tais como: as infâncias, as formas de educá-las e os tempos outros das vivências na sociedade.

Cora Coralina, em sua poética, não reproduziu uma verdade histórica, mas, via representação, reconstruiu o real a partir de seus próprios signos e, com isso, abarcou a vida humana em suas mais distintas fases. As infância e tempos outros das vivências da poetisa se apresentaram nesse cenário como temáticas artisticamente relevantes para o questionamento das leis e valores de uma determinada sociedade e de um contexto histórico.

Antes de enveredar pelos interstícios da memória de Cora Coralina no reencontro com Aninha, faz-se necessário buscar os lugares investigados da poética dessa escritora

com a finalidade de ampliarmos a fortuna crítica de sua obra. Após esse percurso, ainda neste capítulo, enredamo-nos no moinho do tempo das vivências de Aninha e das infâncias outras.

### **1.1 – A fortuna crítica: os lugares investigados do mundo coraliniano**

Nesta parte da pesquisa, percorremos o bosque das produções acadêmicas nacionais (Teses e Dissertações) que tiveram a obra de Cora Coralina como objeto de estudo e fonte. O levantamento dessas produções, que também envolveu a busca por artigos científicos, encontra-se nos anexos desta tese. Com esse exercício de entrelaçamento de vozes e de multiplicidade de olhares sobre a escrita literária da poetisa dos becos e de todas as vidas, delineamos a recepção e a fortuna crítica da produção coraliniana. Sedimentamos o nosso percurso nos postulados de Bakhtin (2010) no que se refere ao processo de atualização de um texto literário; em Antonio Candido (2006/2011), sobre a literatura e sociedade; e em Hans Robert Jauss (1994) acerca da estética da recepção de uma obra literária, tendo em vista a tríade que mantém e solidifica esse processo, a saber: a leitura, a experiência estética e o/a leitor/a.

Para Jauss (1994, p. 25), a obra literária não existe por si só e muito menos oferece aos/às leitores/as em cada época um mesmo aspecto, um mesmo acorde. “Ela é, antes, como uma partitura voltada para a ressonância sempre renovada da leitura, libertando o texto da matéria das palavras e conferindo-lhe existência atual”. Nesse sentido, a qualidade e a categoria que tornam um texto literário perene, levando-o a ultrapassar as fronteiras de seu tempo e contexto resultam “dos critérios da recepção, do efeito produzido pela obra e de sua fama junto à posteridade, critérios estes de mais difícil apreensão” (1994, p. 7).

Candido (2011, p. 176), em consonância Jauss, ressaltou que a literatura é uma “manifestação universal de todos os homens em todos os tempos”. Ela é complexa por natureza, contraditória e, por isso, humanizadora. Assim, pelas páginas do texto poético, além do entretenimento, as pessoas leitoras são instigadas a pensar determinados contextos, tempos e condições socioculturais, ficcionalmente representados, como chave de interpretação de sua própria realidade, do que existe e do que pode existir.

O texto literário, nessa perspectiva, é uma arte em movimento que está para além do tempo, do/a autor/a, do/a leitor/a. Ele, o texto, não possui caráter estático, único. Na verdade, como afirmou Chartier (1990, p. 09), as obras literárias estão revestidas de

significações plurais e móveis, construídas “no encontro de uma proposição com uma recepção. Os sentidos atribuídos às suas formas e aos seus motivos dependem das competências ou das expectativas dos diferentes públicos que delas se apropriam”.

Assim, conforme os postulados de Jauss, a recepção e a produção estética constituem a historicidade da literatura via processo de “atualização dos textos literários por parte do leitor que os recebe, do escritor, que se faz novamente produtor, e do crítico, que sobre eles reflete” (1994, p. 25). A partir desse movimento dialógico, observamos como ocorreu a atualização do texto literário coraliniano, bem como a constituição da historicidade dessa escrita para além da ideia romantizada que foi se constituindo em torno de Cora Coralina. As dissertações e teses analisadas contribuíram para consolidar a recepção e a produção estética da obra da poetisa goiana entre críticos e estudiosos das mais diversas áreas de conhecimento.

Affonso Romano de Sant’Anna, ao escrever a crônica “Ler o mundo”, publicada no jornal *O Globo* (08/11/2000), fez a seguinte constatação acerca da leitura: “ler é uma forma de escrever com a mão alheia”. Ao ler, interpretar, analisar criticamente o texto coraliniano assumimos também a posição de autoria, isto é, tornamo-nos autores e autoras dos sentidos que vamos construindo a partir de nossas vivências, de nosso contexto/tempo e de leituras outras. Nesse exercício dialógico, escrevemos um novo texto com a mão alheia, com a mão de Cora Coralina.

As dissertações, teses e outros estudos feitos a partir da escrita da poetisa de todas as vidas constituem um mosaico de leituras novas que, conseqüentemente, ampliam a fortuna crítica do texto literário de Cora Coralina, bem como contribuem para a recepção e produção estética da obra dessa autora, conforme já mencionado. Tal premissa comprova a tese de que a poética de Cora Coralina se constitui fonte reveladora das mais diversas vivências e experiências de um tempo e contexto históricos.

Nesse sentido, por meio do diálogo, das problematizações e das relações estabelecidas entre o/a leitor/a e a obra, via leitura, os vazios vão sendo preenchidos, originando novas interpretações e descobertas. Isso ocorre porque o texto, como um sistema de combinações, deixa sempre um lugar a ser ocupado, interpretado. O que nos remete à ideia de Candido (2006, p. 84) de que tanto a obra literária quanto o público não são passivos, unívocos, homogêneos. Na verdade, eles “atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o autor, termo inicial desse processo de circulação literária, para configurar a realidade da literatura atuando no tempo”.

Nesse aspecto, a grandeza da literatura reside na sua “intemporalidade e universalidade”, isto é, na sua capacidade de se desligar de “fatores que a prendem a um momento determinado e a um determinado lugar” (2006, p. 53). Dentre as inúmeras questões caras à literatura, destacamos a sua força humanizadora que pode ser ativada pelo despertar de emoções e de sentimentos diversos, provocados por meio das agruras vividas pelas entidades ficcionais, sejam as personagens, sejam o narrador e o eu lírico. E como muito bem colocou Antoine Compagnon (2009, p. 50), a literatura exprime a exceção, tateia pela intuição, com faro, sem cálculo e “nos liberta de nossas maneiras convencionais de pensar a vida - a nossa e a dos outros -, ela arruína a consciência limpa e a má-fé”.

É exatamente esse processo de humanização provocado pela estética literária que nos aproxima da situação representada. Que nos leva a atualizar o texto lido, a desvelar o encoberto, a enxergar o que está além da escrita. E isso é possível porque todo bom texto carrega uma multiplicidade de sentidos que faz emergir realidades sociais e históricas diversas, ultrapassando, assim, as fronteiras de seu tempo, de seu contexto. Isso porque, a literatura extrapola a linha temporal, resiste a ela. Tem sempre algo a dizer a quem a procura. Logo, com Eliane Marta Teixeira Lopes (1998, p. 40), entendemos que a literatura é potencial fonte para a história de um modo geral e em particular “para a história da educação; ela pode oferecer uma chave instigante, levantar algum dado desprezado pela historiografia corrente que se vale apenas de documentos oficiais escritos como fonte”.

Em nosso levantamento bibliográfico, pudemos identificar uma diversidade de olhares interpretativos sobre a obra de Cora Coralina que fizeram emergir múltiplas temáticas, abrangendo distintas áreas de conhecimento. Tais leituras além de problematizarem o texto coraliniano também impulsionaram a sua circulação e contribuíram, sobremaneira, para a solidificação do legado de Cora Coralina, bem como para o reconhecimento e valorização desse legado. De acordo com Clovis Carvalho Britto<sup>16</sup> (2016),

---

<sup>16</sup> Atualmente, o professor Clóvis de Carvalho Britto, da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília (UnB), é considerado um pesquisador e crítico da obra de Cora Coralina. Em seus três cursos de Pós-Graduação, dois mestrados, em sociologia (2006) e museologia (2016); e um doutorado em sociologia (2011), dedicou-se a estudar a obra e vida de Cora Coralina. Publicou em 2009, juntamente com Rita Elisa Seda, o livro **Cora Coralina: raízes de Aninha**, uma extensa e densa biografia da trajetória de Cora Coralina. Embora cotejamos em suas escritas a admiração pela poetisa goiana, Britto não se deixou levar pela ideia romantizada que se criou em torno da figura de Cora Coralina. Seus escritos constituem importantes fontes para o estudo da obra e vida da cigarra cantadeira das letras goianas.

para além da existência de uma trajetória e de um projeto criador considerado excepcional, torna-se necessário que a energia social produzida em torno de um nome próprio se estenda ao longo do tempo. Quanto maior a extensão cronológica do prestígio, maior é a eficácia dos mecanismos materiais e simbólicos mobilizados contra a ameaça do esquecimento. Desse modo, não basta ser um escritor conhecido e reconhecido em sua geração, é necessário reunir subsídios para que sua obra conquiste perenidade ou reconquiste o prestígio perdido ou não obtido em outros tempos. (BRITTO, 2016, p. 312)

Em vista disso, para que uma obra conquiste a perenidade é necessário que haja a interação entre leitor e texto, a chamada recepção. Por essa via, as pessoas leitoras conseguem estabelecer o diálogo com o texto, mobilizam seu próprio imaginário para compreender as pistas deixadas e, assim, interferir de forma criadora no texto, atualizando-o. Nesse processo, entendemos com Bakhtin (2010) que é preciso levar em conta a relação que a obra mantém com o tempo pretérito.

De acordo com a visão bakhtiniana, uma produção literária só consegue avançar para uma época futura se nutrir-se do passado. Desta feita, mesmo que uma obra “nascesse por inteiro hoje (em sua contemporaneidade), se não mergulhasse no passado e não fosse substancialmente ligada a ele, não poderia viver no futuro. Tudo quando pertence somente ao presente morre junto com ele” (2010, p. 364). Isso significa que o texto literário, como um monumento, na perspectiva de Le Goff (1990, p. 545), um “produto da sociedade que o fabricou, segundo as relações de força que a detinham”, traz sempre as marcas históricas, culturais e as mentalidades de uma época, de um contexto que dialoga com outros tempos. Essa premissa comprova a tese de Walter Benjamin (1987, p. 229, grifo do autor) de que “a história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de “agoras”.

Por meio dessa operação histórica, entendemos que o texto literário, via “combinação de um lugar social, de práticas “científicas” e de uma escrita [...], [dá] contornos precisos às leis silenciosas que organizam o espaço produzido como texto” (CERTEAU, 2006, p. 56, grifos do autor). A par dessa elaboração e da ideia defendida tanto por Jauss quanto por Bakhtin e Candido no que se refere ao processo de recepção, produção de legados e atualização da obra literária por meio das leituras e pesquisas, realizamos o levantamento das teses e dissertações que trouxeram o texto poético de Cora Coralina como fonte para o estudo e reflexão das mais diversas temáticas.

Para tal empreitada, centramos nossas buscas nos principais bancos e repositórios de divulgação dos trabalhos acadêmicos do país, quais sejam: a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e o Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). A fim de delimitar o nosso percurso investigativo, utilizamos o descritor “Cora Coralina”, entre aspas. Inicialmente, deparamo-nos com um total de cento e sessenta e oito resultados para Cora Coralina. Esse nome, tal qual definimos, apareceu em muitos trabalhos. Todavia, depois de analisar os títulos, resumos e palavras-chave, do total encontrado, identificamos inúmeras pesquisas sem relação alguma com a vida e obra da poetisa de Goiás<sup>17</sup>. Após filtrarmos esses dados, chegamos a uma quantidade de setenta e uma pesquisas que trouxeram o texto coraliniano como fonte e objeto de estudo. Desse total, cinquenta e seis são dissertações e quinze teses.

Conforme já mencionado nesta tese, buscamos as produções acadêmicas que trouxeram de alguma forma a vida e a obra de Cora Coralina como objeto de estudo e fonte. Além de inventariar as produções acadêmicas, procuramos também tecer reflexões sobre as condições históricas dessa produção, incluindo as categorias estudadas, as intenções e as relações de poder que atravessaram a produção e o produto. A esse respeito, conforme Regina Zilberman (2009, p. 5) e em consonância com a ideia de recepção de Jauss (1994), “nenhum leitor fica imune às obras que consome; essas, da sua parte, não são indiferentes às leituras que desencadeiam.”

Assim, sob os pilares da História Cultural, procuramos identificar e refletir acerca das pesquisas que utilizaram a obra da escritora goiana como fonte reveladora das zonas silenciosas, para usar o termo de Michel de Certeau (2006), do mundo dos esquecidos e dos mais diversos temas e problemas. Nesse exercício, deparamo-nos com um “conjunto de agentes que integram o espaço de possíveis expressivos de produção simbólica: escritores, editores, críticos literários, biógrafos, jornalistas, dentre outros”, conforme observou Britto (2016, 312). As múltiplas vozes que ecoaram das pesquisas analisadas contribuíram e contribuem para manter vivo o legado da poetisa goiana, a cigarra cantadeira do longo estio que se chama vida.

Nesse entretecer de vozes, destacamos também o recorte temporal de nossas buscas: os anos de 2007 a 2023 (primeiro semestre). Esse lapso de tempo se justificou em

---

<sup>17</sup> Nesse caso, evidenciamos alguns trabalhos acadêmicos de pesquisadoras cujo nome é Cora Coralina. Em outros, o vocábulo Cora Coralina apareceu como nome de instituições acadêmicas, escolas, bibliotecas, bairros, ruas e outros, uma forma de reconhecer e homenagear a escritora dos becos de Goiás.

razão da seguinte premissa: em 2006 foi realizado pela professora e crítica literária goiana, Darcy França Denófrío (2006), o primeiro<sup>18</sup> e mais completo levantamento bibliográfico acerca da obra e vida da poetisa goiana<sup>19</sup>. Denófrío partiu da década de 1990, século XX, indo até 2006, século XXI. Esse trabalho de grande fôlego trouxe uma gama de produções diversas sobre Cora Coralina que incluiu biografia, ensaios, artigos, dissertações, teses, estudos e referências em livros, antologias, dicionários, enciclopédias, revistas, prefácios, orelhas, entrevistas, textos publicados em jornais reconhecimentos/homenagens e outros.

Em relação às produções acadêmicas (dissertações e teses) que pesquisaram a vida e obra da poetisa goiana, Darcy Denófrío evidenciou um total de vinte e um trabalhos, sendo dezoito dissertações e três teses. Dentre essas pesquisas, três foram apresentadas em universidades fora do Brasil, a saber: uma tese na Universidade Complutense de Madri, em 2004, e duas dissertações, uma na Universidade de Havana, Cuba, em 1999 e a outra na Universidade de Paris III Sorbonne-Nouvelle, em 2005. Não conseguimos acesso a essas dissertações, apenas à tese.

Dando continuidade ao trabalho de Denófrío, sem repetir o que já havia sido feito por ela, inventariamos cinquenta produções acadêmicas relacionadas a Cora Coralina (trinta e oito são dissertações e doze teses). Em uma dessas teses, a de Andréa Figueiredo Leão Grants (2014, p. 45), a autora procurou “demonstrar, de modo reunido, a quantidade e o aumento da elaboração dos textos acadêmicos” acerca de Cora Coralina, compilando todos os dados desde 1990 até 2014. Por questões de organização didática, conforme esclarecido em nota de rodapé, achamos por bem refazer o levantamento, não partindo do que fora apresentado por Grants e sim por Denófrío.

---

<sup>18</sup> Andréa Figueiredo Leão Grants (2016), em sua tese de doutorado “(Des)arquivar Biografemas: a biblioteca de Cora Coralina”, submetida ao Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina, realizou um levantamento bibliográfico das produções acadêmicas que abordaram temáticas relacionadas à vida e obra de Cora Coralina. O objetivo dessa pesquisadora com esse trabalho foi o de demonstrar a recepção e a fortuna crítica dos textos coralinianos. A autora também partiu do levantamento realizado pela professora Darcy Denófrío (2006), com o intento de ampliar a lista apresentada pela crítica literária goiana. Todavia, ao realizarmos a leitura da referida tese para seguir com o levantamento a partir de 2014, observamos que Grants retomou os trabalhos anteriormente citados por Denófrío, desde a década de 1990, do século XX, e foi até 2014. Ao final, sua pesquisa reuniu um total de trinta e cinco produções acadêmicas (vinte e seis dissertações e nove teses), incluindo o levantamento já feito por Denófrío. Para fins didáticos e de organização do material inventariado, resolvemos tomar como marco de nossas buscas o trabalho de ampliação da fortuna crítica de Cora Coralina feito por Denófrío que vai de 1990 a 2006. Assim, partimos do ano 2007 indo até 2023 (primeiro semestre). Dentro desse limite de tempo, pretendemos não deixar nenhum trabalho acadêmico (dissertações e teses) sem dar vistas.

<sup>19</sup> Os dados dessa pesquisa estão disponíveis no final do artigo “Retirando o véu de Isis: contribuição às pesquisas sobre Cora Coralina”, que consta no livro **CORA CORALINA: celebração da volta (2006)**, organizado pela própria autora e por Goiandira Ortiz de Camargo.

A leitura de resumos e do conteúdo integral de diversas dissertações e teses possibilitou a identificação de algumas categorias temáticas recorrentes nas pesquisas dentro do recorte temporal em questão, quais sejam: poesia, discurso, intertextualidade, ensino e memória; infância; mulher; cidade e a natureza (o telúrico). Em razão da similaridade entre o assunto de determinadas categorias, agrupamo-las em três conjuntos temáticos. No primeiro, encontram-se as dissertações e teses que teceram reflexões sobre o fazer poético coraliniano e estabeleceram conexões entre a poesia, o discurso, a intertextualidade, o ensino e a memória. Denominamos essa categoria de “Poesia, discurso e memória”. Na segunda categoria, destacamos as produções acadêmicas que dirigiram suas análises para a mulher, o feminino em Cora Coralina. Identificamos esse eixo temático pela palavra “Mulher”. Na terceira e última categoria, elencamos as pesquisas que abordaram, a partir do texto coraliniano, a cidade e a natureza (o telúrico). Tal categoria foi identificada por esses dois vocábulos.

Para facilitar o percurso de futuros pesquisadores do texto coraliniano, elaboramos uma planilha com os dados encontrados - as dissertações e teses. Esse material foi agrupado por categorias na referida planilha que se encontra nos anexos deste estudo. Conseguimos identificar um total de vinte e cinco dissertações e dez teses que trouxeram como eixo da pesquisa a categoria poesia, discurso, intertextualidade ensino e memória. Com essa abordagem temática, sobretudo, no campo dos estudos linguísticos, da análise do discurso e da educação, encontramos dissertações e teses de diversos programas de Pós-Graduação<sup>20</sup> de inúmeras Universidades públicas e privadas do país. As defesas aconteceram nos anos de 2008 a 2022. Nessa categoria, não identificamos pesquisas acerca da obra de Cora Coralina no ano de 2010. Todas as produções acadêmicas inventariadas tiveram o objetivo de contribuir, de alguma forma, com os estudos culturais brasileiros, desvendando Cora Coralina por meio das construções discursivas de suas poesias ou apropriando-se de sua obra para o ensino na Educação Básica.

Dentro dessa categoria, destacamos uma tese, a de Rosana Alves Ribas Moragas, *O (re)significar o lugar no ensino de geografia em Goiás: por meio da poesia de Cora Coralina*, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, da Universidade de São Paulo (USP) (2017); e duas dissertações, a de Sanderson Mendanha Peixoto, *O legado de Cora Coralina: um estudo da recepção de sua poesia entre alunos do Ensino Médio*, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e

---

<sup>20</sup> A identificação dos Programas de Pós-Graduação e das Universidades se encontra na planilha que consta nos anexos desta tese.

Interculturalidade da Universidade Estadual de Goiás – (UEG), Câmpus Cora Coralina (2019); e a de Edina Faria de Almeida, *Leitura de poesia e formação do leitor literário na educação básica: a produção poética de Cora Coralina em sala de aula*, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica, Cepae-UFG (2022).

As três pesquisas foram escolhidas para essa apresentação porque elas têm em comum o eixo ensino a partir da obra poética de Cora Coralina. Em todos esses estudos, ficou evidente o emprego do texto coraliniano como fonte para o trabalho pedagógico com a literatura em sala de aula. A leitura completa das três produções mencionadas nos permitiu chegar à conclusão de que o texto literário não foi utilizado como pretexto para análises descontextualizadas, sem sentido para o/a estudante, mas como arte problematizadora, capaz de apreender o sensível das mais diversas realidades.

A tese de Rosana Alves Ribas Moragas (2017) possui quatro capítulos que dialogam entre si, convergindo para a apreensão dos objetivos propostos. A fim de entender como os poemas de Cora Coralina poderiam oferecer subsídios aos/às discentes do sexto ano, Ensino Fundamental para a compreensão do conceito de lugar, a autora partiu da ideia de lugar na Geografia, seguiu para a relação entre a Geografia e a literatura, o que desencadeou a proposta de uma sequência didática com o texto poético de Cora Coralina. De acordo com a pesquisadora (2017, p. 29), a obra coraliniana retrata “com grandiosidade os detalhes, os costumes, os hábitos e modo de vida do interior do Brasil”. Os/as estudantes, a partir da leitura e análise dos poemas selecionados, conseguiram estabelecer aproximações dos seus lugares de vivência com os expressos nos poemas. E com isso, puderam construir seus próprios conceitos de lugar enquanto experiência individual e coletiva, ampliando assim essa ideia no ensino da Geografia.

Nessa pesquisa, a autora chegou à seguinte constatação: os lugares que Cora Coralina apresentou em seus poemas são universais, eles compreendem o indivíduo na sua coletividade. Isso significa que as relações dialógicas de um contexto local estão imbricadas em um contexto mais amplo, ultrapassando as fronteiras regionais. De acordo com Moragas, embora muitos participantes da pesquisa conhecessem a poetisa goiana mais pelo nome do que por sua poética, o texto coraliniano foi bem recebido entre eles. Com isso, ficou evidenciada a necessidade de desenvolver práticas pedagógicas voltadas para o trabalho com a leitura de texto literário, sobretudo, de escritoras e escritores de Goiás. O que, certamente, levaria os autores e autoras a serem reconhecidos/as não apenas pelo nome, mas também, por suas estéticas literárias.

De igual modo, a dissertação de Sanderson Mendanha Peixoto (2019) investigou a recepção da poesia de Cora Coralina, sob o olhar de alunos e alunas do Ensino Médio de uma instituição pública estadual de ensino da Cidade de Goiás. Estruturada em três capítulos, essa pesquisa acadêmica foi desenvolvida a partir de uma revisão teórica sobre os pressupostos epistemológicos da recepção estética e suas contribuições para a leitura do texto poético coraliniano e a recepção entre os/as estudantes do Ensino Médio. Das análises feitas, o autor chegou à conclusão de que, embora o projeto de recepção da literatura de Cora Coralina tenha apresentado diversos pontos positivos, a “ausência de um projeto de incentivo à leitura literária e, nesse caso, de apreciação à poesia de Cora Coralina, cria em alguns alunos efeitos indesejáveis como a falta de interesse pelo tema proposto ou mesmo indiferenças” (2019, p. 95). Diante desse problema, o autor evidenciou a necessidade de se promover “ações mais integradoras das políticas educacionais quanto à valorização da cultura e da arte local, como instrumentos identitários fundamentais na formação do ser cidadão” (2019, p. 9).

Já Edina Faria de Almeida, nos três capítulos que compõem sua dissertação, procurou investigar como acontece a formação do leitor de poesia na escola e como se constitui a relação leitor, texto e autor. O público-alvo dessa pesquisa voltou-se para os/as jovens adolescentes leitor/as da poesia da escritora Cora Coralina. Para tal feito, a autora delineou um percurso investigativo que se principiou pelas reflexões teóricas do processo de formação do leitor literário na Educação Básica, emendou-se nas considerações sobre o fazer poético de Cora Coralina e chegou à análise dos dados acerca da temática proposta. De acordo com Almeida (2022, p. 45), Cora Coralina “tinha um olhar peculiar e a sensibilidade para transformar o cotidiano e situações inaceitáveis em poesia- denúncia. Há uma forma de grito por meio de seus poemas - uma denúncia silenciosa, o eu lírico como a voz da minoria”. Esse jeito coraliniano de poetizar o periférico, o de pouca relevância na sociedade, conforme a Edina Almeida, chamou a atenção dos/as participantes da pesquisa que se interessaram pela leitura de outras produções de Cora Coralina.

Assim como a pesquisadora Rosana Alves Ribas Moragas e o pesquisador Sanderson Mendanha Peixoto, Edina Faria de Almeida concluiu que “a leitura literária de poemas não faz parte de todas as listas de materiais indicadas pelas instituições de ensino”, essa ausência dificulta o acesso dos jovens aos textos poéticos. Apesar disso, as produções dos/as estudantes que participaram do projeto evidenciaram uma boa receptividade aos poemas de Cora Coralina. De acordo com a pesquisadora, “os

resultados foram expressivos quanto ao processo de desenvolvimento da leitura da poesia de Cora Coralina em sala de aula” (2022, p. 9)<sup>21</sup>.

Na segunda categoria, mulher, encontramos cinco dissertações de programas de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Literatura e Interculturalidade de Universidades de Goiás, Mato Grosso, Paraíba e São Paulo. Sob as bases da História Cultural, as pesquisas dessa categoria trouxeram como ponto-chave a mulher no discurso de Cora Coralina. Os autores e autoras pensaram o feminino pelo viés da alteridade, da autonomia, da emancipação, da expressividade, da marginalidade.

Dessa categoria temática, destacamos a dissertação de Saulo Nunes dos Santos, *O direito feminino à dignidade em Mulheres Coralinas: autonomia e emancipação*, apresentada ao programa de Pós-Graduação *Strito sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade (2018), da Universidade Estadual de Goiás (UEG); e a de Claudia Miranda da Silva Moura Franco, *Mulheres, Marginais e Maltrapilhos em Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais, de Cora Coralina*, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários e Linguísticos, da Universidade do estado de Mato Grosso (UNEMAT, 2022). A escolha dessas duas dissertações dentre as demais se deu por aproximação temática quanto ao trabalho da poetisa goiana para a emancipação da mulher e na luta social pelos desfavorecidos.

Saulo Nunes Santos (2018) realizou sua pesquisa sobre o “Projeto Mulheres Coralinas”, desenvolvido na Cidade de Goiás e destinado a fomentar a emancipação política, financeira e social da mulher. Na sede do projeto, as mulheres participam de oficinas de produção artesanal, rodas de leitura, reuniões diversas e atividades culturais. Para entender como a literatura promove mudanças sociais, políticas e econômicas, o autor organizou a dissertação em dois capítulos cuja gênese se encontra na obra coralina e na influência dessa poetisa para a emancipação de tantas outras mulheres, nesse caso, as mulheres coralinas.

Sob o aporte historiográfico dos estudos culturais, Santos (2018) fez a apresentação geral do referido projeto, realizando um percurso que foi de Cora às mulheres coralinas. O autor colocou em destaque a apropriação da poesia coralina na criação do “Projeto Mulheres Coralinas”, bem como o impacto dessa ação na comunidade vilaboense no que se refere à autonomia econômica e à emancipação cidadã. Em suas

---

<sup>21</sup> A pesquisa de Edina Faria de Almeida (2022) originou o documentário “Cora Coralina: entre poemas e memórias”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=80YNMdv5bcU>. Acesso em jan. de 2023.

considerações finais, Saulo Nunes Santos constatou que o “Projeto Mulheres Coralinas” “influenciou, formou, capacitou, informou, construiu, desconstruiu, inventou, reinventou, adjetivou e qualificou mulheres que inspiradas pela poeta Cora Coralina, foram atrás da sua autonomia e emancipação” (2018, p. 103).

Já a pesquisa de Claudia Miranda da Silva Moura Franco (2022) foi desenvolvida a partir do primeiro livro publicado por Cora Coralina, a saber: *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais* (1965). A autora investigou as representações de marginalizados na poesia coraliniana. Igualmente, Franco refletiu sobre os espaços metafóricos do beco e caracterizou a poetisa como uma intelectual atuante na luta social, a favor dos desvalidos, dentre eles, a mulher, a criança, os marginais e maltrapilhos.

De acordo com Franco, essas construções imagéticas são recorrentes na poesia de Cora Coralina e, ao se constituírem matéria lírica, “remove-se o pano que as encobre, escancarando as feridas da realidade” (2022, p. 113). Isso significa que por meio da palavra poética somos capazes de reconhecer o outro nas suas singularidades, especificidades. Daí a importância do “vínculo entre literatura e sociedade como proposta de sensibilização e de constatação da realidade das injustiças sociais que acometem os excluídos conduz à compreensão do mundo dos seres silenciados socialmente” (2022, p. 113). A autora concluiu sua pesquisa com a convicção de que o eu lírico coraliniano, presente em *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*, está a todo momento tencionando mudanças para ultrapassar as fronteiras de seu tempo e contexto.

A terceira categoria, cidade, trouxe o espaço geográfico da Cidade de Goiás e a natureza (o telúrico) como protagonistas dos estudos acadêmicos. Em nossas buscas, deparamo-nos com oito dissertações e duas teses que trataram dessas questões a partir do texto poético de Cora Coralina. Dentro dessa categoria, encontramos produções acadêmicas oriundas de programas de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Letras, Geografia, Geografia Humana, Ensino de Humanidades e Linguagens, Meio Ambiente e Desenvolvimento Rural, Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente, Territórios e Expressões Culturais no Cerrado, Ciências Humanas e da Terra, Arquitetura e Urbanismo. Tais programas são oriundos de universidades dos seguintes estados brasileiros: Goiás, Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Rio de Janeiro; e do Distrito Federal. Sob os pilares dos estudos culturais, as dissertações e teses refletiram sobre a Cidade de Goiás e suas gentes, a diversidade cultural, a arquitetura, o cerrado, tendo o texto coraliniano como fonte reveladora dos mais diversos temas e problemas.

Dessa categoria, selecionamos as dissertações de Jana Cândida Castro dos Santos, *Cidade e representação: a cidade de Goiás na obra de Cora Coralina*, apresentada ao programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília (UNB) (2017); e a de Cristiano Bittencourt dos Santos, *A natureza e o meio ambiente em Cora Coralina: um estudo a partir do sistema de transitividade e do teatro-educação*, apresentada ao programa de Pós-Graduação Ensino de Humanidades e Linguagens da Universidade Franciscana, de Santa Maria (UFN) (2018). As duas pesquisas têm em comum a intrínseca relação homem-sociedade-natureza.

Jana Cândida Castro dos Santos (2017), em sua pesquisa, analisou como a representação da Cidade de Goiás, que consta no texto coraliniano, dialoga com outras construções imagéticas da cidade goiana. Com esse intento, a autora enveredou-se pelo campo da História Cultural para explorar o conceito de representação que esse aporte historiográfico traz. A dissertação foi dividida em três capítulos entrecidos e alinhavados unidade por unidade, formando um todo coeso e coerente com a proposta da pesquisa. Santos (2017) iniciou seu percurso investigativo trazendo Cora Coralina e as representações sociais em suas poesias, discutiu acerca das outras temáticas suscitadas pelo texto coraliniano, estabeleceu um diálogo entre Cora Coralina e a historiografia de Goiás e, por fim, adentrou-se nos becos da cidade da poetisa.

Santos (2017), ao analisar uma quantidade significativa de poemas do livro *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais* (1965), observou que Cora, em suas poesias, conseguiu se apropriar “de eventos significativos para a história de Goiás combinados às suas próprias experiências” (2017, p. 61). De acordo com a autora, Cora Coralina soube manejar a historiografia goiana em seus versos. Neles, há elementos históricos que aparecem combinados com as mais diversas e antigas lembranças da poetisa, “como das histórias contadas por sua bisavó na infância e descritas na “Estória do Aparelho Azul-Pombinho”, na qual são evidenciados costumes da época, cenas de escravidão, os caminhos e o difícil acesso a Goiás” (2017, 64).

A nosso ver, um ponto-chave na pesquisa de Jana Cândida Castro dos Santos diz respeito à construção de mapas afetivos com a finalidade de traçar o desenho das relações que Cora Coralina estabeleceu com os diversos espaços de sua região/cidade. Conforme Santos (2017), esses mapas localizam “os lugares que comportam maior carga sensível, ou seja, aqueles portadores de sentido simbólico e “testemunhas de estórias” cantadas por Cora em sua obra” (2017, p. 112, grifos da autora). Com esse exercício cartográfico das poesias coralinianas, Santos conseguiu identificar os lugares de maior carga afetiva para

o eu lírico, a saber: os espaços da meninice, do tempo da infância, os becos relegados pela alta sociedade, as águas do Rio Vermelho, onde se podiam encontrar as lavadeiras. São esses os lugares afetivos, simbólicos. Os outros, considerados monumentais que se destacavam no conjunto arquitetônico da cidade de Goiás foram “silenciados para dar voz aos espaços do cotidiano, muitas vezes esquecidos pelas análises tradicionais” (2017, p. 117). Por fim, a autora apresentou como o texto poético coraliniano trouxe as imagens dos becos, das ruas, revelando “uma cidade cuja dimensão social não pode ser alcançada por nenhuma outra fonte documental e, por meio das imagens que constrói, nos permite ir além dos limites da análise historiográfica ou análise morfológica” (2017, p. 123).

De forma análoga ao estudo de Santos (2017), Cristiano Bittencourt dos Santos (2018) pesquisou a natureza e o meio ambiente na poesia de Cora Coralina a partir do sistema de transitividade de Halliday. A dissertação de Cristiano Bittencourt foi dividida em cinco capítulos, dispostos com a finalidade de pensar as representações relativas à natureza encontradas na poesia de Cora Coralina e como essas construções podem ser utilizadas metodologicamente na educação ambiental. Para o autor (2018, p. 180), Cora Coralina, em sua obra poética, utilizou alguns recursos linguísticos, dentro de uma mesma lógica textual, com maior recorrência dos processos materiais em relação aos demais.

Novamente, deparamo-nos com uma pesquisa que buscou nas tessituras do texto coraliniano explorar criativamente outras possibilidades de ensinar e conscientizar as pessoas acerca das questões ambientais. Uma dessas formas foi pela via da adaptação da poética de Cora Coralina ao “Teatro-educação, uma metodologia centrada na experiência cênica como oportunizadora de novas aprendizagens” (SANTOS, 2018, p. 168). Ao analisar os poemas, extraídos do livro *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais* (1965), o autor concluiu que Cora Coralina, em seus poemas, apresentou inúmeras ideias para a preservação do meio ambiente. Além disso, conforme Santos (2018), o texto coraliniano possibilita a todas as pessoas a se descobrirem parte do espaço em que estão inseridas e as oportuniza a busca pelo equilíbrio, pela igualdade e pelos direitos de ser. Em suas poesias, Cora Coralina deixou transparecer que foi “na natureza, na vida, nos costumes do caboclo, do sertanejo, do agricultor e dos ribeirinhos” (2018, p. 182) que ela encontrou o alento de sua existência.

Dentro desse universo de pesquisas acadêmicas com temáticas diversas, extraídas do texto coraliniano, é necessário destacar também os estudos que trataram da categoria infância na obra de Cora Coralina. Ressaltamos essa temática por ela se constituir o nosso objeto de estudo para a compreensão dos modos e lugares de educar e instruir no final do

século XIX e início do XX, tendo a poética coraliniana como fonte. Em nossas buscas, identificamos apenas dois trabalhos que trazem essa categoria com mais expressividade, uma tese, a de Edison de Abreu Rodrigues, e uma dissertação, a de Ana Carolina Alves. Muitos outros mencionam o tempo da infância da poetisa apenas como uma parte constitutiva das vivências da poetisa, sem se deterem com mais rigor nessa questão.

No ano de 2020, Edison de Abreu Rodrigues defendeu a tese *O fogão, o quintal e a escrivantina*: estudo comparativo entre a literatura de Cora Coralina e a de Manoel de Barros, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, da Universidade de São Paulo (USP). Nessa pesquisa, Rodrigues (2020) teceu um estudo comparativo que colocou em diálogo os poemas de Cora Coralina, reeditados postumamente como obras da literatura infantil, com poemas de Manoel de Barros, voltados para o público infantil. O intuito desse exercício dialógico foi o de analisar as “representações literárias de experiências infantis construídas por ambos, e o quanto tais construções podem representar poeticamente vivências que reverberam elementos culturais e identitários dos interiores do país” (2020, p. 7). Para tal feito, o autor trouxe duas imagens emblemáticas na literatura de ambos: a cozinha, em Cora Coralina; e o quintal, em Manoel de Barros. Essas duas representações se fundem na relação dialógica evidenciada por uma terceira imagem, a da escrivantina.

De acordo com Rodrigues (2020, p. 143), tanto na biografia de Cora Coralina quanto na de Manoel de Barros, a escrivantina transcende seu caráter referencial. Ela metaforiza o fazer poético dos dois. É um lugar mágico “de onde os poetas fazem ecoar uma infância cuja essência, repleta de ancestralidade, vai para além das questões que envolvem periferia e centro na concepção das dinâmicas sociológica, cultural e identitária brasileiras ao longo da história”. Com a análise de tais imagens e do diálogo entre as poéticas de Cora Coralina e de Manoel de Barros, o autor conseguiu chegar à conclusão de que é urgente e necessária “a absoluta presença de uma literatura, cuja poeticidade seja capaz de proporcionar ao leitor a possibilidade de vislumbrar um mundo onde a criança possa ter, em suas próprias escrivantinas, liberdade de leitura e criação”.

Como se pode perceber pelo objetivo geral dessa tese, o autor não teve como foco a infância em si, mas as questões ligadas ao desenvolvimento da percepção estética e da sensibilidade das crianças leitoras por meio da obra de Cora Coralina e Manoel de Barros. Vale ressaltar, por fim, a maestria do autor da tese em manejar um estudo comparativo equânime entre um poeta e uma poetisa de distintos lugares do Brasil, sem hierarquizar ou estabelecer julgamentos de valor entre ambos.

Recentemente, no ano de 2022, Ana Carolina Alves apresentou a dissertação *as meias confissões de Aninha: sobre a infância e a pobreza* ao programa de Pós-graduação em Estudos Literários, da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). A autora fez uma análise do livro *Vintém de Cobre meias confissões de Aninha* (1983) a partir de uma dupla leitura: a obra como um documento da memória que elucida aspectos da infância margeada pela pobreza e como uma criação que mistura recordação e invenção. A dissertação está dividida em três partes, assim dispostas: Cora Coralina e suas vozes, as meias confissões de Aninha: a infância e meias confissões de Aninha: a pobreza.

De acordo com Alves (2022, p. 19), Cora Coralina “ao relacionar a sua experiência vivida com sua criação transcende o sujeito empírico em vários sujeitos líricos”, quais sejam: Aninha (infância), Cora Coralina (fase mais amadurecida), Cora-mãe (a genitora), Cora-cidadã (a mulher consciente, sensível às questões de seu tempo). Isso significa que o sujeito lírico do texto poético coraliniano não é estável, “o que autoriza uma leitura múltipla de tal forma que o leitor/ouvinte vá de um lado ao outro” (2022, p. 44), de um tempo ao outro no desenrolar gradativo da leitura. A esse respeito, Alves (2022) evidenciou que a poetisa conseguiu transitar entre o biográfico e o fictício, de modo a universalizar o particular ao trabalhar com essa diversidade de sujeitos líricos. Nesse esquema de elaboração estética, a poetisa trouxe como elementos constitutivos de sua escrita a infância e a pobreza via aspectos culturais, sociais e econômicos de um tempo e contexto. Para Alves (2022, p. 101), Cora Coralina, em sua escrita poética, deixou fluir suas vivências e “todo um universo de personagens, lugares, objetos e normas de conduta, transfigurou-os, e emprestou-lhes contornos universais. Sua mensagem tinha, acima de tudo, vigor. É uma expressão literária de conteúdo sociológico ímpar”.

Para fechar essa parte de análise acerca da recepção crítica da obra de Cora Coralina, bem como da construção de seu legado dentro de um universo canônico de nossas letras, abrimos um parêntese para falar de uma tese, defendida em outras paragens, fora do Brasil, que se encontra no levantamento feito por Darcy Denófrio (2006). De autoria da brasileira Consuelo Brito de Freitas, a tese, *El discurso poético y las condiciones de su producción: una lectura comparada de la poesía de Rosalía de Castro y de Cora Coralina*<sup>22</sup>, foi apresentada ao Departamento de Filologia Românica, Filologia Eslava e Linguística Geral da Universidade Complutense de Madri, no ano de 2004.

---

<sup>22</sup> **O discurso poético e as condições de sua produção**: uma leitura comparada da poesia de Rosalía de Castro e Cora Coralina (Tradução nossa).

A pesquisadora, tendo como metodologia de trabalho os estudos comparatistas e históricos, estabeleceu analogias entre a obra poética de duas poetisas: a goiana Cora Coralina e a galega Rosalía de Castro. Conforme exposto no objetivo geral da tese, Consuelo Brito de Freitas procurou desvelar as confluências e divergências entre os discursos das duas poetisas, bem como o lugar de suas criações poéticas na literatura universal.

A par desse objetivo, Freitas (2004) chegou à conclusão de que o universo poético, simbólico e polissêmico de Cora Coralina e de Rosalía de Castro está profundamente relacionado a seus contextos histórico, social e cultural. As tessituras literárias de ambas atribuem sentidos a inúmeras realidades e evocam estados emocionais ambivalentes. Para a autora (2004, p. 459), “el discurso poético de Rosalía y de Cora revela los problemas de sus gentes, de la patria y del paisaje natural que tanto las emocionan y condicionan.”<sup>23</sup>. Assim como as demais pesquisas analisadas anteriormente, essa tese trouxe também a relevância da poética de Cora Coralina para a literatura tanto nacional quanto internacional.

A obra da poetisa dos becos foi comparada com a de Rosalía de Castro, uma conceituada escritora na Galícia, sua terra natal, e também em toda a Espanha. Para Freitas (2004), a poética coraliniana possui valor estético tal qual as poéticas dos demais escritores e escritoras que povoam o panteão de nossa literatura. De acordo com as reflexões de Consuelo Brito de Freitas, a variedade da lírica de Cora Coralina se concentra em uma temática íntima e reiterativa. Isso porque, “su obra se caracteriza por un cierto grado de monotonía y repetición, recurso por el que optó la poeta para transmitir ese estilo personal que le da fuerza e idiosincrasia a su discurso poético”<sup>24</sup> (2004, p. 456). Tais características evidenciam como a obra de Cora Coralina vem se tornando sólida no universo intelectual. A linhagem estética da poetisa goiana, como muito bem delineou Goiandra Ortiz de Camargo (2006), não vem dos poetas que primam pela sofisticação das imagens e pela erudição formal dos versos. Ela vem da

textura das pedras rudes que calçam a Cidade de Goiás. Da mesma forma, o ritmo de sua poesia, que combina versos longos modalizados na prosa com versos entrecortados, duros e secos. Seus procedimentos retórico-discursivos são simples, têm na coloquialidade fonte

---

<sup>23</sup> “O discurso poético de Rosalía e de Cora revela os problemas de suas gentes, da pátria, da paisagem natural que tanto as emocionam e condicionam” (Tradução nossa).

<sup>24</sup> “Sua obra é caracterizada por certa monotonia e repetição, recurso que a poetisa escolheu para transmitir aquele estilo pessoal que dá força e idiosincrasia ao seu discurso poético” (Tradução nossa).

prodigiosa, com recorrência de metáforas *in praesentia* e comparações. (CAMARGO, 2006, p. 66)

Conforme os postulados de Jauss (1994) acerca da recepção e historicidade de uma obra literária, podemos dizer que a cada nova leitura do texto coraliniano surge um novo olhar, emergem outras perspectivas de análises e construção de conhecimentos. Com isso, a obra rompe as fronteiras de seu tempo e contexto históricos. Atualiza-se. A esse respeito, Cora Coralina em um dos paratextos do livro *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais* (2008) assim ofertou sua primeira publicação:

Este livro pertence mais aos leitores do que a quem o escreveu [...] Que possa ultrapassar as cidades e alcançar a alma sertaneja, levando minha presença-terra aos enxadeiros e boiadeiros que tanto me ensinaram. [...] Que possa valer pelo seu conteúdo... [...] Com o tempo lido, relido e trelido, rabiscado.... [...] Vai, meu pequeno livro. Que possa sobreviver à Autora e ter a glória de lido por gerações que não de vir, de geração que não de nascer. (PBG, 2008, p. 23-24)

Realmente, o que fora vaticinado por Cora Coralina vem se concretizando nas leituras diversas de seus textos. As dissertações e teses aqui apresentadas penetraram no universo coraliniano não para louvar a poetisa, embora nos deparemos com muitos elogios, mas para se constituírem canais de divulgação da obra literária de Cora Coralina. Por meio de pesquisas sérias, críticas e reflexivas, que abordaram as mais variadas temáticas suscitadas pelo texto poético coraliniano, é possível problematizar a ideia de mito construída em torno da mulher-monumento, para usar a expressão de Andrea Ferreira Delgado (2008).

Este nome, Cora Coralina, para Gilberto Mendonça Teles, no longo texto, “Mito e realidade literária em Cora Coralina, ou a Celebração do Celebrado”<sup>25</sup>, publicado no *Jornal Opção*, em junho de 2018, foi o ponto motriz de construção do mito em torno da poetisa goiana. De acordo com Teles, Cora Coralina é “mais louvada que verdadeiramente estudada” (2018, s/p). A partir dessa premissa, o autor teceu uma contundente crítica aos trabalhos acadêmicos, precisamente dissertações, defendidos nos programas de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás.

---

<sup>25</sup> TELES, Gilberto Mendonça. Mito e realidade literária em Cora Coralina, ou a Celebração do Celebrado. In: *Jornal Opção*, junho de 2018. Disponível em: <https://www.jornalopcao.com.br/ultimas-noticias/mito-e-realidade-literaria-em-cora-coralina-ou-a-celebracao-do-celebrado-129659/>. Acesso em jan. de 2023.

Para Teles, o estudo da obra coraliniana no referido programa é mais elogio, admiração que análise propriamente dita, faltando “sentido crítico tanto do orientando como do orientador” (2018, s/p).

Teles não parou por aí em suas críticas, ainda foi mais longe e mordaz ao mencionar que na “maioria das dissertações sobre a obra de Cora Coralina, o que se vê é a **paráfrase** dos seus textos, os quais, em vez de serem analisados, são primariamente comentados, dando-se a falsa idéia [sic] de análise, de estudo” (2018, s/p, grifos do autor). Encontramos alguns problemas no posicionamento de Teles, um deles diz respeito à falta de comprovação teórico-metodológica da crítica feita aos trabalhos acadêmicos. O estudioso mencionou que a maioria das dissertações defendidas na Universidade Federal de Goiás apresentaram fragilidades teóricas e analíticas, mas não trouxe nenhuma pesquisa que se enquadrasse ou comprovasse sua crítica. E muito menos justificou essa ausência. O que torna o seu argumento inválido e um tanto quanto duvidoso.

Contrariando essa visão reducionista de Gilberto Mendonça Teles, as dissertações e teses que analisamos, sejam oriundas dos programas de Pós-Graduação da Universidade Federal de Goiás, sejam de tantos outros espalhados em diversas regiões do Brasil, apresentaram rigor metodológico e análise criteriosa da obra de Cora Coralina, conforme demonstrado anteriormente. É fato que há o deslumbramento, porém comedido, acerca da ousadia da poetisa, na juventude, em tomar as rédeas de seu próprio destino e buscar outras paragens para seguir a vida. E mais ainda, retornar para sua terra natal já ‘vestida de cabelos brancos’ e, por meio da escrita, rever e assinar os autos do passado antes que o tempo os jogasse no esquecimento. Ao tomarmos a obra de Cora Coralina como objeto de estudo somos também atravessados por essas vivências, mas elas não são o ponto-chave das análises. Estas se pautam em métodos, análises, problematizações que ajudam a compreender o universo poético coraliniano para além do reforço à questão mítica, levantada por algumas leituras equivocadas da vida e obra da poetisa dos ‘reinos de Goiás’.

Diante da crítica de Teles, voltamos ao banco de dados do Catálogo de teses e dissertações da CAPES para identificar as pesquisas que tiveram como fonte a escrita poética de Cora Coralina e que foram apresentadas ao programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás entre os anos de 1990 a 2017 (o artigo de Teles foi escrito em março de 2017). Deparamo-nos com oito dissertações, algumas anteriores à Plataforma Sucupira, por isso não tivemos acesso ao texto, mesmo buscando no repositório da referida Universidade. Dentre as que conseguimos acessar,

elencamos as dissertações de Moema de Souza Esmeraldo, *A representação do espaço e a cidade na poesia de Cora Coralina e José Décio Filho* (2014); e a de Ludmila Santos Andrade, *Poesia e crônica em Cora Coralina* (2016), ambas apresentadas ao Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística. A primeira da Universidade Federal de Goiás – Câmpus de Catalão e a segunda da Universidade Federal de Goiás, Câmpus Samambaia, em Goiânia. Seleccionamos essas duas aleatoriamente, pois Teles não nos apresentou uma referência para que pudéssemos confrontar com nossas análises.

Em sua dissertação, Moema de Souza Esmeraldo (2014) fez um estudo comparatista, estabelecendo um diálogo entre Cora Coralina e José Décio Filho<sup>26</sup> (poetisa e poeta goiano) sobre as visões de espaço que os dois apresentaram em seus textos poéticos. A autora utilizou como fonte o livro *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais* (1965) de Cora Coralina, e *Poemas e elegias* (1979), de José Décio Filho. Para confirmar ou refutar sua tese de que a cidade é um símbolo de lugar de encontro dos poetas e se constitui uma temática preponderante na literatura brasileira, Esmeraldo (2014) fundamentou sua pesquisa em estudo de Gaston Bachelard, Michel Foucault; Michel de Certeau; Luis Alberto Brandão; Oziris Borges Filho, dentre outros.

De acordo com a autora (2014, p. 88), os poemas analisados apresentaram um caráter espacial que não se resumiu apenas no lugar físico, mas também na ação humana no espaço representado. Percebemos ao final da leitura da dissertação que, embora haja passagens laudatórias dirigidas tanto para Cora Coralina quanto para José Décio, a autora conseguiu manter um distanciamento dos dois escritores. E, fundamentada em estudiosos da temática proposta, ela fez a *topoanálise* dos poemas selecionados, evidenciando como o discurso poético de Cora e de Décio Filho fez emergir não apenas as peculiaridades físicas e humanas do espaço e da Cidade de Goiás, mas, sobretudo, transfigurou “o espaço local, em um espaço reconhecido nacionalmente, como forma autêntica e válida entre as diversas manifestações literárias” (2014, p. 88).

Ludmila Santos Andrade (2016), por sua vez, buscou no gênero crônica a gênese da poesia de Cora Coralina. Para sua análise, a autora verificou como a produção literária de Cora Coralina se relacionou com o Modernismo, observando a confluência entre a obra da poetisa goiana e a de outros poetas modernistas brasileiros como Manuel Bandeira e Mario Quintana. Andrade (2016) utilizou como fonte para o seu trabalho investigativo

---

<sup>26</sup> José Décio Filho (1918-1976), poeta goiano da geração modernista de 1945.

o livro *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais* (1965) e jornais de circulação da primeira metade do século XX.

Para análise dos seus achados, a autora fundamentou suas discussões em teóricos como Antonio Candido, Davi Arrigucci Júnior, Wellington Pereira, Jorge de Sá, Sidney Chalhoub, Margarida de Souza Neves e Leonardo Affonso de Miranda Pereira, dentre tantos outros. Com rigor epistemológico, Andrade conseguiu evidenciar que, “Cora Coralina, além de ter sido uma exímia cronista, também foi uma poetisa que ao representar o simples, o mero e o pequeno, construiu uma poética consistente e pautada nas linhas de força do modernismo e da crônica” (2016, p. 127). Há na pesquisa de Andrade, como em toda e qualquer investigação que se debruça sobre o texto coraliniano, admiração pela ousadia e atuação intelectual de Cora Coralina num contexto marcado por adversidades e interdições às mulheres. Louvar a poetisa em detrimento de sua escrita não foi o foco das reflexões de Andrade. A pesquisadora apontou como Cora Coralina manejou os elementos da crônica nos seus textos poéticos e “como o olhar observador da cronista captou os retratos das “nadezas diárias” de Goiás, e, por conseguinte, de um Brasil interiorano” (2016, p. 64).

Ludmila Andrade assim como Moema Esmeraldo conseguiram desenvolver os propósitos de suas pesquisas sem se deixar afetar apaixonadamente pelo objeto. As pesquisadoras não louvaram Cora Coralina pelo nome. Elas procuraram, a partir da escrita literária da poetisa, pensar questões importantes para o fazer literário humanizador. Logo, as duas dissertações, mais próximas do recorte temporal mencionado por Teles, contrariam o seu posicionamento crítico em relação às fragilidades das pesquisas quanto à exaltação da pessoa Cora Coralina em detrimento da produção estética da poetisa.

Ao problematizar as ideias apresentadas por Gilberto Mendonça Teles, sabemos o risco que corremos, analisando apenas duas dissertações de um total de oito produções acadêmicas, defendidas em programas de Pós-Graduação da UFG. No entanto, por amostragem, entendemos que é possível evidenciar as fragilidades e potencialidades das pesquisas dentro de um conjunto. Além do mais, nem isso o estudioso da literatura goiana fez. Expôs de forma dura suas ideias acerca das produções acadêmicas da referida Universidade, mas não trouxe uma dissertação sequer para ratificar suas críticas.

O texto poético de Cora Coralina abraçou todas as vidas, sobretudo, as invisíveis da sociedade, as menosprezadas, as espezinhadas. O poema “Conclusões de Aninha” (VC, 2013), dentre tantos outros, evidencia como a escrita literária coraliniana, por meio da crítica aos comportamentos sociais, trabalha a sensibilidade humana. O poema expõe

uma situação cotidiana irrelevante se observássemos apenas a superfície da escrita. Todavia, numa camada mais profunda de leitura nos deparamos com uma crítica ao comportamento humano que se vale do discurso religioso para não se envolver com os menos favorecidos da sociedade. As conclusões de Aninha nos ajudam a tirar as nossas próprias conclusões. Vejamos:

Estavam ali parados. Marido e mulher.  
Esperavam o carro. E foi que veio aquela da roça  
tímida, humilde, sofrida.  
Contou que o fogo, lá longe, tinha queimado seu rancho,  
e tudo que tinha dentro.  
Estava ali no comércio pedindo um auxílio para levantar  
novo rancho e comprar suas pobrezinhas.

O homem ouviu. Abriu a carteira tirou uma cédula.  
Entregou sem palavra.  
A mulher ouviu. Perguntou, indagou, especulou, aconselhou,  
se comoveu e disse que Nossa Senhora havia de ajudar.  
E não abriu a bolsa.  
Qual dos dois ajudou mais?

Donde se infere que o homem ajuda sem participar  
e a mulher participa sem ajudar.  
Da mesma forma aquela sentença:  
“A quem te pedir um peixe, dá uma vara de pescar.”  
Pensando bem, não só a vara de pescar, também a linhada,  
o anzol, a chumbada, a isca, apontar um poço piscoso  
e ensinar a paciência do pescador.  
Você faria isso, Leitor?  
Antes que tudo isso se fizesse  
o desvalido não morreria de fome?  
Conclusão:  
Na prática, a teoria é outra. (VC, 2013, p. 174)

A ironia presente no poema se revelou na atitude da mulher, toda religiosa, que se diz compadecer da situação vivida pela moça da roça, mas nada fez para ajudá-la. Na verdade, ela “perguntou, indagou, especulou, aconselhou, / se comoveu e disse que Nossa Senhora havia de ajudar. / E não abriu a bolsa”. Ao utilizar o discurso da religião, a mulher se eximiu da responsabilidade solidária, desumanizou o outro e ainda ficou de consciência tranquila, como se tivesse praticado a boa ação do dia, afinal, “a quem te pedir um peixe, dá uma vara de pescar”. Essa sentença, concluiu Aninha, levaria o desvalido a morrer de fome, afinal, “na prática, a teoria é outra”.

Conforme o exposto, o texto de Cora Coralina problematiza, denuncia, ressalta alteridade e nos humaniza. Estamos diante de uma instigante função da literatura, logo,

os aspectos formais, criticados por Teles acerca da estética de Cora Coralina, tais como, a linguagem simples, o texto fácil, o poema longo (poema-prosa), a falta de consistência na cadência rítmica, tornam-se irrelevantes quando voltamos nosso olhar para essa força humanizadora e de reconhecido vigor estético.

Cora Coralina não foi a primeira nem será a única escritora a receber críticas desfavoráveis a sua estética literária. Tantas outras e tantos outros literatas/os de renome na atualidade passaram pelo limbo das avaliações excludentes e preconceituosas, as quais induzem ao esquecimento as obras literárias que fogem dos padrões canônicos estabelecidos por uma pequena elite intelectual. De acordo com Fausto Cunha (2005), em suas análises acerca das críticas feitas à obra de Mario Quintana,

criou-se entrenós a mística de que só se deve estudar os autores difíceis, constituindo dificuldade, para esse critério, o hermetismo da linguagem, o inusitado do vocabulário e da sintaxe, que de fato permitem elucubrações e interpretações no mais das vezes gratuitas. Não só Mário Quintana, outros poetas e alguns romancistas brasileiros têm pago por parecerem demasiado fáceis para a sede decifratória de nossos escolistas. (CUNHA, 2005, p. 09)

É possível inserir o texto de Cora Coralina nesse contexto de avaliação crítica. Sua escrita literária, embora pareça fácil na superfície da leitura, é complexa, pois revela a condição humana em sua profundidade e abrangência. O reconhecimento nacional da obra de Cora Coralina por Carlos Drummond de Andrade foi a fagulha necessária para despertar a chama nos olhares críticos sobre o texto da poetisa goiana que, desde então, vem sendo revisto pelo campo da crítica literária. Essa reavaliação, para Clóvis Carvalho Britto (2009, p. 348), desencadeou estudos que demonstraram a importância da estética coraliniana no cenário da literatura nacional. Com isso, “críticos começaram a exaltar características do legado em estratégia pela distinção e, para tanto, o artifício utilizado foi a comparação de suas produções com a de escritores consagrados.”

Por tudo isso, Cora Coralina, a cigarra cantadeira dos reinos de Goiás, não é apenas louvada, mas também estudada, problematizada com rigor, reflexão crítica e responsabilidade metodológica. O crescente número de pesquisadores/as de Goiás e do Brasil a fora que estudaram e estudam a obra da poetisa goiana só comprova a nossa tese de que o texto coraliniano é uma instigante fonte para a pesquisa em diversas áreas de conhecimento, incluindo, a história da educação. No alinhar de uma pesquisa a outra e

mais outra, a fortuna crítica da obra de Cora Coralina vai se constituindo na plêiade da literatura brasileira.

Na próxima parte deste capítulo, faremos um retorno à Cidade de Goiás do final do século XIX para acompanharmos as vivências de Aninha<sup>27</sup>, o seu tempo da infância e de infâncias outras. Destacamos o reencontro de Cora Coralina com Aninha no quintal da casa velha da ponte, nos cantos e becos de sua terra natal, bem como as peripécias vividas na fazenda Paraíso e nas aventuras das histórias contadas pela bisavó Antônia.

## 1.2 - “O cântico primeiro de Aninha”: o tempo da infância

A reconstrução das vivências da menina Aninha no tempo de sua infância e de infâncias outras vem embalada pelo seu cântico primeiro, o anúncio de seu nascimento:

Num ano longínquo, numa cidade distante, num dia incerto de um mês aziago, nascia uma criança.  
O Destino que presidia o evento, ouvindo o primeiro vagido, clamor de vida, moveu-se invisível e depôs sua dádiva na cabeça da criança, simbolizada numa chama viva e num punhado de cinza. (MLC, 2012, p. 56)

O excerto acima aponta indícios do tempo da infância de Anna Lins dos Guimarães Peixoto. Uma infância prenunciada já no primeiro vagido pela chama viva de suas vivências e experiências e pelos punhados de cinzas de suas dores. Um tempo de criança espremido entre a necessidade e a liberdade. Nessa conjuntura, apesar de as vicissitudes da meninice, Aninha manteve vivos os sentimentos pueris, a curiosidade, a saudade e as emoções.

Ao olhar para esse tempo, a Cora do presente trouxe em suas reminiscências o tratamento que Aninha recebia dos adultos de sua infância. Desprezo, deboche, ironias. Mesmo nesse universo de adversidades, Aninha parecia ser feliz. Um escudo a protegia: o mandrião<sup>28</sup>, feito de uma saia velha da bisavó, a pessoa que mais lhe dera carinho e a

---

<sup>27</sup> Seguimos a poetisa na opção pelo nome Aninha para se referir a ela quando criança, no tempo da infância. Então, sempre que aparecer a referência a esse tempo da vida, marcada pela persona Aninha, o nome será no diminutivo. Na fase da juventude, porém, quando a autora produz os seus ‘primeiros escritos’ manteremos a grafia Anna Lins.

<sup>28</sup> O campo semântico de mandrião abriga algumas significações para o termo. Uma delas diz respeito a que foi utilizada no poema “O Mandrião”, qual seja: uma vestimenta, similar a um vestido, usada para batismos. Uma peça com ornamentações exclusivas para esse fim. Interessante notar que o mandrião de Aninha foi feito de uma saia velha da bisavó. A menina usava essa peça fora de sua utilidade habitual.

acudia “quando das chineladas cruéis” (VC, 2013, p. 119) de sua mãe. Essa peça a transportava para uma dimensão mágica, para um lugar só dela. É como se a vestimenta a resguardasse das agruras enfrentadas cotidianamente, conforme veremos no excerto do poema “O Mandrião”:

Eu vestia o mandrião  
recortado e costurado para mim  
de uma saia velha da minha bisavó.  
E como aquele mandrião  
Me fazia feliz!...  
[...]

Eu brincava, rodava, virava roda,  
e o antigo mandrião se enchia  
de vento balão. (VC, 2013, p. 29)

No poema, o mandrião é o elemento afetivo, o elo entre Aninha e o seu porto seguro, a sua contadora de histórias: a bisavó Antônia. Como podemos observar nesse trecho do poema “O mandrião”, Cora Coralina alinhavou o mundo de suas vivências à sua poética. Com o olhar distanciado, ao buscar cada vocábulo no mosaico da memória, a poetisa goiana retomou o seu passado, atualizou-o, levando as leitoras/leitores a conhecerem a realidade social e histórica do tempo de criança pequena de Anna Lins. Entendemos que a ação coraliniana de colocar as pessoas leitoras em contato como o universo representado foi possível em razão da liberdade de criação que todo/a escritor/a possui. De acordo com Nicolau Sevcenko (2003), a matéria-prima da escrita, incluindo os temas, motivos, valores, normas ou revoltas são fornecidos ou sugeridos pela sociedade e pelo tempo vivido pelos/as escritores/as e é destes que eles falam.

Diante dessa liberdade, temos a ciência da não neutralidade da escrita de memória que é feita por uma pessoa adulta, produzida em “um lugar que é definido não apenas por um autor, mas principalmente por uma sociedade que o envolve, pelas dimensões desta sociedade que penetram no autor, e através dele no texto”, conforme sentenciou José D’Assunção Barros (2004, p. 137). Essas representações coletivas, para Roger Chartier (1994), vão sendo construídas via processo que imprime nos sujeitos “as divisões do mundo social e estruturam os esquemas de percepção e apreciação a partir dos quais estes classificam, julgam e agem” (1994, p. 108). Vejamos como isso se manifestou na poética coraliniana.

Cada pessoa tem a cidade da sua infância, do tempo de meninice, das traquinagens, da ousadia, da liberdade, mas também do cerceamento, das privações,

principalmente quando se vem de uma infância pobre. E mesmo que não seja a terra natal, aquela em que nascemos, há sempre um lugar do passado ao qual nos conectamos. Recife foi esse lugar para Manuel Bandeira. Itabira para Carlos Drummond de Andrade. Jataí para Leodegária de Jesus e a Cidade de Goiás para Cora Coralina. Evocadas pela memória, essas cidades ressurgiram poeticamente, trazendo à tona lembranças de uma época distante, de um pretérito imperfeito que perdurou no tempo, fazendo emergir os mais recônditos sentimentos, sejam eles de emoção, alegria, sejam de dor, sofrimento.

No poema “Minha Cidade”, o segundo do livro *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais* (2008), o eu lírico se dirigiu à sua terra natal, interpelou-a pelo vocativo Goiás, personalizou-a. Um chamamento no tempo da enunciação<sup>29</sup>, presentificado pela voz de Cora Coralina quando do seu retorno às origens, quarenta e cinco anos depois de ter partido para terras distantes, levando no ventre o fruto de suas ousadias, a gestação de um sonho, de novos desejos de vida. Nesse retorno, ela evocou a cidade, fez um apelo a esse lugar, que fora a testemunha de sua meninice, para trilhar com ela o percurso da volta e, juntas, a cidade e Cora Coralina, pudessem se encontrar com Aninha e suas vivências.

Na direção oposta a Ítalo Calvino no que se refere à construção de toda uma cartografia de cidades imaginárias<sup>30</sup>, a cidade que Cora Coralina cantou em seus versos é real, composta por becos, ruas estreitas, atravessada pelo Rio Vermelho. Por outro lado, em consonância com o escritor quanto à ideia de cidade evocada, feita por lembranças, por sensações, experiências, Cora Coralina também teceu a Cidade de Goiás no tempo da sua infância, a partir de suas reminiscências, tornando-a ser de linguagem. Ao voltar a seu berço natural, após longa estada em outras paragens, a poetisa foi ao encontro de Aninha. Ambas cantaram “com ternura/ todo o errado” (PBG, 2008, p. 93) de sua terra.

E tal qual Marco Polo, o veneziano viajante, a poetisa explorou cada beco de sua terra natal, cantou suas belezas naturais, sua gente, expôs suas contradições, fragilidades e mazelas. Com isso, teceu também a cartografia de sua cidade pelo discurso, revelando suas múltiplas facetas e as imagens de um tempo histórico e social do espaço urbano do

---

<sup>29</sup> Para Bakhtin (1990), Benveniste (1989) e Ducrot (1987), a enunciação e o enunciado são termos importantes para o campo da linguagem. A enunciação diz respeito à atividade social e interacional por meio da qual a língua é colocada em funcionamento por um enunciador (no caso do texto literário, o autor), tendo em vista o enunciatário, isto é, o interlocutor ou o leitor. O enunciado (o texto escrito, falado) na verdade é o resultado da enunciação. Vale destacar que a noção de enunciação pode apresentar variações de conceituação, a despeito da abordagem teórica utilizada.

<sup>30</sup> Ítalo Calvino escreveu *As Cidades Invisíveis* no ano de 1972. Curiosamente, o livro é formado por cinquenta e cinco cidades e todas receberam o nome de mulheres. As cidades ganharam vida por meio de uma espécie de simbiose entre esses espaços e o eu a partir do diálogo entre o veneziano, viajante, Marco Polo e Kublai Kan, o imperador dos Tártaros.

interior do Brasil. De acordo com Thaise Monteiro daSilva Melo<sup>31</sup> (2014, p. 78), o sujeito lírico coraliniano, ao tecer cada um dos elementos de sua cidade, reconheceu a si mesmo nos espaços constitutivos desse lugar, “projetando-se sentimentalmente em cada um deles, tanto que afirma “ser” alguns desses elementos”. E como mencionado, a cidade representada por Cora Coralina é um ser de palavras, constituído de gentes. A poetisa uniu as imagens do espaço urbano real às “suas impressões pessoais, resultando numa cidade outra, fruto de sua criação, que por meio de um processo estético ganha um outro corpo, constituído por outro material que não concreto e tijolos, e sim por palavras” (2014, p. 36).

Ao adentrar na cidade, Cora Coralina enredou-se no moinho do tempo de suas lembranças e se encontrou com Aninha, a menina “feia da ponte da lapa”. Fez isso percorrendo as “ruas estreitas, curtas, indecisas” de sua cidade. E conforme mencionado, em cada cantinho, beco, sobrado, muro, casas, árvores, morros, rio a poetisa foi tecendo o mosaico de suas infâncias. Nesse sentido, de acordo com Halbwachs (1990, p. 92), no reencontro com a cidade, “a imagem do meio exterior e das relações estáveis que [a pessoa] mantém consigo passa ao primeiro plano da idéia [sic] que faz de si mesmo”. Nesses moldes, Aninha/Cora e a Cidade de Goiás formaram uma espécie de amálgama, uma simbiose conectando duas pontas da vida da escritora. As imagens exteriores do espaço urbano atravessaram a escrita coraliniana e foram partes constitutivas das vivências de Aninha e das reminiscências de Cora Coralina, estas, conectadas por vários fios.

A memória, nesse caso, foi se constituindo na relação social da poetisa com sua cidade, com suas gentes. De acordo com Ecléia Bosi (1994, p. 194), para a localização de uma lembrança não basta apenas um fio de Ariadne, “é preciso desenrolar fios de meadas diversas, pois ela é um ponto de encontro de vários caminhos, é um ponto complexo da convergência dos muitos planos do nosso passado”. Com uma diversidade de detalhes, Cora Coralina foi tecendo sua volta ao tempo da menina Aninha. A ponta da meada? a Cidade de Goiás.

---

<sup>31</sup> Ver mais em: MELO, Thaise Monteiro da Silva. **A representação da cidade na poesia de Bandeira, Drummond e Cora Coralina**. 2014. Dissertação – (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/4953/5/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Thaise%20Monteiro%20da%20Silva%20Melo%20-%202015.pdf> Acesso em maio de 2023.

Para o início do trajeto, o eu lírico chamou a atenção da cidade para si. Convocou-a a se lembrar dela. Afinal, depois de tanto tempo decorrido desde a sua partida na juventude, aos vinte e dois anos de idade, era preciso se apresentar novamente a essa cidade, assim o eu lírico se manifestou:

Goiás, minha cidade...  
 Eu sou aquela amorosa  
 De tuas ruas estreitas,  
 Curtas,  
 indecisas,  
 entrando,  
 saindo  
 uma das outras.  
 Eu sou aquela menina feia da ponte da lapa. Eu  
 sou Aninha. (PBG, 2008, p. 34)

O vocativo ‘Goiás’, seguido pelo pronome possessivo ‘minha’ e pelo adjetivo ‘amorosa’, denota uma expressão de clamor do eu lírico na tentativa de despertar a cidade para si, de fazê-la recordar da menina feia da ponte da lapa. O apelo sentimental à cidade se prolonga na cadência dos versos até o ápice em que o eu lírico faz a revelação de sua persona: “Eu sou Aninha” e também “aquela mulher/ que ficou velha, / esquecida, / nos teus larguinhos e nos teus becos tristes”. E para ajudar a cidade nesse processo de reconhecimento, na penúltima estrofe do poema, a voz lírica assim manifestou:

Minha vida,  
 meus sentidos,  
 minha estética,  
 todas as vibrações  
 de minha sensibilidade de mulher,  
 têm, aqui, suas raízes. (PBG, 2008, p. 36)

O excerto evidencia a importância da Cidade de Goiás para o eu lírico. Foi esse o lugar da constituição do seu ser mulher, de suas raízes. O lugar que foi testemunha de sua infância, da juventude e, por fim, da velhice. Não é por acaso que “Minha Cidade” se encontra disposto logo nas primeiras páginas de PBG. É o segundo poema da parte I do referido livro, para ser mais precisa. Essa tessitura poética foi o portal por onde Cora Coralina acessou a sua cidade natal já na ancianidade, depois de ter vivido em terras paulistas, tais como: Jaboticabal, Andradina, Penápolis e na grande São Paulo.

Nesse poema, a poetisa apresentou a origem de seu canto, uma de suas razões de fazer poesia. Para Goiandira Ortiz de Camargo (2006, p. 67), a Cidade de Goiás, louvada

nas nove estrofes desse poema, foi dimensionada de forma ontológica, isto é, humanizada, por meio da escrita coraliniana. Nesse espaço geográfico e cultural, Cora Coralina principiou o cântico da volta, “um canto de re-pertencimento à cidade, como se, para reintegrar-se a ela, precisasse identificar-se novamente, estendendo-se humanamente à sua imaterialidade”, numa espécie de entrecruzamento entre o eu poético e a cidade. Um trabalho de retorno feito pelo alinhavar de lembranças.

Encaixado ao exercício de rememorar vem também o de amadurecer e no intervalo entre os dois, conforme Sandra Jatahy Pesavento (2008, p. 95), o indivíduo “re-elabora o que viveu a partir do tempo transcorrido, no qual absorveu as decorrências da situação outrora experimentada”. Nessa reconstrução, passado e presente (Aninha/Cora Coralina) dialogam entre si via reminiscências que não são passivas, nem neutras.

Assim, pela palavra, juntando as pedras de suas vivências, Cora Coralina trouxe Aninha para o espaço do texto. Para trilharmos o caminho das infâncias de Aninha e, mais adiante, dos lugares de educá-las, é necessário abrir um parêntese para apresentá-la. Quem foi Aninha? Por onde iniciar este percurso? Pelo nascimento, infância, juventude, fase adulta dessa menina mal-amada/jovem escritora/formiga diligente? Assim, tão linear, tão cronológico? Parece o óbvio, pois, segundo Hobsbawn (1998, p. 34), somos seres históricos situados no “*continuum* de nossa própria existência, da família e do grupo a que pertencemos”. Todavia, na história, as linhas não seguem retas, em harmonia, para o mesmo ponto, mas via movimento de rupturas e discontinuidades, para usar a expressão de Marc Bloch (2002). É por essa via que vamos dialogando com Aninha e Cora Coralina.

A par dessas contradições e unindo as lembranças de Aninha às emoções que emergem pelo exercício de revisitar o passado feito por Cora Coralina, sexagenária, no tempo da enunciação, entendemos que essa volta pode embaçar o discernimento entre o vivido e o imaginado. No entanto, no terreno da literatura, conforme já evidenciado, a verossimilhança se encarrega da empreitada de manter a harmonia, o nexos nas representações do real. Acompanhemos, então, Cora Coralina pelos interstícios de suas lembranças, embora movediças “não pelos anos que já se passaram. Mas pela astúcia que têm certas coisas passadas – de fazer um balancê, de se remexerem dos lugares” (ROSA, 2001, p. 200). Foi assim, nos emaranhados da vida que Cora Coralina se apresentou. Então, vejamos quem foi Aninha/Cora Coralina:

Eu era uma menina **pobrezinha**,  
Como tantas do meu tempo.

Me enfeitava de colares,  
De grinaldas,  
De pulseiras,  
Das boninas dos monturos. (PBG, 2008, p. 100, grifo nosso)

Ao penetrar as camadas mais profundas de interpretação do texto coralíniano, deparamo-nos com um universo de sentidos camuflado numa aparente simplicidade. O adjetivo ‘pobrezinha’ abrange um campo semântico para além da ideia sutil que o termo carrega. Essa palavra no diminutivo<sup>32</sup>, além de revelar a condição socioeconômica vivenciada por Aninha no seu tempo de infância, direciona também a leitura para a ideia de infância negada, ‘espezinhada’, castigada. De uma infância pobre de amor, de atenção, de cuidados. Uma infância controlada, vigiada. Essa imagem de infância comparece no conjunto da obra poética de Cora Coralina.

Acerca de suas origens, a poetisa nos revelou que num ano longínquo, 1889, numa cidade distante, situada numa rebaixa de serra, entre serras e morros, de onde levaram o ouro<sup>33</sup> e deixaram as pedras, a Cidade de Goiás (PBG, 2008), num dia incerto, vinte, de um mês aziago, agosto, nascia uma criança (VC, 2013) na casa velha da ponte<sup>34</sup>. Recebera Anna como nome de batismo. Escolha da avó, devota de Sant’Anna, a padroeira da Cidade de Goiás. Em razão disso, Ana era um nome muito popular na cidade, como revelara Cora Coralina: “Quando nascia uma menina numa casa, davam-lhe logo o nome

<sup>32</sup> Na crônica “Diminutivo”, Luis Fernando Verissimo apresentou um conceito para esse termo que vale a reprodução: “O diminutivo é uma maneira ao mesmo tempo afetuosa e precavida de usar a linguagem. Afetuosa porque geralmente o usamos para designar o que é agradável, a aquelas coisas tão afáveis que se deixam diminuir sem perder o sentido. E precavida porque também o usamos para desarmar certas palavras que, na sua forma original, são ameaçadoras demais”. Percebemos que a compreensão de Verissimo acerca dos diminutivos vai além da visão reducionista apresentada nas gramáticas de um modo geral. Isso significa que a formação do diminutivo pelo sufixo -inho/-zinho é uma operação morfológica, abrangendo uma ampla significação que não se desenvolve de forma literal, reta, mensurável. Seus sentidos estão atrelados à leitura, ao contexto, ao tempo histórico.

Disponível em: <http://intervox.nce.ufrj.br/~jobis/l-dimi.htm>. Acesso em maio de 2023.

<sup>33</sup> Nessa passagem, o eu lírico fez uma alusão ao Quinto Real, um imposto cobrado pela Coroa Portuguesa sobre todo o ouro encontrado nas colônias, evidenciando o que restou à cidade depois da intensa exploração desse metal precioso. Da Cidade de Goiás levaram-se o ouro e deixaram as pedras, essa é uma denúncia da situação de penúria relegada à cidade.

<sup>34</sup> De acordo com Ebe Maria de Lima Siqueira (2017, p. 53), a poetisa afirmara que a casa velha da ponte “teria sido construída no ano de 1732 a pedido do representante da Coroa Portuguesa, Sr. Tebas Ruiz, para a arrecadação do Quinto Real. Oficialmente, em documento encontrado no acervo da Real Fazenda da Província de Goiaz, guardado no Museu das Bandeiras, confirma-se ter sido adquirida no ano de 1825, pelo português João José do Couto Guimarães, que por ela pagou o valor de um conto, duzentos e vinte e oito mil e quatrocentos réis”. SIQUEIRA, Ebe Maria de Lima. Anna Lins dos Guimarães Peixoto Bretas. In: **Dicionário de educadores e educadoras em Goiás: séculos XVIII - XXI / Diane Valdez (Org.)**. – Goiânia: Editora Imprensa Universitária, 2017. Disponível em:

[https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/688/o/ebook\\_dicionario\\_educadores.pdf](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/688/o/ebook_dicionario_educadores.pdf) Acesso em jan. 2023.

de Ana; nascia outra, era Ana, de modo que a cidade era cheia de 'anas': Aninha, Anica, Niquita, Niquinha, Nicota, Doca, Doquinha, Doquita... Tudo isso era Ana”<sup>35</sup>.

Com o passar dos anos, Aninha, a menina pandorga de pernas moles se levantou “com seu próprio esforço” e se tornou uma mulher como outra qualquer, trazendo consigo todas as vidas (PBG, 2008). Embora filha de personalidades importantes, de Dona Jacintha Luiza do Couto Brandão Peixoto e de Francisco de Paula Lins dos Guimarães Peixoto, desembargador, nomeado por Dom Pedro II para atuar no Tribunal de Relações de Goiás, Aninha não teve uma infância idílica. Pelo contrário, essa fase da vida foi marcada por muitas privações, conforme ela mesma confidenciou em alguns poemas que constam nos três livros em estudo. Alguns fatores contribuíram para isso, tais como: a perda do pai quando ela tinha meses de vida e a indiferença da mãe que vivia isolada em seu mundo de frustrações, de leitura e de negócios (VC, 2013). Assim, “sem carinho de Mãe. / Sem a proteção de pai”, Aninha criou seu mundo particular, imaginário e viveu uma infância engenhosa no quintal da casa velha da ponte e nas terras do avô, a fazenda Paraíso.

Já demonstramos que a poetisa nasceu em um ano emblemático, um período histórico brasileiro de grandes movimentações políticas, econômicas, educacionais e sociais decorrentes da abolição da escravatura e da Proclamação da República. Esse contexto, associado à falta paterna, marcou a infância de Aninha tanto pelo viés econômico quanto familiar. Ao nascer, frustrou as esperanças de Dona Jacintha de ter um filho varão para assumir as rédeas da casa na ausência certa do patriarca cuja doença era irreversível. Esse foi o princípio das agruras enfrentadas pela menina Aninha. Ela se sentia sempre a excluída da casa. Das quatro filhas de Dona Jacintha, era sempre a secundária, ocupando o pior lugar entre elas, conforme retratou o eu lírico no poema “Minha Infância”: “Éramos quatro as filhas de minha mãe. / Entre elas ocupei sempre o pior lugar. / Duas me precederam – eram lindas, mimadas...” (PBG, 2008, p. 168).

Vários poemas dos livros selecionados evidenciaram os dissabores sofridos pela menina Aninha. Em *Meu Livro de Cordel*, a autora carregou a tinta ao trazer uma de suas dolorosas reminiscências: a perda do pai. Assim revelou o eu lírico no poema “Meu pai”:

---

<sup>35</sup> Entrevista veiculada no programa “De lá pra cá”, da TV Brasil no ano de 2009. O programa foi feito em homenagem aos 120 anos de nascimento de Cora Coralina. Durante a veiculação dos quadros, aparece a gravação de algumas passagens de entrevistas feitas a Cora Coralina a TVE. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=oQj6wB\\_HGK4](https://www.youtube.com/watch?v=oQj6wB_HGK4). Acesso em maio de 2023.

Meu pai se foi com sua toga de Juiz.  
 Nem sei quem lhe vestiu.  
 Eu era tão pequena,  
 mal nascida.  
 Ninguém me predizia – vida.  
 Nada lhe dei nas mãos.  
 Nem um beijo,  
 uma oração, um triste ai.  
 Eu era tão pequena!...  
 E fiquei sempre **pequenina** na grande falta que me fez meu pai.  
 (MLC, 2012, p. 70, grifo nosso)

Novamente, a poetisa recorreu ao diminutivo como um operador de subjetividade na constituição do tempo da infância de Aninha, ‘a menina abobada, rejeitada’. No verso, o uso da antítese “sempre *pequenina* na *grande* falta [...]” criou uma dimensão simbólica do que a ausência paterna causou para a menina. Sozinha na vida, “desamada, indesejada desde sempre” [...] / ia crescendo, / lá pelo terreiro, / suja, desnuda, sem carinho e descuidada, / sempre aos trambolhões” (VC, 2013, p. 114 - 115). Com o emprego do “fiquei sempre pequenina”, temos a ideia de que as interdições sofridas na infância e que se fizeram presentes em outros momentos da vida de Aninha a tivessem estagnado no tempo. Não foi o caso. A trajetória de feitos da poetisa ao longo da vida evidenciou o contrário. Ela se tornou uma jovem literata, admirada nos meios intelectuais de mando masculino e ainda traçou seu próprio destino para além da casa patriarcal.

Embora fosse influente na Cidade de Goiás, a família de Cora Coralina enfrentou sérios problemas econômicos<sup>36</sup>. Aninha vivenciara o tempo em que a pobreza rondava os vilaboenses de classe até então mais abastada. Ela registrou a atitude das mulheres goianas para contornar a situação econômica precária e de escassez pela qual estavam passando. Podemos abstrair dos excertos a seguir a força dessas mulheres que não se deixaram abater pela falta do masculino no recinto do lar nem se mostraram frágeis. Pelo contrário, elas travaram uma luta obscura, trabalharam em diversas atividades para salvar a casa da miséria, conforme podemos perceber nos seguintes trechos do poema “Moinho do Tempo”:

No pilão, no tacho,  
 Fundindo velas de sebo, no ferro de brasas de engomar.  
 Aceso sempre o forno de barro.  
 As quitandas da salvação, carreando pelos taboleiros

<sup>36</sup> Conforme mencionado, a família de Cora Coralina era proprietária de terras e de escravos. Porém, com a perda do pai e com a abolição da escravatura, a falta de mão de obra desencadeou problemas financeiros para a família que teve que se mudar para as terras do avô da poetisa: a fazenda Paraíso. E mesmo em situação econômica fragilizada, os Couto Brandão possuíam o poder simbólico da tradição, por isso, integavam a elite goiana do período.

Os abençoados vinténs, tão valedores, indispensáveis.  
 Eram as costuras trabalhadas,  
 [...]  
 A reforma do velho, o aproveitamento dos retalhos.  
 Os bordados caprichados, os remendos instituídos,  
 Os cerzidos pacientes...  
 Tudo economizado, aproveitado. (VC, 2013, p. 33-34)

Ao assumirem o controle da situação para garantir o sustento da casa, as mulheres, mesmo de forma comedida e com muito trabalho, conseguiram romper a esfera do lar, tomaram muitas decisões que eram exclusivas ao patriarca. No mesmo poema, o eu lírico criticou a classe média da qual Aninha fazia parte. Embora sofrendo os revezes da economia, a classe média, coagida, procurava a todo custo “manter as aparências de decência e compostura / preconceito, / sustentáculo da pobreza disfarçada. / Classe média do após treze (13) de maio. / Geração ponte, eu fui, posso contar” (VC, 2013, p. 34). Como alguém que vivenciou esse período, Cora Coralina tinha propriedade para falar de um tempo histórico de sua cidade e do que não era conhecido por todos. Para isso, ela delegou a Aninha a sua voz como a guardiã tanto da memória individual quanto coletiva. Numa perspectiva benjaminiana, Cora Coralina poetizou os acontecimentos sem estabelecer a distinção entre os grandes e os pequenos, levando em conta “a verdade de que nada que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história (BENJAMIN, 1991, p. 14).

Com o olhar distanciado, ao tecer cada vocábulo no emaranhado da memória, a poetisa goiana retomou o seu passado, reinterpreto-o e evidenciou uma realidade social e histórica de fim da escravidão e instauração da República<sup>37</sup>. A reconstrução desse passado e das agitações sociais que dele emergiam foi possível porque ela viveu esse contexto histórico denominado por ela de geração ponte.

Nesse sentido, Aninha foi a estratégia discursiva de Cora Coralina, a testemunha de um “tempo para sempre perdido”, mas reconstruído por experiências da infância e da juventude, como veremos na próxima parte. Para Drummond, Aninha/Cora Coralina é a estrada por onde passam o Brasil velho, o da infância de Aninha, e o atual, o de Cora Coralina. Nessa estrada poética passam também o menor abandonado, o pequeno delinquente, os filhos e filhas das lavadeiras e os miseráveis de ontem e de hoje.

---

<sup>37</sup> Nesse período, a Cidade de Goiás já vinha passando por alguns revezes econômicos desencadeados pela decadência do ciclo do ouro e também pela deficitária produção agropastoril.

Na singeleza do verso, as mais duras realidades foram retratadas, não apenas as vivenciadas por Aninha, mas por toda uma coletividade. E com Drummond, entendemos que as carências passadas no tempo da infância aguçaram a percepção solidária e sensível da poetisa para as dores humanas. E isso veio expresso no conjunto de sua obra poética. Em seus poemas não há, portanto, a presença de sentimentalismo forjado, mas de consciência de seu estar no mundo e da vida em suas contradições e complexidades.

Ao focalizar seu tempo de criança pequena, a poetisa goiana de forma crítica e até mesmo irônica desmistificou a visão romântica de infância. De acordo com Drummond, a poetisa remontou a infância de Aninha, mas não a ornamentou com “flores falsas”. Pelo contrário, expôs as mazelas sofridas pela menina desde o nascimento. Ela era “o retrato vivo do velho pai doente”, uma menina de rosto empalamado / De pernas moles, caindo à toa” (PBG, 2008, p. 128). As mágoas de infância, a ideia de abandono, a ausência de afetividade da família, exceto por parte da bisavó e da tia Nhorita, apareceram tanto nesse poema quanto em tantos outros. Criada à moda antiga, por meio de “ralhos e castigos/ Espezinha, domada”, dera trabalho para se enquadrar aos ditames dos adultos carrancudos.

Os rigorosos “preconceitos familiares, normas abusivas de educação” tentavam emparedar a criança Aninha “na quietude sepulcral da casa [...]”. Era proibida de tudo que incomodava os adultos como “a risada franca, o grito espontâneo, a turbulência ativa das crianças” e as brincadeiras na rua, a “atração lúdica, anseio vivo da criança, mundo sugestivo de maravilhosas descobertas” (PBG, 2008, p. 168-173). Todavia, o quintal da casa da ponte era o seu mundo particular da imaginação. Lá ela “engenhava coisas, inventava convivência com cigarras / descia na casa das formigas, brincava de roda com elas, / [...] trocava anelzinho” (VC, 2013, p. 120). Nesse enorme quintal das maravilhas, os sentidos, as impressões de Aninha ganharam vida e constituíram o jeito coraliniano de ser. Tudo isso foi moldando a poetisa.

Em razão das dificuldades econômicas, a família Couto Brandão precisou se mudar da casa velha da ponte. O aluguel do estabelecimento seria um afago nas deficitárias economias da família. A fazenda Paraíso, propriedade do avô de Cora, foi o destino escolhido. Assim, Aninha, conforme Siqueira (2017, p. 54), mudou-se “com a família aos onze anos de idade, interrompendo seus estudos, tendo cursado apenas dois anos da escola primária, segundo seus relatos”. Nessas grandes terras de Sesmaria, o “forno de barro estava sempre aceso / e a copa e a mesa das refeições transbordavam da fartura / e da abundância da casa grande” (VC, 2013, p. 64). Na fazenda Paraíso, Aninha

viveu um universo próprio, único. Um tempo de abundância, bem o oposto do que ela passara na casa velha da ponte. De acordo com o eu lírico, na casa do avô “comia-se com vontade [...] / à moda velha. Repetia-se o bocado, rapava-se o prato” (2013, p. 91). Sem falar no “quintal, nos engenhos, o goiabal, os cajueiros, / o rego-d’água”. E mesmo vivendo sob os preceitos da figura rígida e patriarcal do avô, o tempo da infância na fazenda Paraíso foi para a menina Aninha idílico, um rito de passagem, de muitas aprendizagens com os causos e histórias que ouvia da bisavó Antônia. Ela foi a responsável por colocar a poetisa no curso da história oral e das tradições e dos costumes de um determinado tempo histórico.

Dona Antônia levava Aninha a um mundo misterioso dos causos que faziam parte do universo ancestral daquela família e de uma coletividade. Conforme Siqueira (2017, p. 55), tudo indica que a verve da oralidade, um dos pontos fortes das poesias coralinianas, “tenha vindo da convivência com as duas bisavós: Antônia Maria do Couto Brandão (mãe Yayá) e Vicência Pereira de Abreu (vó Dindinha). Ou das narrativas de sua mãe de leite, a ex-escrava mãe Didi, e de sua tia Maria Vicência do Couto Brandão (Tia Nhorita).

Segundo Halbwachs (1990), ao entrar em contato com os avós/bisavós, a criança é levada a um passado ainda mais remoto, a uma memória que vem das gerações mais velhas, mais distantes. Nesse caso, o contraponto entre o tempo da bisavó com o da geração mais nova, do tempo de Aninha, tornou possível a relação do presente com o passado. De algum modo, a pessoa idosa está impregnada da história de um tempo, de uma sociedade antiga “que se destaca em nossa memória não como uma aparência física um pouco apagada, mas com o relevo e a cor de um personagem que está no centro de todo um quadro que o resume e o condensa” (1990, p. 44-45). A pessoa idosa coloca a criança em contato com a história de outros tempos, de outras realidades. Aninha se deleitava com as histórias contadas pela bisavó, assim nos revelou o eu lírico no poema “Estória do Aparelho Azul Pombinho”:

Minha bisavó – que Deus a tenha em bom lugar –  
 inspirada no passado  
 sempre tinha o que contar.  
 Velhas tradições. Casos de assombração.  
 Costumes antigos. Usanças de outros tempos.  
 Cenas da escravidão.  
 Cronologia superada  
 [...] (PBG, 2008, p. 49)

O poema faz uma evocação à bisavó que, segundo Edison de Abreu Rodrigues<sup>38</sup> (2020, p. 30), era uma persona, “fonte inesgotável de histórias impregnadas de Histórias, todas inspiradas num passado permeado de aventuras e de personagens de toda sorte que, em tempos idos, fizeram parte não apenas do cotidiano da infância da autora, mas também do cotidiano de um país”. Desse poema, podemos extrair inúmeras categorias temáticas da história de Goiás do século XIX, como a economia baseada na mão de obra escrava, o transporte feito pelos tropeiros, o acesso a Goiás, o poder da igreja, a organização patriarcal - a mulher nesse contexto, que desde pequena era preparada para o casamento, conforme nos revelou o eu lírico sobre a filha da bisavó, uma

Sinhazinha de catorze anos – fermosura.  
 Prendada. Faceira.  
 Muito certa na Doutrina.  
 Entendida do governo de uma casa  
 e analfabeta.  
 Diziam os antigos educadores:  
 “- Mulher saber ler e escrever não é virtude”.  
 (PBG, 2008, p. 52)

Observamos nessa passagem um tom crítico em relação à subserviência da mulher ao mando patriarcal. Desde a infância, Aninha também fora ensinada a aceitar tais valores, a entender que o papel da mulher nesse tipo de sociedade estava atrelado à obediência ao marido, a governar bem a casa, a criar filhos. Ela aprendera que a instituição casamento era o único meio de a mulher se fazer respeitada naquele contexto e que saber ler e escrever não era uma virtude. Como portadora dos costumes de um tempo, a bisavó de Cora compartilhava dessa visão de mundo.

A história contada pela bisavó e recontada por Cora Coralina foi construída a partir de certa atemporalidade tanto da bisavó que, num passado mais longínquo, viveu e reviveu o acontecido no enunciado, quanto da poetisa ao recontar no tempo da enunciação o passado de Aninha, as emoções desencadeadas pela ação de ouvir a bisavó. Toda essa construção imagética se presentifica no ato da leitura, proporcionando uma viagem metafórica a quem lê o poema. Concordamos com Rodrigues (2020) em sua análise

---

<sup>38</sup> Ver mais em: RODRIGUES, Edison de Abreu. **O fogão, o quintal e a escrivaniha**: estudo comparativo entre a literatura de Cora Coralina e a de Manoel de Barros. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-15032021-123655/pt-br.php> Acesso em maio de 2023.

acerca dessa atemporalidade. De acordo com o autor, independente da realidade do tempo da leitura, “mesmo uma criança, na era digital, em pleno século XXI, pode ser transportada poeticamente” para o lugar ocupado pela bisavó de Cora e vivenciar o não-vivido por meio da representação minuciosa da história.

Assim, na fazenda Paraíso, mergulhada numa história e outra, em contato com a natureza, Aninha fez uma ponte entre o tempo da infância, recheado de compotas, de brincadeiras na fogueira e de muitos causos, ao tempo da juventude. Nesse universo, gradativamente, ela foi passando de menina chorona, moleirona, à menina malina, exibida, *detraquê* e, enfim, a uma jovem fazedora de amanhecer, para usar o termo de Manoel de Barros. Enfim,

na fazenda do avô, entre os 11 e 14 anos de idade, Anna Lins vai viver intensamente sua atividade de leitora e, a partir dessa experiência, por um processo de autodidaxia, passa da condição de leitora à condição de escritora. Embora privada do convívio urbano, a matriarca não deixa que falte à família farto material de leitura, que tem entre suas fontes os livros do Gabinete Literário e jornais de grande circulação, como *O País*, *O Malho*, *a Careta*, *o Fon-fon*, *o Jornal do Comércio*. (SIQUEIRA, 2017, p. 54-55)

Imersa num mundo de leituras e escritas, Aninha venceu as faltas, as negações, o desamor na família, as limitações e, assim, foi gestando dentro de si “um mundo heróico [sic], sublimado, / superposto, insuspeitado, / misturado à realidade” (PBG, 2008, p. 171). Dessa forma, conseguiu recriar a vida, movimentar-se num longo processo de gestar a si mesma. Essa ideia nos remete às reflexões de Riobaldo em *Grande Sertão*: veredas, de Guimarães Rosa (2001, p. 39), a saber: “o mais bonito do mundo é isto: Que as pessoas não estão sempre iguais, Ainda não foram terminadas – Mas que elas vão sempre mudando”.

### 1.3 - O tempo do *Vintém de Cobre*<sup>39</sup>: Aninha e infâncias outras

---

<sup>39</sup> Data do século XVIII o início da povoação do Arraial de Sant’Anna, mais tarde denominado de Vila Boa de Goiás, sede do governo da nova capitania e, atualmente, Cidade de Goiás. A descoberta de veios auríferos no Rio Vermelho e região foi o motivo para os colonizadores efetivarem o projeto de ocupação do território goiano. Os registros da história oficial de Goiás colocaram como marco do surgimento desse estado a chegada dos bandeirantes paulistas em busca do ouro abundante na região. Todavia, essa história desconsiderou os povos indígenas de distintas etnias e origens linguísticas diversas que habitavam as terras goianas muito antes de os bandeirantes a ocuparem.

A representação que Cora Coralina teceu acerca de sua infância foi moldada por uma visão particular dos acontecimentos vividos por Aninha. Uma menina branca, oriunda de uma família de classe média que à época, por motivos diversos, passava por sérios problemas econômicos. Ao retratar as vivências de Aninha nesse contexto histórico, a escrita poética coraliniana vem atravessada também das vivências de uma coletividade de final do século XIX, no interior, ou melhor, no coração do Brasil. Nesse sentido, Cora Coralina usou a escrita para interrogar/problematizar não apenas o seu passado, mas também o da sociedade de sua época de menia. Na esteira dos princípios bakhtinianos de interação verbal, essa escrita, voltada para a emancipação e para o encontro dos tempos da vida, de problematizações é, segundo Leyla Perrone-Moisés (2005, p. 33, grifos da autora), um ato intransitivo, ambíguo, pois “mesmo quando ela afirma, não faz mais do que interrogar. Sua “verdade” não é uma adequação a um referente exterior, mas o fruto de sua própria organização, resposta provisória da linguagem a uma pergunta sempre aberta”.

Nessa perspectiva, Cora Coralina, em sua estética literária, tecida no complexo ritual da escrita, construiu simbolicamente o mundo, as relações, a vida. Tal qual os demiurgos gregos, a poetisa conseguiu modelar simbolicamente seu mundo, retratando os fatos cotidianos e as experiências individuais dos sujeitos sem representatividade social. Insere-se nesse contexto, a criança, que subjugada à mão forte do patriarcalismo era sempre a culpada, a humilhada, a infeliz. Bastava a menor falha, o menor delito para ter a “orelha torcida, murro na boca, na cara, / nariz sangrando. Indefesas...” (VC, 2013, p. 126).

Os poemas de Cora Coralina, de acordo com Goiandira Camargo (2006, p. 67), “equilibram realização poética formal com as raízes que sustentam a sua poesia”. Nesse exercício poético, vão sendo construídas as representações sobre o mundo a partir de um imaginário revelador de realidades diversas, situadas historicamente. Para Sandra Jatthy Pesavento (2008, p. 39), essas representações “são matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coerciva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade.” Acerca dessa questão, voltemos ao poema “O Mandrião”. O eu lírico, ao acompanhar de perto as vivências de Aninha, construiu representações de uma infância cerceada, humilhada, conforme exposto:

[...]

Eu tinha um mandrião...  
 Eu vestia um antigo mandrião  
 recortado e costurado para mim  
 de uma saia velha  
 da minha bisavó.

Eu brincava, rodava, virava roda,  
 e o antigo mandrião se enchia  
 de vento balão

Aninha cantava, desentoadada, desafinada,  
 boba que era.  
 Meu mandrião, vento balão,  
 roda pião, vintém na mão.  
 Os grandes exploravam.

Irônicos, sarcásticos.  
 “Faz caramujo, Aninha.”  
 Aninha, a boba,  
 rolava no chão,  
 fazia caramujão.  
 Riam e diziam:  
 “é boba mesmo.”  
 (VC, 2013, p. 29-30)

A teia discursiva que envolveu o conjunto do poema colocou em evidência duas pessoas do discurso: ‘eu’ – primeira pessoa do singular, quem fala; e ‘ela’, a terceira pessoa do singular – de quem se fala. Quando há a ocorrência da primeira pessoa, como em “Eu brincava, rodava, virava roda, / e o antigo mandrião se enchia / de vento balão”, percebemos que Cora Coralina imerge nesse tempo, extrai dele suas vivências de menina, dispondo-as no espaço da enunciação. Um tempo marcado pelos verbos no pretérito imperfeito, dando ideia de continuidade de uma infância que foi eternizada na escrita. Nessa passagem, deparamo-nos com uma menina alegre, imaginativa, alheia aos dissabores a sua volta.

No entanto, quando já não é mais o ‘eu’ quem fala e sim de quem se fala, ‘ela’, Cora Coralina se colocou como uma expectadora de si mesma. Nessa posição, a poetisa conseguiu vislumbrar as agruras pelas quais passavam Aninha, como a exploração de sua ingenuidade pelos grandes, ou seja, os adultos. Nesse jogo discursivo, Cora Coralina conseguiu criar uma aproximação das pessoas leitoras com Aninha, uma espécie de adesão e de repulsa em relação às atitudes dos grandes com os pequenos.

Nesse processo de construção da linguagem poética, não podemos perder de vista que Cora Coralina foi uma pessoa essencialmente social, historicamente concreta e definida no tempo e no espaço. Logo, o seu discurso é também uma linguagem social,

ideológica, no sentido bakhtiniano (2010) do termo. Nessa perspectiva, o trabalho de tessitura com a linguagem, construído ao longo dos poemas, insere quem os lê na teia discursiva alinhavada pelo eu lírico, aproximando o ato de leitura ao ato de escrita, ou melhor, do ponto de vista de quem escreve.

Para alegrar os adultos, “Aninha cantava, desentoadada, desafinada, / boba que era”. Essa adjetivação vem carregada de certa mágoa do eu lírico/ Cora Coralina que ao rememorar sua infância a percebe como um tempo de agruras. A memória dessa fase possibilitou a relação do corpo presente, o de Cora Coralina, com o do passado, o de Aninha, interferindo na construção da representação da infância. Isso foi possível porque,

pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, ‘desloca’ estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente, oculta e invasora. (BOSI, 1994, p. 46-47, grifo da autora)

Enquanto Cora Coralina do presente reconheceu as adversidades de sua infância, Aninha do passado não tinha a consciência de que estava sendo motivo de chacota entre os adultos que a cercavam. Ela não se achava boba, mas feliz, protegida pelo mandrião da bisavó. Cora Coralina, pelo contrário, já no tardar da vida, sabia exatamente qual era a intenção daquela gente irônica, sarcástica que pedia para Aninha fazer caramujo, “Aninha, a boba, / rolava no chão, / fazia caramujão. / Riam e diziam: / “é boba mesmo.” (VC, 2013, p. 30). Talvez, por esse motivo, e antes que o tempo passasse tudo a raso (PBG, 2008), a poetisa tenha usado a escrita em defesa de Aninha. Era preciso compartilhar as experiências de suas infâncias, suas dores, enfrentamentos, alegrias.

Nesse jogo, o eu lírico construiu uma espécie de ponte entre a Cora Coralina, já na ancianidade, isto é, na outra ponta da vida, e Aninha, no tempo da infância. Nessa conexão temporal construída via rememoração lírica, não há uma imagem idealizada da infância, ao contrário, o eu lírico nos apresentou as vicissitudes enfrentadas nessa fase das vivências de Aninha e das infâncias de seu tempo. Um tempo em que

[...]

Todo o ranço do passado era presente.

A brutalidade, a incompreensão, a ignorância, o carrancismo.

Os castigos corporais.

Nas casas. Nas escolas.

Nos quartéis e nas roças.

A criança não tinha vez, os adultos eram sádicos aplicavam castigos

Humilhantes.  
[...] (MLC, 2012, p. 53)

O trecho acima foi extraído do poema “Cora Coralina, quem é você?”, que consta em *Meu livro de Cordel*, publicado originalmente no ano de 1976. Essa publicação se deu onze anos após *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais* (1965), o primeiro livro da poetisa goiana. Nesse excerto, o eu lírico fez emergir um tempo em que as infâncias, em muitos casos, estavam subjugadas à brutalidade, à incompreensão, à ignorância, aos castigos corporais que provinham de casa e se estendiam para as demais instituições sociais, sobretudo, a escola.

No tempo da infância de Aninha, conforme revelou o eu lírico, a criança “não valia mesmo nada. / A gente grande da casa / usava e abusava / de pretensos direitos / de educação (PBG, 2008, p. 39). Para as crianças, castigos. Para as visitas agrados, respeito, estima e até “um bolo assado na panela / com um testo de borralho em cima”. O eu lírico no poema “Antiguidades” (PBG, 2008, p- 38-40) deixou transparecer toda uma carga de frustrações e sentimento de mágoa, de revolta com atitudes dos adultos da casa no tratamento dado às crianças.

Quando eu era menina  
bem pequena,  
em nossa casa,  
certos dias da semana  
se fazia um bolo,  
assado na panela  
com um testo de borralho em cima.

Era um bolo econômico,  
como tudo, antigamente.  
Pesado, grosso, pastoso.  
(por sinal que muito ruim.)

Eu era menina em crescimento.  
Gulosa,  
abria os olhos para aquele bolo  
que me parecia tão bom  
e tão gostoso.

A gente mandona lá de casa  
cortava aquele bolo  
com importância  
com atenção.  
Seriamente.  
Eu presente.  
Com vontade de comer o bolo todo.

Era só olhos e boca e desejo  
daquele bolo inteiro.

Minha irmã mais velha  
governava. Regrava.  
Me dava uma fatia,  
tão fina, tão delgada...  
E fatias iguais às outras manas.  
E que ninguém pedisse mais!  
E o bolo inteiro,  
quase intangível,  
se guardava bem guardado,  
com cuidado,  
num armário, alto, fechado,  
impossível.

Era aquilo uma coisa de respeito.  
Não pra ser comido  
assim, sem mais nem menos.  
Destinava-se às visitas da noite,  
certas ou imprevistas.  
Detestadas da meninada.  
[...] (PBG, 2008, p- 38-40)

A descrição minuciosa do episódio do bolo como um desejo inalcançável para a menina Aninha evidenciou como as infâncias não tinham vez nem voz. O poder de mando era das pessoas adultas. Além da mãe, Aninha também tinha que obedecer à irmã mais velha que governava, regrava. Ao trazer essa reminiscência para o tempo da enunciação, Cora Coralina deixou transparecer os mais recônditos ressentimentos que as interdições dos adultos provocavam nas crianças. Para Cora Coralina do presente, aquele bolo econômico, pesado, grosso, pastoso era, por sinal, muito ruim. Todavia, para a menina Aninha, em fase de crescimento, gulosa, o bolo parecia tão bom e tão gostoso. Uma fatia delgada só intensificava a vontade de comê-lo todo. Mas, “não era pra ser comido assim, sem mais nem menos” porque se destinava às visitas da noite. Por isso, a aversão a elas, às visitas, que recebiam um tratamento diferenciado na casa, mesmo sendo ‘gentes’ empertigadas, ‘superenjoadas’. Todas elas, “certas ou imprevistas”, eram detestadas da meninada. No trecho a seguir, é possível sentir a ironia, o rancor, a mágoa que emanam da escrita coraliniana ao falar das visitas:

[...]  
Aquele gente antiga,  
passadiça, era assim:  
severa, ralheira.

Não poupavam as crianças.  
 Mas, as visitas...  
 -Valha-me Deus!...  
 As visitas...  
 Como eram queridas,  
 recebidas, estimadas,  
 conceituadas, agradadas!

Era gente superenjoada.  
 Solene, empertigada.  
 De velhas conversas  
 que davam sono.  
 Antiguidades...  
 (PBG, 2008, p. 40)

O eu lírico não entendia o porquê de tanta diferença de tratamento entre as crianças e as visitas. O que pensavam os adultos da casa para aturar aquela “gente superenjoada. / Solene, empertigada”? Era a lei da hospitalidade? A mania insana de manter as aparências a qualquer custo? São questionamentos que podemos extrair do poema analisado. As respostas? O eu lírico as constrói por meio de uma tênue ironia ao revelar os comportamentos contraditórios das pessoas adultas da casa. O que fica ao final do poema: a boca amarga, a tristeza de ver sobre a mesa “o prato vazio, onde esteve o bolo”.

Acerca dos castigos físicos e psicológicos praticados contra a criança do tempo histórico representado, de acordo com Gilberto Freyre (1996, p. 69), depois do corpo da criança escrava, o menino da casa também apanhava. “Era castigado pelo pai, pela mãe, pelo avô, pela avó, pelo padrinho, pela madrinha, pelo tio-padre, pela tia solteirona [...], enfim por toda uma sociedade de adultos. A tinta usada nos poemas que estamparam os maus-tratos às infâncias foi carregada com tons de denúncia da condição social da criança no período retratado. De acordo com o eu lírico, “criança não valia mesmo nada [...] / Nada era natural e os menores não tinham direitos. [...] / Tudo de melhor para os adultos / Para as crianças, prato feito, regrado, medido (VC, 2013, p. 124). E mais,

Entre os adultos, antigamente, a criança não passava  
 de um pequeno brinquedo. Não chegava a ser incômoda,  
 porque nem mesmo tinha o valor de incomodar.  
 Mal chegava aos quatro, cinco anos,  
 tinha qualquer servicinho esperando.  
 [...]

Era uma coisa restringida, sujeitada por todos os meios  
 discricionários  
 a se enquadrar dentro de um molde certo, cujo gabarito  
 era adulto.

[...]

“Toma propósito, menina”, era este o estribilho da casa,  
a criança tinha só cinco, seis anos e devia se comportar  
como tias e primas, as enjoadas filhas da vizinha,  
os moldes apontados.

Sem a compreensão de seus responsáveis, sem defesa e sem desculpas,  
vítimas desinteressantes de uma educação errada e prepotente que ia da  
casa à escola, passando por uma escala de coerções absurdas, a criança  
se debatia entre as formas anacrônicas e detestáveis de castigos e  
repreensões disciplinares,  
do puxão de orelhas ao beliscão,  
o cocre que tonteava, até as chineladas de roupa levantada em cima da  
pele, e não raro a palmatória.

Isso, sem falar nos piores, interessando a sua vida psico-patológica.  
Havia, ainda, disciplinas mais suaves e não menos impiedosas, como  
seja, ficar a menina sentada no canto de castigo,  
sua tarefa de trancinha ou abrolhos para amarrar,  
carta de ABC na mão,  
amarrados no pescoço, tempo esquecido, cacos de louça, acaso  
quebrada.

O menino peralta, artemio, inquieto, era contido na sua vivacidade e  
daninheza, como se dizia, amarrado no pé da mesa. (VC, 2013, p. 106-  
107)

Historicamente, essas situações apontam para o controle das infâncias com o objetivo de forjar a criança obediente, dócil, útil, domada. Esse contexto, final do século XIX e início do século XX, vem representado na poética coraliniana por meio das vivências de Aninha na infância. Um tempo de distanciamento entre as crianças e os adultos tal qual a separação demarcada entre a classe dominadora e a servil, conforme expôs Gilberto Freyre (1996). Fato que pode ser evidenciado no poema “Minha Infância” (Freudiana). Nos excertos retirados desse poema (PBG, 2008), notamos que a criança,

na quietude sepulcral da casa,  
era proibida, incomodava, a fala alta,  
a risada franca, o grito espontâneo,  
a turbulência ativa das crianças

[...]

Era também

Intimidada, diminuída. Incompreendida.

Atitudes impostas, falsas, contrafeitas.

Repreensões ferinas, humilhantes.

E o medo de falar...

E a certeza de estar sempre errando...

Aprender a ficar calada.

Menina abobada, ouvindo sem responder. (PBG, 2008, p. 170-171)

Os trechos acima trazem a representação de infância condizente com a etimologia do termo: *in fantia*, aquele que não fala, mas que é falado. Diante das atitudes impostas pelos adultos da casa, Aninha aprendera a ficar muda, “ouvindo sem responder”, deixando presa na garganta as palavras que só foram libertas por Cora Coralina através da escritura de seus poemas. Esse era o comportamento esperado das crianças, sobretudo, das meninas. A elas, segundo Gilberto Freyre (1996, p. 512), “negou-se tudo que de leve parecesse independência. Até levantar a voz na presença dos mais velhos. Tinha-se horror e castigava-se a beliscão a menina respondona ou saliente; adoravam-se as caladas, de ar humilde. O ar humilde das filhas de Maria”.

Podemos inferir nessas passagens a ideia de infância sob a perspectiva dos adultos e também da igreja, que, imbuídos de um projeto de sujeito civilizado, honrado, assumiam para si a responsabilidade de conter “a turbulência ativa das crianças”. Em muitos casos, os castigos físicos, psicológicos estavam entre os corretivos utilizados para moldá-las, civilizá-las. Ao tratar desse tempo da vida de Aninha, a Cora do momento da enunciação pintou o quadro dessas experiências com cores carregadas de tons de denúncia, de tristeza, de revolta.

Emergem de cada verso as dores e repulsas de um tempo de incompreensão acerca da criança e das infâncias. Nessa volta ao passado, via reminiscências, Cora Coralina expôs não apenas a vida de Aninha, mas também o tratamento que as crianças recebiam na sociedade goiana e brasileira, de um modo geral, regida pelo poder da igreja e do patriarcalismo. A criança não tinha vez no mundo dos adultos que “eram sádicos aplicavam castigos humilhantes” (MLC, 2012, p. 53).

É possível relacionar o tratamento dispensado às crianças no tempo da menina Aninha aos que Gilberto Freyre (1996) enumerou acerca do comportamento exemplar esperado da criança dentro de regime familiar patriarcal. Cerceada de toda a liberdade, ela não poderia se aproximar dos adultos, nem levantar a voz e se respondesse que fosse em voz baixa e que “como aos negros; desaparecesse da sala quando os grandes estivessem conversando; brincasse sem fazer assuada. Guardasse dos mais velhos uma distância de inferior, de subordinado, de subserviente” (1996, p. 180). As infâncias desse tempo eram reprimidas. Não recebiam dos adultos “nenhuma palavra de apoio, de estímulo, nenhum elogio. / Censuravam, ridicularizavam. Sadismos e masoquismo / Mancomunados. / Não ensinavam, determinavam, impunham, castigavam” (VC, 2013, p. 127). A disposição gradativa dos verbos, intercalados com substantivos de mesmo teor semântico, além de intensificar o ritmo no poema, possibilitou a construção da imagem

de uma infância que não foi idealizada, pelo contrário, realmente vivida, sentida com todas as suas dores, contradições e superações.

Numa perspectiva histórica, Cora Coralina, nos três livros selecionados para este estudo, ao narrar a sua infância, trouxe também a forma de organização das famílias de final do século XIX em Goiás e no Brasil, qual seja: a família de estrutura hierárquica patriarcal sustentada pela base ideológica da igreja. Nesse formato familiar, em que o discurso hegemônico da autoridade masculina era a lei, até um simples ato culinário deveria passar pelo crivo do senhor da casa, como o descrito na seguinte passagem:

[...]  
cheiro de ovo nas coisas boas que faziam,  
era defeito capital, censurado, castigado.  
O ovo tinha que ser batido até ficar daquele jeito  
aceito pelo paladar exigente e apurado dos homens da casa.

Estes tinham no tempo uma forma típica de rejeição ao  
menor deslize:

cruzavam os talheres, deixavam o prato ou a tigela,  
tomavam o chapéu e saíam sem palavra, quando não  
reagiam, duros.

As donas, responsáveis, sentiam a desfeita

[...] (VC, 2013, p. 125)

É possível perceber nesse excerto o silenciamento da voz feminina e sua submissão ao mando patriarcal. À mulher estava reservado o papel de esposa, mãe e sua função social era dentro do lar na governança desse espaço para que tudo saísse ao gosto exigente do homem. E, o menor deslize, como o cheiro de ovo nas coisas boas que faziam, era o suficiente para os homens da casa demonstrarem o autoritarismo: “cruzavam os talheres, / deixavam o prato ou a tigela, / tomavam o chapéu e saíam sem palavra”. Isso quando não reagiam de forma bruta, com violência contra a mulher, conforme denunciou o eu lírico. Dentro dessa estrutura, o comportamento de toda a casa era regido pela mão do patriarcalismo. Nesse contexto, convém destacar que o tipo de família representado se enquadra no mesmo nível social da autora. Ela também pertencia a uma família com características patriarcais, todavia, sem a presença do pai, do homem da casa, na maior parte do tempo.

Embora com problemas econômicos, a família de Cora Coralina teve acesso à cultura intelectualizada. A mãe de Cora, Dona Jacintha, além de ser considerada uma exemplar senhora da casa, cumprindo com rigor o que lhe cabia dentro de uma sociedade

patriarcal, era também uma assídua leitora de jornais, romances e livros diversos. Único deleite fora dos afazeres domésticos que, em alguns casos, era facultado às mulheres. Sobre essa questão, conforme estudos de Michelle Perrot (1998), a mulher burguesa do século XIX encontrava na leitura o acesso ao sonho, ao mundo, à história. Esse deleite furtivo, tolerado em raras exceções, abriu-lhe as portas do mundo, do universo exótico das viagens e erótico dos corações.

Cabe destacar, todavia, que o acesso ao prazer furtivo da leitura estava restrito a poucas mulheres daquele contexto. As que habitavam a casa velha da ponte, um casarão senhorial, tinham essa possibilidade. Nesse espaço, Aninha viveu parte de sua infância. Logo, é possível perceber as diferenças entre a meninice de Aninha com a das crianças de outras famílias, como as das “mulheres sem marido carregadas de necessidades, mães de muitos filhos largados pelo mundo que batem roupa nas pedras lavando a pobreza sem cantiga, sem toada, sem alegria” (MLC, 2012, p. 42). Mesmo nesse formato de família, é possível estabelecer uma correlação do tratamento do adulto com a criança. Tanto numa classe social mais abastada quanto numa menos favorecida, ela não era considerada como pessoa do discurso, aliás não passava de objeto, brinquedo.

No poema “Dolor”, o eu lírico trouxe a ideia de infância pobre, abandonada, maltratada. Uma infância negada, sem perspectivas de dignidade, de vida. O próprio nome da criança, Dolor, já prenuncia toda a carga semântica de sofrimento, de dor, de falta de carinho, de atenção, de cuidados com as crianças e suas infâncias. Nesse poema, a representação dessa fase da vida extrapolou a esfera do individual para o coletivo. A leitura do poema nos ajuda montar o retrato de muitas Dolores espalhadas por aí ao longo da história. Acompanhemos a *via crucis* de Dolor:

#### I

Criança pobre de pé no chão.  
Suja, rasgada, despenteada.  
Desmazelada.  
Criada à toa, de roldão.  
Cria de casebre, enxerto de galpão.

#### II

Não faz anos.  
Não tem bolo de velinhas.  
Não tem Natal.  
Não tem escola.  
Não tem banheiro.  
Não tem cuidados.  
Não tem carinho.  
Só tem milhões de vermes de amarelão...

## III

Assim, vive um pedaço de tempo.

Depois, morre.

No cemitério da cidade, a quadra de crianças se enche logo de comorozinhos iguais, iguaizinhos – de crianças pobres, desnutridas (pasto de vermes na vida) que vão morrendo de desnutrição. (MLC, 2012, p. 31)

Conforme representado no poema, para a infância pobre os maus-tratos e a violência eram mais acentuados. Esse poema nos remeteu ao conto “O menino que morreu afogado”, do livro *Ermos e Gerais* (1987), de Bernardo Élis. Nessa história, o narrador teceu reflexões diante da morte trágica e anunciada do menino pobre. De acordo com essa entidade narrativa, as infâncias pobres dos ermos de Goiás tinham o rio como a escola, a diversão, o mundo. Suas águas claras davam-lhes “o carinho que o trabalho não deixava a mãe lhes dar. Davam-lhes brinquedo que a falta de cobre negava. Para os meninos ricos, havia papai Noel. Para os da Rua da beira do rio, enchente” (1987, p. 99) e, em muitos casos, a morte. Conforme o exposto, no que se refere à infância goiana, as crianças pertencentes à classe social menos favorecida estavam à mercê das inúmeras dificuldades e faltas no que concerne aos direitos básicos de educação, saúde, lazer e outros.

Nesse mosaico de infâncias, encontra-se a menina Dolor e sua vida regrada, negligenciada pelas instituições (o estado, a igreja, a família) e pela sociedade cujo dever seria resguardar e proteger as infâncias, sobretudo, as mais frágeis. Tanto Dolor, quanto outras crianças retratadas, não tinha “escola. / banheiro. / cuidados. / carinho”, não tinha acesso ao básico para sobreviver, por isso, vivia “um pedaço de tempo. / Depois, morre. / No cemitério da cidade, a quadra de crianças se enche logo de comorozinhos iguais, iguaizinhos – de crianças pobres, desnutridas (pasto de vermes na vida) / que vão morrendo de desnutrição (MLC, 2012, p. 31).

Desse poema, emerge a questão da alta taxa de mortalidade infantil em Goiás e no Brasil no final do século XIX. A infância perdida em decorrência de inúmeros fatores: saúde pública precária, negligência de todos os setores da sociedade, falta de políticas públicas de proteção à infância e à juventude. Essa situação atravessou o século XIX e ainda persiste em pleno século XXI, todavia com menor intensidade

Sobre a criança negra, observamos que ela, além de sofrer o abandono, a negligência e a omissão das instituições, seja o Estado, seja a igreja, dentre outros, ainda

servia de brinquedo preferido dos filhos de seus senhores. Além disso, era também válvula de escape para aplacar as iras de seus donos. Foi assim com o moleque Prudêncio, de Machado de Assis, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, com *Negrinha*, de Monteiro Lobato, e também com a menina Jesuína, do conto “Nota – De como acabou, em Goiás, o castigo dos cacos quebrado no pescoço”, que consta no livro *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais* (2008), de Cora Coralina. Ao retratar a infância de Jesuína, a poetisa focalizou essa criança por meio de uma voz onisciente e interpretativa. Aproximou-se da menina para revelar a posição periférica a que as crianças negras foram relegadas ao longo da história. A entidade narrativa do conto, via focalização próxima, denunciou

os silenciamentos e os desmandos impostos às crianças negras numa sociedade regida pelos vestígios da escravidão. A assinatura da Lei Áurea, promulgada em 13 de maio de 1888, representou um marco, ao pôr fim à prática escravista. No entanto, esse instrumento legal não trouxe mudança à população afrodescendente, que foi abandonada à própria sorte sem que houvesse um planejamento de reparação econômica e social. (VALDEZ, OLIVEIRA e SILVA, 2023, p. 73)<sup>40</sup>

Com a menina Jesuína, temos acesso à infância negra, sofrida, humilhada. Por meio da pequena Jesuína, a poetisa teceu um retrato das crianças alforriadas pela Lei do Ventre Livre (1871) e que viviam sob a força autoritária das senhoras da casa grande. No conto “Nota – De como acabou, em Goiás, o castigo dos cacos quebrados no pescoço”, uma espécie de apêndice do poema “O Prato Azul-pombinho” (PBG, 2008), está registrado o tempo da infância de Jesuína. Uma infância marcada por sofrimento, castigo e dores até o momento de sua morte. A menina, de dez anos de idade, “magrinha, grandes olhos de espanto para a vida. Medrosa, obediente” (PBG, 2008, p. 76) possuía uma única regalia na infância: a boneca de pano que a madrinha, nesse caso, a Dona Jesuína, senhora muito religiosa, de muitas posses, teve a bondade de consentir. Porém, a qualquer pequena

---

<sup>40</sup> No texto, “Corpos marcados nos tempos da história: infâncias negras na literatura e na imprensa”, as autoras Diane Valdez, Elis Oliveira e Danielly Silva estabeleceram um confronto entre a literatura feita no século XX com os casos de racismo divulgados na imprensa no século XXI. A finalidade desse estudo foi o de evidenciar a persistência do racismo estrutural na sociedade brasileira da atualidade. As autoras teceram reflexões, a partir das duas fontes mencionadas, acerca da questão apresentada, problematizando tanto o discurso propagado na imprensa quanto na literatura. Ver mais em: VALDEZ, Diane; OLIVEIRA, Elis Regina da Silva; SILVA, Danielly Cardoso da. “Corpos marcados nos tempos da história: infâncias negras na literatura e na imprensa”. In: **Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 25, n. 47, p. 64-91, jan./jun., 2023. Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/90911>. Acesso em maio de 2023.

falta, a ameaça: “olha que eu tomo a boneca...”. Bastava ouvir essa intimidação para Jesuína entrar em pânico.

A voz narrativa que acompanhou de perto a história dessa criança se projetou sobre as complexidades sociais do tempo pós-abolição da escravatura no Brasil, revelando o lugar da infância negra nesse contexto. Uma infância sem brincadeiras, sem direitos, sem dignidade. A menina que ficara órfã de pai e mãe fora acolhida por Dona Jesuína que a batizara com seu nome. A generosidade dessa senhora parou por aí. Na casa, a menina realizava algumas obrigações, uma delas era a de “apresentar o urinol para os alívios da velha. Regra certa, imutável, consolidada, sem variação. Um chamado – Jesuína, a menina de pé, pedindo a bênção, praticando a obediência” (2008, p. 77).

Novamente, o texto coraliniano nos apresentou mais um caso de infância perdida, negligenciada por todas as instâncias sociais e de morte anunciada via castigo exemplar do colar de cacos quebrados que era colocado no pescoço. É fato que há no conto a denúncia social contra os maus-tratos sofridos pela criança negra e a representação da infância espremida, humilhada, castigada. No entanto, com apenas essa narrativa acerca dessa infância não podemos afirmar que Cora Coralina produziu uma literatura engajada com as causas negras ou antirracistas. Por outro lado, podemos afirmar que o texto coraliniano se constitui fonte histórica reveladora do tratamento dispensado às infâncias em Goiás no final do século XIX.

Embora as agruras sofridas pela menina tenham mais relevo na narrativa, um dado curioso, e que merece destaque, poderia passar despercebido com uma leitura superficial, diz respeito ao fato de a menina Jesuína, nas horas vagas, ter acesso ao aprendizado da leitura. Ela “tinha, nas horas vagas, sua carta de ABC, sentadinha no canto, tomando propósito” (2008, p. 76). Em se tratando de uma história contada pela bisavó de Cora Coralina, isto é ocorrida no tempo histórico da década de 70<sup>41</sup> do século XIX, algum tempo antes da abolição, estamos diante de um feito digno de nota: a instrução da infância negra.

---

<sup>41</sup> As últimas décadas do século XIX no Brasil foram marcadas por intensas movimentações e discussões políticas e sociais acerca dos novos horizontes que estavam se despontando no cenário nacional: a iminência da abolição da escravatura e a proclamação da República. Nesse contexto, a palavra de ordem era a construção de uma nação moderna, ‘civilizada’, conforme os padrões de alguns países europeus e dos Estados Unidos e alinhada às perspectivas de progresso do capitalismo industrial emergente. A instrução, escolarização entraram em cena como meios para se alcançar a tão pretensa civilização. E no caso da população negra, a educação foi pensada como um instrumento de transição do trabalho escravo para o livre/ assalariado.

Jesuína, conforme o narrador, “aprendia a ler” na casa de sua senhora, uma espécie de ensino doméstico. Não há menção de quem a ensinava, mas é possível inferir a presença de outrem nesse processo. Presumimos a resistência dessa menina na busca do aprendizado da leitura diante de tantos afazeres a ela incumbidos: “varria a casa, apanhava o cisco. Lavava umas tantas peças de louça” (2008, p. 76). Numa sociedade escravocrata, mesmo com o advento da Lei do Ventre Livre e anos mais tarde com a abolição da escravidão no país, a instrução, por mais elementar que fosse, não era tão acessível às crianças negras<sup>42</sup> e à população negra em geral. O domínio da leitura e da escrita para esse grupo social não foi alcançado sem lutas e enfrentamentos.

A história oficial registrou as dificuldades de acesso à escolarização impostas à criança negra, mas não evidenciou as possibilidades de aprendizagem dessas crianças em outros espaços, conforme apontou Irene Maria Ferreira Barbosa (1997) e tantas outras pessoas pesquisadoras da história da educação no Brasil. No texto coraliniano, mesmo de forma ligeira, tímida, a referência ao aprendizado da leitura da menina Jesuína é um indício, uma pista de que, apesar das dificuldades, dos enfrentamentos pelos quais passaram a população negra para se instruir, os brancos não eram os únicos detentores da leitura e da escrita. De acordo com Mariléia dos Santos Cruz (2005), “embora não de forma massiva, camadas populacionais negras atingiram níveis de instrução quando criavam suas próprias escolas; recebiam instrução de pessoas escolarizadas; ou adentravam a rede pública, os asilos de órfãos e escolas particulares”. Tais feitos foram por muito tempo invisibilizados pela história oficial<sup>43</sup>.

---

<sup>42</sup> A Reforma Couto Ferraz de 1854, instituída pelo decreto 1.331A de 17 de fevereiro de 1854, regulamentou obrigatoriedade da escola primária para crianças maiores de sete anos, bem como o acesso gratuito tanto às escolas primárias quanto às secundárias da Corte. Essa normativa, todavia, excluiu de suas garantias a criança escrava e a criança com algum tipo de doença contagiosa, que nesse caso, as mais afetadas eram, em sua maioria, as crianças negras. As crianças negras alforriadas até poderiam frequentar a escola, desde que a família possuísse recursos. Essa foi mais uma forma de exclusão legalizada pelo Decreto. De acordo com Surya Aaronovich Pombo de Barros (2010, p. 137), “durante muito tempo a historiografia da educação não considerou a população [negra] como parte dos possíveis sujeitos da escolarização, em função da interdição legal à presença escrava na escola em grande parte das legislações provinciais”, conforme o disposto na Reforma Couto Ferraz. BARROS, Surya Aaronovich Pombo de. O uso de memórias como fonte de pesquisa para a história da educação da população negra em São Paulo. In: **Saeculum- REVISTADE HISTÓRIA**. João Pessoa, jul./ dez. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/srh/article/view/11525/6622> Acesso em maio de 2023.

<sup>43</sup> Com a instauração do estado republicano, muitas escolas foram criadas, mas quanto ao acesso da população negra a esses espaços e à instrução em si, a historiografia deixou algumas lacunas (HILSDORF, 2003) que a literatura, a fotografia e tantas outras fontes foram preenchendo, como a pista encontrada no conto “Nota” acerca da instrução de Jesuína. Ver mais em: ROMÃO, Jeruse. Org. **História da Educação do Negro e outras histórias**. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. 2005. (Coleção Educação para Todos). Disponível em:

Do conjunto da obra de Cora Coralina, apenas esse conto evidenciou a questão da infância negra. Acerca da infância pobre, a poetisa trouxe para o debate a vida do menino lenheiro. Uma única estrofe de seis versos, inserida no longo poema “Becos de Goiás” (PBG, 2008), vem impregnada de representações da infância pobre em uma sociedade ainda vivendo os resquícios da escravidão, conforme veremos:

E aquele menino, lenheiro ele, salvo seja.  
Sem infância, sem idade.  
Franzino, maltrapilho,  
pequeno para ser homem,  
forte para ser criança.  
Ser indefeso, indefinido, quesó se vê na minha cidade. (PBG, 2008, p. 93)

Nesses seis versos, o eu lírico conseguiu tecer uma crítica ao trabalho infantil, o menino lenheiro, exposto aos mais diversos perigos, ao risco à própria vida; à ideia de adulto em miniatura, o menino é pequeno para ser homem e forte para ser criança; a negligência das instituições na proteção dessa infância; a invisibilidade dessa criança franzina e maltrapilha, “ser indefeso, indefinido”, aos olhos da sociedade vilaboense. O eu lírico acabou nos relevando que, historicamente, essa criança como tantas outras de classe social menos favorecida está por aí, à mercê das mais adversas situações.

Há outros poemas de tom social em que a poetisa problematizou a infância pobre, como em “O menor abandonado” e em “Oração do Pequeno Delinquente” (PBG, 2008). Esses poemas, no entanto, não fazem parte do tempo da infância de Aninha. Historicamente, são atuais, escritos para o evento comemorativo do Ano Internacional da Criança em 1979, e tiveram a finalidade de despertar os olhares para a criança periférica, rejeitada, que vivia e vive no submundo da sociedade, sem uma mão que a protegesse, sobrevivendo a uma infância desvalida.

Quanto à infância indígena, abrimos aqui um parêntese. Apenas um poema do conjunto analisado trouxe uma menção à história do jovem indígena da etnia Carajá, habitante das margens do Rio Araguaia, que foi aculturado e teve sua infância no meio dos brancos. Trata-se do poema “O Palácio dos Arcos”. O título do poema se refere a um estabelecimento de grande importância para a cidade de Goiás, pois era a residência oficial dos governadores da província. Logo no início do texto, o eu lírico assim advertiu:

O Palácio dos Arcos  
tem estórias de valor  
que não quero aqui contar.  
Vou contar a estória do soldado carajá.

Era uma vez em Goiás  
Um soldado, **carajá civilizado.**  
**Sabia ler e contar.**  
Estimado no quartel.  
Tinha boa disciplina,  
Divisas de furriel. (PBG, 2008, p. 120, grifos nossos)

De acordo com o eu lírico, das inúmeras histórias de valor, isto é, dos feitos políticos dos homens que habitaram o Palácio dos Arcos, havia uma narrativa que precisava ser contada e que também fazia parte dos acontecimentos não apenas daquele palácio, mas da história do Brasil: a do indígena carajá, alçado à condição de soldado guardião do Palácio dos Arcos. No poema, subjaz o contexto histórico brasileiro de civilização forçada, violenta dos povos originários pelo projeto de colonização portuguesa. Conforme Jana Cândida Castro dos Santos<sup>44</sup> (2017), o sujeito poético de “O Palácio dos Arcos” faz alusão ao tempo, mais ou menos a partir do terceiro quartel do século XVIII, em que

as políticas coloniais para Goiás buscavam a “civilização” dos índios, nos termos da legislação imposta por meio do Diretório dos Índios (1758). Assim, durante o século citado, o discurso das autoridades da capitania manteve-se contraditório sobre os índios, afirmando tanto a necessidade de firmá-los em aldeamentos pacificamente, como a imposição a partir de guerras justas. (SANTOS, 2017, p. 64, grifo da autora)

Esses dados da história oficial aparecem subjacentes no poema por meio da história do soldado carajá. Ao voltar seu olhar para reverenciar alguém situado historicamente à margem da sociedade, de outra etnia, escravizado e que não produziu ‘grandes feitos’, a poetisa trouxe para o espaço do texto uma história ‘vista de baixo’. Essa é uma demonstração de alteridade, de compromisso com a condição humana em sua complexidade e contradição.

---

<sup>44</sup> Acerca da representação da Cidade de Goiás na obra de Cora Coralina, ver mais em: SANTOS, Jana Cândida Castro dos. **Cidade e representação**: a Cidade de Goiás na obra de Cora Coralina. Dissertação – (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) Programa de Pós-Graduação da Universidade de Brasília . Brasília, 2017.

Todavia, essa visão ética de mundo e dos sujeitos veio carregada também pelo preconceito de raça, impregnado na sociedade da qual Cora Coralina fazia parte. Uma sociedade que via o indígena como uma pessoa selvagem, bárbara, passível de civilização. Destacamos no excerto acima os versos: Um soldado, *carajá civilizado*. / *Sabia ler e contar*. Essa não é apenas a visão individual da poetisa acerca do indígena, mas de uma coletividade ainda guiada pelos resquícios do violento projeto colonizador português. Um projeto de apagamento da cultura do indígena, exótica na visão do europeu, e imposição violenta de civilidade pela aprendizagem do código do dominador: saber ler e escrever. Os referidos versos e tantos outros ao longo do poema, tais como: “bugrinho civilizado / bárbaro / selvagem”, possuem uma carga semântica pejorativa, contraditória em relação à vida, aos costumes, à cultura dos povos originários.

Essa visão preconceituosa, dominadora e violenta de perceber o indígena foi também retratada por Manuel Bandeira, no poema “Cunhantã”, escrito em 1927. O eu lírico conta a história de Siquê, uma indígena que, provavelmente, fora retirada de sua família para morar no meio dos brancos. Numa cadência de versos narrativos, a voz lírica do poema evidenciou a violência sofrida por essa criança naquele contexto. Assim relatou o eu lírico:

Cunhantã

Vinha do Pará

Chamava Siquê.

Quatro anos. Escurinha. O riso gutural da raça.

Piá branca nenhuma corria mais do que ela.

Tinha uma cicatriz no meio da testa:

- Que foi isto, Siquê?

Com voz detrás da garganta, a boquinha túria:

- Minha mãe (a madrasta) estava costurando

Disse vai ver se tem fogo

Eu soprei eu soprei eu soprei não vi fogo

Aí ela se levantou e esfregou com minha cabeça na brasa.

Riu, riu, riu...

Uêquitáua.

O ventilador era a coisa que roda.

Quando se machucava, dizia: Ai Zizus! (BANDEIRA, 1988, p. 216)

A naturalização da violência contra a criança indígena é denunciada pelo eu lírico por meio de uma linguagem simples, sutil e objetiva. Na primeira estrofe, essa voz lírica

desenhou o retrato de Siquê: uma menina de quatro anos de idade, pertencente a alguma etnia indígena do Pará, escurinha, de riso gutural da raça e ágil, a ponto de nenhuma Piá branca correr mais do que ela. Apesar da objetividade presente nessa descrição, é possível perceber a aproximação do eu lírico a Siquê.

Na segunda estrofe, essa adesão fica ainda mais evidente com a revelação da origem de uma cicatriz que a menina tinha na testa: um castigo exemplar que a madrastra lhe impingira por ela ter entendido de forma literal o pedido daquela senhora para ver se havia fogo nas brasas: “vai ver se tem fogo/ Eu soprei eu soprei eu soprei não vi fogo/ Aí ela se levantou e esfregou com minha cabeça na brasa” (1988, p. 16). Diante de tamanho sofrimento físico, da mutilação, a menina apenas ri e exclama “Ai Zizus!”.

Essa ingenuidade não é gratuita. Na verdade, ela tem um fim em si mesma. Apresentar de forma crítica, e até mesmo irônica, o cruel processo de aculturação, de catequização do indígena que se deu por meio da violência, tendo os castigos físicos como uma das formas de punição, dentre tantas outras. Práticas muito bem difundidas pelos padres jesuítas que investiram na infância indígena todo o esforço civilizador cujo fim era o domínio, a posse do colonizador. O padre, conforme estudos de Freyre (1987, p. 147), arrancava o curumim ainda “verde à vida selvagem: com dentes apenas de leite para morder a mão intrusa do civilizador; ainda indefinido na moral e vago nas tendências. Foi, pode-se dizer, o eixo da atividade missionária: dele o jesuíta fez o homem artificial que quis”. A fala de Siquê, “Ai Zizus”, no último verso do poema arremata essa ideia apresentada por Freyre.

Voltando ao soldado carajá, percebemos que a poetisa, mesmo tendo justificado sua ‘boa’ intenção em colocar o indígena em destaque no poema e não as outras histórias de valor que o Palácio dos Arcos guardava, acabou por fazer coro à ideia que o colonizador historicamente construiu em torno dos povos originários. Uma ideia que desconsiderou a cultura, a linguagem, a forma de vida, a organização familiar, a infância da criança indígena, nesse caso, a carajá.

Em contrapartida, numa outra camada de interpretação desse poema, o eu lírico, de forma irônica e até mesmo com uma visão mais próxima do indígena, deixou claro que o jovem soldado carajá não se submeteu à domesticação, embora aculturado e integrado à sociedade do homem branco. O indígena não recebeu o nome cristão, sendo identificado apenas como soldado carajá, portanto, manteve a sua identidade original. Criado “bem criado / numa casa de família. / ninguém nunca contou / donde que ele tinha vindo. / Era mesmo filho da família. / Era igual aos meninos da cidade” (PBG, 2008, p. 121),

aprendera a decifrar o código da leitura e da escrita. Nada disso o impediu de, na primeira oportunidade, voltar às suas origens. Foi despertado pelo trovão, pelo “cheiro forte da terra / um cheiro agreste de mato” (2008, p. 123), provocando nele uma grande nostalgia que o fez ouvir o chamado de seu povo. Livrou-se do soldado e voltou aos seus atavismos.

De acordo com Antonio Luciano de Andrade Tosta (2006, p. 26-27), Cora Coralina, ao contar poeticamente a história de um indígena que rejeitou a cultura do homem branco e partiu em busca de suas verdadeiras origens, fez “uma observação crítica sobre a natureza da colonização portuguesa no Brasil e a forma como toda a sociedade brasileira historicamente [...] [foi] apagando sua identidade, valores e costumes.”

Em consonância com as ideias de Tosta, também entendemos que o texto poético coraliniano universaliza o particular, “pois parte da especificidade embutida no contexto regional que a nutre para desenvolver categorias e conceitos [...] [que possibilitam] a partir da base local de sua voz, a reflexão sobre alguns valores e condições comuns a todos os seres humanos” (2006, p. 28). É assim que sua poesia mantém viva a memória de um tempo histórico, de um povo, de uma sociedade.

Mesmo não evidenciando com detalhes a infância da criança indígena, podemos perceber como o soldado carajá manteve submersa a sua identidade, a fidelidade à sua raça, apesar de ter sofrido um longo processo de aculturação. Criado numa “casa de família. / [...] Era igual aos meninos da cidade”,

Andou na escola. Aprendeu leitura.  
Subiu nos morros, apanhou pequi.  
Nadou no rio, físgou cascudo.  
Pinchou pedra. Quebrou vidraça.  
Vendeu tabuleiro de bolo de arroz.  
Jogou bete na rua.  
Empinou arraia.  
Lançou corsário.  
Brigou na regra. Embolou no aloite.  
Escreveu indecências nas paredes.  
[...] (PBG, 2008, p. 122)

De acordo com o trecho em destaque, a infância do soldado carajá foi marcada por inúmeras peraltices, próprias das crianças do contexto em que ele estava inserido. E nesse meio, ele também teve acesso à escola, aprendera a ler, a escrever, a se comunicar num outro idioma, a ser civilizado na visão do colonizador. Tornara-se homem feito, tudo em conformidade com o modelo de educação que recebera de um povo bem diferente do

seu. Todavia, lá no recôndito de suas memórias pulsava a criança indígena, a sua ancestralidade, a infância interrompida e que foi despertada por

Um cheiro forte de terra.  
Um cheiro agreste de mato.  
Um cheiro de aguada distante.

O soldado carajá, sabe lá o que sentiu.  
Acordou de dentro de si  
uma grande nostalgia.  
Uma dura rebeldia.  
O grito de sua raça.  
Chamados de tua taba.

[...]

Certo foi que o soldado carajá  
(bugre civilizado, sabendo ler e contar)  
Encostou sua comblém (era no tempo das combléns).  
Descalçou a reúna-canguru legítima, ringideira.  
Baixou o quepe, correame,  
Mochila, refle-baioneta.  
Sacou da túnica.  
Desceu as calças e o mais que havia,  
Saiu correndo pelas ruas.  
Nu?  
Vestido com seus atavismos  
Coberto com seus heredos  
[...]

Atuado pelas forças cósmicas e ancestrais,  
Ouvia-se o grito selvagem:  
...uirerê! ...uirerê! ...uirerê! (PBG, 2008, p. 122-123)

Historicamente, sabemos que o uso de alguns vocábulos como bugre civilizado, selvagem, entre tantos outros de tom pejorativo, para qualificar os povos indígenas integravam o discurso europeu de colonização. O intuito do projeto colonial era o de homogeneizar a diversidade existente na terra invadida, escravizar e matar os indígenas, submetê-los a sucessivas formas de assimilação, destruir a sua cultura, os seus costumes e saberes. Torná-los invisíveis para a história. Com tais propósitos, difundiu-se a ideia de inferioridade da cultura indígena, pintou o nativo como bárbaro, selvagem, justificando assim a necessidade de civilizá-lo por meio da imposição da fé cristã, da língua, do acultramento.

Ao menino carajá, retirado de seu convívio natural, fora negado o direito de crescer entre as crianças de seu povo, de viver a sua infância e de passar pelos processos culturais de iniciação. No entanto, conforme revelou o eu lírico, todo o esforço empreendido para tornar o soldado carajá um homem civilizado, que sabia ler e contar, estimado no quartel, disciplinado e com divisas de furriel foi suplantado pela força da ancestralidade que pulsava nas veias do indígena. No final do poema, a revelação: o soldado carajá foi despertado por seus atavismos. Ele recuperou sua identidade, os seus costumes, a sua língua e foi ao encontro de seu povo, soltando o grito de liberdade, “...uirerê! ...uirerê!”, há tanto tempo preso na garganta. “Desaparece então o soldado e vive o indígena novamente”, conforme concluiu Antonio Luciano de Andrade Tosta (2006, p. 26).

Se a história oficial negligenciou o indígena, a literatura o colocou na ordem do discurso. Celebrou a formação da nacionalidade brasileira a partir da mistura étnica. Elevou o indígena à categoria de herói nacional com a construção do cavaleiro Peri de *O Guarani* (1857) e como o mito da criação de um estado brasileiro na representação de *Iracema* (1865), ambos romances indianistas de José de Alencar, para citar apenas esse autor. Inserida em um contexto do movimento modernista brasileiro, Cora Coralina também voltou seu olhar para a história ‘vista de baixo’, sem grandes feitos, do indígena carajá, conforme já mencionado.

Ao finalizar o poema com a icônica frase das histórias inventadas, “E era uma vez em Goiás um soldado de guarda, civilizado carajá!”, a poetisa reafirmou o poder da imaginação, do verossímil na construção de um enredo poético. O soldado carajá, embora fruto da imaginação da autora, poderia realmente ter existido, ter integrado as histórias de valor do Palácio dos Arcos. Na tessitura do poema, Cora Coralina preencheu os vazios acerca de uma história não revelada pelo discurso oficial. Essa forma de trabalhar a literatura faz do texto coraliniano uma importante fonte para análise de questões históricas diversas e de infâncias outras, tal qual as que evidenciamos em nossas análises. Fechemos o parêntese.

As palavras mobilizadas para a construção da infância de Aninha colocaram em evidência a criança como um ser ativo, sensível aos acontecimentos. Os rígidos controles patriarcais não impediram Aninha de ousar, sonhar. Nesse sentido, mesmo a história da criança ainda sendo uma história sobre a criança, conforme postulou Moysés Kuhlmann (2004), contada a partir da ótica do adulto, a Aninha de Cora Coralina fala de si mesma e por si mesma.

Na sua própria voz, ela revelou as resistências enfrentadas para não se encaixar nos comportamentos determinados pelas pessoas adultas da casa: “Que trabalho imenso dei à casa / para me torcer, retorcer, / medir e desmedir” (PBG, 2008, p. 172). Esse e tantos outros indícios de como eram tratadas as crianças no tempo histórico representado nos possibilitam refletir sobre as infâncias e suas singularidades. Além disso, outras questões que envolvem essa temática, como a construção dos sentidos atribuídos à criança, as condições de vida dos pequenos, a escolarização da infância, também emergem dos poemas, formando uma rede discursiva a ser pensada, analisada.

Do tempo de enunciado para cá e depois de muitos enfrentamentos e resistências, a infância passou, gradativamente, a ser motivo de estudo e preocupação. Com a política de proteção à infância no Brasil pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, houve avanços nessa questão, mas muito ainda precisa ser feito para garantir a proteção a todas as crianças/infâncias, como a negra, a indígena, por exemplo.

Conforme evidenciado, no percurso textual feito por Cora Coralina quando do retorno ao tempo da infância de Aninha, trilharam também outras infâncias: a negra, a indígena, a pobre, como pudemos observar ao longo deste capítulo. Como o foco da poetisa foi o seu reencontro com Aninha e suas vivências, no conjunto das obras analisadas, as outras infâncias apareceram timidamente em um ou outro poema ou conto. Mas, nem por isso, serviram apenas de moldura para os propósitos da poetisa de reencontro com o seu passado. A partir dessas escritas, pudemos problematizar o lugar de cada infância no contexto retratado, bem como identificar o teor de denúncia social que emanou dos poemas.

Na próxima parte deste capítulo, reafirmamos o que estamos anunciando acerca da obra da poetisa goiana. Via retorno memorialístico ao passado, Cora Coralina foi dedilhando poeticamente a vida na sociedade goiana de final do século XIX e primórdios do século XX. Avançando em nossa caminhada, adentremos no emaranhado de vozes das infâncias na literatura brasileira, estabelecendo um diálogo com a estética literária de Cora Coralina no recorte temporal em questão.

#### **1.4 – A literatura e a infância: o emaranhado de vozes e os modos de educar**

O retorno ao tempo da infância é matéria literária, terreno fértil para quem deseja investigar esse fenômeno. Ora romantizadas/idealizadas ora representadas de forma dura,

as infâncias ascenderam a um lugar de destaque na estética literária. Nesta parte da tese, estabelecemos um diálogo entre a escrita poética coraliniana e alguns textos da tradição literária brasileira no que se refere à construção da imagem das infâncias e dos modos de educá-las. Ao buscarmos os textos literários cuja temática é a volta à infância, percebemos alguns pontos de similaridade entre eles que envolvem a natureza autobiográfica e o tom memorialístico, trazidos à tona pela escrita de si<sup>45</sup>.

Nessa escrita autobiográfica, segundo Maria Luiza Remédios (2004, p. 280), autoras e autores, via imersão na linguagem, além de expressar suas ideias, paixões, angústias “também definem sua identidade e o valor artístico do texto criado a partir da relação com o eu-outro que atesta a ficcionalidade das expressões do eu”. E isso só se torna possível pelo trabalho com a memória. É ela que conduz as pessoas leitoras do presente ao passado dos acontecimentos, à realidade histórica de uma época, às experiências coletivas de um contexto social, possibilitando problematizações, leituras diversas e análises.

Levando em consideração os limites entre o tempo das experiências passadas e o tempo da escrita, pudemos, com Chartier (1990, p. 16-17) reconhecer e “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade cultural é construída, pensada, dada a ler”. A literatura torna isso possível ao trazer a movimentação do sujeito no curso da história, suas vicissitudes, seu estar no mundo, suas relações com o outro. O que acaba por revelar não apenas uma experiência pessoal, mas também de toda uma coletividade. Por meio das lembranças individuais, representadas na escrita literária, é possível enxergar a história ‘vista de baixo’ e não apenas a do vencedor, a dos grandes feitos.

Nessa perspectiva, Cora Coralina e tantos outros literatos, por meio de discurso autobiográfico, fizeram um retorno memorialístico às infâncias, evocando-as via imagens capturadas da realidade social e histórica experienciada nessa fase da vida e transpostas para o momento da enunciação, isto é, da escrita em si. Com Gaston Bachelard (2009, p. 100), entendemos que o olhar da pessoa adulta sobre suas infâncias se encontra num “tempo diverso daquele que se viveu. Pertence exatamente ao tempo em que se conta”. Logo, a infância é sempre um retorno ao tempo vivido e até mesmo sonhado. Por isso,

---

<sup>45</sup> A escrita de si é um gênero bastante expressivo na literatura de um modo geral. Os romances epistolares, autobiográficos, a literatura de testemunho, as autobiografias, os diários são formas de expressão desse gênero. Trouxemos esse termo no corpo do texto apenas para complementar a informação sobre as características das escritas autobiográficas em diálogo nesta parte da tese.

em um texto de cunho memorialístico não há a reprodução fiel do passado, mas a sua releitura a partir das vivências do presente.

Nessa esfera de discussão acerca da estreita relação entre os sujeitos e suas reminiscências, de acordo com Ecléia Bosi (1994, p. 55), por mais que pareça nítida “a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor”. Cora Coralina, adulta, já no tempo da velhice, do presente, buscou a significação de suas infâncias eternizadas pelas vivências de Aninha no passado. Não se trata de recapitular o que aconteceu, mas de interpretar o vivido. Isso porque, conforme registrou Bertran (1998, p. 34), as nossas histórias de vida compõem um conjunto “de impressões erráticas, de pulsões incompletas, de degenerações da memória. Alguém ao tentar reconstruir o passado acaba por transformá-lo em generalizações, em coisas que existiram e às vezes em coisas que sequer existiram. E que passaram a existir, sem que ocorra qualquer espanto com isso”.

Há nesse processo de recontar a própria vida uma atualização e seleção do que se pretende expor sobre si. Isso acontece porque a própria escrita não é um espelho da vida. Na verdade, ela desempenha um papel de intervenção ativa na descoberta de si e das experiências vividas coletivamente no mundo. Nesse caso, a memória ultrapassa o âmbito individual para se tornar também um fenômeno social, coletivo. Isso significa que as lembranças de uma pessoa não se desvinculam das relações que ela estabeleceu ao longo de sua vida com as instituições sociais como a família, a escola, a igreja etc.

Conforme Halbwachs (1990, p. 72), a memória coletiva contém as memórias individuais. Todavia, ambas não se confundem, visto que a memória coletiva evolui “segundo suas leis e, se às vezes determinadas lembranças individuais também a invadem, estas mudam a aparência a partir do momento em que são substituídas em um conjunto que não é mais uma consciência pessoal”. Sendo assim, as lembranças individuais estão atreladas a um imaginário social coletivo e nele coabitam.

Esse exercício de trazer o passado vivido ao presente pressupõe a reconstrução do tempo pretérito por meio das imagens e ideias do momento da escrita, ou seja, com os olhos do presente. Nessa perspectiva, entendemos que

a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada. Certamente, que se através da

memória éramos colocados em contato diretamente com alguma de nossas antigas impressões a lembrança se distinguiria, por definição, dessas idéias [sic] mais ou menos precisas que nossa reflexão, ajudada pelos relatos, os depoimentos e as confidências dos outros, permite-nos fazer uma idéia [sic] do que foi o nosso passado. (HALBWACHS, 1990, p. 75-76)

Com essa ideia de lembrança e tendo em vista a ampliação do cânone nacional, sem hierarquizar os gêneros textuais<sup>46</sup>, situamos a escrita poética coraliniana no vasto universo literário cuja matéria é o tempo das infâncias e juventudes. Nesse sentido, ratificamos nossa tese de que no emaranhado de vozes das infâncias presente na literatura brasileira ecoa também o canto de Cora Coralina.

Dentre as inúmeras escritas literárias similares a da nossa poetisa, marcadas pelas reminiscências, há também os textos<sup>47</sup> *Minha vida de menina* de Helena Morley (1942); *Infância* de Graciliano Ramos (1945); *Diário de Bitita*<sup>48</sup> de Carolina Maria de Jesus (1986); para citar apenas esses. Cada qual, a seu tempo e modo, apresentou de alguma forma as infâncias, bem como os modos de educar presentes na sociedade brasileira do contexto retratado.

Ao realizarmos o diálogo entre as escritas literárias de autoras e autores consolidados nacionalmente, procuramos evidenciar também a poética coraliniana dentro desse universo canônico brasileiro e, assim, problematizar os modos de educar as infâncias em cada contexto representado. Os textos literários mencionados trouxeram experiências históricas, culturais, sociais e políticas como componentes do complexo mosaico que é a vida humana. Emergem deles o emaranhado de vozes das infâncias e os modos de educá-las.

---

<sup>46</sup> De caráter essencialmente sócio-histórico, a noção de gêneros textuais tem sua origem nas discussões feitas por Platão, com a tradição poética, e por Aristóteles, com a tradição retórica. Atualmente, tendo em vista a concepção bakhtiniana (2010), os gêneros textuais envolvem múltiplas e diversificadas formas culturais e cognitivas de realização cotidiana da língua por meio de enunciados orais e escritos. Sendo assim, “é impossível não se comunicar verbalmente por algum gênero textual. [...] Isso porque toda a manifestação verbal se dá por meio de textos realizados em algum gênero” (MARCUSCHI, 2008, p. 154), logo, não há hierarquização entre eles.

<sup>47</sup> As datas que aparecem nos parênteses referem-se ao ano de publicação de cada obra literária. As edições usadas nesta tese foram publicadas nos seguintes anos: *Minha vida de menina* (2004); *Infância* (1980); *Diário de Bitita* (2014).

<sup>48</sup> De acordo com a professora Deise Quintiliano Pereira (2019, s/p), a obra póstuma, “o *Diário de Bitita*, apelido da menina Carolina, apresenta a singularidade de ter sido publicada primeiramente em francês, em 1982, sob o título de *Journal de Bitita* - resultado da decisão da autora de entregar, em 1975, seus cadernos a duas jornalistas francesas, que se deslocaram ao Brasil para entrevistá-la. O manuscrito original permanece inédito até 1986, quando a editora Nova Fronteira lança o diário, o qual com poria com *Quarto de despejo* (1960) e *Casa de alvenaria* (1961) a trilogia autobiográfica caroliniana.”

De acordo com Kuhlmann (1998), o sentimento de infância, a valorização da criança, historicamente, sofreu alterações influenciadas por mudanças ocorridas no âmbito social, na economia, na política. O autor, ao fazer um levantamento dos modos de se relacionar com a infância ao longo da história, evidenciou seis formas de tratamento dispensado às crianças nessa fase da vida, a saber: “o Infanticídio, da Antiguidade ao século IV d.C: o Abandono, do século IV ao XIII; a Ambivalência, do século XIV ao XVII; a Intrusão, do século XVIII, a Socialização, do século XIX a meados do XX; e o Apoio ou Amparo, iniciado em meados do século XX.”

Povoam as páginas de inúmeros textos literários, personagens que se encaixam, de alguma forma, em um desses seis modos de se relacionar com as infâncias. Citemos alguns dentre tantos outros: Eurípedes com sua *Medeia*, Jorge Amado com seus *Capitães da areia*, Carolina Maria de Jesus com *Bitita*, Monteiro Lobato com *Negrinha*, Bernardo Élis com “O menino que morreu afogado” e Cora Coralina com a “Menina mal amada”. Dessas representações de infâncias, emergem categorias que vão desde o infanticídio, o abandono, o preconceito e outros.

As investigações de Kuhlmann (1998, p. 24) evidenciaram um silenciamento na história da infância da criança pobre. Segundo o autor, “[...] é difícil encontrar registros diretos da vida privada da infância das classes populares”. Todavia, em relação à burguesia e à aristocracia as infâncias são mais “conhecidas: os tratados de medicina e de educação, a correspondência privada, os retratos de família, deixaram numerosos traços indicadores das atitudes, dos cuidados, da educação e dos sentimentos” (1998, p. 24).

Se os registros históricos apresentam uma lacuna em relação ao pensamento sobre a criança pobre, o discurso literário coloca em evidência essa infância e pode se constituir em uma instigante fonte de análise desse universo. São inúmeros os textos literários que trazem para a ordem do discurso a infância da criança pobre, os silenciamentos, a indiferença e a opressão. Essa abordagem da história social das infâncias, segundo Kuhlmann (1998, p. 17), está intimamente ligada a outra história, a das mentalidades. Isso porque “o social está relacionado com condições de vida, as instituições, as práticas de controle, a família, a escola, a alimentação, os jogos, a vida material e social”. Esse é o imaginário acerca das infâncias que emerge das tessituras do texto literário.

Sendo assim, trouxemos para esse exercício de escuta das vozes silenciadas das crianças os textos supracitados de autoras e autores da nossa literatura. Quando voltamos nosso olhar para as infâncias, o intuito é compreendê-las historicamente como fenômenos de produção e reprodução da vida social. A literatura nos possibilita esse entendimento,

ampliando-o para além das questões econômicas, políticas, educacionais. Sabemos que a representação das infâncias, acessada via memória dos adultos, não se distancia do que já conhecemos acerca dessa fase da vida.

No entanto, em se tratando de literatura, devemos levar em conta o processo mimético, isto é, a operação configuracional linguística, ficcional, própria dessa arte na construção de novos sentidos para as infâncias. De acordo com Virginia Woolf (1990), a ficção, embora seja um trabalho imaginativo, é também uma espécie de

teia de aranha, presa apenas levemente, talvez, mas ainda assim presa à vida pelos quatro cantos. Muitas vezes a ligação mal é perceptível. [...] Mas, quando a teia é puxada para o lado, recurvada na borda, rasgada ao meio, lembramos que essas teias não foram tecidas em pleno ar por criaturas incorpóreas, mas são obras de seres humanos sofredores e estão ligadas a coisas flagrantemente materiais, como a saúde e o dinheiro e as casas em que moramos. (WOOLF, 1990, p. 54)

Isso significa que a escrita literária é social e historicamente situada, ancorada no mundo real. Nessa perspectiva, ao acompanharmos a movimentação seja do eu lírico seja do narrador nas tramas poéticas somos levados a um universo social revestido de uma carga simbólica reveladora de um tempo histórico. Assim, pela voz de escritores e escritoras, as infâncias se tornaram visíveis no mundo da literatura.

Esse processo se efetivou pela ampliação do significado da obra ficcional via apropriação mediada da leitura e transposição do mundo representado no texto ao contexto das pessoas leitoras. Nesse sentido, conforme Paul Ricoeur (2010, p. 317), “a história se serve da ficção para refigurar o tempo, e a ficção se vale da história com o mesmo objetivo”. Desse entrecruzamento, emerge o que Ricoeur (2010) denominou de tempo humano, articulado ao modo narrativo.

A operação de narrar tornou possível a refiguração das experiências temporais da vida humana, seja pessoal, seja coletiva. Por meio da materialização do contar/narrar, emergem os medos, as dores, a existência humana em sua especificidade e complexidade. Nesse processo, há também a recriação da identidade individual e também coletiva de um povo. É o que vamos ver nas escritas literárias selecionadas para o diálogo com a estética de Cora Coralina.

As lembranças do tempo da infância a partir da perspectiva da pessoa adulta apareceram em *Minha vida de menina* (2004), diário escrito por Helena Morley entre os anos de 1893 a 1895, na cidade de Diamantina, Minas Gerais. Assim como Cora Coralina, Helena Morley, pseudônimo de Alice Dayrell Caldeira Brant (1880-1970), também

escolheu outro nome para assinar a sua produção literária. De igual modo, usou a escrita como mecanismo de autorreflexão e para preservar suas recordações oriundas de fatos individuais e coletivos ocorridos no final do século XIX na cidade de Diamantina, período de dois acontecimentos que marcaram a história brasileira: a abolição da escravidão e a Proclamação da República.

A primeira edição do livro é de 1942, quando Helena Morley já contava com seus sessenta e dois anos de idade. De linguagem prosaica, imaginativa e divertida, o diário rendeu elogios de algumas personalidades das letras, dentre os quais citamos Carlos Drummond de Andrade que também se encantou com a escrita poética de Cora Coralina. Durante a produção do diário, Helena já não era mais uma criança, tinha treze anos e cursava a escola normal. A sua escrita, porém, fez um retorno a um período anterior ao momento do relato e trouxe as marcas das infâncias e dos modos de educá-las no contexto em questão.

A protagonista de *Minha vida de menina* nos conduz à provinciana Diamantina e ao seu tempo de infância, de existência simples e de muitas privações em decorrência do declínio da mineração do diamante, principal fonte de renda da família. Os momentos de dificuldades financeiras atravessaram a escrita de Morley sem, contudo, interferir na sua alegria de menina. Há no diário uma romantização da infância, diferente de Cora Coralina que expôs os silenciamentos e as repressões vividas no seu tempo de criança pequena.

Os modos de educar as infâncias no final do século XIX podem ser percebidos no texto de Morley por meio das marcas da educação informal praticada em casa, na família. Incentivos para a aprendizagem não faltavam à pequena Morley. Por parte do pai, o estímulo ao estudo da língua inglesa e à escrita. O princípio da materialização do diário partiu do encorajamento do pai, conforme relatou a narradora:

Sábado, 18 de fevereiro (1893)

Só daqui a dias poderei saber como as coisas vão sair. Escrever não me vai ser difícil, pelo costume em que meu pai me pôs de escrever quase todo dia. Duas coisas eu gosto de fazer, escrever e ler histórias, quando encontro. Meu pai já consumiu tudo quanto é livro de histórias e romance. (MORLEY, 2004, p. 26)

Por influência do pai, Helena Morley se aventurou muito cedo no mundo da leitura e da escrita. No âmbito doméstico, a menina teve também o apoio de duas outras pessoas em seu processo de educação, a saber: a avó Teodora, numa perspectiva de formação mais próxima da moral e dos bons costumes. E tia Madge com seus ensinamentos de civilidade

e economia. Da avó, vinham as interdições dos impulsos e o cerceamento às inclinações consideradas inadequadas à visão do adulto, como o sentimento de inveja:

Quinta-feira, 26 de abril (1894)

Eu, de pequena, tinha inveja muitas vezes, mas hoje não tenho. Agradeço muito isto a vovó. Foi ela que me corrigiu. Eu sou a mais pobre da minha roda. Vejo a diferença da minha vida e das outras não as invejo. Se elas soubessem os meus serviços em casa e na Chácara teriam pena de mim; no entanto eu gosto muito de todos eles. Em casa tenho de passar as roupas a ferro, fazer a arrumação e às quintas-feiras arear a metade da casa. (MORLEY, 2004, p. 148)

Pelo excerto, podemos perceber que um dos modos de educar as infâncias presente no diário de Helena Morley e que mantém correlação com a estética coraliniana é o de uma educação modeladora do comportamento, dos costumes, da civilidade, via pedagogia do exemplo. A avó cumpriu esse papel ao ensinar a pequena Morley os bons preceitos. A criança desse tempo era “sujeitada por todos os meios discricionários / a se enquadrar dentro de um molde certo, cujo gabarito era o adulto” (VC, 2013, p. 106). Essa forma de educar as infâncias tinha como elemento basilar a comparação de comportamentos de uma criança com outra: “Olha a filha de fulano, olha sua prima, elas não fazem isso.../ Por que você não há de ser como elas? / Aprende com sua parenta, vê que educação bonita ela tem.../ Olha a filha da vizinha, que moça bem-educada!.../ Toma propósito, menina, era esse o estribilho da casa” (2013, p. 106). Esse modo de educar as infâncias estava diretamente vinculado à casa patriarcal, tendo a mãe como a primeira mestra, a responsável por conduzir as crianças, sobretudo as meninas, aos bons preceitos, à moral.

Nesse espaço de educação modeladora dos corpos, de veiculação das virtudes, as meninas eram também iniciadas nos trabalhos domésticos, como passar roupa a ferro, fazer a arrumação e “arear a metade da casa”. Eram ensinadas a serem boas esposas, a gerir bem o lar, a cuidarem dos filhos para no futuro, quando mães, darem continuidade nesse ciclo de educação patriarcal. A criança desse contexto histórico, final do século XIX e início do XX, como apresentou Cora Coralina, “mal chegava aos quatro, cinco anos, / tinha qualquer servicinho esperando” (VC, 2013, p. 106).

Voltando à *Minha vida de menina*, outra personalidade feminina importante na vida da menina Morley foi a tia Madge que a ensinou as lições de economia, de educação das vontades e do caráter. Já a mãe de Morley não possuía instrução. Não sabia ler nem escrever. Sua responsabilidade na educação de Morley restringia aos ensinamentos religiosos e à criação das filhas nos moldes patriarcais para serem moças casadouras:

Segunda-feira, 18 de março (1895)

Poucas são as vezes que entro em casa que mamãe não repita o verso:

*A mulher e a galinha*

*Nunca devem passear*

*A galinha o bicho come*

*A mulher dá o que falar*

E depois diz: “Era por minha mãe nos repetir sempre este conselho, que fomos umas moças tão recatadas. Vinham rapazes de longe nos pedir em casamento pela nossa fama de moças caseiras”. (MORLEY, 2004, p. 236)

Essa ideia de educação da menina para a realização das atividades domésticas, subjugada aos ditames patriarcais, também foi trazida por Cora Coralina em sua estética literária. Com uma linguagem repleta de ironias, a poetisa goiana expôs e criticou o modo como as crianças de seu tempo eram educadas, sobretudo, as meninas que não podiam usufruir dos mistérios das ruas, sob pena de ficarem mal afamadas. Assim expôs o eu lírico:

A rua... a rua!...

(Atração lúdica, anseio vivo da criança,  
mundo sugestivo de maravilhosas descobertas)

- proibida às meninas do meu tempo.

Rígidos preconceitos familiares,

normas abusivas de educação

- emparedavam. (PBG, 2008, p. 170)

Na visão do eu lírico, a rua era uma atração lúdica. Um mundo de instigantes aprendizagens. Todavia, esse espaço de educar não estava destinado às meninas que viviam sob os rígidos preconceitos familiares, ancorados em normas rigorosas de educação, sob as bases de uma sociedade patriarcal e coercitiva. Se voltarmos nosso olhar para a representação da rua na literatura brasileira, veremos que nesse lugar se encontravam as infâncias marginalizadas, pobres, submissas, frágeis.

A rua está muito presente em *Capitães da areia* (2009), de Jorge Amado. Para as crianças abandonadas, embora a rua representasse o perigo, o descaso, a violência, era também o lar, o espaço da liberdade. Essa ideia ficou evidente no episódio em que o padre José Pedro levou um menino do reformatório para a casa de uma solteirona carola. A criança não aguentou a vida privada na casa da mulher e fugiu, levando consigo “uns objetos de prata, preferindo a liberdade da rua, mesmo vestido de farrapos e sem muita

certeza de almoço, aos trajes a ao almoço garantido com a obrigação de rezar o terço em alta, assistir a várias missas e bênçãos todos os dias (AMADO, 2009, p. 77).

Ao observarmos o trecho do poema de Cora Coralina, veremos a rua não apenas como um lugar de exclusão. Na verdade, para o eu poético esse era um ‘mundo sugestivo de maravilhosas descobertas’. Ideia que não compareceu no diário de Helena Morley. Ao contrário, a rua, lugar de passear, era imprópria para as meninas, conforme advertiu a mãe da narradora.

Diferente de Morley, Cora Coralina, por sua vez, não teve a oportunidade de conhecer a figura paterna e essa ausência afetou diretamente a infância de Aninha, como já evidenciado. Um tempo marcado pela ausência de afeto, carinho e pela rudeza de tratamento à criança pequena. Ela se sentia a “secundária na turma das irmãs” (PBG, 2008, p. 168) e era considerada pelas pessoas da casa o retrato vivo do pai doente.

As imagens da infância de Aninha se distanciam da representação de infância feliz retratada por Morley e se aproximam no que se refere à presença marcante do feminino no tempo das infâncias das duas meninas: Coralina e Morley. Assim como Morley, Aninha também vivia cercada por mulheres. Sua educação informal, em casa, também teve a interferência da bisavó Antônia, com suas histórias de despertar saudades, seus cuidados e carinhos; da tia Nhorita que a tratava como filha; e da mãe Didi, uma ex-escrava que a alimentou no seu seio fecundo. Nos braços ‘prazenteiros e generosos’ de mãe Didi, Aninha adormecia ouvindo histórias de encantamento. O eu lírico dedicou um poema homônimo à mãe Didi por todas as lembranças alegres que emergiam da puerícia distante. Vejamos:

### **Mãe Didi**

[...]

Em torno, o abandono.

Aninha, a menina boba da casa.

Foi uma ex-escrava que me amamentou no seu seio fecundo.

Eram seus braços prazenteiros e generosos que me erguiam, ainda rastejante, e

Aninha adormecia, ouvindo

estórias de encantamento.

Minha madrinha Fada...

Eu era Aninha Borracheira.

Era ela que me tirava da cinza

e me calçava sapatinhos de cristal.

Me vestia. Me carregava na Procissão.

Eu dormia na cadeirinha de seus braços.

E sonhava que era um anjo de verdade aconchegada na nuvem macia do seu xaile.  
Toda a melhor lembrança da minha puerícia distante está ligada a essa antiga escrava.  
[...] (MLC, 2012, p. 71)

Cora Coralina, em momento algum de sua escrita poética, demonstrou à mãe, Dona Jacintha Luiza do Couto Brandão Peixoto, tamanho afeto e reconhecimento. Ela não guardou boas recordações de sua genitora. Nos poemas, a figura materna foi retratada como uma senhora de muitas leituras, de negócios, mas distante da filha. A mãe era considerada uma “figura imperial, ouvida e obedecida. Enérgica e soberana” (VC, 2013, p. 103). Ela sabia muito bem educar as filhas aos moldes repressivos da época. Dela vinham as ‘chineladas cruéis’ que só não doíam mais por conta da intervenção da bisavó e dos carinhos da tia Nhorita. Acerca dos modos abusivos de educar as infâncias no tempo de Aninha, o eu lírico assim relatou:

Quanto mais enérgicos e ríspidos fossem os pais, maior soma de elogios e gabos captavam, avantajados na aura dos louvores. “Esta senhora sabe criar os filhos...”  
Isto se dizia quando da notícia de uma tunda de taca, dessas de precisar panos piedosos de salmoura, corretivos de faltas infantis de que a criança não tinha consciência. Humilhação maior, domínio sobre a criança, esta era não raro amarrada com um fio de linha na perna da mesa, o sadismo, sobretudo, da mãe. (VC, 2013, p. 103)

A rispidez, o castigo físico, a falta de carinho com os filhos eram modos de educar as crianças no final do século XIX. De acordo com o eu poético, o tempo de dureza, de severidade fazia com que as mulheres do passado não perdoassem nenhuma falta da criança. Esse foi o tempo da infância vivido por Aninha, uma “menina do tempo antigo”, comandada pelos velhos que botavam cerco na criançada. Tempo também da infância de Graciliano Ramos.

O romancista brasileiro, via recurso memorialístico e num misto de imaginação com fatos da experiência, teceu os fios de sua infância pela voz do narrador-personagem. Ao longo da narrativa, essa entidade ficcional não foi identificada por um nome próprio. Todavia, a colocação dos verbos na primeira pessoa do singular apontou o narrador como participante ativo, protagonista da ação.

Graciliano Ramos (1892-1953) escreveu *Infância* aos cinquenta e três anos de idade. Assim como Cora Coralina, o escritor nordestino construiu a narrativa de sua vida de criança pequena já na fase madura da vida. Estamos novamente diante do olhar do adulto para o seu tempo de menino. Esse retorno memorialístico foi do final do século XIX até o início do XX e compreendeu o momento da infância do autor.

Por meio de um discurso conciso, sem adjetivações, seco, Ramos retratou os modos de educar as infâncias no seio familiar. Uma educação severa, regulada por maus-tratos tanto físicos quanto psicológicos. Proibido de rir, falar alto, brincar com os vizinhos, ter opinião. Essas eram as limitações que enclausuravam o narrador- personagem que se sentia como um papagaio preso, amarrado numa gaiola pequena. O medo, o pavor o orientaram nos primeiros anos de vida.

Em casa, tal qual Aninha, o narrador-personagem de *Infância* também não recebia afeto por parte dos pais. Seus genitores, descritos como grandes, temerosos, incógnitos, foram metonimicamente retratados com “rugas, olhos raivosos, bocas irritadas e sem lábios, mãos grossas e calosas, mãos finas e leves” (RAMOS, 1980, p. 12). Eles lhe impuseram obediência e respeito nem que fosse à custa de chineladas e outros castigos ‘oportunos’. Estamos diante do retrato de uma infância que sofreu tanto em casa, quanto na rua ou na escola. Em qualquer um desses lugares, o narrador-personagem estava sujeito à opressão e aos desmandos do mundo adulto.

Nesse contexto, duas mulheres foram descritas como pessoas amáveis, educadas, gentis. São a sua meia-irmã Mocinha e a professora Dona Maria, a única mestra considerada pelo narrador como uma pessoa extraordinária porque não integrava o universo de crueldades praticadas contra as infâncias.

Para o narrador, Dona Maria possuía uma alma infantil. Ela nunca recorria às ameaças ou à palmatória para castigar seus alunos. Na verdade, de vez em quando se aperreava e suas “manifestações de desagrado eram raras e breves. A excelente criatura logo se fatigava da severidade, restabelecia a camaradagem” (RAMOS, 1980, p. 102). Mesmo com todo carinho da mestra Dona Maria, o menino-narrador não conseguia desvendar o mundo da leitura, pois, anteriormente, a escola doméstica já havia, pelo medo, subtraído dele a alegria de aprender.

Ampliando o diálogo com os textos literários que tratam das infâncias de escritores e escritoras, destacamos também *Diário de Bitita*, de Carolina Maria de Jesus

(1914<sup>49</sup>-1977). Nesse diário, a autora buscou no emaranhado das lembranças o retrato do tempo da infância negra nas primeiras décadas do século XX. A escrita do diário aconteceu quando a autora já contava com seus sessenta anos de idade, todavia, só foi publicado postumamente, na França, em 1982, com o título *Journal de Bitita*, e, quatro anos mais tarde, em 1986, traduzido no Brasil como *Diário de Bitita*.

Em *Diário de Bitita* (2014), Carolina Maria retratou sua experiência individual, as suas vivências na cidade de Sacramento (MG), a infância pobre, árdua e de inúmeras dificuldades. Ao apresentar a sua trajetória de vida, Carolina também trouxe para o espaço de seu texto as experiências de toda a coletividade negra após a abolição da escravidão. As privações passadas na infância, o enfrentamento ao racismo, não tiraram da pequena Bitita a singeleza e o humor.

Em seu círculo familiar, duas personalidades merecem destaque: a mãe Maria Carolina, uma mulher determinada, a matriarca da família; e o avô Benedito José da Silva, ex-escravo, um exímio contador de histórias. Para Bitita, o avô era o “Sócrates Africano” por sua sabedoria ancestral, mesmo sem dominar o código da leitura e da escrita. Foram esses dois que influenciaram a menina a se enveredar no mundo da escrita como um mecanismo de superação dos preconceitos e a se sentir orgulho de seu povo.

Tomada por uma voz curiosa que vem da infância, Carolina Maria de Jesus, a Bitita como era chamada quando criança, escreveu seu livro de memórias para expor não apenas a sua infância, mas as infâncias do mundo que a cercava. Há no diário um emaranhado de vozes inventivas das infâncias que nos conduzem a reflexões acerca das desigualdades historicamente construídas em nosso país. Para Carolina, a memória e a escrita foram duas ferramentas utilizadas para revisitar o passado e se livrar das angústias no presente. Essa foi uma proposta de encontro entre Bitita e Carolina de Jesus.

Assim como Cora Coralina, Bitita, apelido de infância de Carolina Maria de Jesus, também não conheceu o pai. A partir dos relatos da mãe, a menina foi construindo as imagens da figura paterna sempre de forma pejorativa: um homem preguiçoso, sem

---

<sup>49</sup> É incerta a data de nascimento da autora Carolina Maria de Jesus. O que se sabe é que ela nasceu nas primeiras décadas do século XX, num período em que o registro civil ainda não estava totalmente consolidado no país, somam-se essa questão, os obstáculos inerentes à classe social e raça. Em um trecho de *Diário de Bitita*, a autora fez o seguinte esclarecimento acerca de uma possível data de seu nascimento: “No dia 27 de agosto de 1927 o vovô faleceu. Minha mãe disse-me que eu estava com seis anos. Será que eu nasci no ano de 1921? Há os que dizem que nasci no ano de 1914. Eu notava que os pretos não sabiam ler. Nunca vi um livro nas mãos de um negro. Os negros não serviam ao exército porque não eram registrados, não eram sorteados. Eles diziam:

- É orgulho. Só os brancos que são considerados brasileiros.

Ninguém na minha família tinha registro. Não era necessário atestado de óbito para sepultar os mortos”. (JESUS, 2014, p. 120).

grandes perspectivas de futuro. Acerca dessa visão paterna, Carolina assim o descreveu: “meu pai era de Araxá, e o seu nome era João Cândido Veloso. [...] tocava violão e não gostava de trabalhar. [...] só tinha um terno de roupas. Quando ele lavava a sua roupa, ele ficava deitado nu. Esperava a roupa secar para vesti-la e sair (JESUS, 2014 p. 08). Ao longo do texto, percebemos que a ausência do pai não acarretou problemas para Bitita que tinha no avô o retrato do verdadeiro pai, o responsável por ensiná-la a sobreviver às durezas da vida e a usar a escrita como mecanismo de denúncia social, conforme podemos ver no excerto a seguir:

Quando ocorria um roubo, os pretos eram os suspeitos. Os policiais prendiam. Quantas vezes eu ouvi os maiores dizendo:  
 – Negros ladrões, negros ordinários  
 [Os negros] diziam:  
 – Não fomos nós.  
 Notava os seus olhares tristes. Eu sabia que era negra por causa dos meninos brancos. Quando brigavam comigo diziam:  
 – Negrinha! Negrinha fedida (JESUS, 2014, p. 91-92).

O trecho acima evidencia o quanto a questão étnica, marcada pelo racismo, pelas injustiças, permaneceu viva na memória da autora já adulta. Sua visão de infância trouxe para o espaço do texto os infortúnios sofridos pelos negros no Brasil, traçando um panorama da sociedade de início do século XX. Em todo o texto, Carolina evidenciou as agruras vivenciadas pelas crianças negras, pobres em um contexto de dificuldades, de opressão e de silenciamento das infâncias.

Mesmo diante das tentativas de privá-la dos estudos, de ser considerada louca pelos brancos por não aceitar o lugar que eles reservaram para os negros na sociedade brasileira, Bitita/Carolina rompeu as mazelas sofridas por meio da intelectualidade, da compreensão de “que uma pessoa letrada sabe suportar os amarumes da vida” (JESUS, 2014, p. 179). E, assim, concretizou o sonho de luta e resistência via escrita poética, apesar de seus poucos anos de escolaridade.

Todos os textos literários apresentados partiram de contextos socioculturais do final do século XIX e início do XX. A visão de infância nesse período estava atrelada à relação patriarcal do adulto com a criança. As infâncias que emergiram das escritas literárias tiveram como estrutura uma sociedade marcada pelo distanciamento entre a criança e o adulto. Retomando Gilberto Freyre (1996), a criança nesse contexto era compreendida como um ser estranho, um resto, passível de pecados, logo, sujeita a coerções e castigos. Um tempo assinalado muitas vezes pela ausência de afetos e pela

prática de maus-tratos e punição por parte dos próprios pais, do núcleo familiar como um todo e da escola. Onde quer que a criança se encontrasse, havia sempre algum adulto para puni-la. A criança vivia acuada, “sem a compreensão de seus responsáveis, sem defesa/ e sem desculpas, / vítimas desinteressantes de uma educação errada e / prepotente que ia da casa à escola, passando por uma escala de coerções absurdas” (VC, 2013, p. 107).

Nessa perspectiva, os textos de Cora Coralina, Helena Morley, Graciliano Ramos, Carolina Maria de Jesus e de tantos outros da literatura brasileira apresentaram as vicissitudes das infâncias, dos sujeitos no curso do tempo vivido. Além disso, essas escritas autobiográficas, memorialistas, fincadas na linguagem, tornaram possível representação das infâncias e a construção do ser em palavras. Como muito bem colocou Gloria Jean Watkins, conhecida por seu pseudônimo bell hooks, escrito em minúsculo por preferência e escolha da autora, (2019, p. 73), “a linguagem é também um lugar de luta. O oprimido luta na linguagem para recuperar a si mesmo”. Por essa via, as pessoas que pesquisam a história poderão trazer à tona os vestígios do passado, documentando-o, bem ao modo proposto por Bloch (2002).

Por meio da representação das experiências individuais/pessoais na tessitura das tramas poéticas, tivemos acesso a um universo discursivo que nos possibilitou compreender momentos importantes vividos na infância das escritoras e escritores. Vislumbramos também os modos de educar as infâncias no final do século XIX e início do XX.

Na próxima parte desta tese, no capítulo dois, faremos uma incursão no tempo da juventude de Anna Lins. Nessa jornada investigativa da escritura de um momento histórico, via literatura, vamos nos deparar com Cora mulher Coralina na juventude. Emergem, nesse contexto, as primeiras produções estéticas da jovem escritora e a sua marcante presença nos bailes, saraus e tertúlias literárias da intelectualidade goiana de início do século XX.

A ousadia e a coragem de romper os liames do espaço doméstico, regido sob a mão invisível do patriarcalismo, levaram-na, aos vinte e dois anos de idade, a explorar um mundo desconhecido, longe das terras goianas, deixando nos recônditos da memória a pequena Aninha, a menina inzoneira, pandorga, de pernas moles. Além disso, nesta próxima parte, adentramos também no universo literário goiano no tempo do *Vintém de Cobre* com a finalidade de colocar em destaque a literatura produzida nos ermos do Planalto Central. Sigamos o percurso.

## CAPÍTULO II – ENTRE A INFÂNCIA LONGÍNQUA E A ANCIANIDADE PRESENTE: o tempo da juventude

Um dia houve.  
Eu era jovem, cheia de sonhos.  
Rica de imensa pobreza  
que me limitava  
entre oito mulheres que me governavam  
Eu parti em busca de meu destino.  
Ninguém me estendeu a mão.  
Ninguém me ajudou e todos jogaram pedras.  
(Cora Coralina)

Abrimos este capítulo com o lamento de Anna Lins dos Guimarães Peixoto na construção de seu retrato quando jovem<sup>50</sup>. A antítese do verso ‘rica de imensa pobreza’ é um tanto quanto curiosa quando voltamos nosso olhar para o princípio das produções da poetisa nesse tempo da vida. Um tempo em que ela soltou as amarras que a prendiam aos preceitos patriarcais. Um tempo de suas ousadias, da busca dos sonhos, dos enfrentamentos. Um tempo em que a menina-moça marcou sua presença nos requintados saraus e tertúlias literárias e encantou a intelectualidade goiana de início do século XX. A falta de uma mão solidária, de alguém para conduzi-la no complexo mundo da juventude, a incomodou. Talvez seja essa a imensa pobreza de que falou o eu lírico.

Nesta parte, deixamos Aninha no tempo da infância, final do século XIX, para acompanhar Cora mulher Coralina e suas feitura literárias, suas vivências, nos verdes anos da juventude em Goiás das primeiras décadas do século XX. Nesse universo, Cora entreteceu o seu destino, assumiu as rédeas da sua vida, estreitou laços literários com outras personalidades das letras goianas, movimentou a imprensa e se fez presente nos requintados salões da intelectualidade goiana do período. Espaço ocupado, em sua maioria, por homens.

---

<sup>50</sup> Fizemos uma alusão ao livro *Um retrato do artista quando jovem* (2001), publicado pela primeira vez em 1916, de James Joyce. Um romance de formação que apresenta a jornada que vai da infância à juventude de Stephen Dedalus, personagem principal da trama. É um romance completo acerca da educação e do crescimento intelectual do jovem Dedalus. Para viver a experiência artística, a juventude plenamente, sem medo, sem amarras, o protagonista teve que romper com o que lhe parecia mais caro na vida, a saber: a família e a religião. De forma análoga, Cora Coralina, apesar de não romper com a religião, rompeu com a família e foi em busca de seu sonho em terras distantes de sua cidade natal.

A obra de Joyce nos remete também à de Manoel de Barros, *Retrato do artista quando coisa*, publicada em 1998. Nessa feitura poética, percebemos que a alusão feita pelo poeta cuiabano ao texto do escritor irlandês vai além do título, pois, tal qual Joyce, Barros subverte a lógica da sintaxe das palavras, da linguagem a partir de uma consciência criadora que vai ao rés-do-chão à cata dos desperdícios para registrar a simplicidade da vida. Assim também o fez Cora Coralina.

Para entender a trajetória de Cora Coralina no mundo das letras, evidenciamos as suas primeiras produções literárias e estabelecemos um diálogo da escritora dos becos com literatos e literatas de Goiás. Com esse propósito, procuramos revisitar o tempo do *vintém de cobre*<sup>51</sup> nas páginas da literatura goiana do final do século XIX e início do XX. Não é nossa pretensão fazer um exaustivo levantamento de toda a literatura produzida em Goiás no recorte temporal em questão. Procuramos, enfim, identificar algumas autorias literárias goianas e suas relações com o cânone<sup>52</sup> nacional.

A investigação nos revelou uma produção significativa de literatura goiana, embora ainda não tão divulgada, estudada, lida. Antônio Félix de Bulhões (1845-1887), Joaquim Bonifácio de Siqueira (1883-1923), Antônio Americano do Brasil (1891 – 1931), Henrique Silva (1865-1935), Arlindo Costa (1880-1928), Gastão de Deus Vitor Rodrigues (1883-1917), Cylleneo Marques de Araujo Valle - Léo Lynce (1884-1954), Hugo de Carvalho Ramos (1895-1921), Bernardo Élis Fleury de Campos Curado (1915-1997), para citar apenas esses no universo de escritores masculinos.

No âmbito da escrita de autoria feminina goiana, evidenciamos Eurydice Natal e Silva (1883-1970), Leodegária de Jesus (1889-1978), Cora Coralina (1889-1985), Regina Lacerda (1919-1992), Yêda Schmalz (1941-2003). As autoras e os autores mencionados, dentre tantos, são nomes da nossa literatura. Alguns visibilizados, figurando entre tantos aclamados da estética literária nacional. Outros, esquecidos, silenciados, mas que em seus tempos históricos e lugares produziram um relevante material para as letras goianas. A maioria não retratou as infâncias, mas emerge de seus textos o tempo da juventude, por isso achamos necessário destinar uma parte desta pesquisa aos que trilharam o universo literário de Goiás do final do século XIX a meados do XX.

Nesse exercício, evidenciamos quão rica e diversa é a nossa literatura. Ainda nesse capítulo, destacamos também duas mulheres vilaboenses, atuantes no mundo da leitura e da instrução, a saber: Dona Jacintha Luiza do Couto Brandão Peixoto (1864-1936) e Dona Silvina Ermelinda Xavier de Brito (1848-1920). A primeira, mãe de Cora Coralina. A segunda, professora das duas.

---

<sup>51</sup> *Vintém de cobre*, moeda do tempo do mil-réis, de pouco valor. “Moeda triste, escura, pesada” (VC, 2013, p. 21).

<sup>52</sup> Acerca do conceito de cânone, de acordo com Leyla Perrone-Moisés (1998, p. 61), a palavra é originária do “grego *kanón*, através do latim *Canon*, e significa regra. Com o passar do tempo, a palavra adquiriu o sentido específico de conjunto de textos autorizados, exatos, modelares.”. Na literatura, o cânone “passou a significar o conjunto de autores literários reconhecidos como mestres da tradição.”

Fechamos esse segundo capítulo com um diálogo entre as duas ‘formigas diligentes’ das nossas letras: Leodegária de Jesus e Cora Coralina, contemporâneas, mulheres goianas, escritoras no limiar do século XX. Tanto Leodegária quanto Cora, por meio da escrita, romperam os limites da casa patriarcal e assumiram o protagonismo em espaços majoritariamente masculinos.

Essas duas mulheres ocuparam lugares importantes para as letras goianas, como o Clube Literário Goiano (CLG), presidido por Leodegária, conforme registrou Cora no saudosista poema “Velho Sobrado”, de PBG (2008). Elas também foram redatoras do jornal *A Rosa*, fundado em 1907, por quatro jovens, a saber: Rosa Santarem Godinho, Alice Augusta de Santana Coutinho, Luiza de Oliveira e Lambertina Póvoa. Essas duas últimas não permaneceram no grupo e foram substituídas por Leodegária de Jesus e Cora Coralina.

As mãos dessas duas artífices da palavra teceram a vida no poema. Leodegária cantou, num viés mais místico, a dualidade entre a vida e a morte, o amor e o sofrimento. Cora, por sua vez, cantou “a vida mera das obscuras” (PBG, 2008, p. 33) e retirou do esquecimento as diversas vidas marginalizadas dos becos de sua terra. Ela fez emergir a voz do oprimido, desmistificou a ideia romantizada de infância, mostrou as ousadias da juventude, dentre tantas outras questões.

As discussões desencadeadas a partir do diálogo estabelecido entre essas duas ‘abelhas no artesanato da palavra’, as pioneiras na literatura goiana, evidenciaram claramente a escrita como um meio de veiculação dos interditos e de inserção do feminino no espaço do outro, isto é, do masculino. Com isso, foi possível problematizar questões como o monopólio cultural da escrita masculina e os enfrentamentos da mulher escritora nesse cenário goiano do princípio do século XX.

Para nos ajudar nesse diálogo, recorreremos à documentação elaborada por pesquisadoras/es goianos/as e de outras localidades acerca do contexto histórico, cultural e social do lugar de pertencimento dessas duas poetisas, a Cidade de Goiás do início do século XX. Destacamos os estudos de Darcy Denófrio (2004/2019), Clóvis Carvalho Britto e Elisa Rita Seda (2009), Ebe Maria de Lima Siqueira (2017), Paulo Britto do Prado (2019), Ludmilla Santos Andrade (2022), e tantas outras pesquisas que trouxeram para o espaço do texto a vida e a obra de Cora Coralina e a literatura goiana.

## 2.1- O tempo do *Vintém de Cobre*: Goiás nas páginas da literatura

Em nosso exercício de busca acerca da produção intelectual em Goiás no tempo do *vintém de cobre*, encontramos inúmeras pesquisas que apresentaram um olhar interpretativo diverso da então consolidada ideia de decadência do estado<sup>53</sup>. E isso nos ajudou a ratificar a tese de que, social e culturalmente, a província não se encontrava tão distanciada dos grandes centros intelectuais do país.

No final do século XIX, a cidade de Vila Boa foi palco de efervescência cultural, política e intelectual. Foi também o espaço onde concentrou todas as decisões administrativas do estado. Sem falar que, nesse período, mais de trinta jornais circulavam na cidade. No ano de 1830, foi inaugurado na Vila de Meia Ponte, hoje Pirenópolis, o *Matutina Meiapontense*. Esse periódico circulou por quase quatro anos na província de Goiás e sua história está diretamente ligada à luta da imprensa brasileira contra a dominação de Portugal sobre a colônia. É com esse viés político e de resistência que surgiu o jornalismo nacional. Na Europa, pelo contrário, o desenvolvimento do jornalismo teve suas origens alicerçadas, principalmente, nas necessidades mercadológicas do capitalismo comercial e industrial.

Dois feitos consideráveis no campo das artes ocorreram nos anos de 1857, com a inauguração do *Teatro São Joaquim*; e de 1864, com a criação do *Gabinete Literário Goiano*. Essas instituições promoveram intensas movimentações culturais, sociais e artísticas em Goiás e foram palcos de interlocução entre vários segmentos da sociedade goiana de então. Além disso, elas contribuíram para a construção de uma identidade regional letrada, seguindo os parâmetros vigentes na Europa do período, como afirmou a professora Valdeniza Barra (2011) em seus estudos acerca da história da educação em Goiás. O Gabinete Literário, por exemplo, era o lugar do contato com a leitura, com a

---

<sup>53</sup> Além dos bandeirantes, passaram pelo território goiano alguns viajantes europeus, dentre os quais podemos citar os seguintes: o austríaco Johann Emanuel Pohl, os franceses August de Saint-Hilaire e Castelnau, o escocês George Gardner, inglês William John Burchelle também o militar português D'Alincourt. Imbuídos de uma visão eurocêntrica e tomando como base suas cidades de origem, esses aventureiros produziam crônicas, testemunhos, relatos sobre a província. Suas escritas reforçaram a ideia do sertão goiano como lugar de bárbaros, de isolamento. Com os viajantes “apareceram as enfáticas descrições sobre a precariedade das estradas e acesso a Goiás, que contribuíram para colocá-lo, a partir do século XIX, numa situação de penúria, atraso e total isolamento em relações às demais regiões desenvolvidas do Brasil” (BOAVENTURA, 2007, p. 28). Assim, em razão da localização geográfica do estado de Goiás, por muito tempo, uma parte da historiografia difundiu a ideia de que o frágil desenvolvimento da região se deu em virtude das dificuldades de acesso e pelo distanciamento dessas terras dos grandes centros comerciais, administrativos do país.

língua estrangeira, com a música e com tantos outros eventos culturais em voga nos grandes centros urbanos brasileiros e europeus. De acordo com Paulo Brito do Prado e Eliane Martins de Freitas (2018), o Gabinete Literário era mantido por uma sociedade

composta de importantes representações políticas do estado e sua importância como canal de decisões administrativas pode ser notada na dinâmica das eleições, na saída e entrada de sócios e na oferta (ou retirada) de subvenções, por parte dos presidentes da província, para auxiliar em sua manutenção. O fato de ser um ambiente profícuo à atividade política transformou-o em local imprescindível aos interesses de grupos oligárquicos desejosos de projetar-se no cenário político estadual e nacional. (PRADO; FREITAS, 2018, p. 08)

Conforme apresentado no sítio do Dicionário *Oxford Languages*, etimologicamente, o termo gabinete é de origem francesa, *cabinet*, e se referia a um lugar acessório, um cômodo nos suntuosos espaços da nobreza e da burguesia do século XIX, reservado aos momentos de leitura, às reuniões da intelectualidade. Várias províncias do Brasil imperial, inclusive na Corte, possuíam um Gabinete Literário. Em Vila Boa, a então capital da província de Goiás, não seria diferente. Em terras goianas, o Gabinete Literário tinha um importante papel social como espaço singular de cultura e símbolo de distinção na sociedade.

Nesse lugar, eram realizadas diversas atividades culturais como bailes, saraus e tertúlias<sup>54</sup> literárias. Tais eventos demonstram que, embora economicamente Goiás ocupasse uma posição secundária em relação à metrópole, culturalmente essa realidade de insulamento não se sustenta. E por aqui também circulavam, mesmo com uma diferença temporal, as novidades diversas vindas da Europa: tendências da moda, ideias e costumes.

No campo das artes, a investigação nos revelou uma produção significativa de literatura goiana que pode ser considerada como fonte para o estudo da vida na província do Planalto Central e de tantas outras questões históricas de final do século XIX. São textos poéticos silenciados, não divulgados. Esse exercício de trazer à tona personalidades que escreveram literatura em Goiás no recorte temporal em questão é necessário para ratificar nossa tese de que, embora considerado um lugar de atraso, o estado de Cora

---

<sup>54</sup> Os saraus e as tertúlias literárias eram momentos destinados à propagação das artes. De tradição portuguesa, chegaram ao Brasil no início do século XIX (VAZ, 2008). Nesses eventos, as pessoas se reuniam para apreciar a música, a literatura, as apresentações culturais e artísticas diversas. Da sede da Coroa para o interior do Brasil, essas assembleias entraram no circuito da cultura goiana e foram essenciais para colocar o estado no rol dos acontecimentos de erudição dos grandes centros brasileiros e europeus.

Coralina, no tempo do *vintém de cobre*, também foi afetado por uma movimentação artístico-cultural representativa de nossas raízes.

Os textos literários dos autores e das autoras investigadas retrataram personagens comuns, invisibilizadas e que não se encontravam no rol das personalidades da história. No entanto, as representações de suas vidas no contexto social do período constituem mecanismos, chave de interpretação das mentalidades muitas vezes ignoradas. São imagens que podem ajudar as pessoas que pesquisam a história a alcançar os lugares desconhecidos das subjetividades. Vejamos alguns nomes, dentre tantos outros, de nossa literatura que fizeram emergir as mais distintas experiências, costumes, usos de um povo, de uma época. As escritas de tais autores e autoras, guardadas as devidas proporções, não se diferem da literatura canônica produzida nos centros culturais mais destacados do país, tanto em relação à temática, à forma, à linguagem, quanto a outras especificidades estéticas.

Antes de adentrar o universo literário goiano, é preciso problematizar a ideia historicamente construída acerca de cânone. Assim, com Roberto Reis (1992, p. 61) entendemos que “o critério para se questionar um texto literário não pode se descurar do fato de que, numa dada circunstância histórica, indivíduos dotados de poder atribuíram o estatuto de literário àquele texto (e não a outros), canonizando-o”. Essa assertiva nos aponta a visão ideológica e eurocêntrica de hierarquização da literatura brasileira, categorizando-a em boa ou ruim, sob o ponto de vista dos dominadores. É preciso enfrentar essa estrutura elitizada, patriarcal e excludente de se classificar a nossa literatura. E isso vem acontecendo desde o final do século XX até os dias atuais com as publicações de escritas de autoria feminina, indígena, negra, periférica.

Muitas pesquisas também problematizaram a questão do cânone e apontaram a necessidade de se construir um outro olhar sobre ele, a ampliá-lo por meio da resistência aos padrões eurocêntricos de categorização das obras literárias. Enfim, quando colocamos a literatura produzida em Goiás, sobretudo pelos esquecidos, no rol do cânone nacional, o nosso intento é o de desestruturar as formas conservadoras, elitizadas, logo excludentes, de hierarquização da literatura brasileira, ainda tão presentes nas academias. Feitas essas considerações, voltemos nosso olhar para o universo das autorias literárias goianas.

No âmbito masculino, destacamos Antonio Félix de Bulhões Jardim (1845-1887), que iniciou sua escrita literária no final do século XIX. Dentre tantas ocupações na sociedade goiana de então, foi também um literato que cultivou com espontaneidade e brilho as diversas formas de fazer poesia com temáticas de cunho religioso, romântico,

social e de exaltação à terra goiana. Usou a literatura para criticar, satirizar a centralização do poder no período imperial. Por colocar a sua poesia contra a escravidão, foi considerado pela imprensa o ‘Castro Alves goiano’<sup>55</sup>. No ano de 1906, os poemas de Félix Bulhões foram reunidos em um livro póstumo por iniciativa de sua mãe Dona Antonia de Bulhões Jardim.

Outro nome de destaque nas letras goianas do final de século XIX foi o de Joaquim Bonifácio Gomes de Siqueira (1883 – 1923), escritor que teve seu primeiro livro de poesias publicado em 1903. Assim como Bulhões, Siqueira também foi comparado a um dos poetas do Romantismo brasileiro. Nesse caso, a Casimiro de Abreu<sup>56</sup>, por exaltar em seu fazer poético as belezas de sua terra natal. Além desses dois, muitos outros escritores deixaram suas marcas na estética literária goiana, tais como: Antônio Americano do Brasil (1891-1931), com uma escrita de base organicista evolucionista, influência de sua formação médica; Henrique Silva (1865-1935), poeta eclético cuja escrita literária apresentou traços que vão do romantismo ao pré-modernismo; Arlindo Costa (1880-1928), com uma produção poética mais ao estilo pré-modernista; Gastão de Deus Vitor Rodrigues (1883-1917), poeta e crítico literário; Cylleneo Marques de Araujo Valle - Léo Lynce (1884-1954), considerado o precursor do modernismo em Goiás, seguido por Hugo de Carvalho Ramos (1895-1921), que, em *Tropas e Boiadas* (1917), soube manejar o regionalismo goiano numa perspectiva universal. Essa única obra produzida por Hugo de Carvalho Ramos o consagrou no cenário nacional, a ponto de provocar quase um apagamento de seus contemporâneos, tais como os citados acima.

Ainda nessa linha regionalista universal se encontra Bernardo Élis Fleury de Campos Curado (1915-1997), o único escritor goiano eleito para a Academia Brasileira de Letras, em 1975. Assim como Hugo de Carvalho, Élis também foi um nome expressivo na literatura brasileira, pois trabalhou a matéria regional e a dura exposição de seres esquecidos, marginalizados socialmente de forma peculiar e isso o tornou um escritor de grande importância para a literatura tanto em Goiás quanto no Brasil. Sua escrita literária surpreendeu autores pré-modernista, como Monteiro Lobato, e modernista, como Mário

---

<sup>55</sup> O termo apareceu na reportagem feita por Hélio Rocha, “O grande poeta Félix de Bulhões, o Castro Alves de Goiás”, veiculada no Jornal *Opção*, em agosto de 2020. Disponível em: <https://www.jornalopcao.com.br/colunas-geral/memorando/o-grande-poeta-felix-de-bulhoes-o-castro-alves-de-goias-276391/>. Acesso em nov. de 2022.

<sup>56</sup> Identificamos a comparação do poeta goiano Joaquim Bonifácio Gomes de Siqueira a Casimiro de Abreu na reportagem escrita por Geraldo Coelho Vaz, “O (1º) príncipe dos poetas goianos”, veiculada no Jornal *Diário da Manhã*, em junho de 2016. Disponível em <https://www.dm.com.br/opiniao/2016/06/o-1o-principe-dos-poetas-goianos>. Acesso em nov. de 2022.

de Andrade. Ambos escreveram cartas para Bernardo Élis demonstrando admiração e apreço pela escrita desse literato goiano.

O autor de *Ermos e Gerais* (1944) e de tantas outras publicações trouxe também o feminino para o centro de suas discussões por meio de emblemáticas personagens, como Joana de “A virgem santíssima do quarto de Joana” e Carmélia do conto “A mulher que comeu o amante”. Essas duas protagonistas revelaram a posição da mulher no contexto patriarcal, sua submissão, como é o caso de Joana, e sua transgressão, evidenciada nas ações de Carmélia.

Em seus textos, Bernardo Élis, artisticamente, focalizou as imagens verossímeis de seres desumanizados e, numa fusão entre tragédia e comédia, apresentou a vida do homem do sertão goiano e as suas relações em um contexto sociocultural de exploração e desmandos. Élis expôs “as questões sociais das pequenas comunidades do interior goiano, [...] explorou esteticamente as mazelas vividas pelo povo de seu estado [...] e a partir de uma escrita de protesto, denúncia e reivindicação” (OLIVEIRA, 2011, p. 11)<sup>57</sup> explorou a versatilidade e multiplicidade de sua região, integrando-a no contexto nacional amplo.

José Jacinto Veiga (1915-1999), contemporâneo a Bernardo Élis, foi também um escritor goiano que se destacou no cenário das letras e alcançou uma projeção tanto no Brasil quanto em outros países. A escrita literária de José J. Veiga<sup>58</sup> possui um caráter peculiar, alegórico com características da narrativa fantástica, do insólito. O escritor goiano questionou a realidade opressora e dominante, trouxe para o espaço do texto a voz da criança, da mulher, do jovem. Sua construção estética desassossega, inquieta as pessoas leitoras.

De igual modo, a literatura de autoria feminina no final do século XIX não ficou aquém da masculina. Com a reestruturação do Gabinete Literário<sup>59</sup> em 1871, as mulheres,

---

<sup>57</sup> Dentre as inúmeras temáticas regionais abordadas por Bernardo Élis, encontra-se a questão da loucura. No Mestrado, a partir do livro *Ermos e Gerais* (1944), trabalhamos a relação entre a literatura e a loucura, analisando três contos dessa obra, a saber: “O louco da sombra”, “A virgem santíssima do quarto de Joana” e “André Louco”. Por meio de um humor ácido, Élis focalizou artisticamente as imagens verossímeis de seres desumanizados, revelando, assim, a supremacia da posse do poder econômico sobre a posse do humano. Em sua escrita literária, Bernardo Élis teceu o emaranhado das relações humanas e a situação sociocultural de sua gente.

<sup>58</sup> A obra de estreia de José Jacinto Veiga, **Os cavalinhos de Platiplanto**, marcou a escolha de seu nome literário com a opção de usar a letra J no lugar de Jacinto. Essa troca foi sugerida pelo amigo Guimarães Rosa, o autor de **Grande Sertão**: veredas. Por se considerar um homem místico, adepto da numerologia, Veiga acolheu a dica do amigo e desde então passou a usar o nome José J. Veiga para assinar suas produções literárias.

<sup>59</sup> O Gabinete Literário Goiano, fundado em 10 de abril de 1861, apesar de ser originalmente considerado uma entidade pública, reuniu representantes de setores elitistas da sociedade goiana do período, tais como:

embora as mais abastadas da sociedade, tiveram acesso a esse espaço de cultura até então destinado apenas aos homens da elite goiana. Há um número considerável de estudos que tratam da atuação da mulher na vida pública da província, contrariando a visão excludente, eurocêntrica e patriarcal de Saint-Hilaire. As lentes carregadas desse naturalista francês não pouparam o indígena, o negro e muito menos a mulher que foi pintada com cores estereotipadas. Para Saint-Hilaire, elas eram aventureiras, sem beleza ou graça, afeitas à prostituição, à ignorância. Sobre essa caracterização do feminino goiano, vejamos a transcrição de um trecho do relato de Saint-Hilaire, evidenciado por Paulo Brito do Prado (2019):

Os olhos negros e brilhantes das mulheres de Goiás traem as paixões que as dominam, mas seus traços não têm nenhuma delicadeza, seus gestos são desgraciosos e sua voz não tem doçura. Como não receberam educação, sua conversa é inteiramente desprovida de encanto. São inibidas e estúpidas, e se acham reduzidas praticamente ao papel de fêmeas para os homens. (SAINT-HILAIRE, 1975 apud PRADO, 2019, p. 26)

Essa visão etnocêntrica, intensificada pela ideia de estado decadente, respingou entre os estudiosos da historiografia tradicional cuja análise da região recaiu com mais ênfase nas bases econômicas. A maioria não considerou o desenvolvimento social, o processo cultural emergente, a organização do espaço, a política de urbanização, o vínculo entre a colônia e a metrópole, dentre outras questões. Sob essas lentes preconceituosas, muitos contadores de nossa história voltaram seus olhares apenas para as dificuldades de acesso às terras goianas, para as mazelas vividas no estado em decorrência do declínio do ouro e da duradoura estrutura oligárquica, mantida sob os domínios do coronelismo. No entanto, a literatura produzida no território dos *goyazes* e toda a manifestação cultural do período revelaram o oposto dessa ideia e apontaram outras formas de leituras da realidade histórica goiana.

No campo da estética literária feminina, destacamos Eurydice Natal e Silva (1883-1970), que iniciou sua carreira literária em 1902 com o conto “Notas de uma viagem ao Araguaia”. Dois anos mais tarde, em 1904, Eurydice presidiu a primeira Academia de Letras de Goyas. Leodegária de Jesus (1889-1978), a primeira mulher a publicar um livro

---

o governo da província, a Igreja Católica, os comerciantes locais, as forças militares, as famílias influentes. No início de funcionamento do Gabinete, as mulheres não podiam ser sócias. O acesso delas a esse estabelecimento se dava por meio do marido, o titular da ficha de registro. Após 1871, com a reestruturação do Gabinete Literário, às mulheres foram concedidas o direito de se associarem.

em Goiás. De acordo com Darcy França Denófrio (2004), esse título ficou nas mãos de Leodegária por quarenta e oito anos. A escrita poética dessa poetisa se constituiu, praticamente, de sonetos, mais ao tom do romantismo brasileiro. Sua verve literária teve “como estilo a resistência estética, fruto de sua resiliência étnica, de mulher negra, tanto como rearticulação identitária quanto como reconfiguração emocional” (DENÓFRIO, 2004, p. 50).

Em 1954, Regina Lacerda (1919-1992), com *Pitanga: poesias*, assumiu o posto de ser a segunda mulher goiana a publicar livros. Coralina, embora tenha iniciado no mundo da escrita literária ainda muito jovem, com o conto “Tragédia na roça”, exposto no *Anuario histórico, geográfico e descritivo do estado de Goyaz*, só teve o seu primeiro livro publicado em 1965, qual seja: *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. Onze anos depois, em 1976, foi lançado *Meu livro de cordel*. Em 1983, Cora Coralina lançou mais um livro com o título *Vintém de cobre: meias confissões de Aninha*. Essas publicações ocorreram quando a poetisa ainda estava viva.

Tendo em vista a ordem cronológica de publicações das escritoras goianas, para Denófrio (2004, p. 17), Yêda Schmaltz (1941-2003), “com *Caminhos de mim*, de 1964, terá de ser considerada, com justiça, a terceira mulher a publicar livro de poemas em Goiás. Para uma tradição tão curta, devemos admitir que fomos muito longe”. Isso se levarmos em consideração apenas as publicações em livro e também de escritoras não nascidas em terras goianas, mas que fizeram sua trajetória literária e de vida nesse estado, como é o caso de Yêda Schmaltz que se tornou uma goiana de coração. A literatura possibilitou a essa escritora o enfretamento às inúmeras situações de controle, submissão, desmandos a que as mulheres, historicamente, estiveram e estão submetidas<sup>60</sup>.

Dentre os feitos de Schmaltz nas letras goianas, elencamos também a sua participação, juntamente com Aldair da Silveira Vaz, Ciro Palmerston Muniz, Geraldo Coelho Vaz, Edir Guerra Malagoni e Tancredo Araújo, na criação do Grupo de Escritores Novos (GEN)<sup>61</sup> no ano de 1963. A história de criação desse grupo se funde com toda a

<sup>60</sup> Acerca da trajetória histórica e biográfica da educadora Yêda Schmaltz, ver mais em “*A mim pouco me importa, aberta ou fechada a porta, eu vou entrar: os caminhos da escritora Yêda Schmaltz (1941 - 2003)*”, dissertação de Mestrado de Viviane Lis Mariano Mendes (2022), disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/12638/3/Disserta%20-%202022.pdf> Acesso em jan. de 2023.

<sup>61</sup> De acordo com Bemado Élis (2023, s/p), patrono do GEN, “o grupo promovia encontros e discussões, procurando entrar em contato com os artistas mais velhos e polemizavam ferozmente os novos postulados artísticos. Foi na verdade um grupo atuante, crítico e que tratava com seriedade ou profissionalismo o labor literário”. *Jornal Opção*. Depoimento: o GEN (Grupo de Escritores Novos) e o modernismo. Disponível em: <https://www.jornalopcao.com.br/opcao-cultural/depoimento-o-gen-grupo-de-escritores-novos-e-o-modernismo-495471/> acesso em junho de 2023.

efervescência cultural que estava agitando a capital goiana na década de 1960 do século XX. Para a professora Moema de Castro e Silva Olival (2000)<sup>62</sup>, o GEN foi um sopro de renovação da cultura em Goiás, a esperança de modernização das letras goianas por meio das reflexões críticas, dos debates acerca das teorias literárias em voga no momento e das inúmeras formas de manifestação da arte de narrar/poetizar e dos experimentos com a linguagem estética. Ainda com Olival (2000), o GEN foi um divisor de águas, um vento promissor, para a literatura goiana. Cora Coralina dedicou alguns versos no poema “Meu vintém perdido” para agradecer ao GEN pelo apoio na publicação de seu primeiro livro e pela memorável noite de autógrafos organizada por esse grupo. Assim manifestou o eu lírico:

Leitores e promoção.  
 Meu respeito constante, gratidão pelos jovens.  
 Foram eles, do grupo Gen, cheios de um fogo novo  
 Que me promoveram a primeira noite de autógrafos  
 Na antiga livraria Oió: Jamais os esquecer. (VC, 2013, p. 52)

De acordo com Darcy Denófrío França (2006, p. 205), o contato de Cora Coralina com a juventude do GEN, bem como o apoio desse grupo a Cora, que declarou em alto e bom som a sua preferência pelos jovens aos mais velhos, colocou-a em um terreno movediço das vaidades literárias. A poetisa acabou ficando entre duas forças antagônicas: “aquela dos que estavam na crista do poder literário (a chamada “velha guarda” até nos jornais) e a dos jovens que tentavam se impor naquele momento”. Isso pode ter desencadeado a “má vontade que, entre nós, ainda perdura por parte de alguns, relativamente à sua obra poética”. Embora a adesão de Cora Coralina ao Grupo de Escritores Novos a tenha colocado numa posição contraditória, uma senhora de 76 anos integrante em grupo formado por jovens, conforme expôs Denófrío, não se pode negar a atuação do GEN na divulgação da literatura coraliniana.

A estética literária goiana ou de Goiás, não importa a denominação, nasceu da necessidade de revelar a condição humana, histórica e social das pessoas do interior do Brasil. Ela fez emergir as mentalidades das gentes dos mais recônditos lugares dos ermos do sertão goiano. Nas escritas literárias poéticas das autoras e dos autores evidenciados,

---

<sup>62</sup> De acordo com Moema Olival (2000, p. 181), com o Grupo de Escritores Novos aprofundaram-se “as condições de conscientização do papel de escritor moderno, das colocações da relação homem-literatura (o homem apanhado nas profundezas de seus desejos através das frustrações do cotidiano), do peso de suas possibilidades e de suas responsabilidades no mundo cultural de hoje.”

em cada verso lapidado pelo tom lírico, satírico, muitas vezes nostálgico, emergiu o emaranhado das relações humanas, a identidade de um povo, as infâncias, a juventude, a vida em sociedade.

Na prosa de cunho regionalista, a cor local foi apenas um pano de fundo para a construção do retrato do homem universal, do sertão para o mundo. Nesse sentido, mesmo trazendo para o espaço do texto questões pertinentes ao regionalismo, ao naturalismo e ao documento, escritores e escritoras goianas problematizaram o pessimismo naturalista encontrado em muitos relatos sobre a terra de Goiás. O tratamento estético peculiar dado à matéria regional e a dura exposição de seres esquecidos fizeram a literatura regionalista em Goiás alcançar o universal por meio da absorção da versatilidade da região do Planalto Central.

Após esse mergulho no universo das escritoras goianas, voltamos nosso olhar para a matriarca da família Couto Brandão, a mãe de Cora Coralina, uma mulher vilaboense, atuante no mundo da leitura e dos negócios. Estamos falando de Dona Jacintha Luiza do Couto Brandão Peixoto (1864-1936)<sup>63</sup>. Achamos necessário dedicar uma parte deste estudo a essa mulher que foi a gênese da constituição da poetisa de todas as vidas.

Embora em sua poética, Cora Coralina, ao delegar a voz a Aninha, deixou transparecer toda a carga de ressentimentos pelas ausências da mãe, a poetisa também registrou a presença marcante de Dona Jacintha no espaço de domínio patriarcal. Alguns feitos dessa matriarca serão apresentados, ainda que de forma sucinta, neste próximo subitem do capítulo.

## **2.2 – Dona Jacintha Luiza do Couto Brandão Peixoto: a matriarca**

Filha de Joaquim Luís do Couto Brandão e Honória Pereira de Abreu, uma família de posses e de prestígio na província de Goiás, Jacintha foi uma senhora da sociedade

---

<sup>63</sup> A mãe de Cora Coralina, Dona Jacintha Luiza do Couto Brandão, foi uma mulher que quebrou paradigmas de seu tempo, lutou em prol da atuação feminina na sociedade. Essa mulher de fibra teve sua história apresentada em um longa-metragem. O projeto foi contemplado pelo Edital de Fomento ao Audiovisual do Fundo de Arte e Cultura do Estado de Goiás 2017. Conforme apresentado na sinopse, “a trama se passa em Vila Boa, capital de Goiás, de 1883 a 1936. Senhora, culta, fala vários idiomas e é de família abastada. Com ideias próprias, luta pelas causas que acredita enfrentando o machismo e a opressão. [...] sua maior luta é pelo direito ao voto feminino” (2017, s/p”), disponível em: <http://www.prefeituradegoias.go.gov.br/versao1/2020/12/18/filme-sobre-a-mae-de-cora-coralina-terarodada-de-conversa-online/>. Acesso em jun. de 2023.

vilaboense. Conforme o costume da época, as famílias abastadas criavam os filhos de forma distinta das filhas. Entre os Couto Brandão não era diferente. Os meninos estudavam fora de Goiás e as meninas permaneciam junto à família para aprender as prendas do lar, o ofício de ser esposa e mãe, como ocorrera com a jovem Jacintha.

De acordo com a Áurea Menezes (1981, p. 106), para preservar o ‘bom nome’ da família, a mulher goiana estava restrita ao espaço da casa, evitava circular publicamente, não recebia nenhum tipo de educação sistematizada. Vivia sob o regime severo do pai, que “ditava normas quanto à participação na vida social, quanto à religião, quanto ao namoro, ao casamento e, não raro, seu poder se estendia até ao modo da esposa e das filhas se trajarem e se pintarem, quanto à moda dos cabelos, etc.” Dona Jacintha, todavia, assim como outras mulheres, mesmo inserida nesse contexto, conseguiu acessar o conhecimento e a cultura para além do permitido às mulheres de sua época. Recebeu aulas particulares de francês, italiano e espanhol, idiomas que dominava fluentemente, sobretudo, o francês. Também foi aluna da Mestra Silvina, a professora de gerações, como cantou Cora Coralina.

Foi mãe de quatro filhas, fruto de seus três casamentos. Do primeiro, uma união de conveniência entre dois sobrenomes ilustres de Goiás, Couto Brandão, da capital da Província, e Caldas, comerciantes de Itaberaí, nasceu Vicência. Do segundo, com o desembargador Francisco de Paula Lins do Guimarães Peixoto, nasceram Helena e Anna Lins, Cora Coralina. Do último, uma união não oficializada com o médico Antônio Ferreira Ribeiro da Silva, nasceu a filha caçula Ada. Três casamentos...três viuvezes. Enfrentou, com firmeza os lutos e soube manejar os problemas financeiros desencadeados por alguns infortúnios familiares.

Destacou-se como comerciante de cigarros com freguesia certa no Rio de Janeiro (TAHAN, 1989). Mesmo vivendo numa sociedade fortemente marcada pelo patriarcalismo, foi à luta pela emancipação feminina, pelo direito ao voto. Conforme consta no *Dicionário de Educadores e Educadoras em Goiás: séculos XVIII – XXI*, na biografia sobre Cora Coralina, escrita por Ebe Maria de Lima Siqueira (2017), A genitora de Cora Coralina, além da dedicação ao universo das letras,

também é lembrada por ter sido a primeira goiana a requerer o direito ao voto. Direito que lhe seria negado pelo juiz de Direito Sebastião Fleury Curado, por ser a requerente sujeitada pelo poder marital assegurado pelo casamento em comunhão de bens, não podendo aparecer em juízo sem a representação do marido. (SIQUEIRA, 2017, p. 54)

A ação de Dona Jacintha foi negada pelo juiz porque no momento da solicitação ela vivia com seu esposo, embora acamado e muito doente, vindo a falecer pouco tempo depois. Sendo assim, a mãe de Cora Coralina estava, de acordo com o entendimento do juiz Sebastião Fleury, sujeita ao poder e mando do marido. A conquista do sufrágio foi silenciada tanto pelo judiciário de Goiás quanto pela imprensa goiana que deu pouca importância ao pedido tão incomum para a época, ainda mais vindo de mulheres. O caso apareceu nas páginas do periódico *Goyaz* “em pequenas notas, num tom debochado e humorado, como se o fato de mulheres exigir direitos políticos partisse de uma expectativa picaresca”, conforme registrou Paulo Brito Prado (2019, p. 196). Quase meio século mais tarde, mais precisamente quarenta anos depois da negativa do juiz, o direito de votar foi concedido a Dona Jacintha (ALBERNAZ, 1992) já próximo de sua morte.

O retrato de Dona Jacintha que Cora Coralina desenhou em seus poemas não foi o de uma mãe preparada para cuidar das filhas, dar atenção a elas. Como mulher de negócios e tendo que tomar as rédeas da casa, Dona Jacintha não se tornou uma figura de mãe aos moldes patriarcais. Sua atuação na produção de cigarro, quitandas, doces, as infundáveis leituras, a organização de eventos culturais na casa da ponte e a participação direta nas atividades da igreja preenchiam o tempo dessa senhora. De acordo com o eu lírico, de nada adiantava “levar queixas doloridas para a mãe / que perdida no seu mundo de leitura e negócios não dava atenção. / Quem punia por Aninha era mesmo minha bisavó. / Me ensinava as coisas, corrigia paciente meus malfeitos de criança” (VC, 2013, p. 120). Nessa passagem, percebemos o quanto Dona Jacintha não se enquadrava no modelo de mulher e mãe exemplar, cuidadosa, zelosa da prole, próprio de uma sociedade de mando masculino de final do século XIX. O papel de mãe não foi a atuação mais contundente de Dona Jacintha. Além de pioneira na busca pelo reconhecimento de sua cidadania por meio do voto, ela também

mantinha uma casa poética de encontros culturais, chamada “Casa da Ponte”, na qual a musicista Nhanhá do Couto foi apresentada à alta sociedade. Dessa forma, é possível verificar como uma mulher do século XIX manobrava poderes com os quais revestia de visibilidade outras mulheres, construindo uma rede de solidariedade e legitimidade para as artistas locais. (MAIA, 2021, p. 61)

Essa atitude emancipatória na construção dessa rede de participação das mulheres também se fez presente, anos mais tarde, em 1933, quando Dona Jacintha se uniu a um

grupo de mulheres goianas para lutar contra a transferência da capital goiana. Na tentativa de impedir a ação proposta pelo interventor do estado, Pedro Ludovico Teixeira, a mãe de Cora Coralina liderou um grupo de mulheres para tal fim. Em nome dessa comissão antimudancista, Dona Jacintha escreveu uma carta a Bertha Lutz com remetente final a então primeira-dama do país, Dona Darcy Vargas. Nesse documento, Dona Jacintha e seu coletivo de companheiras ecoaram suas vozes contra a “tresloucada pretensão do interventor de mudar sem um motivo justificado a sede da capital goyana para outro ponto.”<sup>64</sup>

Na perspectiva dessas mulheres, essa transferência acarretaria de forma drástica a derrocada da cidade de Vila Boa de Goiás. O intento não foi alcançado, apesar das resistências e lutas. Quatro anos depois de enviado o manifesto a Bertha Lutz, em março de 1937, ocorreu a mudança da capital, deixando, por algum tempo, a população vilaboense com um sentimento de orfandade. De acordo com Goiandira Ortiz de Camargo (2006),

a transferência da capital significou, para seus habitantes, o desmantelamento das perspectivas de desenvolvimento e progresso econômico e social. [...] antes era cenário de uma prodigiosa vida cultural e social, tinha jornais, um gabinete de leitura, compositores de modinha à mão cheia e grupos de teatro. Sediando a segunda escola secundarista fundada no país, era referência de ensino para onde se dirigiam futuros grandes escritores goianos em busca de educação formal. [...] Com a mudança da capital, a cidade cai num ostracismo que demoraria a ser rompido. (CAMARGO, 2006, pp 61-62)

No mesmo ano da transferência da capital, Dona Jacintha faleceu. Certamente, a sua atuação pública e política na sociedade vilaboense, em um período marcado pelo poder masculino, ecoaram entre as mulheres goianas ao longo da história. Influência notada na própria filha, Cora Coralina, conforme veremos no transcurso desta tese.

A presença de Dona Jacintha no meio intelectual, majoritariamente masculino, denotou a força dessa mulher e o seu conhecimento acerca de assuntos diversos. Leitora assídua de jornais, de livros de literatura de variados gêneros e autores diversos e também

---

<sup>64</sup> (Trecho da Carta de Dona Jacintha, apud PRADO, 2019, p. 204).

Escrevemos um *Email* aos responsáveis pela Seção de Memória e Arquivo do Museu Nacional do Rio de Janeiro na expectativa de conseguir acesso à carta original de dona Jacintha Luiza a Bertha Lutz, enviada no dia 25 de março de 1933. Todavia, de acordo com a pessoa que trabalha nesse departamento, o incêndio destruiu uma parte significativa do museu e, por isso, não poderia atender o nosso pedido. Assim, recorremos à tese de doutorado de Paulo Brito do Prado (2019), **Aventuras feministas no Sertão de Goiás: as mulheres e as lutas nos guardados de Consuelo Ramos Machado (1899 -1931)**, para o acesso à referida fonte. A tese está disponível em: <https://www.historia.uff.br/stricto/td/2094.pdf>. Acesso em fev. 2023.

tratados de filosofia. E, de acordo com a biografia feita por Siqueira (2017, p. 54), “consta em livros de registro do Gabinete Literário goiano que a jovem senhora leu todo o seu acervo de romances, periódicos e tratados de filosofia”, um feito histórico e digno de registro, levando em consideração o lugar reservado às mulheres daquele contexto, mesmo as da elite. Esse gosto pela leitura, conseqüentemente, influenciou a filha Cora Coralina que desde a mais tenra idade movimentou o mundo das letras goianas.

Para alimentar seu costumaz hábito de leitura, Dona Jacintha mantinha assinaturas de livros e periódicos, oriundos de outros lugares do Brasil e até de outros países. Encontramos no poema, “O longínquo cantar do carro”, a confirmação dessa assertiva. Assim diz o eu biográfico:

Minha mãe era assinante do “Paiz” e para nós vinham  
os romances  
do Gabinete Literário Goiano.  
Esperar a volta do carro, imaginar as coisas que viriam  
da cidade,  
[...]  
Acostumei a ler jornais com a leitura do “Paiz”.  
[...]  
Meus primeiros escritinhos foram publicados  
no suplemento desse jornal.  
Acompanhei, na sua leitura, fatos e acontecimentos  
universais. (VC, 2013, p. 98)

De acordo com o eu lírico, as mulheres da casa velha da ponte tinham acesso aos romances via Gabinete Literário. Isso comprova que Dona Jacintha era também uma associada desse estabelecimento de cultura letrada. Outra evidência apontada pelo eu lírico é a de que a matriarca da família Couto Brandão exercia atividade remunerada, conforme já mencionamos, pois para ser sócia do Gabinete era preciso pagar uma mensalidade pelos empréstimos dos livros<sup>65</sup>. Era uma despesa razoável, levando em conta a quantidade de leituras feitas Dona Jacintha dentro de um curto espaço de tempo. De acordo com Paulo Prado (2019, p. 198), a mãe de Cora Coralina lia “obras que continham seis, cinco e quatro volumes em menos de um mês.”

---

<sup>65</sup> Paulo Brito Prado (2019), com base nos registros de empréstimos de livros do Gabinete Literário, fez um levantamento das leituras realizadas por Dona Jacintha durante os anos de 1893 a 1894. Dentre os gêneros escolhidos, encontram-se romances da literatura brasileira e estrangeira, livros sobre a trajetória de mulheres e outros. Acerca da atuação emancipatória de Dona Jacintha na sociedade goiana, ver mais em: **Aventuras feministas nos sertões de Goiás: as mulheres e as suas lutas nos guardados de Consuelo Ramos Caiado**. 2019. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/28276/Tese-paulo-brito-do-prado.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em maio de 2023.

Outro ponto a se destacar a partir do poema (e aqui abrimos um parêntese) diz respeito aos registros acerca da vinda de mercadorias para Goiás, oriundas de lugares longínquos. Essa movimentação comercial refuta a tese de insulamento da região do Planalto Central tão propagada pelos viajantes europeus que passaram por Goiás e ratificada por boa parte de nossa historiografia. Mesmo com as dificuldades de trajeto, os pedidos, incluindo os de cunho intelectual, como livros e periódicos, chegavam até seus destinatários que também ficavam a par dos acontecimentos universais, tais como:

O casamento de Afonso XIII com a princesa de Betenberg  
neta da rainha Vitória, um atentado anarquista,  
uma bomba atirada no cortejo nupcial.  
E mais todo o desenrolar da guerra russo-japonesa no  
começo deste século,  
onde o Japão se revelou potência bélica, vencendo a  
Rússia. (VC, 2013, p. 98)

A prática de encomendar mercadorias de outros lugares tanto do Brasil quanto de países mais distantes foi representada por Cora Coralina no poema “Estória do Aparelho Azul-Pombinho” (PBG, 2008, p. 49). Nesse texto, a poetisa evidenciou o trajeto, desde o pedido até a chegada, do aparelho de jantar de noventa e duas peças, presente do senhor Cônego ao sobrinho e afilhado que estava de casamento marcado com a filha da bisavó de Cora. A encomenda foi feita por uma rede de correspondentes ao fabricante de Cantão, na longínqua China. Depois de uma longa viagem, o tão esperado aparelho de jantar chegou a Goiás em perfeitas condições, sem nenhuma peça quebrada. Esse poema, como uma fonte histórica, revelou o quanto a elite da sociedade goiana estava, em pleno século XIX, em sintonia com as outras partes do mundo. A distância não se configurou um empecilho para a busca de novidades em outros lugares. Foi por meio desse tipo de transação comercial que Dona Jacintha ficava a par das novidades vindas de lugares para além da Serra Dourada.

Embora Dona Jacintha tenha se destacado como uma mulher intelectual, de presença marcante na sociedade vilaboense de final do século XIX e que lutou pela conquista do voto feminino, ela também carregava em si o receio do julgamento alheio e um acentuado conservadorismo. Imbuída de preceitos religiosos, Dona Jacintha tinha a convicção de que as mulheres não podiam se furtar de suas funções de dona de casa e esposa, historicamente atribuídas a elas, além de outras questões como a moral e os bons costumes.

A nosso ver, essa atitude ‘contraditória’ de Dona Jacintha foi evidenciada no episódio do namoro de Cora Coralina com o novo chefe de polícia da cidade, o Dr. Cantídio Tolentino de Figueiredo Bretas. Ao ficar sabendo da gravidez da filha e da situação civil do rapaz, Dona Jacintha não aceitou que Cora Coralina se amiasse com um homem separado. Todavia, não podemos nos esquecer de que Dona Jacintha como mulher inserida no contexto sociocultural de final do século XIX e início do XX também carregou consigo as marcas desse tempo.

E isso não se apaga tão facilmente. Afinal, o ‘bom nome’ da família Couto Brandão deveria ser preservado. Apesar disso, reconhecemos o pioneirismo de Dona Jacintha Luiza na busca pelo direito à cidadania e suas atuações no universo notadamente masculino. Ela foi uma mulher do século XIX que não se deixou abater pelas dificuldades da vida e que conseguiu se fazer presente num contexto marcado pela exclusão e submissão da mulher. Ela foi a mãe de Cora Coralina!

Na próxima parte, vamos nos encontrar com Cora mulher Coralina. Uma jovem cuja herança familiar tornou possível sua circulação em espaços frequentados pela elite. Uma moça branca de requintada formação leitora e franca erudição, influência da mãe Dona Jacintha. Uma jovem que lançou ao vento sua palavra poética por meio da imprensa local. Assumiu a liderança, juntamente com outras moças de seu tempo, do periódico *A Rosa*, um jornal de cunho feminino, inaugurado nos primórdios do século XX. A existência de um meio de difusão de ideias voltadas para esse público já aponta indícios de que a luta e as resistências travadas pelas mulheres do século XIX, como os feitos emancipatórios de Dona Jacintha e tantas outras, começaram a surtir efeito na sociedade vilaboense das primeiras décadas do século XX.

Deixemos a Aninha no tempo da infância e trilhemos com a menina-moça o tempo primeiro de seus feitos literários. De sua juventude na casa da ponte. De sua presença marcante nas tertúlias e saraus promovidos pela elite intelectual goiana da primeira década do século XX. Um tempo em que a jovem Anna Lins circulou por lugares de poder na sociedade vilaboense, encantou as mais sisudas pessoas das letras.

### 2.3 - Cora mulher Coralina: a juventude<sup>66</sup>

As movimentações realizadas por Anna Lins no universo da escrita literária, no tempo da juventude, constituíram Cora mulher Coralina. No lugar da menina chorona, inzoneira, malina despontou uma jovem que tomou para si a responsabilidade de construir seu próprio destino. Esse rito de passagem foi marcado pela troca do nome, uma escolha que consagrou Aninha para além das fronteiras do tempo e do espaço.

Sempre sozinha, crescendo devagar, mas imersa no mundo das palavras, a menina-moça começou a tecer seus “pruridos literários, os primeiros escritinhos”. Em razão da beleza e da criatividade dos textos, as pessoas leitoras daquele tempo (primeira década do século XX) creditaram a Luís do Couto, primo de Cora Coralina, a autoria dos escritos por ela produzidos. Não era costume na época a mulher exercer atividade intelectual e quando isso acontecia, geralmente, a escritora ocultava sua identidade por trás da autoria masculina ou de pseudônimos. Essa prática, embora recorrente entre as escritoras do século XIX, consistia em uma forma de resistência dessas mulheres à hostilidade do mercado de leitores e à autonomia feminina no campo da intelectualidade, fora dos liames da casa.

No caso de Cora Coralina, o pseudônimo, gestado a partir de 1908<sup>67</sup>, suplantou seu nome e sobrenome familiar e deu a ela projeção sobre si mesma, desfazendo o tributo

---

<sup>66</sup> Data dos séculos XVIII e XIX em diante, a ideia de juventude como uma “etapa da vida na qual os indivíduos possuiriam uma maneira própria de ver, sentir e reagir – [...] um período específico da vida, em que se desfruta de certos privilégios. Um momento entre a maturidade biológica e social”, conforme expôs a professora Clarice Cassab (2011, p. 151), em seus estudos acerca da construção das categorias de jovem e juventude. O tempo da juventude compreende um período de transição, “durante o qual o indivíduo deve se preparar para a vida adulta, sendo permitido o tempo livre, o descompromisso, o não-trabalho. Caberia a esses jovens o estudo e o preparo para uma profissão” (2011, p. 151). De acordo com Antonio Luis Groppo (2000, s/p), a juventude é uma categoria social e histórica. É social “pelo fato de fazer parte da estrutura social, de fomar um grupo, uma coletividade de sujeitos [...] por fazer parte do imaginário social como um símbolo.” É histórica porque “concretamente, como representação social e como grupo etário, não é reconhecida ou formada em todas as sociedades. [...] A juventude é sujeita a transformações e metamorfoses”, logo, não pode ser definida apenas pela idade, ou seja, pela “cronologização do curso da vida”.

<sup>67</sup> Gilberto Mendonça Teles (2018), conforme apresentado na primeira parte desta tese, cometeu alguns equívocos em relação à vida e obra de Cora Coralina. Um desses equívocos diz respeito ao surgimento do pseudônimo da poetisa. Para o crítico literário goiano, o pseudônimo foi usado pela primeira vez “(repetimos) aos dezesseis anos, em 1907, em torno do jornal *A Rosa*, de que foi uma das fundadoras” (2017, s/p). Nessa colocação, deparamo-nos com duas inadequações temporais. A primeira diz respeito à idade da escritora. Em 1907, ela estava com 18 anos e não 16. A segunda, em relação ao pseudônimo que, na verdade, foi gestado a partir de 1908 e não 1907. A publicação do texto de Teles encontra-se no site do **Jornal Opção**. Disponível em: <https://www.jornalopcao.com.br/ultimas-noticias/mito-e-realidade-literaria-em-cora-coralina-ou-a-celebracao-do-celebrado-129659/>. Acesso em maio de 2023. De acordo com Ludmilla Andrade, “Nas publicações denominadas de dissertação, a jovem escritora ainda apresentava seu nome de registro Anna Lins dos Guimarães Peixoto. Entretanto, nas publicações contísticas e crônicas, o pseudônimo Cora Coralina já é registrado desde 1908.”

ao primo Luís do Couto como o autor de seus textos. Segundo o eu lírico, o primo foi nomeado juiz de direito e teve que partir para terras distantes “São José do Duro, muito longe, divisa com a Bahia. [...] / Vamos ver, agora, como faz a Coralina.../ Nesse tempo, já não era inzoneira. Recebi denominação maior” (VC, 2013, p. 116), Cora Coralina, a escritora de Goiás! Como pontuou Ana Carolina Alves (2022, p. 46, grifos da autora), “o sujeito lírico Cora-Coralina é aquele que marca presença quando a poeta fala da sua fase amadurecida, da sua face enquanto escritora, da sua serenidade e da certeza de ter *vivido e vencido*”

Conforme demonstrou o eu lírico no excerto acima, o pseudônimo Cora Coralina, a denominação maior de Anna Lins, foi o alvorecer de sua identidade literária. O trunfo para a sua ascensão enquanto mulher escritora de todas as vidas. Nome eternizado por Drummond (VC, 2013, p. 8) quando do seu primeiro contato com o texto poético coraliniense. Encantado com a sonoridade do par de palavras, assim ele escreveu: “Cora Coralina, tão gostoso de pronunciar esse nome, que começa aberto em rosa e depois desliza pelas entranhas do mar, surdinando música de sereias antigas e de Dona Janaína<sup>68</sup> moderna”

De acordo com Cora Coralina, em entrevista já mencionada nesta pesquisa, o pseudônimo foi a forma que ela encontrou para garantir a sua distinção entre as tantas ‘Anas’ existentes em Goiás. Para a historiadora Maria Meire Carvalho (2011, s/p), o pseudônimo se constituiu um ato de resistência da jovem escritora, uma vez que Anna Lins, o nome de batismo, estava “encharcado de todos os estereótipos que sua condição de mulher, dona de casa e do interior goiano carrega”. A criação do nome Cora Coralina tornou-a visível, “livre de amarras e de rótulos, libertária o bastante para despojar-se de preconceitos e criar o novo” (2011, s/p).

Cora Coralina criou o novo a partir das leituras, das produções literárias, da participação nos saraus, tertúlias. Tudo isso significou para ela outro mundo, fora da casa, da mãe, das irmãs. Ao lançar suas palavras poéticas ao vento, ela extrapolou os paredões, as serras de sua cidade, como expressou sua filha Vicência Tahan (1989). Com a literatura pulsando nas veias, Cora Coralina foi se humanizando, tomando consciência do seu estar no mundo.

---

<sup>68</sup> Para Drummond, a musicalidade do nome Cora Coralina pode ser comparada ao som de encantamento emitido pela figura mística Janaína, a princesa do mar. O ícone máximo da Umbanda. Janaína é uma das nomeações afro-brasileiras da da s a Iemanjá .

Isso acontece porque a literatura, conforme pensou Antonio Candido (2011, p. 176), é uma “manifestação universal de todos os homens em todos os tempos”. Ela é complexa por natureza, contraditória e, por isso, humanizadora, pois é capaz de incutir nas pessoas traços essenciais para a sua existência, como “o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, o senso da beleza (...)”.

A mudança de Anna Lins para Cora Coralina não foi tão percebida na casa velha da ponte, conforme registrou o eu lírico:

Contenção...motivação...comportamento estreito,  
limitando, estreitando exuberâncias,  
pisando sensibilidades.  
A gesta dentro de mim...  
Um mundo heróico sublimado,  
superposto, insuspeitado,  
misturado à realidade.

E a casa alheada, sem pressentir a gestação,  
[...] (PBG, 2008, p. 171)

Anna Lins foi aos poucos gestando Cora Coralina nas tessituras dos contos, das crônicas, das dissertações, dos poemas. Sua presença e voz ganharam evidência no meio da intelectualidade goiana da primeira década do século XX. De acordo com os estudos feitos por Paulo Brito do Prado (2019), a partir das fontes consultadas sobre a juventude de Cora Coralina, tais como: crônicas, biografias, jornais, em 1906, a poetisa teria retornado da fazenda Paraíso para a Cidade de Goiás. No ano de 1907, ela juntamente com Leodegária de Jesus, Benjamim Vieira, Rosentina Sant’Anna e Brenno Guimarães apareceram como membros do Grêmio Litterário Goyano, uma espécie de associação de leitura para um grupo de gente moça.

Na reunião de posse da nova diretoria do Grêmio, Anna Lins (ainda usando o nome de batismo) surpreendeu as pessoas presentes no evento com a apresentação de um texto, denominado “Dissertação sobre o Amor”<sup>69</sup>. Nesse encontro, compareceram membros de diversas classes sociais, ilustres senhoras e senhoritas, compondo um auditório respeitável. A desenvoltura de Anna Lins tanto na escrita quanto na fala eloquente rendeu elogiosas palavras dos gremistas que vale aqui a reprodução. Ao

---

<sup>69</sup> O texto na íntegra encontra-se na pesquisa de doutoramento, **Crônicas de Cora Coralina: laboratório de poesia** (2022), feita por Ludmilla Sousa Andrade.

assumir o momento de fala na tribuna, concedido pelo presidente da sessão, Anna Lins, com seu porte altivo e simpático,

achou-se à vontade, senhora de uma calma invejável. [...] Senhora de si, falando pausadamente num tom majestoso de solenidade, ela procedia a leitura do seu discurso com maior segurança de bom efeito causado no auditório. Lia encantadoramente as suas peças trabalhadas com esmero no silêncio do Gabinete e juntando-se a isto a sua figura atraente realçada pelos tons suaves de seu trato correto terminou importante trabalho de modo admirável para nós e todos os assistentes. Logo que a ilustrada conferencista deixou a tribuna imediatamente partiu do auditório uma estrondosa salva de palmas seguindo os cumprimentos que lhe dirigiam os seus colegas e todos os assistentes<sup>70</sup>.

A notável destreza de Anna Lins em se fazer presente e respeitada entre os intelectuais condiz com o que Michelle Perrot (1998) denominou de participação pública da mulher aliada à manutenção dos constituintes simbólicos de honra, honestidade e moral a ela atribuídos. Anna Lins conseguia transitar nos espaços públicos, de dominação masculina, e ainda manter preservada essa representação de mulher como uma “figura atraente realçada pelos tons suaves de seu trato correto”, conforme expôs o gremista em seus elogios.

Além dos feitos intelectuais de Cora Coralina na juventude, destacamos também um momento crucial na vida da escritora: o casamento. Eis o motivo de abrimos aqui um parêntese. Criada entre oito mulheres que a governavam, Cora Coralina “aprendeu desde cedo que o casamento é a coisa mais importante na família” (VC, 2013, p. 91), mas não era para todas as moças. Havia sempre uma jovem que não se casava por dois motivos:

primeiro: oferecer sua virgindade à Santa Mãe de Jesus, ter garantido seu lugar no céu, depois, para cuidar da mãe na invalidez.

Havia esta Lei familiar em Goiás.

- uma das filhas renunciar ao casamento

Para cuidar dos pais na velhice e reger a casa. (VC, 2013, p. 91)

Foi assim com sua tia-avó Bárbara, apelidada de tia Nhá-Bá, e talvez teria sido com ela também, afinal, das quatro filhas de Dona Jacintha, ela era a principal candidata a solteirona da família. As irmãs, até a mais nova, já estavam todas encaminhadas. Cora

<sup>70</sup> O texto foi publicado na íntegra no jornal **A República**, anno VII, número 126, Goyas, sábado, 27 de julho de 1907, p. 03 (Apud PRADO, 2019, p. 274). Nesse trecho, atualizamos a ortografia.

Coralina sabia perfeitamente que a tradição da “Lei familiar em Goiás” precisava ser mantida. E poderia ser ela a cumpridora dessa norma em razão das circunstâncias a que estava submetida desde o nascimento. Ela sabia que

A casa não queria namoro, menos ainda casamento,  
 não ajudavam, criavam trapaça.  
 Inventavam defeitos no pretendente, metiam em troça,  
 ridicularizavam, escarninhos e cruéis.  
 Queriam mesmo era o serviço ali no pilão, torrando,  
 socando peneirando  
 o café, mamona para o azeite das lamparinas, o sabão de cinza,  
 a boca do forno, a fazeção de quitandas,  
 o almoço na mesa às nove horas,  
 o taboleiro na rua às onze.  
 Sempre ficava para elas, alguns queimados, as rapas,  
 os lambidos, as lambidelas. (VC, 2013, p. 126)

Não era esse o destino que Cora mulher Coralina estava desenhando para si. Os seus infundáveis mergulhos no universo da leitura e da escrita e de tantas outras atividades intelectuais apontavam para ela possibilidades de emancipação, de alçar outros voos. O casamento poderia ser um meio para se libertar da vigilância materna, mesmo correndo o risco de ficar sob o jugo do marido. Passar pelo casamento não seria uma tarefa fácil, pois o seu envolvimento com os livros e a leitura a distanciava desse propósito. Moças assim não davam para casamento. Como “diziam os antigos educadores: ‘- Mulher saber ler e escrever não é virtude’”.

[...]  
 Fui moça desse tempo.  
 Tive meus muitos censores intra e extraluar.  
 Botaram-me o cerco.  
 Juntavam-se, revelavam-se incansáveis. Boa gente.  
 Queriam me salvar. (MLC, 2012, p. 67)

Conforme o evidenciado acima, Cora Coralina dominava com maestria a leitura e a escrita. Esse foi o motivo de interrupção do namoro com José, filho de compadres de sua mãe e o único rapaz que, até então, havia lhe despertado o interesse por ele se mostrar uma companhia agradável. Ao saber do envolvimento do filho com a moça avoadada, a família logo tratou de separá-los:

Deus nos livre desta sonsa! Não sabe fazer nada! Quero só ver se versejar funciona na hora de governar uma casa, de criar filhos, de cozinhar.

- Vive com a cabeça no mundo da lua!

- "Pau que nasce torto não tem jeito, morre torto!" - diz a sabedoria popular. ·

Depressinha, cortam o relacionamento, antes que o "mal cresça", mandam José de volta ao Rio de Janeiro, aos estudos<sup>71</sup>, uns dez dias antes do término das férias. (TAHAN, 1989, p. 29)

Logo se vê que a ideia arraigada na sociedade vilaboense acerca do papel da mulher coadunava com os princípios patriarcais, sexistas. À mulher cabia o cumprimento dos deveres impostos pelas instituições, como a família, a igreja, o estado. A intelectualidade não se encaixava nesse modelo de sociedade. A respeito dessa limitação e imposição, assim lamentou o eu lírico em “Cora Coralina, Quem É Você?”:

[...]

Nasci para escrever, mas, o meio, o tempo, as criaturas e fatores outros, contramarcaram minha vida.

Sou mais doceira e cozinheira do que escritora, sendo a culinária a mais nobre de todas as Artes: objetiva, concreta, jamais abstrata, a que está ligada à vida e à saúde humana.

Nunca recebi estímulos familiares para ser literata.

Sempre houve na família, senão uma hostilidade, pelo menos uma reserva determinada a essa minha tendência inata.

Talvez, por tudo isso e muito mais,

sinto dentro de mim, no fundo dos meus reservatórios secretos, um vago desejo de analfabetismo.

Sobrevivi, me recompondo aos bocados, à dura compreensão dos rígidos preconceitos do passado.

Preconceitos de classe.

Preconceitos de cor e de família.

Preconceitos econômicos.

Férreos preconceitos sociais. (MLC, 2012, 54)

Não era esse tipo de sujeição que Cora mulher Coralina estava disposta a assumir. De acordo com Tahan (1989), o término do namoro com José serviu para menina-moça ter mais firmeza nas próximas escolhas, pois jamais trocava a escrita por uma união nos moldes patriarcais.

Vou escrever poesias sim; vou escrever por todas as desgraças e aflições que terei na minha vida. É isso que eu quero, é para isso que nasci. Não

---

<sup>71</sup> O costume de enviar os filhos homens para estudar fora de Goiás não era apenas privilégio da família do avô de Cora Coralina. As demais famílias abastadas (vilaboenses) também seguiam esse preceito. Daí, possivelmente, a escassez de rapazes casadoiros na cidade.

quero me casare ter um bando de filhos para criar nem marido para me governar. Eu sou assim e não vou mudar, nem que o mundo desabe sobre a minha cabeça. (TAHAN, 1989, p. 30)

E foi exatamente a habilidade intelectual com a leitura e a escrita, a capacidade de oratória, de persuasão que chamaram a atenção do recém-chegado à Cidade de Goiás, o doutor Cantídio Tolentino de Figueiredo Brêtas, nomeado pelo governador Urbano Coelho de Gouvêa (1909-1912) para assumir o posto de chefe de polícia na então capital do estado. Um homem intelectual que se encantou com o desembaraço e com a sensibilidade de Anna Lins, apresentada a ele como Cora Coralina, a poetisa da cidade. Os dois assumiram o namoro que poderia dar até certo, se não fosse a vida de Cantídio antes de conhecer a jovem Anna.

A diferença de mais de duas décadas de idade entre eles não era impedimento para a união dos dois. O problema é que o passado de Cantídio não favorecia o casamento: ele era um homem de quarenta e quatro anos, separado da primeira esposa com quem teve três filhos. Amasiou-se com uma descendente dos indígenas Guajajaras e com ela também teve uma menina. Para um tempo histórico de início do século XX, o advogado tivera uma vida fora dos padrões aceitáveis para a família de Cora Coralina: patriarcal, estruturada, religiosa, de bom nome...

Tais empecilhos não impediram a jovem escritora Cora Coralina de se unir a Cantídio. E, numa ânsia de vida, ela abriu “o voo nas asas impossíveis do sonho” (MLC, 2012, p. 53). Na época, ela estava em seu vigésimo segundo ano, uma idade incomum para o casamento, considerando que aos quinze anos as moças já se preparavam para assumir esse compromisso. Apesar dos impedimentos, Cora Coralina se uniu a Cantídio sem a permissão da mãe<sup>72</sup>. E, detalhe, ficou grávida num tempo em que o namoro era

---

<sup>72</sup> Em entrevista concedida à jornalista Míriam Botassi, do CIM – Centro de Informação Mulher – publicada na revista **Mulherio**, no ano de 1983, Cora Coralina omitiu parte da história de sua vida amorosa com Cantídio. Além disso, ela disse que se casou com ele em 1910 e no ano seguinte os dois se mudaram para São Paulo, conforme o exposto: “Quando eu cheguei na idade do casamento, da aspiração de um casamento, tive muito medo de ficar moça velha sem casar. Era o que havia nessa cidade, e eu me apeguei com Santo Antônio e Santo Antônio me mandou um paulista aqui, 22 anos mais velho do que eu, e eu me casei com ele. Casei-me em 1910, em 1911 ele quis voltar para São Paulo, eu fui com ele”.

Essa versão contraria a apresentada por sua filha Vicência Brêtas Tahan em **Cora Coragem, Cora Poesia** (1989). Essa omissão talvez seja porque Cora Coralina, quase no final da vida, quisesse se libertar da ideia que os vilaboenses construíram de sua pessoa em virtude das condições de sua partida de Goiás. Possivelmente, ela tenha deixado no esquecimento todas as agruras vividas para se sentir acolhida pela geração jovem de sua terra. Em “Confissões Partidas” (VC, 2013, p. 158), Cora Coralina justificou a sua opção pela conveniência das “meias-verdades. / Confissões pela metade... / Quem sou eu para as fazer completas? [...] A gente tem medo dos vivos e medo dos mortos. / Medo da gente mesmo. / Nossas covardias retardadas e presentes. / Assim foi, assim será.”

vigiado pela casa. A moça “ficava enfiada na despensa, no quarto, olhando pelo buraco da fechadura, / palpitante e risonha, abobalhada e, até mesmo, feliz” (VC, 2013, p. 127). Um tempo em que as moças “eram muito acanhadas. / Tinham vergonha de ser vistas de “todo mundo” ...” (PBG, 2008, p. 105). Um tempo em que os rígidos preconceitos familiares, as normas abusivas de educação as emparedavam, como pode ser observado nos excertos a seguir.

[...]

A gente era moça do passado.  
 Namorava de longe, vigiada.  
 Aconselhada. Doutrinada dos mais velhos,  
 em autoridade, experiência, alto saber.  
 “moça para casar não precisa namorar,  
 o que for seu virá”.  
 Ai, meu Deus! E como custava chegar...  
 Virá! Virá!...Virá, virá...  
 Quando?  
 E o tempo passando e o moinho dos anos moendo,  
 E a roda-da-vida rodando... Virá, virá!  
 A gente ali, na estaca, amarrada, consumida  
 de Maria Borracheira, sem madrinha-fada,  
 sem sapatinho perdido,  
 sem arauto de príncipe-rei, a procurar  
 pelos reinos da cidade de Goiás  
 o pezinho faceiro do sapatinho de cristal,  
 caído na correria da volta.

A igreja, refúgio e confessionário antigo.  
 O frade, velho e cansado. Frei Germano piedoso,  
 Exortando paciente e severo. “*Minha filha, a virgindade  
 é um estado agradável aos olhos de Deus. Olha as santas virgens,  
 Santa Terezinha de Jesus, Santa Clara, Santa Cecília,  
 Santa Maria Mãe de Jesus. Deus dá uma proteção especial às virgens.*  
 Reza três ave-marias e uma salve rainha a Nossa  
 Senhora e vai comungar”.

A gente saía confortada, ouvia a missa,  
 Cumpria a penitência e comungava humildemente,  
 ajoelhada,  
 véu na cabeça em modéstia reforçada.  
 Depois, depois a solidão de solteira, o sonho honesto de um noivo,  
 o desejo de filhos. (VC, 2013, p 32-33, grifos nossos)

Destacamos na estrofe acima a parte em que o eu lírico, de forma velada, expõe a doutrinação e o domínio da igreja sobre as mulheres. Esse é o ponto nevrálgico de constituição do simbólico e do imaginário acerca do poder dessa instituição sobre a sexualidade da mulher. Isso porque, como expôs Georges Duby (1992, p. 17), “para a

moça, o que se exalta e o que toda uma teia de interditos procura cuidadosamente garantir é a virgindade e, no que diz respeito à esposa, a fidelidade”. O celibato era a indicação dada pela igreja às mulheres que não conseguiam se casar. Para o modelo criado pelo cristianismo, a virgindade era o sinônimo da perfeição feminina, da santidade. A fala do ‘piedoso’ Frei Germano coadunava com a ideia. Ao sacralizar a virgindade, a igreja se colocou do lado da família para reforçar os valores patriarcais e intensificar as restrições ao corpo feminino. Temerosas da ira divina, as jovens se viam diante das consequências do pecado da desobediência, por isso, “cumpria a penitência e comungava humildemente, / ajoelhada, /Véu na cabeça em modéstia reforçada” (VC, 2013, p 32).

Além disso, os excertos evidenciam também as dificuldades pelas quais passavam as moças goianas para se casar. Isso se dava porque os rapazes de casamento não ficavam na Cidade de Goiás. Era o costume da época, conforme já mencionado, os pais mandarem os filhos homens para estudar no Rio de Janeiro e na Europa. Como apontou Ludmilla Andrade (2022, p. 76), muitos deles não retornavam para Goiás. E isso acabava gerando “uma escassez de rapazes solteiros na capital de Goiás. Em contrapartida, havia inúmeras moças que buscavam o ideal do casamento e da maternidade”. Tal situação levou Cora Coralina a tecer reflexões críticas acerca do comportamento das moças à espera do casamento. Em 1910, um ano antes de tomar a grande decisão de sua vida, a poetisa publicou no jornal *A Imprensa*, na coluna “Chroniqueta”, uma crônica da qual extraímos a parte de que trata da questão relacionada à subordinação das mulheres aos homens:

[...]

Esta mania de encararmos o homem como o futuro, o homem como meio, o homem como fim, é terrível. Ligamos tão completamente a sua individualidade que se ele nos falta, como acontece a maior parte das vezes, não há o que o substitua.

E por essa forma lhe subordinamos a nossa vontade, o nosso ideal e até a nossa liberdade de pensar.

Nós mulheres só vemos como futuro o casamento. É a única salvação da nossa felicidade, o fim que ansiamos alcançar e para qual envidamos os nossos melhores esforços no terror ridículo do celibato, que incomparavelmente mais que o casamento, nos garante maior soma de tranquilidade.

Mas nessa felicidade não está nem no matrimônio, nem na vida de solteira, e sim na compreensão da existência, no modo falso, ou real porque a encaramos.

Em Goiás dificilmente a moça toma estado, e o número das solteiras é desanimadoramente elevado. Seria pois o bastante para modificarmos o nosso modo de pensara esse respeito e encararmos o casamento como meio e não como fim.

Meio de felicidade, de garantia futura, de tranquilidade moral e não como o fim fatal do nosso ser feminino.  
De novo voltarei a este assunto, para o qual chamo a atenção de minhas conterrâneas. (CORALINA *apud* ANDRADE, 2022, p. 73)

Essa crônica, na íntegra, traz uma reflexão sobre a questão feminista que estava eclodindo em diversas partes de mundo. As mulheres “numa ânsia indomável de liberdade, gritava por milhares e milhares de bocas rebeladas, depois de séculos e séculos de cativeiro moral e de obediência passiva” (2022, p. 73). Cora Coralina conseguiu enxergar a importância do movimento, mas aconselhou às mulheres brasileiras cautela na adesão à causa. Com argumentos de autoridade<sup>73</sup>, a poetisa defendeu a tese de que as mulheres brasileiras, no caso específico, as goianas, deveriam munir-se de intelectualidade, de conhecimentos do movimento em si para não se deixarem “conduzir pelas imitações falsas, pelas exteriorizações sedutoras, antes de termos bem-feito o alicerce da nossa educação moral – intelectual, antes de termos a compreensão exatíssima dos direitos que reclamamos e o fim para o qual o queremos” (*idem*). Cora Coralina não se declarou feminista, mas suas atitudes, sobretudo na escrita, evidenciaram uma voz feminina diferenciada.

Conforme Darcy Denófrio (2006), Cora Coralina, embora tenha nascido no final do século XIX, 1889, em um tempo de patriarcalismo reinante e de ter sido moldada por esse sistema, “[...] podemos ver, pela biografia que escreveu para si mesma e por sua lírica, que seu corpo não foi tão manietado nem tão dócil como desejava a moral de sua época”. Nesse contexto arraigado de preconceitos, de cerceamento da mulher, um tempo em que as mulheres “evitavam as ruas do centro, / serem vistas de todo mundo”, Cora Coralina ousou ultrapassar o umbral da casa em busca de uma nova temporalidade de vida: a perda da virgindade, a gravidez e a fuga<sup>74</sup>. Nada de tão extraordinário, em se tratando de uma pessoa que nunca se deixou ser ‘enformada’, encaixada em padrões

---

<sup>73</sup> Para validar a tese defendida acerca da cautela na adesão ao movimento feminino em Goiás, Cora Coralina citou um nome de autoridade no assunto: Maria Amália Vaz de Carvalho, “escritora portuguesa, contemporânea de Cora Coralina, que escrevia sobre ética, educação e sobre o papel da mulher na sociedade de seu tempo. Foi a primeira mulher a ingressar na Academia de Ciências de Lisboa, sendo eleita em 13 de junho de 1912. Também foi cronista e crítica literária, colaborando com textos para diversos jornais e revistas, nos quais abordava esses temas e se opunha a algumas ideias do feminismo, mas defendia outras, apesar de não se afirmar feminista” (ANDRADE, 2022, p. 75).

<sup>74</sup> Conforme Siqueira (2017, p. 57), a saída de Goiás com destino a São Paulo foi “feita em lombo de animais com parada em Itaberá para pegarem uma criança de dois anos, de nome Guajajarina, fruto de um relacionamento de Cantídio com uma índia Guajajara. O novo núcleo familiar viaja quatorze dias até chegar a Araguari, onde vendem a tropa e tomam o trem com destino a São Paulo.”

arbitrários de condutas impostos pela sociedade, pela família, pela igreja. Em suas próprias palavras, Cora Coralina assim a descreveu:

[...] eu era meio atirada mesmo, eu defendia pontos de vista que não eram aceitos no tempo. [...] A família me marcava como “détraquée”. Eu era uma “détraquée”. Doida, amalucada, não doida de jogar pedra, mas doida quer dizer fora do rebanho, fora da média, fora do estatuto que se considerava equilibrado para todas. Eu era diferente. Eu queria ter a minha personalidade. As outras todas aceitavam. Eram os carneiros. E eu não era carneiro para andar aí pastorado. Eu tinha opinião própria. Eu queria ter uma vida própria.<sup>75</sup>

Em sua vigésima segunda primavera, no ano de 1911, século XX, a jovem Cora Coralina interrompeu as atividades intelectuais que estava exercendo na sociedade vilaboense, tais como: produções de contos, crônicas, publicações em jornais, direção de periódico, participação nos saraus, nas tertúlias, para acompanhar Cantídio rumo a uma nova vida em terras distantes de Goiás. Saiu numa madrugada escura de chuva fina, percorreu a “mata bruta leiteando imensos vegetais, cavalgando o negro corcel da febre, desmontado para sempre” (MLC, 2012, p. 48), tendo como testemunha o “Rio Vermelho – meu rio. / Rio que atravessei um dia / (altas horas. Mortas horas.) / há cem anos... / em busca do meu destino” (PBG, 2008, p. 83).

Passados quarenta e cinco anos, o chamado da terra natal a trouxe de volta, já vestida de cabelos brancos e sem as mãos viris que a levaram dos reinos de Goiás. Empreendeu esse retorno

Sozinha...  
 Nua. Espoliada. Assexuada.  
 Sempre caminheira.  
 Morro acima. Serra abaixo.  
 Carreando pedras.  
 [...]  
 O tardio encontro...  
 passado o tempo  
 de semear o vale  
 de colher o fruto.  
 O desencontro.  
 Da que veio cedo e do que veio tarde.

A candeia está apagada.  
 E na noite gélida

---

<sup>75</sup> Entrevista concedida à **Revista Mulherio** no ano de 1983 e repostada no site **Letras In-Verso e Re-verso** – Literatura e entretenimento, abril de 2018. “Uma entrevista raríssima com Cora Coralina” (2018, s/p). O site está disponibilizado nas referências.

eu me vesti de cinzas.

Restos. Restolhos.  
Renegados os mitos.  
Quebrados os ícones.  
Desfeitos os altares.  
Meus olhos estão cansados.  
Meus olhos estão cegos.  
Os caminhos estão fechados.

Perdida e só...  
No clamor da noite  
escuto a maldição das pedras.  
Meus errados rumos.  
Apagada a lâmpada votiva, tão inútil. (MLC, 2012, p. 49-50)

Os versos apresentados indicam uma nova fase da vida de Cora Coralina. O tempo do seu retorno à Cidade de Goiás, depois de quarenta e cinco anos em terras paulistas. Desses, viveu mais de duas décadas com Cantídio. A união foi oficializada poucos anos antes da morte do advogado que ocorreu em março de 1934. Ao ler o conjunto da escrita poética coraliniana, observamos um silenciamento em relação a Cantídio. Em outro verso, de forma metonímica, ela fez alusão a ele, como na seguinte passagem: “mortas as mãos viris que se estendiam às minhas” (VC, 2013, p. 24). Com Michael Pollak (1989, p. 6), entendemos que zonas de sombra, de silêncios, de não ditos existem nas lembranças. Essas zonas resguardam a memória que se quer proteger, silenciar.

Por outro lado, esse esquecimento pode se dar em razão da “angústia de não encontrar uma escuta, de ser punido por aquilo que se diz, ou, ao menos, de se expor a mal-entendidos.” Talvez por tudo isso, Cora Coralina tenha depositado no esquecimento o tempo da vida com Cantídio. De acordo com Paul Ricoeur (2007, p. 451), isso se dá porque, “deslocamos nosso olhar das camadas profundas da experiência, onde o esquecimento prossegue silenciosamente tanto sua obra de erosão como sua obra de manutenção, para os níveis de vigilância onde a atenção à vida trama os seus ardis.” Cora Coralina silenciou a sua experiência de casada, não compartilhou em seus textos as suas vivências conjugais. Sob sua vigilância, guardou muito bem os ardis da vida matrimonial.

Temos acesso às informações dessa fase da vida da poetisa por meio da biografia romanceada feita por sua filha mais nova, Vivência Brêtas Tahan (1989)<sup>76</sup>. A autora

---

<sup>76</sup> Vale ressaltar que estamos diante de uma biografia romanceada, ficcionalizada, que parte do verossímil para construir uma trajetória honrosa, heroica da vida de Cora Coralina. Pressupomos que a filha, Vivência Brêtas Tahan, a partir do que ouviu da mãe (Cora Coralina), construiu a narrativa sob o seu ponto de vista. E seguindo o arquétipo do herói de todo bom romance, ela não deixou passar a história de coragem e de amor de seus pais, como na passagem quando Cora Coralina se viu diante do impedimento de manter o

registrou a figura do pai como um sujeito ambivalente. Ora apoiando a companheira, ora impedindo-a de executar atividades públicas, fora do espaço da casa. Como veremos:

Cantídio é um leitor ávido da boa literatura. Ana, sempre organizada nos seus afazeres, reserva tempo para ler também. Trocam idéias, [sic] analisam os contos lidos. A mesa do jantar é o lugar e instante preferidos para isso. A fome de leitura, a facilidade de apreender tudo, a boa cabeça para memorizar fazem de Aninha uma parceira extraordinária para debates, troca de opiniões, concordâncias e discordâncias. Cantídio é muito inteligente e estimula a companheira, sempre. (TAHAN, 1989, p. 84)

Nessa passagem, conhecemos um lado de Cantídio mais companheiro, gentil, que incentivava a esposa a ler, que estabelecia com ela um bom diálogo sobre temas diversos. Esse era o Cantídio que havia se encantado pela intelectualidade e desenvoltura da poetisa. Todavia, nem sempre esse lado mais amável prevalecia. Cora Coralina, com sua fome de leitura, ávida por conhecimentos, uma mulher ativa socialmente, por vezes, causava descontentamento em Cantídio. A posição de destaque que a esposa estava gradativamente assumindo na comunidade onde viviam passou a ser motivo de briga entre o casal. Cantídio, incomodado, não aceitava

ver Aninha sobressaindo da média das mulheres da cidade, senhoras pacatas, levando suas vidinhas sem altos e baixos, preocupadas apenas com casa, marido, filhos, quando muito participando dos trabalhos da igreja. [...] A cada dia, Cantídio mais implica com seus artigos no jornal, com sua personalidade marcante de mulher que sabe o que quer, que tem argumentos seguros e irrefutáveis.

- Dei muita corda. Agora, estou colhendo o que plantei – diz Cantídio. [...]

Adeus aos tempos em que elogiava Aninha, que incentivava os poemas, que apoiava seu trabalho cristão! [...] No fundo, há muita incompatibilidade entre eles e a diferença de idade pesando, com o passar dos anos. (idem, p. 89-97)

Esse não era o Cantídio que Cora Coralina conhecera na Cidade de Goiás, que a encantara por ser um homem das letras, intelectual, seu companheiro de conversas

---

namoro com Cantídio. Vejamos: “- Por que não deixamos a cidade por um lugar bem longe, onde possamos levar nossa vida juntos? / - Meu trabalho ... / - Você é, antes de tudo, um advogado, e todas as cidades precisam de um ou mais. / - Fui nomeado pelo governador. Tenho compromissos com ele. Mas é algo a ser ponderado. Que tal amadurecermos sobre isso? / - Sim, é melhor. Mas lembre-se que eu o amo e estou pronta a enfrentar tudo, até esta cidade! / - Como você é corajosa! Cada vez mais cresce minha admiração! / - Apenas sou um ser humano, frágil, porém apaixonado. O amor dá forças”.

interessantes sobre assuntos diversos. Ao ser questionada sobre o casamento, Cora Coralina fez a seguinte revelação:

Casei-me. Sonhei uma coisa e saiu uma realidade muito diferente. [...] Saiu um homem ciumento. [...] Era um ciúme mau, um ciúme venenoso, um ciúme de visões de coisas que não tinham se passado. [...] Meu marido quando morreu me deixou numa grande dificuldade. Porque me deixou pobre e com filhos para criar<sup>77</sup>.

Inferimos que o comportamento patriarcal demonstrado gradativamente por Cantídio, fez Cora Coralina o silenciar em sua poética. Ou mais, Cantídio pode ter sido para a poetisa o seu passaporte para sair da condição de solteirona da família, pois como tal, ela teria que cuidar da mãe e da casa à semelhança de tia Nhá-Bá. Nessa perspectiva, para Cora Coralina o casamento foi uma fuga e uma “aspiração do marido, aspiração dos filhos e uma aspiração da família. Porque uma moça pobre casada valia muito mais que uma moça pobre solteira”, fala da poetisa na entrevista feita pela Revista Mulherio (2018, s/p). A nosso ver, essas situações contribuíram para o apagamento de Cantídio da escrita de Cora Coralina. São conjeturas criadas a partir dos indícios captados no texto poético coraliniiano, nas pesquisas acadêmicas, nas entrevistas e outros.

Sobre esse silenciamento, Ebe Maria de Lima Siqueira e Goiandira Ortiz de Camargo (2012, p. 57), ao analisarem o poema “O prato azul-pombinho” a partir da aproximação entre o texto coraliniiano e a psicanálise, vislumbraram “traços de uma memória que busca, na poesia, repetir experiências exemplares de tensão presente no momento de produzir o texto literário”. Com isso, elas identificaram outra camada interpretativa para o referido poema. Para Siqueira e Camargo,

a narrativa abre fendas para outra história, a qual é encaixada na história principal, que funciona como uma moldura. Pelas suas peculiaridades, a história encaixada oculta/revela um fato de sua vida. A lenda chinesa da princesa Lui emerge no texto não como um fato falho, mas como uma metáfora especular que repete liricamente a gesta de amor vivida por Anna Lins dos Guimarães e seu proibido amado Cantídio Bretas, ficcionalizada em forma de uma lenda distante, bem distante de Goiás. (SIQUEIRA; CAMARGO, 2012, p. 57)

---

<sup>77</sup> Entrevista concedida à **Revista Mulherio** no ano de 1983 e repostada no site **Letras In-Verso e Re-verso** – Literatura e entretenimento, abril de 2018. “Uma entrevista raríssima com Cora Coralina” (2018, s/p). O site já foi disponibilizado anteriormente.

Com as autoras, também entendemos a lenda oriental como uma metáfora da história amorosa de Cora Coralina e Cantídio. No poema, a bisavó omitiu o final do romance proibido da princesinha Lui com o plebeu do seu agrado. De igual modo, Cora Coralina não apresentou em seus poemas a vida de casada. Pouco se sabe sobre o tempo junto com Cantídio, exceto pela biografia romanceada feita por Vicência Brêtas Tahan, a filha mais nova da poetisa.

Durante o tempo de casada, a fase adulta, Cora Coralina escreveu e publicou textos em jornais dos lugares que viveu em São Paulo: na capital, em Jaboticabal e em Andradina. Conforme Ludmilla Andrade (2022, p. 84), essa foi a segunda fase de maior produção da poetisa e teve início em 1919. Em virtude dos “afazeres da vida cotidiana de uma esposa e mãe, além da chegada recente a uma nova cidade”, foi impelida a fazer uma pausa nas publicações, retomando suas atividades de escrita oito anos depois de deixar sua terra natal.

O eu lírico no poema “Cora Coralina, quem é você?” (MLC, 2012, p. 54) ratificou esse hiato temporal nas produções. De acordo com essa entidade ficcional, “nasci para escrever, mas, o meio, o tempo, as criaturas e fatores outros, contramarcaram minha vida”. O interessante é que a poetisa no tempo da ‘adulthood’ continuou produzindo, embora com menos intensidade do que na juventude e, anos depois, na velhice. Trataremos dessa fase na terceira parte desta tese.

No próximo subitem, vamos nos encontrar com Cora Coralina e Leodegária de Jesus, duas jovens escritoras no limiar do século XX e que teceram a vida em poemas.

#### **2.4 - As abelhas nos seus artesanatos: Cora Coralina e Leodegária de Jesus, jovens escritoras goianas no limiar do século XX**

A literatura em Goiás se insere no rol da estética literária nacional e como bem disse Darcy Denófrío (2004, p. 08), é urgente e necessário dar as honras aos “luminares de nossa literatura goiana”. É o que faremos na última parte deste capítulo com as contemporâneas Leodegária de Jesus e Cora Coralina, as duas cigarras cantadeiras de nossas letras. Aquela, mulher negra cuja produção literária vem rasgando o véu do preconceito e das questões de gênero para se firmar como nome de autoria feminina na literatura goiana. Esta, branca, pertencente a uma elite, embora decadente. As duas abelhas nos artesanatos da escrita poética conseguiram, em seus tempos históricos,

transitar em espaços elitizados, marcadamente masculinos, e ser ouvidas, lidas. Neste subitem do capítulo, o nosso foco recairá sobre o fazer literário dessas escritoras.

Em agosto do ano de 1889, nasceram em Goiás duas cigarras cantadeiras de nossas letras. Uma na cidade das águas termais, Caldas Novas, a outra na então capital do estado, a Cidade de Goiás. Mais tarde, ambas se tornaram nomes expressivos da literatura goiana. Estamos falando de Leodegária de Jesus (1889-1978), mulher negra que firmou sua identidade de escritora numa sociedade conservadora, marcada pelo racismo; e de Cora Coralina (1889-1985). Essas duas meninas, no raiar da juventude, tiveram seus destinos cruzados na cidade dos becos, Vila Boa de Goiás. Nesse lugar, as jovens amigas iniciaram um movimentado percurso artístico-cultural com suas tessituras poéticas, atuação em jornais e outros afazeres para além do espaço regulamentar da casa patriarcal.

Por volta dos quatorze anos de idade, Leodegária de Jesus e Cora Coralina mergulharam no universo da escrita literária tanto na poesia quanto na prosa, no caso de Cora. As duas vivenciaram a juventude no meio intelectual da capital de Goiás. Participaram dos eventos culturais promovidos na cidade, como saraus, tertúlias literárias e outros; publicaram seus textos, crônicas, contos e poesias na imprensa local, fundaram e dirigiram jornais, como o semanário *A Rosa*<sup>78</sup>, inaugurado em 1907.

Esse periódico, destinado ao público feminino, “funcionou como veículo das ideias do movimento literário da Cidade de Goiás” (DENÓFRIO, 2004, p. 20). Nele, Leodegária e Cora Coralina atuaram juntamente com Rosa Santarém Godinho e Alice Santana. As duas poetisas substituíram Lambertina Póvoa e Luzia de Oliveira. Para divulgar o semanário, as dirigentes promoviam momentos culturais e bailes em que as moças compareciam vestidas com roupa cor de rosa. O ar de sofisticação era complementado pela exigência de falar apenas em francês durante o evento.

No poema “Velho sobrado”, Cora Coralina nos leva a esse tempo dos bailes, retratando o apogeu do sobrado/casarão, um importante espaço de reuniões culturais do período, como tertúlias, saraus, grêmio/clube literário. No poema, encontramos a relação nominal das pessoas que frequentavam o lugar. Dentre as personalidades, apareceram os nomes de um grupo de gente moça: Rosa Godinho, Luzia de Oliveira, Leodegária de Jesus. Essas jovens intelectuais, ainda que em número reduzido, conseguiram se fazer

---

<sup>78</sup> Embora o semanário *A Rosa* fosse voltado para o público feminino, fundado e escrito por mulheres, os ocupantes dos cargos de comando no jornal eram os homens que também tinham seus textos publicados nesse periódico. Heitor Fleury esteve à frente da gerência do jornal e o Josias Santana foi o redator-chefe desse periódico.

presentes em um espaço de poder masculino. De acordo com o eu lírico, embora elas fossem ‘gente menor’, ou seja, mulher num contexto patriarcal, participavam com desenvoltura e autonomia das atividades culturais daquele espaço, “pedindo a palavra/levando ideias”:

[...]

Nós, gente menor,  
Sentadas, convencidas, formais.  
Respondendo à chamada.  
Ouvindo atentas a leitura da ata.  
Pedindo a palavra.  
Levantando ideias

Encerrada a sessão com seriedade,  
Passávamos à tertúlia.  
O velho harmônio, uma flauta, um bandolim.

Músicas antigas. Recitativos.  
Declamavam-se monólogos  
Dialogávamos em rimas e risos.

[...]

(PBG, 2008, pp.87-88)

A atuação das jovens Leodegária de Jesus e Cora Coralina nos eventos culturais da sociedade goiana, na imprensa e em outros espaços foi fundamental para a superação de alguns interditos em relação às mulheres do início do século XX. As duas ultrapassaram as fronteiras delimitadoras do patriarcalismo num tempo em que vigorava o seguinte ‘brocardo’ português: “mulheres, querem-nas resguardadas e a sete chaves...”, conforme apresentou o eu lírico no poema “Do beco da Vila Rica” (PBG, 2008, p. 106). Um tempo em que o ‘xaile’, indumentária lusitana, fora incorporado ao estatuto da família como uma peça usada para apagar a identidade da mulher, escondê-la.

[...]

Dobrado em triângulo. Passado pela cabeça.  
Bico puxado na testa.  
Pontas certas, caídas na cacunda.  
Pontas cruzadas na frente,  
enrolando, dissimulando o busto, as formas,  
a idade, a mulher.

[...]

Azul-escuro, avinhado, havana, cinzento.  
Xaile verde.  
Era ótimo presente de aniversário.  
Muito estimado e de longa duração.  
Ajudava o velho estatuto

das mulheres se resguardarem,  
 embuçadas, disfarçadas.  
 [...] (PBG, 2008, p. 106)

Os excertos evidenciam a marcação cerrada sobre as mulheres. O uso quase obrigatório do ‘xaile’ para sair às ruas, associado à cor neutra e escura da indumentária completavam o pacote de cerceamento do feminino, validando o velho estatuto da família de resguardarem, embuçarem, disfarçarem as jovens moças. Estas, brancas ou negras, “ainda tinham na maternidade e na realização dos ofícios domésticos sua única forma de participação da vida em sociedade. O espaço que ocupavam, portanto, era o espaço privado sob o domínio dos pais ou do marido” (SIQUEIRA, 2020, p. 68). É nesse tempo de vigilância constante sobre as mulheres que as duas poetisas conseguiram registrar suas marcas de resistências. Assumiram posições de liderança no meio da intelectualidade goiana em um tempo de mando masculino determinante.

A escrita literária proporcionou a essas duas tecelãs de nossas letras um retorno às vivências e às mentalidades de uma época. Seus textos poéticos nos ajudaram a interrogar a realidade que emerge do contexto e das situações representadas, elucidando questões como o papel e atuação da mulher na sociedade goiana de início do século XX, a infância pobre, evocada pela memória, a vida regrada de uma classe média decadente “coagida, forçada a manter as aparências de decência, compostura, preconceitos” (VC, 2013, p. 34).

Extrair dos textos essas problemáticas foi possível porque buscamos, com as lentes da História Cultural, fazer um retorno útil sobre o social, já que esse aporte historiográfico, conforme expôs Roger Chartier (2002, p. 23, grifo do autor), “dedica atenção às relações e constrói, para cada classe, grupo ou meio, um “ser-percebido” constitutivo de sua identidade.” A forma encontrada por Leodegária e Cora Coralina de ‘serem-percebidas’, de construir suas identidades foi pela via da escrita literária, dos diálogos em ‘rimas e risos’. As duas se tornaram jovens literatas desde muito cedo.

Em 1906, Leodegária, aos 17 anos de idade, despontou no cenário das publicações literárias com o livro de poemas *Corôa de Lyrios*. Um feito extraordinário, pois

enquanto as mulheres saíam às ruas nos grandes centros urbanos da Europa para defenderem o direito ao voto, no coração do Brasil, país mal saído da monarquia e do regime de escravidão, uma mulher negra trilhava os caminhos que lhe fariam entrar para a história. Este é um acontecimento que precisa ser celebrado, por ser um fato que merece entrar para a linha do tempo da literatura produzida no Brasil, considerando o isolamento em que vivia a Menina Passarinho, em um

estado que ainda buscava fortalecer sua tradição literária. (SIQUEIRA, 2020, p. 72)

Vinte e dois anos mais tarde, em 1928, quando, por motivos alheios a sua vontade, já não mais residia em Goiás, a menina passarinho publicou o segundo livro *Orchideas*. A feitura poética leodegariana transitou entre os estilos literários próprios do romantismo, do parnasianismo e do simbolismo. Em relação ao romantismo, Leodegária se aproximou mais da escrita poética de Álvares de Azevedo quando carregou suas pinceladas com tons nostálgicos, pessimistas, marcados pelo amor idealizado, inalcançável. No parnasianismo, buscou a forma – o soneto – para tecer o emaranhado de suas emoções e sentimentos, mas sem a objetividade fria e o rigor lapidado da palavra perfeita dos ourives parnasianos. Do simbolismo, vieram o espiritualismo, o devaneio, os sonhos.

Os poemas de *Corôa de Lyrios* retrataram o tempo da infância da poetisa, as memórias das traquinagens na cidade de Jataí, adotada pela escritora como terra natal do coração, seu berço idolatrado. Leodegária teceu poeticamente esse lugar como terra deslumbrante, campina formosa, onde “escoou descuidosa” sua infância florida. Era a menina ‘passarinho’, “apelido com o qual Leodegária assinava suas cartas ao pai” (SIQUEIRA, 2020, p. 67).

A aurora da vida da menina passarinho foi retratada de forma idílica muito próxima da representação que Casimiro de Abreu fez em “Meus oito anos”. Para o eu lírico, saudosista do tempo pretérito que escoou descuidoso, Jataí era o paraíso com suas “palmeiras plantadas, açucena e bonina” (JESUS, 1906, p. 29 - *Fac-símile*). Nesse lugar, Leodegária aprendera as primeiras letras, o latim, o português clássico, os cálculos elementares, tendo o pai José Antônio de Jesus o seu mestre-escola e grande incentivador intelectual. Com a mãe, Ana Isolina Furtado Lima, aprendera a costurar e a realizar os afazeres domésticos, porém, sem se subjugar ao recinto da casa. Os pais da menina passarinho, ele, negro, erudito e influente político em Goiás; ela, branca, uma jovem de atitude, foram fundamentais para a projeção da poetisa na sociedade goiana.

A infância de Cora Coralina, por sua vez, destoou da vivida por Leodegária em relação ao zelo e à proteção familiar. Cora ficou órfã de pai com apenas um mês de nascida, conforme já evidenciado. A mãe, sofrendo o luto e a viuvez, “isolava-se no seu mundo de frustrações” (PBG, 2008, p. 116), não conseguia dar atenção e carinho à filha que foi comparada ao “retrato vivo/ do velho pai doente” (idem, p. 168). A poetisa da

existência<sup>79</sup> cursou apenas os dois primeiros anos da instrução primária, pois a precária situação financeira da família Guimarães Peixoto a impediu de avançar nos estudos. Embora convivendo com a falta de carinho materno, Cora Coralina herdou da mãe o gosto pela leitura e pela escrita, práticas incomuns para as moças daquele tempo. Como nos revelou a poetisa, às jovens cabia aprender o ofício do lar, a serem boas donas de casa, isso bastava. Acerca dessa questão, no poema “Aquela gente antiga – II”, o eu lírico com um tom de ironia fez a seguinte constatação: “moças que lia romance e declamava Almeida Garret/ não dava boa dona de casa” (2008, p. 44). Esse era um dos princípios goianos fadado às mulheres, sentenciando-as aos ditames do poder masculino.

Apesar dos malgrados vividos no tempo da infância, a menina inzoneira foi vagarosamente vencendo o desamor de mãe e as humilhações sofridas pelas admoestações severas. A família a limitava. Jamais um pequeno estímulo. Carinho e atenção eram da bisavó e da tia Nhorita. E mesmo sozinha, a menina mal amada enfrentou as frustrações, resistiu, não se fez de rogada, foi buliçosa, malina. Deu voz a sua imaginação. Escreveu seus “pruridos literários, os primeiros escritinhos” (2008, p. 116).

Quanto à Leodegária, em seu primeiro livro, identificamos também a imagem poética das vivências da escritora, de sua religiosidade, da família, das dores experimentadas numa sociedade conservadora, elitista. No soneto “À Maria Aurora”<sup>80</sup>, dedicado à irmã caçula, o eu lírico fez um contraponto entre o tempo da infância risonha e o tempo da juventude quando o desengano e o desassossego ferem a alma.

Corre e canta e sorri, gentil criança,  
De tua infância na risonha estrada,  
Enquanto n’alma pura imaculada,  
Brilha-te a estrela doce da esperança.

Canta e sorri, o’ cândida Maria,  
Enquanto o peito não te fere o espinho  
Do desengano e forram-te o caminho  
As leves penas, brancas, da alegria

Canta e brinca e sorri, desfruta a vida  
Sê, pois, ditosa, minha irmã querida,  
Mas não perguntes – por que choro tanto!

Quando, mais tarde, já mocinha fores,

<sup>79</sup> Trocadilho feito a partir do termo usado por Oswaldino Marques em um dos paratextos do livro *Poemas dos Becos de Goiás e estórias mais* (2008). O título do texto a que nos referimos é “Cora Coralina, professora da existência”.

<sup>80</sup> As transcrições dos poemas tanto de *Corôa de Lyrios* quanto de *Orchideas* foram atualizadas de acordo com a ortografia vigente.

E te surgirem, n'alma, os dissabores,  
 Dir-te-ei, então, a causa do meu pranto.  
 (JESUS, 1906, p. 66)

No poema, o eu lírico construiu um jogo temporal entre infância e juventude. Enquanto a escritora vivenciava as agruras do amor inalcançável, os enfrentamentos pela sua condição de mulher negra para se fazer presente numa sociedade racista e misógina, Maria Aurora desfrutava dos encantamentos da meninice. O retrato da infância romantizada, da criança que corre, brinca, sorri e desfruta a vida tem como pano de fundo outra realidade, marcada pelo tempo dos dissabores na fase mais madura da vida.

Esse contraponto entre infância e juventude também foi construído em *Orquídeas* (2021). Alguns poemas desse livro contrastam essas duas fases da vida. No soneto “Crianças” (p. 93), por exemplo, a infância apareceu como o momento da criança feliz, dos perfumes, dos beijos maternos, da paz ideal dos verdes anos. A juventude, por sua vez, como o tempo das frias dores, dos tristes desenganos, da consciência de seu estar no mundo e das injustiças sociais com as quais se deparou durante a sua existência.

Para Jean Duvignaud, no prefácio à segunda edição do livro *A memória coletiva* (1990), de Halbwachs, a consciência não se fecha em si mesma. Ela não é vazia e muito menos solitária. O seu despertar nos arrasta “em múltiplas direções, como se a lembrança fosse um ponto de referência que nos permitisse situar em meio à variação contínua dos quadros sociais e da experiência coletiva histórica” (1990, p. 06). Leodegária, em sua juventude, demonstrou esse despertar consciente de suas vivências em uma sociedade conservadora e num período histórico de pós-abolição. Ao voltar seu olhar para as infâncias das irmãs, ela se projetou nesse tempo vivido, porém sob ótica da mulher adulta, ciente da efemeridade desse tempo de benesses.

Nessa perspectiva, de acordo com Ecléia Bosi (1994, p. 415-16), a infância pode ser compreendida como um terreno largo, “quase sem margens, como um chão que cede a nossos pés e nos dá a sensação de que nossos passos afundam. Difícil transpor a infância e chegar à juventude. Aquela riquíssima gama de nuances afetivas de pessoas, de vozes, de lugares”. Por outro lado, o território da juventude,

já é transposto com o passo mais desembaraçado. A idade madura com passo rápido. A partir da idade madura, a pobreza dos acontecimentos, a monótona sucessão das horas, a estagnação da narrativa no sempre igual pode fazer-nos pensar num remanso da correnteza. Mas não: é o tempo que se precipita, que gira sobre si mesmo em círculos iguais e cada vez mais rápidos sobre o sorvedouro. (BOSI, 1994, p 415 -16)

Em “Criancinhas” (2021, p. 97), outro poema do referido livro, a mesma fórmula se repetiu. Para o eu lírico, na claridade da primavera as crianças passam sorrindo, alheias às intempéries da vida, aos desgostos, aos pesares. Em “suas almas mimosas feitas de sonhos” não havia lugar para as preocupações, para as decepções. O eu lírico também vivenciou uma infância iluminada de doce calma, de liberdade, como ele nos revelou na última estrofe do poema “Criancinhas”:

Ao ver-vos, penso nos dias idos  
iluminados de doce calma.  
Como vós hoje, também outrora,  
tive reflexos, luzes de aurora  
Dentro em minh ‘alma. (ORCHÍDEAS, 2021, p. 97)

As interdições tanto amorosas quanto sociais e de poder, sofridas na juventude, cravaram um ‘espinho na garganta’ da menina passarinho, para usar a expressão de Ebe Maria de Lima Siqueira (2020). Na infância, brilhava para ela a “doce estrela da esperança”. Na juventude, foi despertada pela consciência do estar no mundo. No lugar da alegria, o pranto, suscitado pela dor que tanto pode ser da impossibilidade amorosa quanto das agruras vivenciadas ao longo da vida. Uma delas, fortemente marcada pela mão opressora do racismo, diz respeito ao fato de Leodegária ter sido impedida de conquistar mais um pioneirismo em sua jornada de produções intelectuais. Estamos falando da tentativa dessa poetisa de se ingressar no curso de bacharel em Direito e, com isso, tornar-se a primeira mulher goiana com diploma de ensino superior em um curso elitizado, destinado aos homens de posses do período.

Leodegária, mesmo com os esforços da família para a concretização de seu sonho e de seu brilhantismo nos exames para esse fim, não conseguiu se ingressar no Liceu de Goiás. Tal feito coube a Rosa Santarém Godinho, sua colega na redação e direção do jornal *A Rosa*. Esse impedimento, todavia, não conseguiu abafar o canto da menina passarinho, não a cerrou em uma gaiola. Ela rompeu o ferrolho das interdições e se fez presente nos contextos inimagináveis para uma mulher negra do pós-abolição.

Nos acordes da palavra poética, a melodia de seu canto ultrapassou as partituras do tempo e despontou nos nossos dias, em pleno século XXI, nos mais diversos estudos acerca dessa mulher e de seu estar no mundo, lançando-a no panteão dos ilustres nomes de nossa literatura. Apresentações em congressos, coletâneas de textos, artigos, dissertações, teses, num uníssono orquestral, trouxeram e trazem o nome de Leodegária para ordem do discurso. Seus textos suscitaram e suscitam reflexões diversas e nos

revelam aspectos da realidade histórica, social e cultural de Goiás do início do século XX. São, portanto, documentos a serem interrogados, lidos, analisados.

A primeira publicação de Leodegária, o livro *Corôa de Lyrios*, para Darcy Denófrío (2004, p. 16), foi um acontecimento singular para as letras goianas, o princípio de uma tradição literária feminina nas terras do Planalto Central. Até então nenhuma outra mulher havia realizado tal feito em Goiás<sup>81</sup>. Se levarmos em consideração o tempo histórico de publicação de *Côroa de Lyrios*, início do século XX, o pioneirismo de Leodegária dá indícios da força e coragem das mulheres goianas para romper preconceitos e ocupar espaços inalcançáveis, sobretudo, para mulheres negras.

Ao prefaciá-lo o primeiro livro da menina passarinho, o mineiro Felício Buarque, influente jornalista e advogado, percebeu a desenvoltura da jovem escritora com as palavras e a vocação para a arte. No entanto, imbuído dos parâmetros da objetividade parnasiana, ainda em vigor no início do século XX, como o culto à forma e à perfeição da palavra no verso, Felício Buarque classificou *Côroa de Lyrios* como um trabalho de principiante, sem o apuro da forma. Para o crítico, mesmo a jovem autora estando a par das concepções artísticas do período, ainda lhe faltava a equivalência entre o pensamento e a forma. Essa “graciosa roupagem, cujo gosto bem caracteriza os espíritos iniciados no segredo da arte [...] poderá ser conseguida com um pouco de trabalho e de tempo” (JESUS, 1906, p. 6).

A crítica de Felício Buarque foi feita sob as lentes do academicismo de final do século XIX e início do XX, tendo, talvez, como parâmetro o famoso poema de Olavo Bilac, “A um poeta”. Sob a perspectiva parnasiana, o labor de ser poeta/poetisa é comparado ao do ourives. É na paciência, no sossego, livre do turbilhão da rua, que o poema se faz. E o poeta ou a poetisa “trabalha e teima, e lima, e sofre e sua”, empregando um esforço sobrecomum para encontrar a palavra perfeita, pois a beleza, alma gêmea da verdade, é inimiga do artifício. Via metalinguagem, o eu lírico descreveu o ofício de fazer poesia na forma da perfeição, alheia aos sofrimentos de quem a produz.

---

<sup>81</sup> De acordo com Darcy Denófrío (2004, p. 16), a goiana Honorata Minelvina Carneiro de Mendonça, mesmo tendo publicado o livro *A redenção* no ano de 1875, “não pode ser considerada autora goiana. Acidentalmente, nasceu na Província de Goiás”. Além disso, a publicação do livro foi feita no Rio de Janeiro. Todavia, em nossas pesquisas encontramos estudos, como o da professora do Centro Superior de Juiz de fora, Eliane Vasconcelos, acerca das precursoras da literatura goiana, que creditam a Honorata Minelvina o título de ser a primeira mulher goiana a publicar um livro. VASCONCELLOS, Eliane. Precursoras da Literatura Goiana. In: **Revista UFG** / julho 2010 / Ano XII nº 8. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/48306/23646> Acesso em jan. de 2022.

Levando em consideração as pesquisas feitas por Denófrío, partilhamos da mesma opinião dessa estudiosa e crítica da literatura goiana a respeito da posição de Leodegária de Jesus na trajetória da autoria feminina em Goiás.

Se voltarmos o nosso olhar para os poemas de Leodegária apenas nesses moldes, realmente, vamos nos deparar com uma escrita ainda em depuração formal. A nosso ver, os textos leodegarianos são híbridos, logo, não seguem uma roupagem rígida tal qual a estética parnasiana. No segundo livro publicado, *Orchideas* (1928), ainda mantendo o título de ser a única autoria feminina a realizar tal feito em Goiás, a menina passarinho, uma mulher adulta e com mais experiência de vida, apurou a sua feitura poética. Mesmo mantendo o soneto e ainda carregando suas pinceladas com os tons do romantismo brasileiro, o livro trouxe também poemas escritos em formas mais livres. Daí a impossibilidade de categorizar a tessitura poética de Leodegária num único molde. Sobre essa questão, concordamos com a interpretação feita pela professora Tânia Rezende acerca do poema “Ainda e Sempre”, que consta no livro *Orchideas*. Para a pesquisadora,

O Romantismo brasileiro feminino negro é sentimental, romântico e, ao mesmo tempo, enfrentador. Assim é também o Romantismo de Leodegária de Jesus, escancarado em seu poema “Ainda e sempre” [...] O último verso do poema “Sempre o mesmo punhal na mesma chaga” [...] é um verso de cunho político, [...] é mais que um enunciado, é um (d)enunciado. Não é um lamento de dor de amor, é uma denúncia de injustiça social, é um clamor político. (REZENDE, 2020, pp. 100-101)

Ao enredar sua vida na tessitura poética, Leodegária, mesmo seguindo a normatização clássica em vigor na estética literária do período, os sonetos leodegarianos fogem à regra de elaboração parnasiana. Eles apresentam subjetividade, anunciam e denunciam uma realidade de tristes desenganos e dissabores, sobretudo, para as mulheres negras, como era o caso da poetisa, cuja obra, por décadas, fora silenciada, esquecida. O lamento de Leodegária pode expressar uma dor amorosa, como também pode denunciar “a dor de não poder dizer o que verdadeiramente gostaria. Seu canto, contudo, ainda é feito por uma voz engasgada, ou como se tivesse um espinho atravessado na garganta” (SIQUEIRA, 2020, p. 74). Leodegária, mesmo não evidenciando em sua escrita poética um engajamento social e político como ponto forte e se considerando uma poetisa mais ao estilo romântico e parnasiano, a partir de nossa leitura interpretativa de seus poemas, arriscamo-nos a dizer que os textos do livro *Orchídea* apresentam uma liberdade de escrita poética que ultrapassa a mera adesão a uma ou a outra corrente literária. Nesse livro, Leodegária cantou “a dor do mundo, a dor de todas as mulheres que tiveram de renunciar viver a vida que realmente desejavam para si. E, em especial, a dor da mulher negra educada entre brancos” (2020, p. 74).

A liberdade formal declarada pelos modernistas de vinte e dois, segundo Cora Coralina<sup>82</sup>, foi fundamental, sobretudo, para quem até então não havia conseguido escrever uma quadra sequer. Em suas palavras, ela só conseguiu se aventurar no universo poético “depois que a poesia se libertou da rima e da métrica”. Tanto é que seus escritos iniciais foram textos em prosa, nos gêneros crônicas e contos, publicados na imprensa goiana entre os anos de 1907<sup>83</sup> a 1910, antes de sua partida para o estado de São Paulo. Cora Coralina já residia nesse estado quando ocorrera a Semana de Arte Moderna. Fora convidada a participar do evento. No entanto, não compareceu em nenhuma atividade do movimento por ter sido impedida pelo marido, Cantídio Tolentino de Figueiredo Brêtas, conforme evidenciado pela própria poetisa em entrevista concedida à TVE.

Em 1907, o jornal *Imprensa* publicou a conferência escrita por Cora Coralina com o título “Dissertação sobre o amor”. Em 1908, a autora escreveu outro texto no mesmo estilo do primeiro, qual seja: “Dissertação sobre a Beleza Feminina”<sup>84</sup>. Dada a sua extensão, esse último texto foi dividido em três partes, publicadas no semanário *A Rosa* em datas distintas do mês de outubro do ano de 1908. Nesses textos, denominados de dissertação, a poetisa colocou a sua assinatura de registro, qual seja: Anna Lins dos Guimarães Peixoto. O pseudônimo Cora Coralina surgiu tempos depois, como anunciado neste capítulo.

Tal qual Leodegária, Cora Coralina também iniciou o percurso de escritora no alvorecer da juventude. Não publicou um livro nesse período, como o fizera a poetisa de *Côroa de Lyrios*, talvez pelos rumos que o destino lhe reservara. Todavia, durante o tempo de amizade e parceria com Leodegária, Cora produziu inúmeros textos que foram publicados tanto na imprensa goiana quanto fora do estado, como as duas dissertações

---

<sup>82</sup> Trechos de entrevistas de Cora Coralina reunidos no canal *Inspiração Literária*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4kILdg6qFgA>, acesso em jan. de 2023.

<sup>83</sup> De acordo com a pesquisa feita por Clovis Carvalho Britto, em sua dissertação de mestrado, “**Sou Paranaíba pra cá**”: Literatura e Sociedade em Cora Coralina (2006), o primeiro registro de texto produzido por Cora Coralina e publicado na imprensa que se tem notícia data de 1905. Trata-se da crônica homônima sobre o fundador do espiritismo em Goiás, “José Olympio Xavier de Barros”. O texto foi publicado no Jornal *Tribuna Espírita*, do Rio de Janeiro. Durante nossas pesquisas, identificamos na tese de doutorado (2022) de Ludmilla Santos Andrade o ano de 1907 como marco inicial das publicações coralinianas. E a crônica em questão, na verdade, foi publicada em fevereiro de 1909. Em contato com a pesquisadora, ficamos a par do equívoco acerca da data apresentada nos estudos de Britto, corrigido por ele mesmo em outras pesquisas.

<sup>84</sup> Ludmilla Sousa Andrade, em sua tese de doutorado, **Crônicas de Cora Coralina**: laboratório de poesia (2022), com o apoio de pesquisadores como Clóvis Carvalho Britto, Rita Seda, Paulo Brito do Prado e outros, conseguiu reunir uma significativa produção de Cora Coralina publicada na imprensa desde o ano de 1907 até 1985, ano do falecimento de Cora Coralina. Andrade (2022) dividiu as publicações da poetisa goiana em três fases: A primeira fase vai de 1907 a 1910, período inicial de produção da jovem escritora em Vila Boa de Goiás; a segunda de 1919 a 1952, tempo em que Cora Coralina residia no interior de São Paulo; e a terceira fase de 1965 a 1985, o retorno da poetisa ao berço onde nascera, a Cidade de Goiás.

mencionadas. A leitura desses textos, um sobre o amor e o outro sobre a beleza feminina, leva-nos para a Vila Boa de Goiás no tempo das conferências, dos saraus, das tertúlias. Nesse retorno ao tempo da juventude de Cora Coralina, conseguimos visualizar uma jovem escritora, ainda nos seus dezessete anos de idade, rompendo as barreiras de um contexto formado em sua maioria por homens da elite vilaboense.

As duas Dissertações foram escritas com a finalidade de serem apresentadas em conferências e saraus, promovidos pela intelectualidade goiana. Os textos são longos, construídos com uma linguagem erudita, persuasiva e eloquente, validada por uma rede discursiva que envolveu o diálogo com a religião, a literatura, a mitologia, a filosofia, a história, dentre outras áreas de conhecimento. Em “Dissertação sobre o amor” (1907), a autora teceu uma profunda reflexão sobre o sentimento que para ela seria o mais nobre do coração humano: o amor, sobretudo, o amor de mãe.

Logo nas primeiras linhas do texto, Anna Lins dos Guimarães Peixoto, em um tom ameno, mas com altivez, procurou justificar sua presença e o porquê de sua apresentação naquele lugar de mando masculino. Assim disse a jovem autora: “Se tenho a ousadia de sair da minha obscuridade e erguer a voz ante tão seletto auditório para dissertar sobre um dos mais puros sentimentos do coração humano: o Amor, é confiada unicamente em vossa indulgência” (CORALINA, 1908, *apud* ANDRADE, 2022, p. 191). É nítida a sagacidade dessa jovem moça para ser aceita nos renomados salões da época. A retórica utilizada pela autora transmitiu aos presentes na conferência a ideia de uma oradora singela que sabia o peso da responsabilidade de assumir tal empreitada e a ousadia de estar naquele espaço da intelectualidade.

A mesma fórmula de escrita aplicada no texto da primeira conferência foi utilizada também na “Dissertação sobre a Beleza Feminina”. A exortação inicial veio carregada de justificativas eloquentes e revestida de uma deliberada modéstia, como veremos a seguir:

Gentilíssimas Senhoras. Meus Senhores.

Se me atrevo ante este auditório a vestir o *clamyde* dos oradores, e usar da palavra para fazer esta dissertação sobre a beleza feminina, é somente buscar, junto aos fatores desta festa comemorativa, expressar o imenso prazer que sinto, ao ver erguer-se vitorioso, o róseo santelmo da literatura goiana.

Sentia a pena me vergar nas mãos, e o braço tremer, quando a escrevia; hoje encolho-me transida e pequenina perante a responsabilidade que assumo e da qual desejaria me tirar com galhardia.

Harpas de ouro e triclinios de diamantes, não tenho para ao som de sua dulcídea harmonia, burilar estrofes fulgurantes.

*Não vos falarei pela voz sonora e estrelada das rimas, como bem quisera; não, a minha prosa fatigante, combalida, e sem o colorido*

*oriental da forma, ferirá os vossos ouvidos, como as cordas de um instrumento desafinado, dedilhado, por mãos inábeis.*

Vou vestir o escafandro do ideal, para mergulhar nas ondas glaucas do Cáspio da minha fantasia, e tirar de seu seio punhados de corais vermelhos, para fazer o colorido fulgido desta conferência sensaborona. Pedirei ao Zéfiro que esvoaça no silêncio da noite, para conduzir-me as espessuras suavíssimas dos bosques no cimo dos montes alcantilados e poder assim descrever com as tintas da verdade, a forma harmoniosa e esplendida da beleza!

Pedirei as estrelas o seu brilho adamantino, para que eu possa fazer cintilar a minha linguagem sem vida...

Finalmente implorarei aos gênios alados, a silfos e as náiades que escutam as vozes misteriosas das cousas o sentimento e as cores que refulgem quais pedrarias preciosas para formar então o ideal sublime, egrégio da beleza!

Eu desejava – pobre louca – arrancar as rosas nacaradas da aurora, roubar a poesia transcendente do crepúsculo ao som plangente do Angelus, e desse frouxel dourado do ocaso, fazer o desenho estupendo do belo! (Anna Lins dos Guimarães Peixoto, 1907 *apud* ANDRADE, 2022, p. grifos nossos)

O tom épico desse discurso, ao sugerir uma modéstia, revela a familiaridade da poetisa com a tradição literária. Logo, é interessante notar como esse conhecimento, revestido de frugalidade, vem permeado de finas ironias. A autora sabia perfeitamente seu lugar de fala e deliberadamente preparou o público para escutar uma prosa fatigante e combalida, dedilhada por mãos inábeis. E o que fez foi exatamente o contrário. À medida que a apresentação do texto se desenvolvia, os ouvintes iam tendo contato com conhecimentos históricos, filosóficos, literários sobre a temática em questão. Ao final de cada leitura, a jovem autora era sempre aplaudida, admirada pela sua erudição, capacidade de diálogo e desenvoltura com a palavra.

Em “Dissertação sobre a Beleza Feminina”, Anna Lins concluiu que a beleza superior a todas seria a “beleza da Alma”. Para a jovem autora,

a beleza do espírito embrandece pelas duras, amacia mãos ásperas, da graça e doçura aos olhos de pouca luz, faz interessante a face pálida, e afáveis os lábios descorados, *põe a beleza do coraçãoa fronte que não é alva*, torna elegante o corpo que não é airoso, amável o que não é lindo, engraçado o que não é formoso. (CORALINA, 1908, *apud* ANDRADE, 2022, p. grifos nossos)

A leitura na íntegra dos dois textos, “Dissertação sobre o amor” e “Dissertação sobre a beleza feminina”, possibilitou-nos observar e problematizar alguns pontos dessas escritas iniciais da autora. Primeiro, o elevado grau de erudição da jovem Anna Lins,

evidenciado por meio das citações diretas e indiretas de ideias e pensamentos de historiadores, filósofos, literatos tanto nacionais quanto internacionais. A capacidade de articular a temática dissertada aos elementos linguísticos com vistas ao desenvolvimento persuasivo da oratória. A desenvoltura demonstrada nos salões arrancava aplausos e elogios efusivos dos presentes. Cabe também problematizar o ponto de vista da jovem autora acerca das questões relacionadas ao papel da mulher e o comportamento feminino ideal para aquela sociedade.

Inserida em um contexto de início do século XX, a sua escrita trouxe as marcas desse tempo histórico. Logo, as duas dissertações apresentadas nos movimentados salões da aristocracia goiana se constituíam veículos de manutenção da ordem patriarcal, dos bons costumes, da subserviência aos dogmas da religião. Em “Dissertação sobre o amor”, por exemplo, Anna Lins classificou o amor materno como o mais sublime. Para ela, “o coração materno é um templo; é mais que um templo, é um sacrário” (Anna Lins dos Guimarães Peixoto, 1907, apud ANDRADE, 2022, p. 122).

Esse amor imaculado deveria estar no coração de toda mãe. No entanto, havia as exceções que maculavam esse sagrado amor. Bastava um rápido mergulho na literatura para identificar os mais escandalosos exemplos de mães consideradas desalmadas para os padrões da época e até mesmo para os atuais, como:

Catharina de Medicis que envenenou os filhos.  
A mãe de lorde Byron criticava-lhe a corcunda e atirava-lhe as tenazes ao rosto.  
Há mães que abandonam os filhos pelos amantes. E assim muitos outros exemplares que profanam o sagrado nome de Mãe.  
(Anna Lins dos Guimarães Peixoto, 1907, apud ANDRADE, 2022, p. 122)

Os excertos evidenciam o caráter moral/religioso/pedagógico do conteúdo da conferência. A partir deles nos deparamos com a visão de mundo da sociedade de Vila Boa de Goiás do início do século XX. Tendo em vista a função social e as características desse tipo de texto, percebemos a sagacidade de sua autora ao buscar na literatura clássica universal exemplos de genitoras que profanaram “o sagrado nome de Mãe” por fugirem à regra do sublime sentimento materno.

As atitudes das mães da ficção, apresentadas por Cora Coralina, vão de encontro ao papel religioso imposto às mulheres ao longo da história. Tais exemplos,

provavelmente, provocaram em suas ouvintes uma espécie de catarse<sup>85</sup>, levando-as a internalizar o papel que deveriam exercer naquele contexto social e histórico. Esse discurso de efeito doutrinador, sedimentado nos ideais burgueses e patriarcais, dialogava com os padrões vigentes no período.

Com isso, podemos dizer que Cora Coralina, em seus textos iniciais, soube manejar a sua escrita em prol de um ideal feminino, estabelecido dentro de uma coletividade. Nas duas dissertações, percebemos a adesão da jovem autora à visão de mundo da sociedade retratada. Esse ponto de vista compartilhado nos remete às ideias de Halbwachs (1990) acerca da memória individual e coletiva. Para o autor, a memória individual está intimamente ligada à memória coletiva e dela não se aparta. Sendo assim, podemos inferir que o ponto de vista expresso nos textos da jovem Anna Lins, apresentados para o deleite da elite goiana da primeira década do século XX, não poderia se eximir dos ideais daquela sociedade, tampouco, da vida coletiva de seus membros.

No texto “Crônica de Goyaz”, escrito em 1908, a poetisa retratou a mentalidade e o costume dos vilaboenses na quaresma, período religioso, cristão, marcado por jejuns, preces e mortificações. Para mostrar o quanto o conhecimento propicia mudanças de comportamentos e de atitudes, a poetisa comparou esse tempo vivido na infância com o momento de sua juventude. Segundo Cora Coralina,

Antigamente, estes quarenta dias eram monótonos, silenciosos, entediantes; não se ouviam pelas ruas, nem gargalhadas de crianças, nem falas muito altas; nas casas viam-se oratórios abertos, com luzes e orações.

*Com a civilização e com o adiantamento, cessaram estas carolices. Hoje a Quaresma é despida de monotonia religiosa, quase sem jejuns, e sem orações exageradas.* (CORALINA, 1908 apud ANDRADE, 2022, p. grifos nossos)

Conforme o relatado por Cora Coralina, a alteração no comportamento das pessoas deu-se em razão do acesso da juventude ao conhecimento, à escolarização. A

---

<sup>85</sup> O primeiro grande filósofo a conceituar catarse foi Aristóteles em *Poética* (385 a. C. - 323 a. C). Desde então, esse fenômeno vem sendo estudado e aplicado em diversas áreas de conhecimento. Lukács (1965), em um estudo mais recente, *Estética: a peculiaridade do estético*, ampliou o conceito aristotélico de catarse para o campo histórico e crítico. De acordo com esse pensador, “a catarse consiste precisamente que o ser humano confirme o essencial de sua própria vida, precisamente pelo fato de vê-la num espelho que o comove e o envergonha por sua grandeza, que mostra o caráter fragmentário, a insuficiência, a incapacidade de realização que tem sua própria existência normal. A catarse é a vivência da realidade própria da vida humana cuja comparação com a realidade cotidiana no efeito da obra produz uma purificação das paixões que se transforma em ética no “depois” da obra. (LUKÁCS, 1965, p.76, apud DUARTE, 2019, p.10)

Cidade de Goiás do início do século XX parecia ser a “Capital, a nevrose [Sic] dos estudos, e a monotonia das letras. [...] a rapaziada que passa para as aulas: crianças, moças estudam e, sobretudo, o que não se via no meu tempo de menina; estudam alegres, com gosto” (idem). Podemos abstrair das reflexões da poetisa que esse intenso movimento intelectual contribuiu para desvendar crenças e para o repensar de práticas e costumes.

Ciente de que “não há uma cidade mais ou menos adiantada que não trate de literatura e não procure meios de desenvolvê-la” (idem), Cora Coralina encerrou a crônica anunciando o novo feito da amiga Leodegária, a publicação do segundo livro de poesias. Segundo Cora Coralina,

Uma notícia que não deixará de ser agradabilíssima aos admiradores de Leodegária de Jesus, a pálida e dolente poetisa da *Coroa de Lírios*. Ela trabalha na composição de um novo livro intitulado *Orquídeas e Crepusculares* que sairá a luz em 1909.  
É uma lutadora infatigável a Leodegária!  
E... *ao savoir!*.. (CORALINA, 1908 *apud* ANDRADE, 2022, p. grifos nossos)

Os adjetivos pálida e dolente atribuídos a Leodegária resultam da interpretação do conteúdo lírico de sua poesia. Uma escrita, mais ao estilo da segunda fase do romantismo brasileiro, que fez emergir a dor, o pessimismo e o sofrimento desencadeado pela desilusão amorosa. Embora a poesia leodegariana tenha essa verve, a poetisa soube manejar com dinamismo as contradições da vida.

A presença de Leodegária, de Cora Coralina e de tantas outras nos circuitos intelectuais vilaboenses, majoritariamente masculinos, foi, certamente, marcada por persistências e resistências nesse espaço de disputas em que o papel da mulher estava restrito ao lar, à submissão. Leodegária e Cora Coralina, nos seus artesanatos poéticos, teceram os tempos de suas infâncias, de suas juventudes, as partidas, as chegadas, a cidade de nascimento, Vila Boa de Goiás, no caso de Cora; e a terra natal adotiva, Jataí, para Leodegária. As suas vivências, histórias plurais e representações conferem e dão sentido ao real, fazendo emergir “um conjunto de valores construídos, socializados, significados e legitimados pelos homens para explicar um tempo e uma sociedade” (VALDEZ, 2006, p. 16).

Como pudemos observar, os textos poéticos dessas duas escritoras são representativos de um tempo e de um contexto históricos. Isso confirma a nossa tese de que a escrita coraliniana se constitui fonte para a análise da sociedade goiana do período

em questão. Isso porque, retomando Le Goff (1990, p. 42), “a história da história não se deve preocupar apenas com a produção histórica profissional, mas com todo um conjunto de fenômenos que constituem a cultura histórica ou, melhor, a mentalidade histórica de uma época.”

No último capítulo desta tese, seguimos o percurso de Aninha no seu curto tempo de aprendizagem na escola da mestra Silvina. Por meio do texto coraliniano, buscamos os indícios dos modos e lugares de educar as infâncias no contexto retratado. Nessa jornada de saberes, destacamos a atuação das mestras do passado, quais sejam: Inhola (Nhola), Lili e Silvina, que foram enredadas na teia poética de Cora Coralina. E, por fim, encontramos-nos com Cora Coralina já na ancianidade.

### CAPÍTULO III - A GERAÇÃO PONTE: OS MODOS DE EDUCAR E DE INSTRUIR EM GOIÁS DO FINAL SÉCULO XIX

Que procura você, Aninha?

[...]

Procuro minha escola primária e a sombreada  
velha mestra  
com seu imenso saber, infinita sabedoria, sua  
arte de ensinar.

Quanto daria por um daqueles velhos bancos  
onde me sentava,

a cartilha de “ABC” nas minhas mãos de  
cinco anos,

quanto daria por um daqueles velhos livros de  
Abílio Cezar Borges, Barão de Macaúbas  
e aquelas Máximas de Marquês de Maricá,  
Aquela enfadonha tabuada de Trajano,  
custosa demais para o meu entendimento de  
menina. (Cora Coralina)

Na epígrafe, um trecho do poema “Meu Vintém perdido”, evidenciamos um eu lírico saudosista da antiga escola primária e da velha mestra. Estamos diante de dois tempos da vida humana: o presente da enunciação e o passado do enunciado. Cora Coralina, na ancianidade, procurou Aninha, na sua infância escolar longínqua, para que juntas fizessem o retorno ao tempo da aprendizagem escolar de Aninha, ao encontro com a velha mestra Silvina e seus métodos de ensinar a criança.

Esse retorno foi possível por meio da reconstrução do passado a partir de dados do presente da enunciação. A esse respeito, entendemos com Halbwachs (1990, p. 43), que é “da própria lembrança em si mesma, é em torno dela, que vemos brilhar de alguma forma sua significação histórica” que no poema se manifestou pela representação de uma temporalidade marcada pelo aprendizado da leitura por meio das cartas de “ABC” e dos velhos livros de Abílio Cezar Borges, Barão de Macaúbas. O aprendizado da moral, das virtudes, dos valores, da civilidade a partir das Máximas de Marquês de Maricá<sup>86</sup> e a enfadonha tabuada de Trajano.

---

<sup>86</sup> Mariano José Pereira da Fonseca (1773-1848), também conhecido como Marquês de Maricá, foi autor de frases feitas, as chamadas “máximas”, uma espécie de ‘autoajuda’ com um misto de instrução para a vida humana. São elaborações injuntivas, construídas por meio de uma expressividade rítmica e retórica com a finalidade de transmitir uma moral, um valor, um conselho. A máxima se distingue do provérbio por ter um autor identificado e por estabelecer julgamento de valor. Abílio Cezar Borges, o Barão de Macaúbas, “utilizou as máximas, sobretudo do Marquês de Maricá, em suas obras para os meninos decorarem ou copiarem inúmeras vezes, nas punições.” (VALDEZ, 2006, p. 82)

Os registros acerca da escolarização da infância evidenciados na epígrafe apontam categorias constitutivas da instrução primária de final do século XIX e início do XX em Goiás. Para a escritora Cora Coralina, leitora assídua, hábito herdado da mãe, Dona Jacintha Luiza, os livros tinham uma importância primordial, daí o seu destaque saudosista e até mesmo afetivo para os livros de leitura do Barão de Macaúbas.

Estamos diante de indícios dos modos e lugares (a escola doméstica) de educar as infâncias no contexto retratado. A literatura coraliniana nos permite penetrar no universo da realidade escolar do tempo de Aninha e nos leva a identificar os modos de educar e de instruir as crianças nesse cenário. Nessa perspectiva, podemos dizer que o texto poético de Cora Coralina, como uma fonte documental, colocou em diálogo a relação entre história, literatura e educação na representação de uma época. Nas entrelinhas dessa estética literária, buscamos compreender os interditos, os silêncios acerca da instrução primária em Goiás do tempo histórico em questão.

Dito isso, é possível pensar questões ligadas à história da educação, os modos de educar e de instruir as infâncias, por exemplo, tendo a literatura como fonte? Eis um questionamento que há tempos está na ordem de discursos entre pensadores desse instigante fenômeno. Nas palavras de José Saramago (1990, p. 07), “[...] parece legítimo dizer que a História se apresenta como parente próxima da ficção, dado que, ao rarefazer o referencial, procede a omissões, portanto, a modificações, estabelecendo assim com os acontecimentos relações que são novas”. Nessa mesma esteira de pensamento, Barros (2010, p. 24) considerou que a intrínseca relação entre a história e a literatura, salvo as especificidades de cada um desses campos do saber, trará às pessoas que pesquisam a história “novas oportunidades de elaborar o seu próprio texto historiográfico, sem que isto, necessariamente, implique na perda das singularidades que caracterizam o discurso especificamente historiográfico”. Do texto literário, com toda a sua carga estética, seus aspectos formais, sua linguagem própria, sua fruição, também pode emergir uma seara de possibilidades de análise de determinada realidade sócio-histórica.

Nessa perspectiva, segundo Hayden White (2008), há na escrita da história um caráter subjetivo que se altera de acordo com as experiências de cada pessoa que pesquisa a história. Alguns podem entender que

[...] é sua tarefa recovar, de maneira lírica ou poética, o ‘espírito’ de uma época, outro pode presumir que lhe cabe sondar o que há por trás dos acontecimentos a fim de revelar as ‘leis’ ou os ‘princípios’ de que o ‘espírito’ de uma determinada época é apenas uma manifestação ou

forma fenomênica. Ou para registrar uma outra diferença fundamental, alguns historiadores concebem sua obra primordialmente como uma contribuição para a iluminação de problemas e conflitos sociais existentes, enquanto outros se inclinam para suprimir tais preocupações presentistas e tentam determinar em que medida um dado período do passado difere do seu, no que parece ser um estado de espírito bem próximo daquele do ‘antiquário’. (WHITE, 2008, p. 20, grifos do autor)

Compreender essa potencialidade da literatura é importante, como também o é o cuidado no trato com essa fonte que exige das pessoas pesquisadoras as perguntas certas, as problematizações e os confrontos necessários. Por meio de uma linguagem prosaica e crítica, Cora Coralina nos apresentou a mentalidade histórica de uma época, sobretudo, no que se referiu às questões relacionadas à educação da infância e à vida na sociedade dos becos de Goiás do final do século XIX e início do século XX.

Sua escritura, via expressão da memória individual em diálogo com a memória coletiva, colocou-nos diante de diversas maneiras de pensar a história de um povo e lugar, de reconstituir o espaço da cidade de Vila Boa no tempo do *vintém de cobre*. Isso é possível porque, conforme Halbwachs (1990, p. 43), a memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva que emerge das representações construídas a partir do lugar que ocupamos na sociedade e das relações que estabelecemos com outros meios. Nesse caso, uma lembrança individual só se manifesta se ela puder ser localizada na memória coletiva. Isso significa que vamos nos definindo, reformulando a nossa identidade, a partir do que lembramos e do que esquecemos coletivamente. Logo, na reformulação identitária há também, como pontuou Assman (2011), a reorganização da memória tanto individual quanto coletiva.

O texto poético coraliniano, por meio da manifestação das lembranças individuais, vincula também uma visão de mundo coletiva, apresentada a partir do ponto de vista do eu lírico no retorno ao tempo de Aninha. Nesse processo, a literatura se confirma como uma fonte a mais para os documentos oficiais, isto é, para os registros históricos que, segundo Burke (1992, p. 13), “expressam a visão oficial. Para reconstruir as atitudes dos hereges e dos rebeldes, tais registros precisam ser suplementados por outros tipos de fontes”.

A par dessa ampliação das fontes, nesse capítulo, acompanhamos Aninha no seu curto tempo de aprendizagem na escola da mestra Silvina. Iniciamos o percurso pela seara da instrução pública, trazendo para a ordem do discurso as mestras do passado cantadas por Cora Coralina em sua poética, a saber: Inhola (Nhola), Lili e Silvina. O encontro com essas três mestras evidenciou o quanto elas ainda permanecem silenciadas na história

oficial da instrução goiana. Algo a ser problematizado, em razão da intensa atuação dessas três mulheres no âmbito da educação e da intelectualidade na sociedade vilaboense. Por meio da palavra poética, Cora Coralina prestou tributo a essas mulheres, “esquecidas mestras de Goiás. / Elas todas – donzelas, / sem as emoções da juventude. / Passavam a mocidade esquecidas de casamento, / atarefadas com crianças. / Ensinando o bê-a-bá às gerações (PBG, 2008, p. 108).

Na sequência do capítulo, em “O itinerário escolar de Cora Coralina: a escola da mestra Silvina”, tratamos do ensino doméstico e do tempo escolar de Aninha. Apontamos o olhar do eu lírico para a escola e como se deu a sua aprendizagem formal nesse ambiente. Evidenciamos também a ostensiva influência da igreja no ensino, como a presença, uma vez na semana, do frei Germano para trabalhar com as crianças as lições da doutrina cristã.

Em “Contas de Dividir e Trinta e seis Bolos: a escolarização da criança pequena em Goiás de final do século XIX”, apresentamos os métodos utilizados para inserir a criança no mundo da leitura e da escrita. Discutimos as formas rígidas de inserção das infâncias no mundo da aprendizagem formal. Nesta parte, buscaremos, com Aninha, os lugares de educar a infância. Para o diálogo com a poética coraliniana, faremos um paralelo com autores e autoras da literatura brasileira que também trouxeram, em suas obras literárias, um discurso literário acerca das configurações informais de educar as infâncias.

Após a instigante jornada de retorno à infância longínqua da menina Aninha, à juventude nos saraus e tertúlias de Cora Coralina, vamos nos encontrar com a poetisa já na ancianidade, quando ela celebra o cântico da volta às origens. Nesta parte, procuramos conhecer a outra ponta da vida dessa escritora da existência que, vestida de cabelos brancos, revê, escreve e assina os autos do passado antes que o tempo o fizesse.

### **3.1 – As mestras do passado cantadas por Cora Coralina: Inhola (Nhola), Lili e Silvina**

A incursão no universo escolar do final do século XIX e início do XX, na Cidade de Goiás, passa necessariamente pela atuação das mestras que fizeram história na instrução pública desse contexto. Como já afirmamos e confirmamos ao longo dessa pesquisa, o texto coraliniano se constitui fonte reveladora da vida humana em suas inúmeras atividades históricas, sociais, culturais. Tendo em vista essa premissa,

revisitamos a “Escola de velhos tempos. / Tempos de velhas mestras” para conhecer um pouco mais da histórica atuação de mestra Inhola, mestra Lili e mestra Silvina na instrução pública da Cidade de Goiás. Essas três professoras, todas filhas naturais<sup>87</sup>, foram cantadas por Cora Coralina em sua poética. Elas ensinaram gerações e deixaram suas marcas na memória histórica do magistério goiano. Estamos falando de Pacífica Josefina de Castro (mestra Inhola/ 1846-1933), Luisa Joaquina da Silva Marques (mestra Lili/1858-1945), Silvina Ermelinda Xavier de Brito (mestra Silvina/1848-1920), essa última foi a professora de Cora Coralina.

Ao apresentarmos essas mestras do passado, partimos do pressuposto de que o interesse da história está nos homens e mulheres. São eles e elas que a história quer capturar. Logo, “por trás dos grandes vestígios sensíveis da paisagem, [os artefatos ou as máquinas,] por trás dos escritos aparentemente mais insípidos e as instituições aparentemente mais desligadas daqueles que a criaram” (BLOCH, 2002, p. 35) estão seus/uas criadores/as. E quem não conseguir perceber isso “será apenas, no máximo, um serviçal da erudição” (idem). Tendo em mente essa premissa, as três mestras mencionadas são o foco do nosso interesse nessa parte da tese.

Essas senhoras/senhoritas, embora influentes em seu contexto e tempo histórico, permaneceram no anonimato e suas atuações e experiências só foram objetos de pesquisa na contemporaneidade, século XXI. A opção por trazer para esse diálogo as referidas mulheres, em detrimento de tantas outras, deve-se ao fato de seus nomes figurarem na poética de Cora Coralina e por terem sido, historicamente, personalidades atuantes no contexto da instrução pública de Goiás. Como fonte, o texto coraliniano nos instigou a querer saber um pouco mais sobre essas mulheres que, em seus tempos históricos, tanto fizeram para a educação goiana.

De acordo com Paulo Brito Prado (2019, p. 30), as mulheres em Goiás eram pessoas ativas, mobilizadoras de poder e só não conseguiram se impor mais porque viviam em um contexto social e economicamente dominado pelo masculino. Em razão disso, sofreram estereótipos e permaneceram ignoradas por “cronistas, como Saint- Hilaire, ou mesmo pela historiografia”. Contudo, com a renovação historiográfica, tendo a literatura como fonte, os estudos das mulheres e das relações de gênero ganharam

---

<sup>87</sup> De acordo com os registros de Euzébio Fernandes de Carvalho (2012, p. 38), o termo “filha natural” era destinado aos que não tinham sua paternidade reconhecida legalmente, nem declarada. Todavia, “ser filho natural não significava, obrigatoriamente, pobreza, pois esta era uma prática amplamente verificada, inclusive, entre as famílias da elite econômica e simbólica locais”

centralidade nas investigações. Com isso, conforme Maria Meire de Carvalho e Thiago Sant'anna (2009, p. 108, grifos dos autores), “‘esquecidas’ por uma narrativa oficial, as mulheres em Goiás têm sido [...] ‘retiradas’ do silenciamento de um olhar predominantemente masculino sobre o passado, e suas trajetórias estão sendo construídas e visibilizadas”, tanto pela escrita poética, como o fizera Cora Coralina, quanto pelas pesquisas acadêmicas, biográficas.

No poema “O beco da escola”, Cora Coralina trouxe a mestra Lili, a mestra Inhola, a mestra Silvina. De acordo com o eu lírico,

Uma braça de largura, mal medida.  
Cinquenta metros de comprido...avaliado.  
Bem alinhado. Direitinho.  
Beco da escola...  
Escola de velhos tempos.  
Tempos de velhas mestras.  
Mestra Lili. Mestra Silvina. Mestra Inhola.  
Outras mais, esquecidas mestras de Goiás.

[...]

O bequinho da escola  
Lembra mestra Lili.  
Lembra mestra Inhola  
Lembra mestra Silvina. [...]

esquecidas mestras de Goiás.  
Elas todas – donzelas,  
sem as emoções da juventude.  
Passavam a mocidade esquecidas de casamento,  
atarefadas com crianças.  
Ensinando o bê-a-bá às gerações.  
[...] (PBG, 2008, p. 108)

Todas essas mestras de primeiras letras dedicaram suas vidas ao magistério. Passaram pela juventude sem as emoções próprias dessa fase da vida, sempre atarefadas com as crianças, conforme nos revelou o eu lírico. Inhola e Lili eram irmãs, filhas de Luisa Joaquina da Silva, uma mulher mestiça, sem influência nem posses, mas que rompeu os preconceitos próprios de uma sociedade patriarcal e deixou seu nome registrado nos autos da história das mulheres em Goiás. De acordo com o professor Euzebio Fernandes de Carvalho (2012, p. 38), essa senhora, mãe de cinco filhas e um filho com distintos homens da sociedade goiana, conseguiu, ao longo de sua vida, “garantir suas condições materiais de sobrevivência, para si e para os seus”. Ao final de

sua vida, a matriarca da família, como mãe de duas mulheres professoras e de “um filho que se beneficiou da herança deixada pelo pai rico” pôde usufruir a velhice de forma mais tranquila.

Pela composição da prole de Dona Luisa Joaquina, logo se vê que Inhola e Lili conviveram em uma família de mulheres fortes que não se apearam ao casamento como um meio de visibilidade e proteção. Pelo contrário, tanto Inhola quanto Lili mantiveram suas próprias fontes de renda e autonomia sobre suas vidas. E isso se tornou possível porque o magistério, historicamente, foi a primeira atividade que permitiu as mulheres acessarem espaços públicos majoritariamente masculinos, fora do recinto da casa patriarcal<sup>88</sup>. Em suas casas, fundaram a escola doméstica e ensinaram gerações. E, como professoras, elas conseguiram se proteger “do discurso da *moça-velha* ou da *tia solteirona*” e também puderam “construir uma subjetividade e uma experiência histórica enquanto mulheres independentes do senhor, do pai, do irmão, do marido, do falo”, conforme sentenciou Carvalho (2012, p. 38, grifos do autor).

O genitor de Inhola, Antônio José de Castro (1804), foi um homem de poder e influência na sociedade goiana, proprietário de terras e de escravos. Além disso, foi também um militar, tenente coronel. Em 1827, consagrou-se como o primeiro professor a introduzir o método do Ensino Mútuo<sup>89</sup> na Província de Goiás. Mestra Inhola aplicou esse método em suas atividades docentes. Diferente do pai, Inhola não possuía formação de professora, apenas os conhecimentos empíricos adquiridos pela prática de anos no exercício da profissão. Ela fundou em sua própria casa uma escola particular: a Escola de Pacífica Josefina de Castro. O lugar, de acordo com os registros memorialísticos de Célia Coutinho Seixo de Brito (1987), era modesto, com poucos móveis, bancos sem encosto onde se sentavam os meninos separados das meninas. Pela disposição dos meninos e meninas, logo se vê que na escola da mestra Inhola, o ensino misto era uma realidade. Todavia, a separação entre os gêneros ainda persistia nesse cenário. Primeiro, pela

---

<sup>88</sup> António Nóvoa (1991) realizou estudos sobre o magistério e a feminização da profissão docente na maioria das sociedades ocidentais, a partir da segunda metade do século XIX. De acordo com o estudioso, a forma com que os homens encontraram para subestimar a atuação das mulheres no magistério foi a de desvalorizar a profissão docente. Ver mais em: NÓVOA, António. **Para o estudo sócio-histórico da gênese e desenvolvimento da profissão docente**. Teoria e Educação, n. 4, p. 109, 1991.

<sup>89</sup> O ensino mútuo ou monitoral surgiu no início do século XIX. O método de ensino simultâneo cujo a gente principal é o professor contava também com a figura do monitor ou decurião, um aluno com mais conhecimento que os outros, que divide com o docente as responsabilidades na função de ensinar. Esse método foi sistematizado pelos ingleses Andrew Bell (1753-1832) e por Joseph Lancaster (1778-1838). Cada um reivindicou para si a patente dessa forma de ensinar. É um método de vantagem econômica, pois exige apenas um professor para ensinar um grande número de alunos dentro de um tempo reduzido de trabalho. A rigorosidade disciplinar, traduzida em castigos corporais, garantia o sucesso do método.

disposição dos lugares de se sentar. Segundo, pela organização curricular que também havia algumas distinções do que deveria ser ensinado para as meninas e para os meninos.

Essa organização curricular ainda estava com um pé na lei educacional de 1827<sup>90</sup>, que regia as escolas de primeiras letras. Esse instrumento legal se inseriu em um contexto emergente de país que estava dando os seus primeiros passos após a independência e que via na instrução a principal estratégia para civilização do povo brasileiro.

Em relação à organização curricular, de acordo com o disposto na referida lei, meninos e meninas deveriam estudar em escolas separadas com currículos distintos: para os meninos, aulas de matemática de maneira ampla e de geometria; para as meninas, apenas as quatro operações e as prendas destinadas à economia doméstica. Havia nesse formato curricular uma visível distinção de gênero que colocava a mulher numa posição aquém a do homem, contribuindo assim para efetivar a histórica ideia de inferiorização do feminino.

Voltando à escola da mestra Inhola, conforme Brito (1987), nesse estabelecimento, as crianças aprendiam ler, escrever, contar e as normas da doutrina cristã. As meninas também aprendiam a arte da costura, do bordado e outros. Para manter uma classe tão numerosa, a mestra contava com o auxílio de monitores, alunos que sobressaíssem nas batalhas de arguição promovidas por Inhola. Seus alunos se tornaram profissionais influentes na sociedade goiana.



Imagem 3 – Fotografia da classe de Mestra Inhola – Cidade de Goiás, século XIX<sup>91</sup>.

---

<sup>90</sup> Lei de 15 de outubro de 1827. Foi a primeira lei geral que versou sobre a instrução primária no Brasil imperial.

<sup>91</sup> A fotografia se encontra em BRETAS, Genesco Ferreira. **História da Instrução Pública em Goiás**. Goiânia: CEGRAF/UFMG, 1991, Coleção Documentos Goianos n. 21, p. 550.

De acordo com Genesco Ferreira Bretas (1991), a imagem acima é uma fotografia da classe mista de mestra Inhola. Nela, visualizamos três mulheres, que segundo Bretas, são, respectivamente, mestra Inhola na parte central da foto, sentada na divisão entre os meninos e meninas; à esquerda, as irmãs da professora, Lili e Joaquina, e acima, mais próxima a Inhola, a mãe das três. Por ser uma classe mista e numerosa, conforme evidenciado na imagem, tanto a mãe quanto as irmãs de Inhola auxiliavam no exercício da docência. A presença de assistentes na classe com tantas crianças, conforme Diva do Couto Gontijo Muniz e Thiago Fernando Sant’Anna (2010, p. 88) tinha a finalidade de “vigiar, controlar e disciplinar alunas e alunos”. Além do mais, essas auxiliares também detinham conhecimentos empíricos da docência e do método adotado por Inhola, o que possibilitava a atuação delas “junto à mestra nas ações pedagógicas cotidianas, desenvolvidas segundo o método mútuo.”

Essa fotografia da classe de mestra Inhola é icônica e é uma fonte muito utilizada em trabalhos acadêmicos para as mais diversas análises acerca da educação do período. Para esta tese, recorreremos à imagem por dois motivos: possibilitar a visualização de uma classe mista, separada por gênero até no momento da fotografia, e para apontar a possibilidade de a escola doméstica atender não apenas os filhos e filhas da elite. Dos três meninos sentados à frente, o do meio está com os pés descalços. Atitude incomum para as crianças abastadas. Logo se vê que o menino sem os sapatos se distinguia dos demais e, provavelmente, não pertencia à mesma classe social de seus colegas.

Ao analisar a fotografia, Muniz e Sant’Anna (2010)<sup>92</sup> fizeram as seguintes suposições acerca da criança descalça: a primeira, trata-se de uma criança pobre, assistida gratuitamente na sala da mestra, um afilhado, talvez. Uma situação rara, mas não incomum. “Nessas, seus proprietários, que eram os próprios mestres ou mestras dos/as alunos/as, permitiam a algum protegido, ou protegida, o ensino gratuito em troca de pequenos serviços ou de favores” (2010, p. 84). A segunda possibilidade da presença dessa criança na sala de aula da mestra Inhola “é a de que se tratava de aluno pobre cuja mensalidade era subvencionada pelo Estado, modalidade de atendimento escolar que,

---

<sup>92</sup> Acerca da experiência de escolarização de meninas e meninos na Província de Goiás, tomando a fotografia como fonte histórica, ver mais em: MUNIZ, Diva do Couto Gontijo; SANT’ANNA, Thiago Fernando. Meninas pra lá, meninos pra cá: a experiência de escolarização na Província de Goiás. In: **Caderno Espaço Feminino** | v. 23 | n. 1/2 | p. 79-101 | 2010. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/bitstream/ri/19106/3/Artigo%20-%20Diva%20do%20Couto%20Gontijo%20Muniz%20-%202010.pdf> Acesso em jun. de 2023.

embora pouco usual, não se encontrava descartada das políticas públicas de instrução primária das províncias do Império” (2010, p. 84). A terceira suposição, diz respeito ao costume de andar descalço. Um hábito que existia “não apenas entre as crianças (e adultos) pobres, mas também entre aquelas cujas famílias possuíam bens, principalmente propriedades rurais” (idem). Esse costume, arraigado naquele contexto, permitia que a criança ficasse à vontade no meio da turma, mesmo se distinguindo dos demais. Embora não tenhamos a certeza do fato, acreditamos que se tratava de uma criança assistida seja pelo apadrinhamento, seja pelo Estado.

Tal qual o pai, Inhola exerceu influência no ensino goiano, no meio religioso, ascendeu econômica e socialmente, construiu relações pessoais e afetivas que lhe garantiram poder e prestígio na sociedade vilaboense. Tudo isso comprovado pelo relato de Rosentina Sant’Anna e Silva (s/d), ex-aluna da mestra Inhola e patrona da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás. Para ela, a professora Inhola possuía o carisma de se fazer amada e respeitada. “Autodidata sem nenhum curso especializado, os seus métodos de ensino eram inteligentes, práticos, originais, descobertos por sua dedicação e perseverança e por ela aperfeiçoados. Se atualizados, como trariam grande eficiência pedagógica!”<sup>93</sup>.

O depoimento evidencia o quanto mestra Inhola imprimiu suas marcas na memória histórica da sociedade goiana de final do século XIX e início do XX <sup>94</sup>. Por sessenta anos, essa mestra exerceu a profissão docente, ensinando gerações. Dada a atuação na instrução pública da Cidade de Goiás, Inhola recebeu o reconhecimento dessa sociedade na comemoração do seu jubileu de ouro que aconteceu no ano de 1919, no dia da Proclamação da República. Treze anos depois do jubileu, ela faleceu. Era primeiro de novembro de 1932 (BRITO, 1987).

Lili, a caçula da prole de Dona Luisa Joaquina, era filha do padre Pio Joaquim Marques, um religioso influente na sociedade vilaboense. De acordo com Carvalho (2017), se no século XIX, era comum religiosos católicos terem filhos, no século XX, os valores e costumes da sociedade goiana alteraram e essa prática passou a ser condenada pelas pessoas. Portanto, ser chamada de ‘filha de padre’ era uma ofensa e desagradava profundamente Lili. Seguindo os caminhos profissionais da irmã, a mestra Inhola, Lili

<sup>93</sup> O depoimento encontra-se no site *Geni*. Disponível em <https://www.geni.com/people/Mestra-Inhola/600000078956817855>. Acesso em jun. de 2023.

<sup>94</sup> Acerca da biografia completa de Mestra Inhola, ver mais em: BRITO, Célia Coutinho Seixo. **A mulher, a história e Goiás**. Goiânia: Departamento Estadual de Cultura/ P. D. Araújo/ Cultura Goiana, 1987.

também se dedicou ao magistério como professora particular dos filhos da elite vilaboense. Cora Coralina no poema já mencionado assim a descreveu:

Mestra Lili... o seu perfil:  
 Miudinha, magrinha.  
 Boa sobretudo. Força moral.  
 Energia concentrada. Espírito forte.  
 O hábito de ensinar, ralhar, levantar a palmatória,  
 afeiçoara-lhe o conjunto  
 - enérgico, varonil. (PBG, 2008, p. 108)

Acerca da personalidade e do profissionalismo de mestra Lili, o eu lírico revelou com minúcias a representação da professora: miudinha, magrinha, de espírito forte, enérgica. Com essa gradação, conseguimos montar o retrato da mestra Lili, localizando-a no contexto histórico da educação de Goiás. Diferente de Inhola, que possuía uma formação para a docência essencialmente prática, autodidata, conforme evidenciamos, mestra Lili ingressou, no ano de 1884, no curso de formação para professoras – a primeira turma da escola Normal de Goiás. Um feito histórico e inédito no cenário da educação goiana no que se refere ao campo da profissionalização docente (CAVALHO, 2017, p. 387).

A professora Lili fez parte da primeira turma de professoras que recebeu uma formação profissional para o magistério.” De acordo com Heloisa Vilella (2011, p. 101), com a implantação das escolas normais provinciais no Brasil, a partir da primeira década do século XIX, a profissão docente passou por um duplo movimento, “de um lado, o controle estatal se faz mais restrito; de outro, os docentes, de posse de um conhecimento especializado, melhoravam o seu estatuto socioprofissional.” Em Goiás, a implantação da Escola Normal se deu na segunda metade do século XIX e, mesmo com interrupção das atividades e fechamentos, essa instituição conseguiu se manter em funcionamento até o início do século XX, garantindo a formação de professoras normalistas para as escolas primárias de Goiás, como foi o caso da mestra Lili.

No ano de 1889, mestra Lili foi nomeada professora pública estadual numa escola para meninas. Segundo Carvalho (2017), “a partir daí, sua energia de vida afetou a sociedade vilaboense deixando uma série de indícios” de atuação na instrução pública que marcou a história goiana, conforme registrou Cora Coralina e também Anna Joaquina, irmã de mestra Lili que por anos escreveu um *Memorial de Lembrança*,

relatando o cotidiano de sua família, os costumes e as vivências na Cidade de Goiás de final do século XIX até as duas primeiras décadas do século XX (BRITO, 1987).

A energia concentrada da mestra a ajudou a construir sua profissão docente ao longo da vida e assim como a irmã, a mestra Inhola, Lili<sup>95</sup> também deixou registrado seus feitos na educação de filhas e filhos da sociedade vilaboense de final do século XIX. A sua escola foi para sempre imortalizada na poética coralina por meio do registro de um eu lírico saudosista do tempo da instrução da criança pequena:

[...]  
 A escola da mestra Lili  
 era mesmo naquela esquina.  
 Casa velha – ainda hoje a casa é velha.  
 Janelas abertas para o beco.  
 Sala grande. A mesa da mestra.  
 Bancos compridos, sem encosto.  
 Mesa enorme dos meninos escreverem  
 lições de escrita  
 De ruas distantes a gente ouvia,  
 quartas e sábados, cantada em alto coro  
 a velha tabuada.  
 [...] (PBG, 2008, p. 108)

Outra mestra que fez história no universo das letras em Goiás foi Dona Silvina Ermelinda Xavier de Brito (1848-1920). Filha natural de Francisca Maria da Conceição, Silvina nasceu em 24 de fevereiro de 1848 e, aos 9 de março de 1848, foi batizada na Catedral de Sant'Anna, tendo por padrinhos o alferes Albino Álvaro de Faria da Costa e Silvina de Faria Costa (PRUDENTE, 2009). Essa mestra ensinou gerações. Foi professora de Dona Jacintha do Couto e de Cora Coralina, mãe e filha em dois tempos históricos. Silvina se destacou como uma mulher atuante na instrução e nos meios culturais de Goiás. Como toda e qualquer moça de seu tempo histórico, ela também aprendeu as artes da costura e do bordado, comercializando-as para complementar a renda da família<sup>96</sup>. Assim como mestra Inhola e mestra Lili, Silvina também não se casou.

Aos dezenove anos de idade, em 1867, Silvina iniciou o exercício da profissão docente. Naquele ano, foi nomeada pelo presidente da província, João Bonifácio Gomes Siqueira, para assumir o lugar da professora Dona Angélica. Em Goiás, no ano de 1884,

<sup>95</sup> Acerca da biografia da mestra Lili, ver mais em: CARVALHO, Euzébio Fernandes de. Luisa Joaquina da Silva Marques (Mestra Lili, 1858-1945). In: **Dicionário de educadores e educadoras em Goiás: séculos XVIII - XXI** / Diane Valdez (Org.). – Goiânia: Editora Imprensa Universitária, 2017.

<sup>96</sup> Ver mais em: PRUDENTE, Maria das Graças Cunha. **O Silêncio no Magistério: professoras na instrução pública na Província de Goyaz, Século XIX**. 2009. 145 f. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2009.

foi anexada à então Escola Normal duas turmas de instrução primária distintas por gênero. Uma para os meninos e a outra para as meninas. A professora Silvina foi selecionada para ministrar aulas na classe das meninas, na escola de primeiras letras da capital da província. A escola feminina permaneceu sob a regência da mestra Silvina por muitos anos. Mesmo após o fechamento da Escola Normal, mestra Silvina continuou ministrando aulas para as meninas. Conforme Maria das Graças Cunha Prudente (2009), Silvina recebeu a sua formação na família e o magistério foi se constituindo na prática, como o ocorrido com mestra Inhola.

A partir de 1871, Antônio Félix de Bulhões promoveu algumas mudanças no regimento do Gabinete Literário Goiano. Com isso, as mulheres puderam fazer parte dessa associação. Silvina, como uma jovem sempre atuante na sociedade vilaboense, leitora assídua, logo quis se juntar aos demais membros do clube. De acordo com levantamento feito por Paulo Prado (2019) acerca do registro de livros locados por Silvina, as preferências da professora giravam em torno dos romances e de livros de teor feminino. Prado apontou também uma curiosidade sobre a quantidade de livros lidos pela mestra. Se compararmos com as leituras feitas por Dona Jacintha, veremos que o volume de leitura de Silvina, no mesmo período, foi menor. Isso pode ter acontecido em razão da falta de tempo desencadeado pelo exercício da docência na instrução pública de primeiras letras.

Outro feito que merece destaque acerca da atuação de mestra Silvina na luta pelos direitos civis foi que ela juntamente com Dona Jacintha e outras mulheres goianas reivindicaram o direito ao voto, que lhes fora negado, conforme já evidenciamos. Mesmo diante da negativa, a mestra Silvina era uma voz de autoridade na sociedade vilaboense, em razão da visibilidade pública que conseguiu por meio da docência e da atuação nos espaços de mando masculino.

A mestra Silvina organizava seu trabalho de ensino a partir da adequação à idade e ao nível de conhecimento das meninas. Ao longo de sua vida, dedicou-se ao magistério. Já aposentada abriu uma escola doméstica na rua Direita, nº. 13. Nesse local, ministrou aulas para os filhos e filhas das ex-alunas. Cora Coralina estudou nessa escola por dois anos. Esse foi o seu ponto de partida para a criação de seu mundo de leituras, o despertar da escrita. Assim a poetisa reverenciou sua mestra no poema homônimo, “Mestra Silvina”:

Minha escola primária, foste meu ponto de partida,

dei voltas ao mundo.  
 criei meus mundos...  
 Minha escola primária. Minha memória reverencia  
 minha velha Mestreira.  
 [...]
   
 E ela me refez, me desencantou.  
 Abriu pela paciência e didática da velha mestra,  
 cinquenta anos mais do que eu, o meu entendimento ocluso. (VC,  
 2013, p. 129)

Nesse trecho e em tantos outros poemas, Cora Coralina, já ‘no tarde’ da vida e tomada de um saudosismo de seu tempo de infância e de aprendizado das primeiras letras, pintou de forma romantizada o retrato da mestra Silvina. Na tessitura poética coraliniana, a velha mestra foi “iluminada de uma nova dimensão” (VC, 2013, p. 130). Na visão do eu lírico, a professora Silvina “era boa, velha, cansada, aposentada/ tinha já ensinado a uma geração/ antes da minha” (PBG, 2008, p. 61). Talvez esse tom harmônico de suas pinceladas se deva à proximidade existente entre a aluna e a mestra. Silvina Ermelinda era madrinha de Cora Coralina e havia sido a professora de sua mãe, Dona Jacintha do Couto Brandão. Para a poetisa, a velha mestra “está no Céu. / Tem nas mãos um grande livro de ouro / e ensina a soletrar / aos anjos” (PBG, 2008, p. 65).

Ao voltar-se para o passado, ao adentrar com Aninha na escola da antiga mestra, passar pelo seu curto tempo de instrução primária, e ao olhar para si, no tempo do presente, da enunciação, Cora Coralina foi tomada de um sentimento de gratidão a tudo o que a mestra representara em sua vida. E, em “Cântico Excelso”, o sexto paratexto de *Vintém de Cobre: minhas confissões de Aninha*, ofertou o livro que ora publicara à professora Silvina Ermelinda Xavier de Brito, a responsável por desencantar Aninha em Cora Coralina:

Ofereço estas páginas à minha escola primária, a única escola de minha vida, minha única mestra, sozinha na sua sala de aula, sozinha no seu ministério, tão pobre que eu quisera ressaltar em letras diamantes. [...] Lugar de honra para minha mestra e para todas as esquecidas Mestras do passado. (VC, 2013, p. 19-20)

Nesse texto, Cora Coralina destacou o lugar de honra não apenas da mestra Silvina, mas de todas as mestras esquecidas do passado: Inhola, Lili e tantas outras. Esse reconhecimento além de evidenciar a historicidade da escrita poética coraliniana, também proporcionou visibilidade para essas mestras. Encontramos em cada verso lapidado pelas

lembranças individuais e coletivas indícios dos modos de instruir e educar em Goiás do final do século XIX. Na próxima parte desta tese, acompanharemos o itinerário escolar de Aninha, ressaltando pontos acerca da escola doméstica e do método de ensino.

### **3.2- O itinerário escolar de Aninha: a escola da mestra Silvina e o ensino doméstico**

No poema “A Escola da Mestra Silvina”, que consta no livro *Poema dos becos de Goiás e estórias mais* (2008, p. 61-65), temos acesso à representação da escola doméstica da mestra Silvina no tempo escolar de Aninha. Esse tipo de escola existia em várias províncias do Império. Em Goiás não foi diferente. Pelos registros coralinianos, os vilaboenses contavam com, pelo menos, duas escolas domésticas: a da mestra Inhola, que depois passou para mestra Lili, e a da mestra Silvina. Ambas nas casas dessas professoras. Dadas as dificuldades econômicas enfrentadas pela sociedade vilaboense, essas escolas careciam de recursos e materiais para o efetivo funcionamento. A casa era velha, a sala grande, os bancos compridos, sem encosto. As descrições evidenciam um retrato de escola como um ambiente não tão acolhedor para a aprendizagem das crianças. Mesmo assim, essas instituições, particulares ou domésticas, ao que tudo indica, contribuíram para o ensino das crianças de Vila Boa.

Na província de Goiás, a quantidade de escolas públicas de primeiras letras, sobretudo a partir da segunda metade do século XIX, aumentou significativamente, em razão da pressão da sociedade. De acordo com a pesquisa feita por Sandra Elaine Aires de Abreu acerca da instrução pública na província de Goiás no século XIX (2006)<sup>97</sup>, o governo de Antero Cícero de Assis foi o que mais promoveu abertura de escolas públicas de primeiras letras em toda a província. Ele assumiu o poder em 1872 e em dois anos de governo já havia ampliado o número de escolas, passando de sessenta para oitenta e quatro instituições escolares de ambos os sexos, espalhadas por diversas localidades da província. Só na Cidade de Goiás, na primeira década do século XX, tempo da juventude de Cora Coralina, havia na capital do estado um total de quinze escolas, divididas entre públicas e particulares. Um “número grande para uma cidade pequena” (CORALINA,

---

<sup>97</sup> A pesquisadora utilizou os relatórios dos presidentes da província e a legislação do período como fontes para evidenciar e comprovar os dados apresentados acerca da instrução primária pública em Goiás.

1908, *apud* ANDRADE, 2022, p. 191), conforme constatara Cora Coralina no texto “Crônica de Goyaz”, já mencionado nesta tese.

A pesquisa de Abreu evidenciou também dados sobre as escolas particulares/ domésticas, bem como as normativas que validaram o funcionamento dessas instituições de instrução primária. Segundo Abreu (2006), a lei nº. 13 de 1835 e os Regulamentos de 1884 e 1887 regiam a abertura de escolas particulares sem a exigência de licença ou de autorização do governo. Esses dispositivos legais “facultavam aos cidadãos brasileiros ou estrangeiros e às associações religiosas ou civis o livre estabelecimento de escolas de ensino primário nas províncias” (2006, p. 98). Com esse amparo legal, as mestras Inhola e Silvina abriram, em suas casas, as escolas particulares de instrução primária. Identificamos nos registros analisados que essas duas professoras possuíam uma formação empírica, adquirida pelos anos de experiência na profissão. E, mesmo sem passar pela Escola Normal, elas estavam habilitadas para a docência e ensinaram gerações, conforme identificamos no texto poético de Cora Coralina. Inhola exerceu a profissão docente por sessenta anos e a mestra Silvina, mesmo depois de se aposentar no ensino público, em 1892, abriu uma escola particular em sua casa na Rua Direita, número treze e continuou o exercício da docência por mais algumas décadas.

Atualmente, a rua da escola da mestra Silvina recebeu o nome do professor e médico italiano Moretti Foggia. Em meados do século XIX, Vicente Moretti Foggia foi professor de matemática do Liceu de Goiás por vinte e dois anos, aposentando-se em 1868. O eu lírico teceu a construção imagética de sua escola a partir da seguinte descrição:

Minha escola primária...  
 Escola antiga de antiga mestra.  
 Repartida em dois períodos  
 Para a mesma meninada,  
 Das 8 às 11, da 1 às 4.  
 Nem recreio, nem exames.  
 Nem notas, nem férias.  
 Sem cânticos, sem merenda... (PBG, 2008, p. 61)

O poema retratou um tempo histórico em que o acesso à educação formal, mesmo com a abertura de escolas públicas de instrução primária, ainda estava restrito a poucas famílias, isto é, àquelas que possuíam condições financeiras para pagar o ensino doméstico elementar para os seus filhos. Na escola da mestra Silvina, estudavam algumas crianças oriundas da elite goiana, como podemos observar pela chamada que o eu lírico fez no retorno saudosista à escola da infância:

E faço a chamada de saudade  
 Dos colegas:  
 Juca Albernaz, Antônio,  
 João de Araújo, Rufo.  
 Apulcro de Alencastro,  
 Vitor de Carvalho Ramos  
 Hugo da *Tropas e Boiadas*.  
 Benjamim Vieira.  
 Antônio Rizzo.  
 Leão Caiado, Orestes de Carvalho.  
 [...]
   
 Zelma Abrantes.  
 Joana e Mariquinha Milamexa.  
 Marica. Albertina Camargo.  
 Zu, Maria Djanira, Adília.  
 Genoveva, Amintas e Teomília.  
 [...] (PBG, p. 64-65)

Na chamada, há determinados sobrenomes que, de alguma forma, aparecem nos registros da história de Goiás. Dentre os quais, destacamos Hugo de Carvalho Ramos, o jovem autor de *Tropas e Boiadas* (1917), o livro de contos regionalista que projetou a literatura goiana para além de suas fronteiras. E entre os/as filhos/as de famílias abastadas de Goiás, encontravam-se, também, Aninha e sua irmã Helena. Aninha, embora vivera uma infância regrada, dada as condições econômicas da família como já demonstrado, estudara por dois anos na escola doméstica da mestra Silvina que era madrinha da menina. Se a família Couto Brandão não dispunha de recursos financeiros para arcar com as despesas escolares dos filhos e filhas, seu sobrenome era revestido de um poder simbólico que chancelava a presença das filhas no universo da elite goiana.

Logo, a justificativa para o acesso de Aninha à escola da rua Direita, número treze, pode encontrar suas razões nas seguintes hipóteses: pelos laços de amizade de Dona Jacintha, a mãe de Cora Coralina, com a professora Silvina, que, inclusive, havia sido sua mestra; ou pela força do nome da família que, talvez tenha facilitado a presença da menina inzoneira naquela escola. Não importa a forma como isso tenha ocorrido, o que sobressai no texto poético coraliniano é a possibilidade de vislumbrar, via estética literária, como a educação doméstica fora implantada na sociedade goiana de final do século XIX e como esse lugar de instruir contribuiu para a formação escolarizada das crianças vilaboenses.

Tal qual mestra Inhola, Silvina também trabalhava na perspectiva do ensino misto, para meninos e meninas, com uma diferença: a distinção entre os gêneros se dava apenas na disposição dos lugares de assento. Havia “Banco dos meninos. / Banco das meninas”.

O currículo era o mesmo para ambos. Em relação ao método de ensino, o trabalho pedagógico de Silvina divergia do realizado por mestra Inhola. Esta, seguia os princípios do ensino mútuo, como o trabalhado por seu pai no exercício da docência. Aquela, adotou a proposta pedagógica do método simultâneo<sup>98</sup>. Na classe da mestra Silvina, meninas e meninos realizavam a leitura em voz alta, soletravam o velho abecedário, faziam contas, cobriam-se o debuxo, cantavam em coro a velha tabuada. Na escola, não se usava o quadro negro, as crianças faziam as contas em pequenas lousas individuais. Não encontramos na poética coraliniana indícios de que as meninas, na escola doméstica da mestra Silvina, participavam de atividades diferenciadas dos meninos, tais como o aprendizado das prendas do lar: costura, bordado, crochê, como era na escola da mestra Inhola.

A partir do texto coraliniano, vislumbramos uma escola primária “repartida em dois períodos / para a mesma meninada”: manhã, das oito às onze horas; tarde, das treze às dezesseis horas. Contabilizando seis horas diárias de aula<sup>99</sup>, “sem recreio, nem exames. / Nem notas, nem férias. Sem cânticos, sem merenda...” (PBG, 2008, p. 61). O foco do eu lírico nesse trecho recaiu sobre a demarcação dos tempos passados na escola. É possível perceber, a partir dos termos “sem recreio”, “nem férias”, “sem cânticos”, “sem merenda”, que o eu lírico construiu uma representação de escola como um lugar não tão

---

<sup>98</sup> O método de ensino simultâneo, tal qual o método mútuo, era uma proposta de organização pedagógica que envolvia a prescrição dos procedimentos didáticos, o controle do tempo, a existência de espaços e materiais escolares adequados ao ensino e à presença dos agentes da ação educativa. Esse método foi proposto no século XVIII pelo sacerdote e pedagogo francês Jean Baptiste de La Salle. No Brasil, em meados do século XIX, a discussão acerca do método simultâneo vai se tornando mais efetiva. E com o passar do tempo, esse foi considerado o método que mais adequava às especificidades da instrução escolar, pois possibilitava a ação do professor sobre vários alunos simultaneamente, divididos em grupos e uma única sala de aula. Esse método teve tanta aceitação no Brasil e perdura até os dias atuais, salvo as especificidades de casa época, em virtude da otimização do tempo escolar, da organização dos conteúdos em diversos níveis, dentre outras questões. Na província de Goiás, o então presidente Antonio Augusto Pereira da Cunha recomendou “no Regulamento sobre a Instrução Primária de 1856, o método de ensino simultâneo, tal como previsto na Reforma Couto Ferraz” (ROCHA, 2019, p. 107). Vale destacar que essa modalidade de ensino está presente na cultura escolar contemporânea. Na organização dos trabalhos escolares na atualidade, um único professor trabalha simultaneamente as mesmas atividades com toda a classe.

<sup>99</sup> No tempo escolar de Aninha, a duração das aulas variava de quatro a sete horas diárias, divididas em dois períodos. Havia normas regulamentares para esse fim, como o Regulamento nº 5 de 1835 que normatizava o tempo de seis horas diárias de aulas. Em Goiás, todavia, segundo Sandra Elaine Aires de Abreu (2006, p. 180), as escolas de primeiras letras “não contavam com um quadro de horário proposto pelos regulamentos de instrução, que estabelecessem uma distribuição diária, semanal e mensal das aulas e o conteúdo de ensino.” Essa responsabilidade era de cada professor em sua escola.

ABREU, Sandra Elaine Aires de. **A instrução primária na Província de Goiás no século XIX**. Tese (Doutorado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2006. Disponível em: <https://tede.pucsp.br/bitstream/handle/10564/1/CD%201%20-%20EHPS%20-%20Sandra%20Elaine%20Aires%20de%20Abreu.pdf> Acesso em jun. de 2023.

atrativo, frio, sem interação entre as crianças. Ali, as horas não passavam, sobretudo, para quem se sentava no banco das atrasadas, como era o caso de Aninha. Na descrição do local da escola, da casa, o eu poético intensifica essa ideia negativa de espaço inóspito para a criança, tal como consta no trecho:

A casa da escola inda é a mesma.

[...]

Porta do meio, sempre fechada.

Corredor de lajes

e um cheirinho de rabugem

dos cachorros de Samélia.

À direita – salas de aulas.

Janelas de rótulas.

Mesorra escura

toda manchada de tinta

das escritas.

Altos na parede, dois retratos:

Deodoro, Floriano.

[...]

Canastras tacheadas.

Um pote d'água.

Um prato de ferro.

Uma velha caneca, coletiva,

enferrujada

Minha escola da Mestra Silvina... (PBG, 2008, p. 63-64)

Conforme evidenciado, ao acompanhar a movimentação do eu lírico pelo interior da escola, deparamo-nos com um ambiente sombrio, fechado, com cheiro de rabugem. A mesa da professora também não escapou a essa descrição carregada, “era uma mesorra escura / toda manchada de tinta”. Diante da criança pequena, Aninha tinha de cinco para seis anos quando iniciou sua vida escolar, a mesa adquire uma conotação de austeridade marcada pelo aumentativo ‘mesorra’. Era a mesa da professora, o móvel de onde ela tomava as lições, portanto, retratado com uma distinção personalizada, diferente dos demais por ser ‘a mesa da professora’.

Retomando o texto “Crônica de Goyaz”, observamos que Cora Coralina, na juventude, voltou seu olhar para a escola desse tempo e a comparou com a de sua infância. A autora se deleitou em observar “a rapaziada que passa para as aulas: crianças, moças estudam e, sobretudo, *o que não se via no meu tempo de menina; estudam alegres, com gosto*” (CORALINA, 1908, *apud* ANDRADE, 2022, p. 191). Essa constatação ratifica a ideia que apresentamos, a partir do texto poético coraliniano, acerca da escola de Aninha.

Na visão do eu lírico, a escola era um lugar sisudo, hostil, sem atrativo para as crianças que não estudavam alegres, com gosto.

Outro ponto que nos chamou a atenção foram os quadros de Deodoro e Floriano expostos na parede. As fotografias apontam o tempo histórico da escolarização de Aninha: a primeira década do Brasil republicano<sup>100</sup>. Uma forma de governo que propagou a educação como o instrumento, o caminho para se alcançar o progresso, o desenvolvimento da nação. A perspectiva dos republicanos era a de inculcar na população a ideia de ineficiência, de atraso da educação no tempo do Império. Intelectuais, políticos, autoridades adeptas ao novo regime desqualificaram as iniciativas de escolarização tanto do Brasil colônia quanto do Império, colocando no silenciamento o que fora realizado em prol da educação brasileira desde a sua origem. Nessa linha propagandística, conforme as professoras Alessandra Frota Martinez de Schueler e Ana Maria Bandeira de Mello Magaldi (2008, p. 35, grifos das autoras), o passado da educação foi ignorado e “as escolas imperiais foram lidas, nos anos finais do século XIX, sob o signo do atraso, da precariedade, da sujeira, da escassez e do mofo”. Silenciar toda a herança imperial de propostas e de atuação na educação brasileira, como era o objetivo do novo regime, significava apagar

os significados políticos e sociais do estabelecimento do princípio da gratuidade da instrução primária, aos cidadãos, na Constituição de 1824, e as suas repercussões nas disputas pelos significados, extensão e limites dos direitos de cidadania – disputas que se refletiram na restrição do direito de voto aos analfabetos, transformada em lei pela reforma eleitoral de 1881, que aboliu o voto censitário, mas impôs o critério da alfabetização para o pleno exercício dos direitos políticos, pela primeira vez, no Brasil. Essa norma foi ratificada nos dispositivos da primeira constituição republicana. (SCHUELER; MAGALDI, 2008 p. 37)

O trecho acima evidencia o quanto houve de investimento na instrução primária no tempo do Império<sup>101</sup>. Isso não pode ser negligenciado em detrimento de uma nova

---

<sup>100</sup> A história da educação nas primeiras décadas da República evidencia a existência de mais um movimento propagandístico dos republicanos acerca da nova educação do que a efetiva transformação do cenário educacional, oriundo do Império. Só na terceira década do século XX é que, de fato, a educação entrou na ordem dos discursos, ganhou visibilidade por meio de movimentos espalhados em todo o país, cujo foco era a valorização da educação nacional. SCHUELER, Alessandra Frota Martinez de; MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello. Educação escolar na Primeira República: memória, história e perspectivas de pesquisa. **Dossiê**. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tem/a/KSZxRDV8gHqmvWNmnr8bNnf/?lang=pt&format=pdf> Acesso em jun de 2023.

<sup>101</sup> Conforme Isabel Cristina Alves da Silva Frade (2010, p. 264), “no campo educacional, o século XIX é marcado por iniciativas do Império para organizar a educação na Corte e nas Províncias, e em 1827 é

forma de governo e de política que se instaurava no país. É interessante notar que a descrição que Cora Coralina fez de sua escola primária não se diferenciou da representação de escola do tempo imperial, tão criticada pelos republicanos. O texto coraliniano joga por terra a ideia de reinvenção da escola propagada pelos republicanos. Com isso, podemos problematizar a produção de uma memória “que colocou a Primeira República como o *marco zero*, lugar de origem da escolarização elementar e das políticas de institucionalização, disseminação e democratização da educação escolar no Brasil (SCHUELER; MAGALDI, 2008, p. 33). Na prática, conforme já mencionado, as ações iniciais do governo republicano em torno da educação foram constituídas mais de discursos propagandísticos do que uma efetiva transformação do cenário educativo de então.

A descrição feita pelo eu lírico do ambiente escolar nos remete à representação de outra escola, a que Graciliano Ramos retratou no livro *Infância* (1980). O narrador-personagem retirou do baú de sua infância os modos como se deu a sua escolarização. De acordo com essa entidade narrativa,

A sala estava cheia de gente. Um velho de barbas longas dominava uma negra mesa, e diversos meninos, em bancos sem encostos, seguravam folhas de papel e esgoelavam-se: — Um b com um a — b, a: ba; um b com um e — b, e: be. Assim por diante, até u. [...] Os alunos se imobilizavam nos bancos: cinco horas de suplício, uma crucificação. Certo dia vi moscas na cara de um, roendo o canto do olho, entrando no olho. E o olho sem se mexer, como se o menino estivesse morto. Não há prisão pior que uma escola primária do interior. A imobilidade e a insensibilidade me aterraram. Abandonei os cadernos e as auréolas, não deixei que as moscas me comessem. Assim, aos nove anos ainda não sabia ler. (RAMOS, 1980, p. 10/188)

Assim como a escrita coraliniana, o texto de Graciliano Ramos fez emergir as reminiscências de sua infância na escola. Nesse trabalho ficcional, o eu do presente, da enunciação, encontrou-se com o eu do passado, do enunciado, trazendo à tona as mais recônditas memórias acerca da escola, dos métodos de ensino, do tratamento dispensado às crianças. Entendemos com Roger Chartier (1990) que o texto literário não é um simples documento, reflexo de uma realidade histórica. Ele possui regras próprias e deve ser compreendido dentro de suas especificidades formais e na relação com outros textos, portanto, a sua finalidade ultrapassa a mera descrição. Nessa perspectiva, “o real assume

---

instituída uma lei geral que regula a educação nacional. Pode-se dizer que nesse período, e no que se segue a ele, a escola está se constituindo/inventando.”

assim um novo sentido: aquilo que é real, efetivamente, não é (ou não é apenas) a realidade visada pelo texto, mas a própria maneira como ele a cria, na historicidade da sua produção e na intencionalidade da sua escrita” (1990, p. 63).

Assim, a representação da escola tanto em *Infância* quanto no poema “A Escola da Mestra Silvina” parte de uma realidade escolar que ficou na memória do autor e da autora. Ao trazê-la para a superfície do texto, via discurso memorialístico, Graciliano Ramos e Cora Coralina, evidentemente, representaram uma realidade histórica, construída com os recursos próprios da linguagem ficcional. Para intensificar o suplício vivido pelo narrador-personagem ou pelo eu lírico na escola, Graciliano Ramos e Cora Coralina carregaram a tinta na representação do contexto da sala de aula. O que nos chama a atenção são os bancos compridos, sem encosto, escorridos que imobilizavam as crianças por mais de “cinco horas de suplício, uma crucificação.”

Entre *Infância* e “A Escola da Mestra Silvina” há confluência das ideias acerca da escolarização da criança no final de século XIX, isto é, no Brasil republicano. Os dois textos, embora de gêneros distintos: *Infância*, pertencente ao romance, texto narrativo; e “A Escola da Mestra Silvina”, um poema, acompanhamos o narrador-personagem e o eu lírico em suas odisséias pela aprendizagem das primeiras letras, problematizando a ideia acerca da educação propagada pela emergente República. A representação da sala de aula e da educação nas duas escritas literárias nos permitiu concluir que a reinvenção da escola alardeada pelos republicanos ficou mais no contexto propagandístico do que na efetiva transformação do cenário educativo do período.

Ainda com “A Escola da Mestra Silvina”, não podemos deixar de destacar o papel da igreja e a sua interferência no ensino e na aprendizagem das crianças. O primeiro ponto a ser realçado diz respeito à forma com que alunos e alunas cumprimentavam a professora ao chegar à instituição de ensino. De acordo com o eu lírico, na escola da mestra Silvina “não havia chamada / e sim o ritual / de entradas, compassadas. / ‘- Bença, Mestra’...” (2008, p. 62). As crianças pediam a bênção à professora. Essa ação além de denotar o respeito à mestra, evidencia também o costume cristão católico presente no contexto da educação escolar.

Historicamente, a constituição da escola brasileira tem suas bases firmadas na religião. Essa interferência se originou na educação jesuítica, a principal responsável pela instrução formal no período do Brasil Colônia. E por mais de dois séculos, a ordem dos padres Jesuítas esteve à frente do ensino no país. Com a expulsão da Companhia de Jesus pelo marquês de Pombal, em 1759, o ensino passou a ser laico. Todavia, já no tempo do

Brasil independente, a Constituição imperial de 1824 e as legislações que se seguiram, como a Lei de 15 de outubro de 1827, mantiveram a religião católica no contexto da educação pública ou particular.

O disposto no Artigo 12 da Lei de 1827<sup>102</sup> regulamentou o trabalho docente das mestras e dos mestres para o ensino. A doutrina da moral cristã compunha o pacote de que deveria ser ensinado para as meninas e meninos. A partir da década de 1870, principiou-se um movimento em prol da escola laica que se solidificou na Constituição republicana de 1891. De forma inédita, essa Carta Magna trouxe, em um de seus artigos, a determinação da laicidade no ensino público. No entanto, mesmo com esse escopo legal, a doutrina moral cristã permaneceu no contexto da educação, conforme revelou o texto coralino no poema “Frei Germano” (2008, p. 57-59):

Quando eu era menina  
bem pequena, pela minha porta,  
pela minha rua,  
pela minha ponte,  
via passar  
os frades dominicanos  
[...]  
Preocupavam-se demais  
com os pecadores.  
Queriam salvar todas as almas.  
Exortavam sobre o inferno.  
Contavam do purgatório.  
Exaltando as maravilhas do céu.  
Frei Germano...  
Quanto respeito, meu Deus!  
Durezas de ascetismo.  
Estatura invulgar de sacerdote.  
tão severo...  
[...]  
Um dia - inda me lembro:  
apareceu sem avisar  
na escolinha laica  
da Mestra Silvina.  
Minha escolinha primária...  
Quanta saudade!  
Muito manso,  
muito humilde,  
e se fazendo pequenino,  
propôs à Mestra  
em dia certo da semana,

---

<sup>102</sup> A Lei de 15 de outubro de 1827, também denominada de Lei Januário da Cunha Barbosa, criou e regulamentou as escolas de primeiras letras no Brasil imperial. Nessas escolas, trabalhava-se com o método de ensino mútuo, conhecido por ‘*método lancasteriano*’, por considerá-lo mais vantajoso e revolucionário num momento em que a falta de professores era um problema para a oferta da instrução pública.

ensinar a doutrina  
à meninada.

Cinquenta anos decorridos,  
guardo na lembrança  
sua figura austera,  
retratada,  
de velho santo.  
e as lições aprendidas  
do pequeno catecismo. (PBG, 2008, p. 57-59):

No poema, o eu lírico nos revelou que a escola da mestra era laica. Mas, mesmo assim, havia um dia na semana reservado para o estudo do catecismo. É interessante notar que, embora Cora Coralina se revelasse adepta ao catolicismo, há um tom de ironia no poema quando o eu lírico revelou que o Frei Germano apareceu sem avisar numa escola laica. Ele, que era tão severo, chegou “muito manso, / muito humilde, / se fazendo pequenino” para propor à mestra o ensino da doutrina às crianças. Com a laicidade no ensino legitimada pela Constituição de 1891, Frei Germano não poderia impor a sua vontade, era preciso chegar de mansinho, convencer a mestra. E, ao que tudo indica, a proposta foi consolidada e, uma vez por semana, lá estavam alunos e alunas da mestra Silvina tendo aula de catecismo.

Detectamos a ironia crítica do eu lírico à religião e à alienação dos fiéis pelo medo em outra passagem do referido poema. Os frades dominicanos se preocupavam demais com “os pecadores. / Queriam salvar todas as almas. Exortavam sobre o inferno. / Contavam do purgatório. / Exaltando as maravilhas do céu”. A escola era o lugar ideal para esse processo de catequização, de moralização e dominação.

Na próxima parte deste capítulo, retomamos o poema “A Escola da Mestra Silvina” para pensar sobre o método utilizado pela professora para ensinar as crianças a leitura, a escrita e os cálculos. Como Cora Coralina trouxe em sua poética, os livros de leitura do “erudito pedagogo/ Abílio César Borges - / Barão de Macaúbas” estavam entre os materiais utilizados para o ensino da leitura. Não podemos deixar passar essa evidência de como as crianças goianas aprendiam a ler. Além disso, discutiremos acerca da educação modeladora dos corpos, via castigos físicos e outras questões pertinentes à escolarização da infância no final do século XIX.

### **3.3 - O itinerário escolar de Aninha: “Contas de Dividir e Trinta e seis Bolos”**

“Contas de dividir e trinta e seis bolos” é um conto do livro *O tesouro da casa velha*, publicado postumamente, em 1989. Essa obra reúne dezoito narrativas que foram escritas por Cora Coralina já nos seus últimos anos de vida. Seguindo o mesmo percurso da escrita poética, a autora, mais uma vez, abriu seu baú de memórias e retirou de lá as histórias que habitavam a casa velha da ponte, a sua infância e juventude. Dos contos, emergem as tradições, os costumes e o imaginário dos vilaboenses. Tudo isso, representado por meio de um engajamento social em que o foco narrativo recaiu sobre os humilhados, injustiçados da sociedade. No caso do referido conto, o humilhado e injustiçado na visão do narrador foi o menino Zezinho, quando de sua primeira experiência de instrução primária nas mãos de tio Fidelcino.

Conforme já demonstrado ao longo desta tese, Cora Coralina trouxe para o espaço de sua escrita literária não apenas a sua infância, mas infâncias outras, como a do primo Zezinho, filho de sua tia Laudemíria. Embora trata-se de um conto, gênero distinto do que estamos estudando, e de um livro publicado postumamente, achamos por bem trazer essa narrativa para a discussão por ela evidenciar o tempo escolar do personagem Zezinho. O menino se mudara com a mãe para a fazenda Paraíso, onde Aninha, já iniciada na leitura e na escrita<sup>103</sup>, também estava passando um tempo. Lá, o menino fora apresentado ao mundo da leitura e da escrita pela didática severa de tio Fidelcino<sup>104</sup>, um homem de muita inteligência, astucioso e aluado que estudara, juntamente com o irmão Antônio, no Seminário do Caraça, situado nas brenhas de Minas Gerais.

Com o tio, ali mesmo na fazenda Paraíso, o menino aprendera à “velha moda” os rudimentos da leitura, da escrita, dos cálculos, por meio do método individual que, como o próprio nome indica, consistia no atendimento pedagógico individualizado. Esse tipo de método era próprio da instrução doméstica. Um membro da família que sabia algo a mais acerca da leitura e da escrita ensinava aqueles que nada sabiam. No caso de Zezinho, o tio assumira essa responsabilidade.

---

<sup>103</sup> Não utilizamos o vocábulo “alfabetizada” para não incorrer em anacronismo. Esse termo, de acordo com Mortatti (1999), passou a ser usado no Brasil somente a partir das primeiras décadas do século XX como sinônimo de aprendizagem da leitura e da escrita.

<sup>104</sup> É interessante notar que esse personagem aparece no livro *Meu vintém de cobre: minhas confissões de Aninha*, porém com um nome diferente: tio Jacinto. A poetisa dedicou um poema, homônimo, a esse parente. Levando em consideração a maleabilidade da memória, como colocou Peter Burke (2011), entendemos que a troca do nome se deu em razão da “astúcia que têm certas coisas passadas – de fazer um balancê, de se remexerem dos lugares” (ROSA, 2001, p. 200). Entre a escrita do poema e a da narrativa há um considerável lapso temporal. Talvez esteja aí a explicação pela troca dos nomes.

Para apresentar as letras e os números ao menino, tio Fidelcino mandou vir da cidade a cartilha, o abecedário, papel, lápis, tinta, pedra-lousa. É interessante notar que entre os materiais mais modernos para o ensino das letras e dos números, como o papel, o lápis, encontra-se a pedra-lousa, comumente conhecida como ardósia<sup>105</sup>. Durante o século XIX, as lousas eram os instrumentos indispensáveis, o principal suporte, para o processo de aprendizagem da escrita. Tal qual Zezinho, Aninha também utilizara pequenas lousas individuais para escrever e fazer as contas. Isso significa que, mesmo com o processo de barateamento do papel, no final do século XIX, a pedra-lousa ainda fazia parte da cultura material da instrução primária. E, apesar da evolução dos suportes materiais, utilizados no processo de aquisição da leitura e da escrita por um tempo considerável, as invenções mais recentes conviveram com as já existentes, “denotando um processo multifacetado tanto em termos de sua natureza como em seu sentido histórico” (ARRIADA; TAMBARA, 2012, p. 81).

As cartas de ABC, Cartas de nomes, Cartas de sílabas, Silabários, Cartas de alfabeto e conselhos morais, dentre outros, faziam parte da cultura material destinada à instrução primária em Goiás do século XIX (ROCHA, 2019). Os abecedários, as cartas de ABC eram os principais artefatos utilizados para o ensino da leitura e da escrita. Esses materiais circularam por diferentes contextos socioculturais e foram importantes instrumentos culturais na história da escrita por estarem “presentes em diversas práticas de difusão da escrita, de produção artística, registro de genealogias, ensino da leitura e da escrita, entre outros” (FRADE, 2010, p. 276). Nos espaços domésticos, tais artefatos possibilitaram o ensino da leitura e da escrita de forma mais simples, mais acessível. Todas essas “invenções seculares na história da escrita” se revestiam de um importante significado, pois elas familiarizavam a criança ao universo das letras, dos números, da escrita, dada a sua estrutura previsível, conteúdo permanente e procedimentos de uso tipificados, conforme afirmara Isabel Cristina Alves da Silva Frade (2010).

Da fazenda Paraíso para a escola doméstica da mestra Silvina, identificamos que a aprendizagem de Aninha também foi por meio das cartas de ABC, do “velho abecedário,

---

<sup>105</sup> A ardósia, de acordo com Valdeniza Maria Lopes da Barra (2013, p. 122), também conhecida como pedra, laje ou lousa, “surgiu numa época em que se queria ensinar aos pobres e, pode-se acrescentar, coincidiu com a chegada dos “meninos” à escola”.

BARRA, Valdeniza Maria Lopes da. A lousa de uso escolar: traços da história de uma tecnologia da escola moderna. In: **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 49, p. 121-137, jul./set. 2013. Editora UFPR. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/KLsQrbTwjvBmszsQyqGtssc/> Acesso em jul. de 2023.

/ lição salteada. / aprendia a soletrar.” [...] Cobria-se o debuxo<sup>106</sup>” (PBG, 2008, p. 62). No trecho, evidenciamos a presença do velho abecedário entre os materiais usados pela mestra Silvina. Como esse instrumento didático era utilizado para a leitura e cópia em diferentes materialidades, foi possível a sua circulação no contexto doméstico e no escolar. Outro ponto a se destacar do trecho mencionado, refere-se ao método adotado para ensinar a leitura inicial: a soletração. Segundo Frade (2010), até o final do século XIX, a soletração parecia ser a via única para o ensino da leitura. Com esse método,

Aprendem-se os nomes das letras do alfabeto, reconhece-se cada letra fora da ordem, soletra-se seu nome, decoram-se alguns quadros de sílabas e depois se tenta redescobri-las em palavras ou textos. Nas palavras e nos textos, há uma separação por hífen ou espaços que vão guiando a oralidade. Podemos supor que uma pessoa que tenha aprendido por esse procedimento na escola pode transmitir essa “tecnologia de uso” para outros, em espaços escolares e não escolares. Repetir sempre os mesmos procedimentos pode dar uma ideia de estabilidade e simplicidade, incentivando leitores a utilizar, de forma mais autônoma, esse tipo de impresso. Talvez seja por isso que esse material se prolonga para além do tempo e do espaço da escola. (FRADE, 2010, p. 176)

De acordo com o exposto, o método da soletração foi uma espécie de ‘tecnologia de uso’ possível de ser aplicada tanto na escola quanto em outros espaços. Essa facilidade deu-se em razão do treino e da memorização dos mesmos procedimentos (letras, sílabas, palavras e textos) até a sua apreensão por parte da criança. Na prática, a nosso ver, essa repetição tornava o processo de aprendizagem da leitura um tanto cansativo, enfadonho. Sentadas em bancos duros, as crianças tinham sempre

nas mãos a carta de “ABC”, a cartilha de soletrar, separar as vogais e consoantes. Repassar folha por folha, gaguejando lições num aprendizado demorado e tardo. Afinal, vencer e mudar de livro. (PBG, 2008, p. 135)

Para Aninha, o momento da aprendizagem era “tudo muito sério. / Não se brincava. / Muito respeito. / Leitura alta” (PBG, 2008, p. 62). Embora o método da soletração tenha ensinado gerações e se prolongado “para além do tempo e do espaço da escola”, os excertos evidenciam a soletração como uma prática pedagógica ruidosa e

---

<sup>106</sup> Os debuxos consistiam em exercícios de treinamento dos movimentos da mão com a finalidade de desenvolver a habilidade motora para o traço das letras e dos algarismos. Tais exercícios eram foados por riscos, rabiscos ou desenhos (BARRA, 2013).

carente de sentido para as crianças. Uma rápida passagem por alguns textos da literatura brasileira ratifica essa ideia acerca da aprendizagem escolar do final do século XIX e meados do século XX. Soletrar, reconhecer a letra, decorar, era esse o ritual da aprendizagem evidenciado pelo menino-narrador do livro *Infância* (1945), de Graciliano Ramos, pelo protagonista de *Menino de Engenho* (1932), de José Lins do Rego, pelo eu lírico coralíniano.

Em *Infância*, o protagonista iniciou seu processo de aprendizagem em casa com o pai que arriscara a ensinar o filho as primeiras letras. Todavia, diante da inabilidade do patriarca no ofício de professor, o ensino doméstico significou para o menino o momento auge do sofrimento, conforme demonstrado pelo narrador-personagem no trecho a seguir: “meu pai não tinha vocação para o ensino, mas quis meter-me o alfabeto na cabeça. Resisti, ele teimou - e o resultado foi um desastre. Cedo revelou impaciência e assustou-me” (RAMOS, 1980, p. 96). Um pedaço de madeira, negro, pesado, da largura de quatro dedos era o instrumento usado pelo pai para punir o garoto que ficava com

as pobres mãos inchadas, as palmas vermelhas, arroxeadas, os dedos grossos mal se movendo. Latejavam, como se funcionassem relógios dentro delas. Era preciso erguê-las. Finda a tortura, sentava-me num banco da sala de jantar, estirava os braços em cima da mesa, procurando esquecer as palpitações dolorosas. (RAMOS, 1980, 96-98)

O rigor e a severidade do patriarca não tiveram o efeito esperado sobre a aprendizagem do menino-narrador, por isso, ele fora enviado à escola. Nesse lugar de ensino institucionalizado, embora a palmatória fosse uma exigência, a professora Dona Maria não a utilizava. Pelos relatos do protagonista, a docente jamais recorria às ameaças para se fazer ouvida pela classe. Na verdade, as suas “manifestações de desagrado eram raras e breves. A *excelente* criatura logo se fatigava da severidade, restabelecia a camaradagem, rascunhava palavras e algarismos, que reproduzíamos” (1980, p. 111, grifo nosso). Conforme o narrador, Dona Maria possuía um jeito tranquilo e amoroso de ensinar e não era adepta dos castigos físicos. Por essa razão, a docente foi retratada de forma elogiosa como uma “excelente criatura”.

Tal qual o protagonista de *Infância*, Zezinho, do conto de Cora Coralina, também fora marcado pela temível palmatória, quando de sua aprendizagem das primeiras letras no ambiente doméstico. Para a mãe do pequeno, esse “artefato pedagógico” era um recurso desnecessário, como podemos observar no trecho a seguir:

Minha tia, timidamente, perguntou se não podia ensinar sem essa... ele respondeu com aspereza: “Laudemíria, a senhora já viu criança aprender sem palmatória? Eu nunca vi... sem ela eu não ensino. Com ela boto leitura, escrita e as quatro operações na cabeça de seu menino. Se não quiser, fica lá com seu filho”. Entre o filho crescer analfabeto e apanhar alguns bolos de palmatória, minha tia preferiu arriscar. (CORALINA, 2014, p. 22)

A desaprovação de tia Laudemíria acerca do uso da palmatória, como um instrumento facilitador da aprendizagem da criança, destoa do comportamento de boa parte dos pais daquele contexto histórico. A maioria das famílias, conforme registrou Cora Coralina, tinha uma fé robusta nesse instrumento e segurança de suas consequências. E, muitos deles “quando assentavam o filho na escola (não se dizia matricular e sim assentar, fazer o assentamento) inda porfiavam em recomendar: ‘Casque-lhe os bolos, mestre’” (2014, p. 35, grifos da autora). Assim, entre uma soletração e outra, o menino se deparava com as dificultosas contas de dividir, acompanhadas dos dolorosos bolos da palmatória.

Para o suplício da mãe do garoto, esse corretivo era usado “no compasso cadenciado da rude punição – um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze, doze, ia contando minha tia com o coração em suspenso, com as mãos no ouvido e o rosto lavado em lágrimas” (2014, p. 28). E foi assim: “a lousa, os números e a palmatória forçaram, afinal, a porta do entendimento” de Zezinho que, mais tarde, já na escola do mestre Patroclo, chegou a ser decurião aos dez anos de idade. Juntamente com o título, veio também a mudança no tratamento, deixou o diminutivo de lado e passou a ser identificado por senhor José.

Assim como o menino Zezinho, da história contada por Cora Coralina, *Carlinhos, de Menino de Engenho* (2008), aprendeu as primeiras letras e os números com a sua tia Maria. Os momentos dedicados à aprendizagem eram entediantes para o garoto que só tinha ouvidos e olhos para as maravilhas do quintal do Engenho Santa Rosa. Nas palavras do narrador-personagem, tia Maria

passava o dia a me ensinar as letras... ficava eu horas sentado na sala de costura, com a carta de á-bê-cêna mão, enquanto por fora de casa ouvia o rumor da vida que não me deixavam levar. Era para mim, esta prisão, um martírio bem difícil de vencer. Os meus ouvidos e os meus olhos só sabiam ouvir e ver o que andava pelo terreiro. E as letras me entravam na cabeça. (REGO, 2008 p.46-47).

Por meio do ensino doméstico, Carlinhos aprendeu as letras e os números. Anos mais tarde, o menino foi levado do Engenho Santa Rosa ao internato “Instituto Nossa Senhora do Carmo”, conforme retratado em *Doidinho* (2011). Nesse local, a criança se deparou com uma educação disciplinadora dos corpos, em que a aprendizagem acontecia por imposição, anulando a liberdade individual e intelectual do menino Carlinhos que passara a ser chamado de Senhor Carlos de Melo pelos colegas da classe. No internato, tudo era proibido: as brincadeiras infantis, os exercícios físicos, as conversas com os amigos. Hora marcada para todas as atividades. A liberdade do engenho estava sempre na mente do garoto como um contraponto da sua vida na escola. Esta se transforma, então, num castigo, num pesadelo.

De igual modo, pelos registros coralinianos, observamos que na escola de Aninha, a mestra Silvina utilizava materiais pedagógicos similares aos que os professores dos narradores-personagens de Graciliano Ramos e de José Lins do Rego usavam para ensiná-los os rudimentos do ler e do escrever: o abecedário, a soletração, os livros de leitura de Abílio César Borges, o Barão de Macaúbas. Vale destacar que os livros de Felisberto de Carvalho foram mencionados apenas nas obras de José Lins. E, para completar esse pacote pedagógico, lá estava a palmatória, o artefato mais utilizado na época para o castigo exemplar. Na sala de aula da mestra Silvina, a palmatória ficava estirada “num prego de forja, saliente na parede” (PBG, 2008, p. 63). Nos momentos das lições, “sempre havia distribuídos alguns bolos de palmatória... /A granel? / Não, que a mestra era boa [...]” (ibidem, p. 61). Mas um dia, ao dar a lição, Aninha gaguejou, trancou tudo e a mestra se impacientou:

[...]  
e mandou enérgica: estende a mão.  
Ela se fez gigante no meu medo maior, sem tamanho.  
Mandou de novo: estende a mão.  
E de medo eu encolhia o braço.

Estende a mão! Mão de Aninha, tão pequena!  
A meninada, pensando nalguns avulsos para eles,  
nem respirava, intimidada.  
Tensa, expectante, repassada.  
Era sempre assim na hora dos bolos em mãos alheias.

Aninha, estende a mão. Mão de Aninha, tão pequena.  
A palmatória cresceu no meu medo, seu rodela se fez maior,  
o cabo se fez cabo de machado, a mestra se fez gigante  
e o bolo estalou na pequena mão obediente.  
Meu berro! E a mijada incontinente, irreprimida.

Só? Não. O coro do banco dos meninos, a vaia impiedosa.  
 - Mijou de medo ... Mijou de medo ... Mijou de medo ...  
 A mestra bateu a régua na mesa, enfiou a palmatória na gaveta,  
 e, receosa de piores consequências, me mandou pra casa, toda mijada,  
 sofrida, humilhada, soluçando, a mão em fogo. (VC, 2013, p. 117)

Receosa de piores consequências? Será que as ações da mestra lhe trariam problemas? Impossível num tempo em que as famílias tinham uma “fé robusta na palmatória” e acreditavam na pedagogia severa dos professores e professoras, dando-lhes a liberdade de agirem com as crianças da forma que achassem necessário. Foi o que aconteceu com Aninha ao chegar à casa: “ao meu soluçar, respondia a casa: “é pra o seu bem, pra ocê aprender, / senão não aprende, fica burra, só servindo pro pilão”. Aninha não entendia essa forma de educar não sabia que para o seu bem era preciso “bolos na mão, / chineladas e reprimendas, sentada de castigo com a / carta de ABC na mão” (VC, p. 118, grifos da autora). O bem que a criança Aninha entendia era a metade da bolacha que a bisavó lhe dera. Do resto, não tinha noção.

Acompanhando as travessias do narrador-personagem, de Graciliano Ramos, de Carlinhos, de José Lins do Rego, de Aninha e Zezinho, de Cora Coralina, na instrução primária, deparamo-nos com o tipo de educação ofertado no final do século XIX e em boa parte do XX. Uma educação disciplinadora dos corpos e para a elite. Embora encontremos registros na literatura acerca do acesso das crianças pobres às escolas, a maioria delas não conseguia ir além do aprendizado dos saberes elementares da leitura, da escrita e do contar. Desde muito pequenas, essas crianças contribuíam para a subsistência da família, por esse motivo, abandonavam a escola logo nos primeiros anos. Outras sequer ingressavam em uma escola. Essa realidade perdurou por longos anos na história da educação brasileira.

No conto “A Pedrinha de Briante”, que consta no livro *Estórias da casa velha da ponte* (2014), Cora Coralina retratou bem o que problematizamos sobre a escolarização das crianças pobres ao apresentar a história do órfão Izidoro, mais conhecido como Zidoro, “um molecote amarelo, lombriguento, feioso e com um jeito de retardo” (CORALINA, 2014, p. 31).

O menino, depois da morte da mãe, foi morar com tia Honorata, mulher trabalhadeira e de muita sabedoria, “lavava e passava roupa de ganho. De manhã à tarde, era na vasca e nas tinas, ensaboando, esfregando, quarando, torcendo e estendendo pelos varais. De noite, acendia seu ferro-de-brasas e era então um passar de roupas até as horas

tardias do sono”. Tia Honorata sabia o valor do conhecimento e “com sua boa caridade deu leitura e educação de pobre ao sobrinho” que na “idade de “puxar pelo corpo”, recolheu os cadernos, disse adeus à professora e foi ajudar a tia. Buscava e entregava trouxas de roupa, mexia tacho de sabão, partia lenha e capinava o quintal” (2014, p. 32, grifo da autora).

Ao retratar a história de Zidoro, Cora Coralina desenhou também o retrato dual e excludente da educação no Brasil. A educação para a elite e a educação popular. A primeira, para uma parcela mínima da sociedade: tempo mais longo de aprendizagem e oferta de saberes mais especializados e complexos. A segunda, para a maioria da sociedade, tempo escolar reduzido em virtude das necessidades de trabalho e de subsistência. A aprendizagem dos rudimentos elementares da leitura, da escrita e dos números bastava para as crianças menos favorecidas da sociedade quando elas chegavam à idade de “puxar pelo corpo”. Conforme o narrador do referido conto, “o que de mais fácil a escola ensina e transfere a quem mais não alcança. Leitura de coisas fáceis, escrita fácil e continhas fáceis” (2014, p. 32).

Aninha, mesmo tendo acesso à educação para a elite, não conseguiu chegar ao terceiro ano de escolaridade, em razão das dificuldades financeiras da família. No entanto, diferente de Zidoro, ela não precisou trabalhar para ajudar no sustento da casa pelas razões já evidenciadas ao longo desta tese. Já Zezinho do conto de Cora Coralina e os narradores-personagens tanto de Graciliano Ramos quanto de José Lins do Rego chegaram até o internato, avançaram na escolaridade.

É sabido que a obra literária não tem o compromisso de mostrar a realidade dos fatos tal qual eles se apresentam. Todavia, ela tem representatividade histórica quando evidencia questões sociais, culturais, políticas, econômicas, educacionais de uma época, de um povo. Os textos de Cora Coralina, de Graciliano Ramos, de José Lins do Rego trazem, dentre outras questões, as experiências pedagógicas de práticas de leitura e escrita que integram uma realidade histórica da educação a ser lida, interpretada, pensada.

No último tópico deste capítulo, deixamos Aninha no passado e voltamos nossa atenção para a Cora Coralina anciã, ‘no tarde da vida’, em seu retorno às origens. Com isso, procuramos problematizar as interpretações distorcidas, como a de mito em torno da figura dessa cigarra cantadeira do longo estio que se chama vida.

#### **3.4 – Cora Coralina ‘no tarde da vida’: a volta às origens**

Depois que saiu de Goiás, numa madrugada chuvosa de novembro de 1911<sup>107</sup>, aos vinte e dois anos de idade, Cora Coralina deixou para trás a agitada vida intelectual dos saraus e das tertúlias e iniciou outra fase de sua trajetória: a de ser esposa e mãe. Nesse tempo, morando em algumas cidades paulistas, Penápolis, Andradina, Jaboticabal e em São Paulo - capital, a poetisa se dedicou a diversas atividades, mais ligadas ao comércio, ao campo, à política, além de cuidar da família.

Embora o meio, o tempo e outros fatores contramarcaram sua vida, ela tinha a plena convicção de que nascera para escrever (MLC, 2012). Movida por essa certeza, Cora Coralina continuou exercendo o seu labor literário, mesmo com o impedimento do marido que a proibia de publicar seus escritos. Após o falecimento do cônjuge, a poetisa enviou suas crônicas para jornais de São Paulo e de Goiás. Andrade (2022, p. 128) caracterizou esse momento da escrita coraliniana como um laboratório de “experimentações, de apropriação de um estilo e de uma voz cronística” que apontava para o veio lírico e criativo dos poemas publicados já ‘no tarde’ da vida quando ela voltara ao berço de seu nascimento. Ao ser questionada sobre o embrião primário de sua inspiração poética, Cora Coralina foi enfática em responder:

Alguns perguntam pela minha vida, pelo embrião primário, de como veio e se encontrou comigo a minha poesia, a presença primeira do meu primeiro verso;  
eu respondo: Ela cascadeia há milênios.  
Minha Poesia... Já era viva e eu, sequer nascida.  
Veio escorrendo num veio longínquo de cascalho.  
De pedra foi o meu berço.  
De pedras têm sido meus caminhos.  
Meus versos:  
pedras quebradas no rolar e bater de tantas pedras.  
[...] (MLC, 2012, p. 71)

Como ela mesma revelara, o embrião de sua poesia lhe antecederia. E, a cada ano de vida que se passava, a aspiração por escrever ficava mais e mais latente. Havia em seu ser um turbilhão de palavras clamando por se manifestar, transformar-se em escrita

---

<sup>107</sup> Em entrevista a TVE, no ano de 1985, poucos meses antes de sua morte, Cora Coralina fez o seguinte depoimento acerca de sua partida de Goiás: “Saí desta cidade em 25 de novembro de 1911 e voltei em 22 de março de 1956. Deixei filhos, nora, genros, netos e bisnetos. A força da terra, das raízes que me chamavam eram mais fortes e sobrepôs a todos esses afetos familiares. Quando eu voltei, não tinha intenção de permanecer, tinha a intenção de matar saudades velhas e carregar saudades novas.” - Cora Coralina, no Especial Literatura, TVE, 1985. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=VLt2\\_IwZJ98](https://www.youtube.com/watch?v=VLt2_IwZJ98), acesso em jan. de 2023.

poética. Assim, viúva e com os filhos e filhas emancipados sentiu que era chegado o momento de romper as limitações que a vida lhe impusera na infância, na juventude, na fase adulta. Resoluta e desejosa de se libertar do sentimentalismo, da necessidade de viver perto de filhos, do medo de ficar sozinha, segundo suas próprias palavras, em depoimento à Revista *Mulherio* (1983), Cora Coralina empreendeu o caminho da volta para reaver a casa velha da ponte e se dedicar aos doces e à poesia. O poema “Rio Vermelho” (PBG, 2008) traz o clamor da poetisa por sua terra natal:

Longe do Rio Vermelho.  
 Fora da Serra Dourada.  
 Distante desta cidade,  
 Não sou nada, minha gente.

Sem rebuço, falo sim.  
 Publico para quem quiser.  
 Arrogante digo a todos.  
 Sou Paranaíba pra cá.  
 [...] (PBG, 2008, p. 79)

Tomada por esse lamento, Cora Coralina fez o retorno solitário, decidida a revisitar o passado, a dar continuidade ao seu canto poético, principiado na juventude, a criar outro discurso sobre si. Nessa empreitada, ela se deparou com a estrada deserta, ninguém a esperava. Estava sozinha na caminhada, como pode ser observado no poema “O chamado das pedras”:

Ninguém acende a luz.  
 A velha candeia de azeite há muito se apagou.  
 Tudo deserto.  
 A longa caminhada.  
 A longa noite escura.  
 Ninguém me estende a mão.  
 E as mãos atiram pedras. (MLC, 2012, p. 63)

Conforme evidenciado nesse trecho, a Cidade de Goiás não recebeu a filha pródiga de forma efusiva, com honrarias e festas. Pelo contrário, ninguém lhe estendera a mão. Atiraram-lhe pedras. Na cidade, havia muitos ressentimentos, preconceitos, histórias desencontradas, discursos submersos em relação à saída furtiva da poetisa nos idos da primeira década do século XX. Os mais jovens não a conheciam, mas sabiam das condições de sua partida ao ouvir as versões dos mais velhos, contemporâneos de Cora

Coralina. Estes, não a perdoaram por suas transgressões, resistências e ousadias ao deixar as terras goianas.

No entanto, a poetisa não se fez de rogada, enfrentou o conservadorismo da sociedade vilaboense e percorreu a estrada deserta à procura do tempo perdido, que ficou para trás. Os anos decorridos, os cabelos brancos e a palavra escrita ajudaram Cora Coralina a enfrentar os preconceitos de seus contemporâneos e conterrâneos. Ela fechou os ouvidos para as vozes que a condenavam e os abriu para o chamado das pedras que reclamavam a sua volta. Vejamos:

[...]

Do perdido tempo.  
Do passado tempo  
escuto a voz das pedras: Volta... Volta... Volta...  
E os morros abriam para mim imensos braços vegetais.  
E os sinos das igrejas que ouvia na distância Diziam:  
Vem... Vem... Vem...  
E as rolinhas fogo-pagou das velhas cumeeiras:  
Porque não voltou...  
Porque não voltou...  
E a água do rio que corria chamava... chamava...  
Vestida de cabelos brancos  
Voltei sozinha à velha casa, deserta. (MLC, 2012, p. 63)

Essas sublimes estrofes evidenciam o que revelamos acima sobre a indiferença dos contemporâneos de Cora Coralina quando de seu retorno. Eles não vieram dar-lhe boas-vindas, mas ela as recebeu doselementos da natureza. As pedras pediram a sua volta, os morros abriram para ela seus imensos braços vegetais, os sinos das igrejas tocaram a sinfonia vem... vem... vem.... As rolinhas fogo-pagou não deixaram por menos e perguntaram-na “por que não voltou?”. A água chamava.. chamava..., num perene clamor por sua presença. Interessante observar os efeitos onomatopaicos produzidos pelas construções: "Volta... Volta... Volta..." (sugerindo o rolar das pedras); "Vem... Vem... Vem..." (lembrando o som dos sinos); "Porque não voltou... Porque não voltou..." (rimando com o canto das "rolinhas fogo-pagou"); "chamava... chamava..." (fazendo lembrar o barulho da "água do rio que corria").

A configuração material e espacial da natureza e a paisagem da cidade se entrelaçam na memória individual da autora, fazendo emergir diferentes tempos e vivências de outra memória, a coletiva. Para Halbwachs (1990), esse tipo de memória se desenvolve dentro de um quadro espacial, isso porque

o espaço é uma realidade que dura: nossas impressões se sucedem, uma à outra, nada permanece em nosso espírito, e não seria possível compreender que pudéssemos recuperar o passado, se ele não se conservasse, com efeito, no meio material que nos cerca. É sobre o espaço, sobre o nosso espaço - aquele que ocupamos, por onde sempre passamos, ao qual sempre temos acesso, e que em todo o caso, nossa imaginação ou nosso pensamento é a cada momento capaz de reconstruir – que devemos voltar nossa atenção; é sobre ele que nosso pensamento deve se fixar, para que reapareça esta ou aquela categoria de lembranças. (HALBWACHS, 1990, p. 99-100)

Cora Coralina recuperou o passado via meio material (a cidade, a natureza) que a cercava. Atendendo, então, ao chamado de seu espaço, a poetisa entoou o cântico da volta, realizando o percurso por meio das notas sinuosas de sua vida, regada do lirismo de sua poesia para encontrar a si mesma no contexto de sua terra natal. Quarenta e cinco anos decorridos de sua partida dos ‘reinos de Goiás’, Cora Coralina, já sexagenária, retornou ao berço natal, procurando por Aninha. Ninguém a reconhecia. Nem ela reconhecia alguém. Todavia, ao buscar o passado no presente, foi, aos poucos, identificando a sua gente. Não se deixou levar pelos olhares enviesados, inquisidores, preconceituosos dos que ficaram na Cidade de Goiás. E, tendo a palavra poética como escudo, embrenhou-se na terra de seu nascimento e, assim, entoou a sua cantoria,

I

Meti o peito em Goiás e canto como ninguém.  
Canto as pedras, canto as águas, as lavadeiras, também.  
Cantei um velho quintal com murada de pedra.  
Cantei um portão alto com escada caída.  
Cantei a casinha velha de velha pobrezinha.  
Cantei colcha furada estendida no lajedo; muito sentida,  
pedi remendos pra ela.  
Cantei mulher da vida conformando a vida dela.

II

Cantei ouro enterrado querendo desenterrá.  
Cantei cidade largada.  
Cantei burro de cangalha com lenha despejada.  
Cantei vacas pastando no largo tombado.  
Agora vai se acabando  
esta minha vervejada.  
Boto escoras nos serados por aqui vou ficando. (MLC, 2012, p. 05)

Cora Coralina, em seu retorno, recriou e poetizou os “caminhos ásperos de uma dura caminhada. Nos reinos da Cidade de Goiás, onde todos somos amigos do Rei” (VC, 2013, p. 19). Nessa passagem, vale destacar a intertextualidade estabelecida com o poema

de Manuel Bandeira: "Vou-me embora pra Pasárgada". Nos versos de Bandeira, há um eu lírico que vislumbra encontrar um lugar melhor, onde seja possível escapar da realidade vivida. Em se tratando do verso de Cora, esse lugar melhor seria a terra natal, mesmo com as asperezas das "pedras" que o eu poético lá encontraria. A Cidade de Goiás, nesse sentido, parece ser revestida de uma perspectiva mítica, como se fosse o paraíso perdido ao qual se deseja retornar, onde seria possível viver uma realidade alternativa.

Voltando novamente ao poema "Cantoria", Cora Coralina, tal qual o poeta cuiabano, Manoel de Barros, cantou as coisas miúdas, desimportantes de sua terra, olhou para o rés-do-chão, para o cotidiano simples de seu povo. Trouxe para o cerne de seus poemas a casinha velha, a mulher da vida, o menino lenheiro, as infâncias sofridas, as pedras, os becos mal afamados, o Rio Vermelho, as lavadeiras, as vidas femininas, marginalizadas. Nesse contexto de produção lírica, a poetisa se revelou uma mulher pertencente a uma geração ponte, do final do século XIX. Uma mulher como outra qualquer, trazendo dentro de si todas as idades, e à procura de seu destino:

Andei pelos caminhos da Vida.  
 Caminhei pelas ruas do Destino – procurando meu signo.  
 Bati na porta da Fortuna, mandou dizer que não estava.  
 Bati na porta da Fama,  
 falou que não podia atender.  
 Procurei a casa da Felicidade, a vizinha da frente me informou que ela  
 tinha se mudado  
 sem deixar novo endereço.  
 Procurei a morada da Fortaleza.  
 Ela me fez entrar: deu-me veste nova, perfumou-me os cabelos,  
 fez-me beber de seu vinho.  
 Acertei o meu caminho. (MLC, 2012, p. 60)

As portas da fortuna literária se abriram com a publicação de seu primeiro livro *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais* (1965), conforme já mencionado. Essa escrita poética foi para Cora Coralina sua fortaleza, o princípio das inúmeras publicações em livros. A leitura dessa obra levou Carlos Drummond de Andrade e tantas outras pessoas do campo da intelectualidade a chancelarem as tessituras literárias coralinianas. Com isso, a poetisa goiana pôde abrir mais duas portas: a da fama e, quiçá, a da felicidade.

Foi a partir dessa publicação em livro, já na ancianidade, que Cora Coralina lançou, oficialmente, sua palavra poética ao vento, tendo a memória como aliada para contar as suas vivências e também as experiências de toda uma coletividade. Em razão de sua idade, quando da publicação do referido livro, aos setenta e seis anos, Cora Coralina,

logo nas primeiras páginas de *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*, fez uma ressalva, uma espécie de justificativa do que as pessoas leitoras iriam encontrar nas tessituras de cada poema. Assim ela advertiu:

Este livro foi escrito  
por uma mulher  
que no tarde da vida  
recria e poetiza sua própria  
Vida.

Este livro  
foi escrito por uma mulher  
que fez a escalada da  
Montanha da vida  
removendo pedras  
e plantando flores.  
[...] (PBG, 2008, p. 27)

Nessa caminhada de volta às origens e de acerto de contas com o passado, Cora Coralina procurou conhecer o seu lugar de fala naquela sociedade que a recebera com tanta indiferença e reservas. Ao não ser aceita por seus contemporâneos, ela voltou seu olhar para a geração nova, para a gente moça, para as crianças. A elas dedicou seu primeiro livro na esperança de que ele fosse lido “por gerações que não de vir de gerações que não de nascer” (PBG, 2008, p. 24). A poetisa reconheceu a juventude como um novo modo de ver a cidade como um lugar da tradição e da ancestralidade (CAMARGO, 2006), um lugar de cultura a ser preservado e projetado para o mundo. Cora Coralina sabia a importância da escrita para a perenidade, por isso utilizou uma linguagem que alcançasse todas as pessoas.

Ao buscarmos os registros históricos, sobretudo na imprensa, dos anos que marcaram a volta de Cora Coralina ao seu berço natural, deparamo-nos com uma cidade saudosista dos tempos áureos em que era a capital do estado de Goiás. Os tempos dos casarões, das tertúlias, dos saraus, dos bailes, da movimentação intelectual da juventude dos primórdios do século XX. Presumimos que essa gente moça, da época dos verdes anos de Cora Coralina, sentiu não apenas a partida da jovem escritora de dissertações, crônicas e contos e que marcava presença entre a intelectualidade goiana e se destacava por sua eloquência e familiaridade com a palavra poética. Essa gente moça sentiu também a perda do título da cidade como capital do estado.

Assim, além da saída de Cora Coralina, a juventude daquela época iria enfrentar, anos mais tarde, na década de 1930, a transferência da capital para Goiânia. Resguardadas

as devidas proporções, acreditamos que essas duas perdas afetaram o imaginário dos vilaboenses. A Cidade de Goiás, ao ficar sem o título de capital do estado, fechou em si mesma. O ressentimento e o trauma tomaram conta de seus moradores que também não viram com bons olhos o processo de tombamento de pontos específicos da cidade, iniciado em 1950, e muito menos aceitaram as condições da saída de Cora Coralina da cidade.

Foi uma cidade marcada por sentimentos e memórias que Cora Coralina encontrou depois de quase meio século de ausência. Concordamos com a professora Camargo (2006, p. 62), quando ela associou, ao ler as lacunas da história, “a partida de Cora como o destino que se entrelaça ao da cidade” e a sua volta como um marco na história desse lugar. Realmente, a volta de Cora Coralina trouxe novos ares para a Cidade de Goiás. A proprietária da casa velha da ponte penetrou nos mais distintos lugares dessa cidade. Apresentou-se a ela como “aquela mulher / que ficou velha, / esquecida, / nos teus larguinhos e nos teus becos tristes, / contando estórias, / fazendo adivinhação. / Cantando teu passado. / Cantando teu futuro.” (PBG, 2008, p. 34).

Ao se incrustar na cidade, Cora Coralina a reconstruiu pela linguagem e a projetou para além da Serra Dourada. Em seu labor de doceira foi, aos poucos, chamando a atenção dos turistas para sua escrita poética, fez amigos e fregueses das mais distintas classes sociais, escreveu livros e contou histórias, tornando-se, nas palavras de Drummond, a pessoa mais ilustre de Goiás.

Por meio do texto literário de Cora Coralina, as pessoas leitoras podem redescobrir os cheiros, as tradições, os costumes da cidade. Nesse exercício poético autobiográfico, a memória individual se entrelaçou à memória coletiva de modo que a representação discursiva e imagética da cidade e de suas gentes foi sendo construída com vistas à promoção da Cidade de Goiás não apenas como o patrimônio cultural dos goianos, mas, sobretudo, como a terra de Cora Coralina.

Assim, a cidade encontrou “na velha poetisa – voz da experiência – a figura ideal para contar a sua história e criar a imagem de antiguidade tão necessária ao seu soerguimento cultural” (CAMARGO, 2006, p. 66) e se livrar da dor e do trauma causados pela perda do título de capital de Goiás. Cora e a cidade são as trepadeiras “nascidas nas frinchas das pedras. / Bravias. / Renitentes. / Indomáveis. / Cortadas. / Maltratadas. / Pisadas. / E renascendo” (PBG, 2008, p. 36). A cidade alçou à condição de Patrimônio Histórico da Humanidade, Cora Coralina à de escritora da existência, formiga diligente de nossas letras, a artesã da palavra e a guardiã da memória de um povo, de uma história.

A pesquisadora Andréa Ferreira Delgado (2008, p. 388), em seus estudos sobre Cora Coralina, caracterizou a escritora goiana como uma mulher-monumento. A adjetivação criada “por meio de estratégias entrelaçadas que produzem Goiás como âncora da identidade regional e, ao mesmo tempo, inventam Cora Coralina como símbolo emblemático da cidade” deve ser problematizada no seguinte aspecto: a mitificação da velhice. Para Delgado (2008), a “autobiografia tecida pela poeta, a memória construída pela exposição do Museu Casa de Cora Coralina, a biografia escrita pela filha da poeta e a memória subterrânea engendrada na cidade de Goiás” contribuíram para a construção da ideia de monumentalização da poetisa.

Embora tais estratégias discursivas engendrem a representação de Cora Coralina como mulher-monumento, imortalizada e parte integrante do patrimônio de Goiás, acreditamos que essa caracterização não deve ser forjada pela via mítica, isto é, pela construção da ideia de singularização da experiência de envelhecimento da poetisa. Não há que se questionar a singularidade da escritora na produção poética e publicação de livros na ancianidade. Todavia, sua inserção no universo da escrita literária iniciou na adolescência. O fato de não conseguir publicar seus livros no tempo da juventude deveu-se aos rumos que a vida lhe reservara na fase adulta.

Certamente, a figura de uma velhinha doceira não se sobrepõe à da escritora já vestida de cabelos brancos. Ela buscou nas coisas miúdas da cidade, na sua gente, na natureza, nos becos, nos marginalizados, na infância, a matéria literária, a inspiração e voz. O seu jeito peculiar de “contar velhas estórias” de suas vivências e das experiências coletivas mexeu com o imaginário das pessoas para além das terras goianas.

Não, por acaso, a imagem de Cora Coralina está intimamente relacionada à da Cidade de Goiás e a sua morada, a casa velha da ponte, é o espaço guardião de suas memórias. Isso é resultado de seus feitos na escrita literária, de sua atuação enquanto mulher intelectual, autodidata, que conseguiu superar os poucos anos frequentados na instrução primária. Ela se projetou no cânone literário por sua coragem, ousadia e enfrentamentos. Por essa razão, entendemos que a representação de Cora Coralina como mulher-monumento precisa também levar em consideração o esforço da poetisa para se firmar no olimpo da literatura brasileira. De igual modo, deve abarcar o caráter universal e humanizador de sua escrita literária e não focar apenas na ideia mítica da velhinha frágil, usando bengalas e encantando a todas as pessoas com sua lucidez estética.

A ancianidade de Cora Coralina foi o momento ímpar em sua trajetória de escritora. Foi o tempo de reconhecimento de sua escrita literária, iniciada no alvorecer da

juventude. Os inúmeros estudos do texto coraliniano como fonte reveladora dos mais diversos temas e das inquietações contemporâneas comprovam o caráter universal de sua escrita para além de modismos e construções míticas criadas para identificar a poetisa como a “velhinha de Goiás”.

“Da infância longínqua à ancianidade presente”, Cora Coralina resplandeceu no fértil terreno literário. Forçou passagem no universo dilatado da poesia brasileira, extravasou os limites goianos e inscreveu o seu nome no panteão de nossa literatura. No crepúsculo de sua vida, sentindo que o momento da partida se aproximava, Cora Coralina retratou poeticamente as fragilidades pelas quais estava passando em decorrência da idade. Vejamos no poema “Sombras”, o penúltimo de *Vintém de Cobre: meias confissões de Aninha*, como ela revelou o peso de sua longeva jornada e expôs o outono de sua existência

#### Sombras

Tudo em mim vai se apagando.  
Cede minha força de mulher de luta em dizer:  
estou cansada.

A claridade se faz névoa e bruma.  
O livro amado: o negro das letras se embaralha,  
entortam as linhas paralelas.  
Dançam as palavras,  
a distância se faz em quebra-luz.

Deixo de reconhecer rostos amigos, familiares.  
Um véu tênue vai se incorporando no campo da retina.  
Passam lentamente como ovelhas mansas os vultos conhecidos  
que já não reconheço.  
É a catarata amortalhando a visão que se faz sombra.  
Sinto que cede meu valor de mulher de luta,  
e eu me confesso:  
estou cansada. (VC, 2013, p. 235)

O poema principia o crepúsculo da vida da formiga diligente. No dia dez de abril do ano de 1985, o povo Goiano e a literatura brasileira ficaram órfãos da presença de Cora Coralina. Sua obra, porém, permanece viva, estudada, analisada, criticada, reconhecida, pois “não morre aquele / que deixou na terra a melodia de seu cântico na música de seus versos” (MLC, 2012, p. 73).

#### 4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Que tenho sido, senão cigarra cantadeira e  
formiga diligente  
desse longo estio que se chama vida.”  
(Cora Coralina)

Os tempos e vivências da cigarra cantadeira e formiga diligente, Cora Coralina, foram rememorados nesta tese a partir do diálogo entre literatura, história e educação. O intuito foi o de trazer à tona os tempos outros da vida da poetisa que vão “da infância longínqua à ancianidade presente”. Por meio do texto poético de Cora Coralina como fonte reveladora de um contexto, de uma época, deparamo-nos com várias imagens dos modos de instruir e de educar as infâncias, tivemos acesso à atuação feminina na sociedade goiana no limiar do século XX, problematizamos compreensões equivocadas acerca do texto coraliniano e dos lugares ocupados pela poetisa dos becos de Goiás no cenário literário nacional.

Nesse exercício de diálogo entre distintas áreas do saber, observamos que a literatura, por meio das intertextualidades, pode se constituir fonte para o trabalho de interpretação de quem pesquisa a história. Essa conexão é possível porque, “o livro acadêmico cabe no livro literário em seu aspecto de temas” (VALDEZ, 2020, p. 11). E, embora ‘arriscosas’ as relações entre a História da Educação e a Literatura, elas também são múltiplas e fascinantes (LOPES, 1998), pois ampliam as possibilidades de investigação sobre uma diversidade de historicidades.

A obra de Cora Coralina está presente na literatura brasileira como uma genuína voz feminina que colocou em evidência as inquietações humanas, universais, explorando a cultura regional, a poesia popular, a linguagem simples, prosaica, do povo. A sua produção se constitui como referência significativa para análise dos fatos e acontecimentos da Cidade de Goiás durante o período delimitado, em específico, no que diz respeito às infâncias e os modos de educá-las.

Na introdução, convidamos as pessoas leitoras desta tese a se enredarem no mundo coraliniano para extrair dele os tempos e as vivências da poetisa goiana, incluindo os modos de instruir e de educar as infâncias. Esse percurso foi orientado pelas seguintes indagações: Ao problematizar os textos poéticos de Cora Coralina como fonte, que tipo de análise pode apontar os formatos de instruir e de educar as infâncias e as juventudes em Goiás do final do século XIX? Quais infâncias o discurso literário de Cora Coralina

colocou em evidência? Como foi a atuação literária da poetisa em tempos outros para além da velhice que marcou, e marca, sua trajetória de escritora?

A seguir, apresentamos nossas conclusões acerca das problemáticas levantadas. Retomamos algumas descobertas e reflexões feitas no decorrer da pesquisa, as quais validaram a tese proposta para esta investigação, a saber: o texto poético coraliniano se constitui uma instigante fonte para a análise dos modos de instruir e de educar as infâncias no final do século XIX e parte do XX, levando em consideração, também, momentos outros dos tempos e vivências de Cora Coralina.

A fim de melhor organizar a tessitura de nossas conclusões, dividimos esta parte em subitens que vão do início da trajetória das vivências de Cora Coralina à ancianidade, quando ela empreendeu o retorno às origens. Buscamos nas entrelinhas do texto coraliniano os sentidos constitutivos de um imaginário histórico-cultural camuflados pelas metáforas e representações.

#### **4.1 – As tessituras de um tempo: o princípio da caminhada...**

Para dar conta da primeira e da segunda problematização, inicialmente, estabelecemos um diálogo entre história, literatura e educação com o intuito trazer à tona diversos textos coralinianos como fontes reveladoras das infâncias e da vida na sociedade goiana de final do século XIX e início do século XX. Com Chartier (2002, p. 259), evidenciamos que “as obras literárias, produzidas em uma ordem específica, escapam dela e ganham existência sendo investidas pelas significações que lhe atribuem, por vezes na longa duração, seus diferentes públicos.”

Isso quer dizer que a cada leitura, os textos literários vão sendo atualizados em conformidade com o contexto e tempo histórico de seus/suas leitores e leitoras. Nesse processo, surgem novas descobertas, novos olhares, outras interrogações e problematizações. No seu conjunto, a obra de Cora Coralina cumpre essa função, pois também pode ser compreendida como um veículo de “manifestação universal de todos os homens em todos os tempos”, conforme pensou Candido (2011, p. 176) ao refletir sobre o poder humanizador da literatura. Nesse sentido, a leitura reflexiva de uma obra literária faz emergir questionamentos diversos, aguça a sensibilidade, a imaginação, a criatividade.

Ao mergulhar nesse universo, como colocou Regina Zilberman (1990, p. 17), reativamos nossas próprias dimensões, conseguimos expandir as fronteiras do conhecido por meio da imaginação e também do intelecto. Todavia vale destacar que a literatura, “talvez não ensine nada, nem se pretenda a isso; mas seu consumo induz a algumas práticas socializantes que, estimuladas, mostram-se democráticas, porque igualitárias” (idem, p. 19).

Com o intuito de analisar tanto a recepção da obra coraliniana quanto a sua fortuna crítica, enveredamos nos bosques das produções acadêmicas que tiveram o texto de Cora Coralina como fonte para o estudo de diversas temáticas. O nosso ponto de partida foi o levantamento bibliográfico feito por Darcy Denófrio (2006), que compreendeu os anos de 1990 a 2006. Para ampliar o que a crítica goiana já havia inventariado, iniciamos o percurso a partir de 2007 indo até 2022. Assim, no entretecer de uma pesquisa a outra e mais outra pudemos evidenciar o quanto a recepção e a fortuna crítica sobre a vida e a obra da poetisa dos becos foi se ampliando ao longo dos anos. Porém, no meio do caminho de Cora Coralina tinha uma pedra, para usar a expressão poética de Drummond. A pedra das conclusões apressadas, das ideias fora do lugar de pretensos críticos literários, figuras *non grata*, que consideraram Cora Coralina como um mito, um monumento, como uma persona mais louvada que estudada.

Para refutar essas ideias, trouxemos inúmeras pesquisas que estudaram e problematizaram com rigor e método a obra da poetisa goiana. Como nos revelou Denófrio (2006, p. 203), é “difícil de acreditar, mas Cora Coralina ainda incomoda, até mesmo dentro de uma instituição cultural que lhe deva o maior preito. Entretanto, diferenciada, ela passou, nem sempre de mansinho, e marcou, como um dólmen, o seu lugar”.

Acompanhamos também as peripécias de Anna Lins dos Guimarães Peixoto, a Aninha, em seu cântico primeiro, o tempo da infância na casa da ponte, na fazenda Paraíso. No moinho do tempo de suas vivências, buscamos os modos de instruir e de educar em Goiás do final do século XIX e início do XX. No ‘tarde da vida’, quarenta e cinco anos depois da partida dos ‘reinos de Goiás’, Cora Coralina celebrou o cântico da volta. Num exercício de lembrar e esquecer, a nossa poetisa, já em sua sexagésima sétima primavera e vestida de cabelos brancos, resgatou Aninha dos becos da memória e nos emaranhados das lembranças expressou a realidade histórica de suas vivências e de toda uma coletividade, unindo “a infância longínqua/ à ancianidade presente” (VC, 2013, p. 23).

Conforme evidenciado, bastou uma rápida pesquisa nas plataformas de buscas de produções científicas para nos depararmos com uma diversa gama temática estudada/investigada a partir da literatura da poetisa dos becos de Goiás. Nesta pesquisa, procuramos colocar o texto coraliniano no rol do cânone literário produzido nacionalmente e que trata das infâncias, dos tempos em sociedade, das complexidades das relações sociais em um contexto de poder majoritariamente masculino. Diante disso, realizamos uma tessitura analítica de escritas literárias similares a da nossa poetisa, isto é, marcadas pelas reminiscências.

O universo discursivo suscitado com a conversa entre os textos selecionados para o diálogo nos possibilitou compreender momentos importantes vividos nas infâncias das escritoras e dos escritores. Pudemos também vislumbrar a realidade histórica de cada tempo retratado, bem como os modos de educar e instruir as infâncias no final do século XIX e início do século XX.

Os/as literatos/as, assim como Cora Coralina, por meio de discurso autobiográfico, fizeram um retorno memorialístico à infância, evocando-a via imagens capturadas da realidade social e histórica vivenciada nessa fase da vida. Cada autor/autora, a seu tempo e modo, apresentou de alguma forma as infâncias, bem como os lugares de educar presentes na sociedade brasileira do contexto retratado. Observamos que as escritas literárias analisadas apresentam traços de similaridade quanto ao tratamento dado às infâncias do período, qual seja: a criança como um ser silenciado, sujeito à autoridade severa das pessoas adultas da casa.

Helena Morley, Graciliano Ramos, Carolina Maria de Jesus e Cora Coralina, por meio de escritas autobiográficas, memorialistas, problematizaram a ideia de infância feliz, tal qual apresentada por Casimiro de Abreu. Os textos evidenciaram a infância como um tempo de curiosidades, de brincadeiras, de sonhos, mas também um tempo assinalado, muitas vezes, pela ausência de afetos e pela prática de maus-tratos e punição por parte dos próprios pais, do núcleo familiar como um todo e da escola. Esse diálogo serviu para reafirmarmos a tese de que nos emaranhados de vozes das infâncias na literatura brasileira ecoa também o canto de Cora Coralina.

#### **4.2 – As tessituras do tempo da juventude**

Seguindo a nossa caminhada investigativa do texto poético coraliniano, buscamos as respostas para a terceira problematização. Com esse intento, realizamos algumas incursões na vida e obra da poetisa na fase de sua juventude. Para compreender o texto coraliniano como revelador das mentalidades de uma época, revistamos o tempo do *vintém de cobre* nas páginas da literatura produzida em Goiás no final do século XIX e início do XX. Em nossas buscas, destacamos autores e autoras que impulsionaram a literatura e agitaram o meio artístico-cultural na Cidade de Goiás. Identificamos uma considerável produção feminina no campo da literatura, da imprensa.

Esse movimento nos possibilitou problematizar a tese defendida pelos viajantes europeus e, por sinal, ratificada por uma parte de nossa historiografia que considerou o estado de Goiás atrasado culturalmente, lugar depositário das crenças e superstições. Os registros das gentes de nossas letras apontaram que “a distância da capital do país e a localização num nicho entre morros e a Serra Dourada não impediram que a Cidade de Goiás fomentasse a cultura” (CAMARGO, 2020, p. 149) e respirasse ares de modernidade efervescente nas primeiras décadas do século XX.

A prosa e a poesia goiana absorveram características que vão do romantismo ao modernismo, mesmo de forma tardia. Por meio do manejo peculiar com a linguagem e do trato às questões sociais e políticas, essas escritas são representações históricas a serem desvendadas, estudadas. De acordo com Camargo (2006), o jeito coraliniano de trabalhar o texto literário a partir de fatos vividos, experienciados, apropriados, impregna o sujeito poético naquilo que narra/ poetiza. O narrador ou o eu lírico se inscreve nos acontecimentos tanto individuais quanto coletivos, “não se colocando de modo imutável e distante do universo representado” (2006, p. 60). Em razão desse jeito de fazer poética, o texto de Cora Coralina, ao traçar um panorama de todas as vidas, de um contexto, de um tempo pode ser considerado uma promissora fonte histórica, já amplamente utilizada, para o estudo da vida em sociedade, das mentalidades.

Para falar das vivências de Cora Coralina, destacamos também uma mulher que deixou seu nome inscrito na história da Cidade de Goiás. Estamos falando de Dona Jacintha Luiza do Couto Brandão Peixoto (1864-1936), a mãe da poetisa. A atuação dessa senhora no universo da intelectualidade goiana chamou a nossa atenção. Essa personalidade marcou sua presença na sociedade vilaboense de final do século XIX, seja como leitora contumaz, seja na luta pela emancipação feminina por meio do direito ao voto. Conforme registramos, Cora Coralina desenhou o retrato da mãe como uma mulher

alheia aos cuidados com as filhas, sobretudo, com ela que não recebera da matriarca nem carinho, nem atenção.

Como mulher de negócios, de muitas leituras e tendo que assumir o sustento da casa, inferimos que Dona Jacintha não se tornou uma figura de mãe exemplar aos moldes patriarcais. Todavia, seu comportamento diante do namoro de Cora Coralina com Cantídio se revelou um tanto conservador, mas não poderia ser diferente, pois ela carregava em si o receio do julgamento alheio e o medo de manchar o bom nome da família. Comportamento contraditório, visto que a matriarca da família Couto Brandão se uniu ao terceiro marido sem as bênçãos da Igreja. Enfim, Dona Jacintha Luiza do Couto Brandão Peixoto foi uma mulher que se sobressaiu na sociedade vilaboense do final do século XIX e início do XX por sua atuação cidadã e revolucionária para a época.

Após essa incursão nos tempos e vivências de Dona Jacintha, trilhamos o tempo da juventude da poetisa até a sua saída de Goiás, em 1911. Analisamos como as movimentações de Anna Lins no universo da escrita literária foram constituindo a jovem Cora Coralina. Ao refletir sobre pontos importantes dessa fase da vida da poetisa, deparamo-nos com a sua desenvoltura no meio da intelectualidade goiana da primeira década do século XX. Evidenciamos as suas ousadias na questão do casamento e, por fim, o silenciamento de Cantídio em sua poética. Isso se deu, talvez, em razão das atitudes de ciúmes do marido que tentou cercear a liberdade da poetisa de se expressar poeticamente, de alçar voos na literatura. Em entrevista a Míriam Botassi (1983), mencionada nesta tese, a própria Cora Coralina evidenciou esse comportamento de Cantídio. Segundo ela:

Casei-me. Sonhei uma coisa e saiu uma realidade muito diferente. Sonhei um príncipe encantado, sonhei um homem todo delicadeza, todo mimos comigo. [...] E saiu um homem ciumento [...] Era um ciúme mau, um ciúme venenoso. Um ciúme de visões de coisas que não tinham se passado. (BOTASSI, 1983, p. 9)

Embora tenha seguido o preceito “até que a morte os separe”, julgamos que o apagamento de Cantídio na poética coraliniana foi a resposta encontrada pela poetisa para manifestar a sua resistência ao patriarcado.

Seguindo as nossas descobertas e reflexões, entendemos que em uma pesquisa norteada pelos tempos e vivências de Cora Coralina não poderia faltar a sua amiga e parceira no universo da escrita, Leodegária de Jesus. Estabelecemos um diálogo entre essas duas cigarras cantadeiras de nossas letras. Essa discussão evidenciou o fazer poético

dessas jovens escritoras no limiar do século XX, isto é, no tempo de suas juventudes. Cada uma a seu modo conseguiu ecoar sua voz nos espaços de mando masculino. Seus textos resgataram o tempo da infância, os lugares por onde passaram, a vida na sociedade goiana de então, os percalços da juventude.

Cora Coralina e Leodegária de Jesus por meio da literatura saíram do anonimato e se impuseram nos diversos contextos da intelectualidade vilaboense do período em questão. Nessa perspectiva, suas tessituras poéticas foram e são projetos estéticos e ideológicos que se estabeleceram e estabelecem, fundamentalmente, pelo estatuto de arte alcançado por suas escritas. Logo, seus textos podem ser considerados representações, fontes, reveladoras da realidade sócio-histórica de Goiás do início do século XX.

Em relação à poética coraliniana, para o professor Flávio Pereira Camargo (2018, p. 72), Cora Coralina, “em seus momentos de maior autenticidade e individualidade, fala em uníssono com a tradição poética Moderna e Modernista”, tal qual os escritores e as escritoras da plêiade canônica brasileira. Isso se dá quanto “à poetização do material apoético, na utilização do poema ‘epilírico’ e do processo de despersonalização da lírica moderna” (idem). Concordamos com o professor e acrescentamos que o texto poético de Leodegária de Jesus, conforme apresentado no transcurso desta pesquisa, salvo as devidas proporções, possui um caráter híbrido e se insere também nesse rol da grandeza estético-literária creditado a Cora Coralina.

Com Kramer (1993), entendemos que a linguagem poética é uma produção humana acontecida na história e constituída nas interações sociais. Sob essa base, está sedimentado o fazer poético de Cora Coralina, de Leodegária de Jesus e de tantas outras escritoras goianas. Emerge das escritas literárias dessas poetisas uma forte carga dialógica em que a voz do eu lírico se entrelaça a outras vozes por meio da abertura sensível ao mundo, às experiências, às contradições da vida.

### **4.3 – As tessituras do tempo escolar de Aninha**

Para compreendermos os modos e lugares de instruir as infâncias, revisitamos o universo escolar de Aninha, conhecemos a Escola da Mestra Silvina, seu método de trabalho, a rotina escolar, dentre outras questões. Problematizamos a ideia construída pelos republicanos como os salvacionistas da educação. Trouxemos para a ordem do

discurso as mestras do passado cantadas por Cora Coralina em sua poética, a saber: Inhola (Nhola), Lili e Silvina.

Ao dar visibilidade para essas mestras em sua poética, Cora Coralina nos instigou a buscar na história da instrução pública de Goiás a atuação dessas três docentes. Esse exercício de reconhecimento das mestras evidenciou o quanto elas marcaram presença e deixaram suas assinaturas no âmbito da educação e da intelectualidade na sociedade vilaboense. Embora muitas pesquisas tenham trazido essas professoras para suas análises, elas ainda permanecem silenciadas em parte da história oficial da instrução goiana.

Tendo em vista o aporte historiográfico dos estudos culturais, acompanhamos a trajetória escolar de Cora Coralina por meio de sua escrita literária. As pistas que ela deixou pela estrada poética nos ajudou a identificar as práticas de escolarização adotadas em Goiás do final do século XIX. Com isso, pudemos problematizar as formas rígidas de inserção das infâncias no mundo da aprendizagem formal, dentre outras questões relacionadas ao ensino e aprendizagem da infância no contexto histórico em questão.

Assim, na busca pelo tempo escolar de Aninha, pudemos problematizar como se deu o processo de aprendizagem formal da menina inzoneira. Além do mais, trouxemos para a discussão a influência da igreja no ensino por meio da figura representativa do Frei Germano que, uma vez na semana, dirigia-se à escola da Mestra Silvina para trabalhar com as crianças as lições da doutrina cristã.

A partir do texto coraliniano observamos questões relacionadas ao campo da educação em Goiás no final do século XIX e boa parte do XX. Dos poemas “A Escola da Mestra Silvina” (PBG), “Mestra Silvina” (VC), “Normas de educação” (VC), dentre outros, extraímos a realidade da escolarização das crianças vilaboenses. Entramos em contato com a cultura escolar do tempo de Aninha e, com isso, evidenciamos que as mudanças advindas do sistema republicano não transformaram de imediato os modos de instruir nas escolas em Goiás. Nesse período histórico, observamos que em Goiás a participação do poder público na oferta da educação estava em processo de solidificação.

#### **4.4 – A ancianidade presente, o cântico da volta de Cora Coralina**

Em sua trajetória de vivências, Cora Coralina traçou sua caminhada por si própria e em sintonia com a força de sua terra. Em cada canto, em cada beco por onde passou, ela deixou sua marca, sua história. Enfrentou os austeros preceitos patriarcais de uma

sociedade conservadora ao empreender uma jornada inimaginável para os padrões da época: a gravidez, a união com um homem separado, a fuga.

Na literatura, como já mencionado, não se afiliou a nenhuma corrente estética, não levantou bandeira para esse ou aquele movimento literário. Isso porque, conforme Denófrio (2004, p. 22), a “longevidade e estreia extremamente tardia, a absorção de códigos estéticos ao longo do tempo muito dilatado em que viveu”, dificultaram o enquadramento geracional da poetisa. Ela escrevia por vontade própria o que devia e o que queria. A sua escrita livre, espontânea, já na juventude, rompeu, ou melhor, não se encaixou no formalismo parnasiano ainda em voga na primeira década do século XX.

Arriscamos dizer que a produção estética coraliniana antecipou as novidades trazidas pela Semana de Arte Moderna quanto às transgressões na linguagem, na forma e no conteúdo literário, como podemos observar nos seguintes versos do poema “Oferta – aos novos que poetizam” (MLC, 2012)

[...]

Olha a rima indigente, forçada, forçando tropeçante.  
O verso desvalido, maltrapilho.  
A palavra truncada.  
O palavrão da moda. O jargão.  
A frase feita.  
O advérbio desgastado pedindo esquecimento  
e posterior recuperação.

Atenção, muita atenção!  
Sem ser chamada – a palavra vulgar, esmolambada, sabereta vem, e  
vem para ficar.  
A palavra pobre...  
(Coitadinha da palavra pobre!) Também tem o seu direito de figurar no  
verso.  
Tudo isso, mais um  
conteúdo miúdo que seja e serás Poeta. (MLC, 2012, p. 75)

De acordo com Denófrio (2004), a escrita literária de Cora Coralina assumiu a cor local, o tom coloquial e apresentou um nacionalismo crítico, consciente, jamais simplório. Não romanceou a vida em nenhuma de suas fases.

Diante da gama diversa de temas que os textos da poetisa goiana suscitam, optamos por investigar o canto de Cora Coralina como a outra voz que também problematizou a história de Goiás e, conseqüentemente, a história das vivências diversas, das infâncias e dos modos de educá-las. O que justifica e evidencia a importância desta pesquisa tanto para a história da educação quanto para os estudos literários. Esta tese

amplia a fortuna crítica da obra da poetisa dos becos e de todas as vidas, evidencia o tratamento dispensado às infâncias no contexto retratado e apresenta a atuação de Cora Coralina e de outras mulheres nos espaços de poder patriarcal.

Consideramos, todavia, que muito há para ser investigado, problematizado acerca do texto coraliniano e cabe, sobretudo, à academia promover espaços de debates sobre a literatura goiana como fonte para as mais diversas pesquisas e temas. É preciso apontar caminhos e tirar do esquecimento as produções femininas que fizeram história em nossas letras. Nesse ponto, não podemos deixar de mencionar a primeira poetisa a publicar livros em Goiás, Leodegária de Jesus, amiga contemporânea de Cora Coralina.

Assim como os trabalhos acadêmicos, aqui elencados sobre a obra da poetisa, contribuíram com a nossa pesquisa, esperamos que esta tese, de igual modo, possa fomentar outros estudos, problematizações, questionamentos, críticas e reflexões acerca da produção literária coraliniana.

Tal qual Drummond, quando de sua escrita errante para Cora Coralina, também lançamos estas palavras ao vento na esperança de que elas alcancem as pessoas leitoras e apreciadoras do texto literário coraliniano. Esperamos alcançar quem ainda não conhece a cigarra cantadeira do cerrado goiano que em suas palavras assim se apresentou:

Eu sou a velha  
mais bonita de Goiás.  
Namoro a lua.  
Namoro as estrelas.  
Me dou bem  
com o rio Vermelho.  
Tenho segredo  
com os morros  
que não é de adivinhá.

Sou do beco do Mingu, sou do larguinho  
do Rintintim.  
Tenho um amor  
que me espera  
na rua da Machorra, outro no Campo da Força.  
Gosto dessa rua  
desde o tempo do bioco e do batuque.  
Já andei no Chupa Osso.  
Saí lá no Zé Mole.  
Procuro enterro de ouro.  
Vou subir o Canta Galo com dez roteiros na mão.  
Se você quiser, moço, vem comigo:  
Vamos caçar esse ouro, vamos fazer água – loucos no Poço da Carioca,  
sair debaixo das pontes, dar que falar  
às bocas de Goiás.

Já bebi água do rio na concha da minha mão.  
Fui velha quando era moça.  
Tenho a idade de meus versos.  
Acho que assim fica bem.  
Sou velha namoradeira.  
Lancei a rede na lua, ando catando as estrelas. (MLC, 2012, p. 68-69)



**Imagem 4** – Cora Coralina na tessitura de sua escrita poética.

Fonte: Catálogo da exposição realizada de 29 de setembro a 13 de dezembro de 2009. São Paulo: Museu da Língua Portuguesa, 2009.

Vivemos num mundo de palavras. Nossas e dos outros e, como disse Mikhail Bakhtin (2017), toda a nossa vida é uma reação às palavras do outro. Isso porque, encontramos-nos sempre na fronteira. Quando olhamos para dentro de nós mesmos, estamos também olhando o outro. O trabalho peculiar com a palavra poética, com o modo próprio de olhar para dentro de si e enxergar o outro foi a fórmula encontrada por Cora Coralina para nos apresentar as suas experiências e vivências.

## REFERÊNCIAS

- ALBERNAZ, Ondina de Bastos. **Reminiscências**. Goiânia: Kelps, 1992.
- ABREU, Sandra Elaine Aires de. **A instrução primária na Província de Goiás no século XIX**. Tese (Doutorado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2006.
- ALMEIDA, Edna Faria de. **Leitura de poesia e formação do leitor literário na educação básica: a produção poética de Cora Coralina em sala de aula**. Mestrado. (Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica), Cepae-UFG, 2022.
- ALVES, Ana Carolina. **As meias confissões de Aninha: sobre a infância e a pobreza**. Mestrado. (Programa de Pós-graduação em Estudos Literários), Universidade Federal de Uberlândia -(UFU), 2022.
- AMADO, Jorge. **Capitães da areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- ANDRADE, Ludmilla Santos. **Crônicas de Cora Coralina: laboratório de poesia**. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras (FL), Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Goiânia, 2022
- ARRIADA, Eduardo; TAMBARA, Elomar Antonio Callegaro. A cultura escolar material, a modernidade e a aquisição da escrita no Brasil no século XIX. In: **Educação**, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 73-88, jan./abr. 2012. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/10352/7543> Acesso em jul. de 2023.
- ARISTÓTELES. Poética. In: ARISTÓTELES; HORÁCIO; LONGINO. **A poética clássica**. Tradução direta do grego e do latim por Jaime Bruna. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2005, p. 28.
- ASSMAN, Aleida. A luta das recordações nas histórias de Shakespeare. In: **Espaços de recordação: formas e transformações da memória cultural**. Tradução de Paulo Soethe. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2011.
- BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1990.
- \_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.
- \_\_\_\_\_. Fragmentos dos anos 1970-1971. In: BAKHTIN, Mikhail. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2017.
- BACHELARD, Gaston. **A Poética do Devaneio**. Tradução: Antonio de Pádua Danesi. 3.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

BANDEIRA, Manuel. **Libertinagem; Estrela da Manhã**. Ed. crítica. São Paulo: ALLCA XX, Scipione, 1988.

BARBOSA, Irene Maria Ferreira. **Enfrentando Preconceitos**. Campinas: Área de Publicações CMU/Unicamp, 1997.

BARRA, Valdeniza Maria Lopes da. A lousa de uso escolar: traços da história de uma tecnologia da escola moderna. In: **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 49, p. 121-137, jul./set. 2013. Editora UFPR. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/KLsQrbTwjvBmszsQyqGtssc/> Acesso em jul. de 2023.

BARRA, Valdeniza Maria Lopes da (Org.). **Estudos de história da educação de Goiás (1830-1930)**. Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2011.

BARROS, José D'Assunção. História e Literatura: novas relações para novos tempos. In: **Contemporâneos**. Revista de Arte e Humanidades, nº 6, maio-out/2010.

\_\_\_\_\_. **A Nova História Cultural** – considerações sobre o seu universo conceitual e seus diálogos com outros campos históricos - DOI: 10.5752/P.2237- 8871.2011v12n16p38. **Cadernos de História**, v. 12, n. 16, p. 38-63, 1 maio 2011.

\_\_\_\_\_. **O campo da história** : especificidades e abordagens. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

BARROS, Manoel de. **Exercício de ser criança**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1999.

\_\_\_\_\_. **Memórias inventadas**: as infâncias de Manoel de Barros. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008.

\_\_\_\_\_. **Retrato do artista quando coisa**. Rio de Janeiro: Record, 1998.

BARROS, Surya Aaronovich Pombo de. O uso de memórias como fonte de pesquisa para a história da educação da população negra em São Paulo. In: **Saeculum- REVISTADE HISTÓRIA**. João Pessoa, jul./ dez. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/srh/article/view/11525/6622> Acesso em maio de 2023.

BARTHES, Roland. “O Efeito de Realidade” e “O Discurso da História”, in **O Rumor da Língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p.163-190.

BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral II**. Campinas, SP: Pontes, 1989.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas, vol. I**. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1991.

\_\_\_\_\_. **Obras Escolhidas III**: Charles Baudelaire, um Lírico no Auge do Capitalismo. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BERTRAN, Paulo. **Elegia a Bernardo Élis**. DF Letras: A Revista Cultural de Brasília, Brasília, ano IV/V, n. 47, p.20-23, 1998.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

BOAVENTURA, Deusa Maria Rodrigues. **Urbanização em Goiás no século XVIII**. 2007. 280p. Tese (doutorado em História e Fundamentos Arquitetura e Urbanismo), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2007.

Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-13052010-090028/publico/Tese.pdf> Acesso em jan. 2023.

BOMMEIHY, José Carlos Sebe. Viagem em torno de Mignolo: a literatura e a história. In: CHIAPPINI, Ligia; AGUIAR, Flávio Wolf de (org). *Literatura e História na América Latina*. São Paulo: Edusp, 1993.

BORGES, Valdeci Rezende. História e Literatura: Algumas Considerações. *rth* | Goiânia, v. 3, n. 1, p. 94-109, 2010. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/teoria/article/view/28658>. Acesso em: 13 jan. 2022.

BOSI, Ecléia. **Memória e Sociedade, lembranças de velhos**. São Paulo: T. A. Queiroz, Editor Limitada, 1994.

BOTASSI, Miriam. Cora Coralina conta um pouco da sua história. **Mulherio**, jul. 1983. p. 9. Disponível em: <https://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=459488&pagfis=346>. Acesso em jan. de 2023.

BRAIT, Beth. **Literatura e outras linguagens**. São Paulo: Contexto, 2010.

BRETAS, Genesco Ferreira. **História da Instrução Pública em Goiás**. Goiânia: CEGRAF/UFG, 1991, Coleção Documentos Goianos n. 21, p. 550.

BRITO, Célia Coutinho Seixo. **A mulher, a história e Goiás**. Goiânia: Departamento Estadual de Cultura/ P. D. Araújo/ Cultura Goiana, 1987.

BRITTO, Clovis Carvalho. A economia simbólica dos acervos literários: itinerários de produção da crença em Cora Coralina. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 22, n. 45, p. 307-334, jan./jun. 2016 A economia simbólica dos acervos literários <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832016000100012> Acesso em jan. 2023.

\_\_. “**Sou Paranaíba pra cá**”: Literatura e sociedade em Cora Coralina. 2006. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2006. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/109/o/CLOVIS.pdf>. Acesso em jan. 2023.

BRITTO, Clovis Carvalho; SEDA, Rita Elisa. **Cora Coralina: raízes de Aninha**. Aparecida: Ideias e Letras, 2009.

BURKE, “A História dos Acontecimentos e o Renascimento da Narrativa” in **A Escrita da História** – novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992. p.327-348

\_\_. **Variedades de história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2011.

\_\_. **A revolução francesa da historiografia: a Escola dos Annales (1929-1989)**. São Paulo: Ed. UNESP, 1992.

\_\_\_\_\_. **O que é História Cultural**. Tradução de Sergio Góes de Paula. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Biblioteca Folha: São Paulo, 1972.

CAMARGO, Goiandira Ortiz de. CORA CORALINA: Uma poética para todas as vidas. In: DENÓFRIO, Darcy França e CAMARGO, Goiandira Ortiz de. [orgs]. **CORA CORALINA: celebração da volta**. Goiânia: Cãnone Editorial, 2006.

\_\_\_\_\_. Tópicos sobre vida e obra da poetisa Leodegária de Jesus. In: Ler em Revista. **Cora Coralina e Leodegária de Jesus: 130 anos de nascimento**. Periódico L.E.R. - iiLer/PUC-Rio - RJ-Brasil. N ° 16, abril de 2020. Disponível em: [https://iiler.puc-rio.br/portal/wp-content/uploads/2020/05/ler\\_16\\_2020.pdf](https://iiler.puc-rio.br/portal/wp-content/uploads/2020/05/ler_16_2020.pdf) Acesso em jan. de 2022.

CAMARGO, Flávio Pereira. Cora Coralina e a tradição poética moderna e modernista. In: **Vintém de cobre**. Goiânia: Kelps, 2018.

CANDIDO, Antonio. Direito à literatura. In: CANDIDO, Antônio. **Vários escritos**. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

Disponível em:

[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4208284/mod\\_resource/content/1/antoniocandido-o-direito-a-leitura.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4208284/mod_resource/content/1/antoniocandido-o-direito-a-leitura.pdf). Acesso em 10 de jan. de 2022.

\_\_\_\_\_. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CARVALHO, Maria Meire de; SANT'ANNA, Thiago. O Gabinete Literário e a Federação Goiana para o Progresso Feminino. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás**, Goiânia, n. 20, p. 103-113, 2009.

CARVALHO, M. M. Cora Coralina: a poesia como ação política. **Em Tempo de Histórias**, [S. l.], n. 07, 2011. DOI: 10.26512/em tempos.v0i07.20131. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/emtempo/article/view/20131>. Acesso em: 13 jun. 2023.

CARVALHO, Euzébio Fernandes. **O rosário de Aninha: os sentidos da devoção rosarina na escritura de Anna Joaquina Marques (Cidade de Goiás, 1881-1930)**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, 2008.

\_\_\_\_\_. Luisa Joaquina da Silva Marques (Mestra Lili, 1858-1945). In: **Dicionário de educadores e educadoras em Goiás: séculos XVIII - XXI** / Diane Valdez (Org.). – Goiânia: Editora Imprensa Universitária, 2017.

\_\_\_\_\_. Retalhos de uma experiência feminina: mestra Lili, professora pública da capital goiana (1858-1945). **Revista Temporis [Ação]** (Periódico acadêmico de História, Letras e Educação da Universidade Estadual de Goiás), Cidade de Goiás/ Anápolis, v. 12, n. 01, p. 18-39, jan./dez. 2012. Disponível em: Acesso em: jun. 2023.

CASSAB, Clarice. Contribuição à construção das categorias jovem e juventude: uma introdução. In: **Locus: revista de história**, Juiz de Fora, v. 17, n.02 p. 145-159, 2011.

Disponível em: <https://www2.ufjf.br/nugea/files/2010/09/Locus.pdf> Acesso em jun. de 2023.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. 2.ed. - Rio de Janeiro; Forense Universitária, 2006.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1990.

\_\_\_\_\_. A história hoje: dúvidas, desafios, propostas. **Estudos Históricos**, 1994, p. 100-113. <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/219713/A%20Histo%cc%81ria%20hoje%20-%20Roger%20Chartier%20.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em abr. de 2023.

\_\_\_\_\_. **À beira da falésia: a história entre certezas e inquietude**. Porto Alegre, RS: Ed.Universidade/UFRGS, 2002.

CHIAPPINI, LÍGIA. (2000). Literatura e História. Notas sobre as relações entre os estudos literários e os estudos historiográficos. **Literatura E Sociedade**, 5(5), 18-28. <https://doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i5p18-28> Acesso em de jan. 2022.

CORALINA, Cora. **O tesouro da casa velha**. São Paulo: Global, 2002.

\_\_\_\_\_. **Estórias da casa velha da ponte**. São Paulo: Global, 2014

\_\_\_\_\_. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**. São Paulo: Gaudí Editorial, 2008.

\_\_\_\_\_. **Meu livro de Cordel**. São Paulo: Global, 2012.

\_\_\_\_\_. **Vintém de Cobre: Meias confissões de Aninha**. São Paulo: Global, 2013.

COMPAGON, Antoine. **Literatura pra quê?** Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

CUNHA, Fausto. **Os melhores poemas de Mário Quintana**. 17.ed. São Paulo: Global, 2005

CRUZ, Mariléia dos Santos. **Uma abordagem sobre a História da educação dos negros**. Brasília-DF: SECAD/MEC, 2005. p. 21-33 (Coleção Educação para Todos, vol. 06).

DAHLBERG, Gunilla.; MOSS, Peter.; PENCE, Alan. **Qualidade na educação da primeira infância: perspectivas pós-modernas**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

DAYREEL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n. 24, p. 40-52, 2003.

DECCA, Edgar Salvadori de; SAVIANI, Dermeval; LOMBARDI, José Coutinho. **História e História da Educação**. Campinas: Autores Associados, 2006.

DELGADO, Andréa Ferreira. **A invenção de Cora Coralina na batalha das memórias**. Campinas, 2003. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas.

\_\_\_. Cora Coralina: a construção da Mulher-Monumento. In: **Caderno Espaço Feminino**, v.19, n.01, Jan./Jul. 2008.

DENÓFRIO, Darcy França. **Lavra dos Goiases III** – Leodegária de Jesus. Goiânia: Cãnone Editorial, 2019.

\_\_\_\_\_. (org). **Cora Coralina**: melhores poemas. São Paulo: Global, 2004.

DUARTE, Newton. A catarse na didática da pedagogia histórico-crítica. In: **pro.posições**. DOSSIÊ: “Didática e formação de professores”. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP, Araraquara, SP, Brasil, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/3rcCdVWdLNrTgDLVdbMqP5R/?lang=pt>. Acesso em jan. 2023.

DUBY, Georges. A mulher, o amor e o cavaleiro. In: **Amor e sexualidade no ocidente** - Edição especial da revista L’Histoire/Seuil. Porto Alegre: L&PM, 1992.

DUCROT, O. **O dizer e o dito**. Campinas, SP: Pontes, 1987.

ECO, Umberto. **Seis passos no bosque da ficção**. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994

ÉLIS, Bernardo. **Obra reunida**/Bernardo Élis. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987. Vol.1,3,4. (Coleção Alma de Goiás)

ESMERALDO, Moema de Souza. **A representação do espaço e a cidade na poesia de Cora Coralina e José Décio Filho**. 30/01/2014 112 f. Mestrado em Estudos da Linguagem. Universidade Federal de Goiás - UFG, Goiânia Biblioteca Depositária: Biblioteca Catalão Prof. José Cruciano de Araújo.

FERNANDES, Rogério. KUHLMANN JÚNIOR, Moysés. Sobre a história da infância. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes. (org.). **A infância e sua educação** – materiais, práticas e representações. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

FERREIRA, Maria L. M. Memória e Velhice: do lugar da lembrança. In: BARROS, Myriam M. L. (Org.). **Velhice ou Terceira Idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 207-222.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. “As pesquisas denominadas ‘estado da arte’”. In: **Educação & Sociedade**, ano XXIII, no 79, Agosto/2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/vPsyhSBW4xJT48FfrdCtqfp/?format=pdf&lang=pt> Acesso em jan. 2023.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. Uma genealogia dos impressos para o ensino da escrita no Brasil no século XIX. **Revista Brasileira de Educação** v. 15 n. 44 maio/ago. 2010. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/59BgMmzm9kKTSCjXxndPybR/?format=pdf&lang=pt>  
Acesso em jul. de 2023.

FRANCO, Claudia Miranda da Silva Moura. **Mulheres, Marginais e Maltrapilhos em Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais, de Cora Coralina**. Mestrado. (Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários e Linguísticos), Universidade do estado de Mato Grosso - (UNEMAT), 2022.

FREITAS, Consuelo Brito de. **El discurso poético y las condiciones de su producción: una lectura comparada de la poesía de Rosalía de Castro y de Cora Coralina**, Tese. (Departamento de Filologia Românica, Filologia Eslava e Linguística Geral), Universidade Complutense de Madri, 2004.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**. R.J., José Olympio, 1987.

\_\_\_\_\_. **Sobrados e Mucambos**. São Paulo: Global, 1996.

GENETTE, Gérard. **Discurso da narrativa**. Tradução: Fernando Cabral Martins. Lisboa: Vega Universidade, 1972.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas, Sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

GRANTS, Andréa Figueiredo Leão. **(Des)arquivar Biografemas: a biblioteca de Cora Coralina**. Tese (Programa de Pós-Graduação em Literatura), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

GROPPO, Luis Antonio. **Juventude: ensaios sobre a sociologia e história das juventudes modernas**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000, p. 57.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: edições Vértice, 1990. Edição em formato digital.

HISLDORF, Maria Lúcia Spedo. **História da Educação Brasileira: leituras**. São Paulo. Pioneira Thomson Learning. 2003.

HOBSBAWN, ERIC. O que a história tem a dizer-nos sobre a sociedade contemporânea. In: HOBSBAWN, ERIC. **Sobre História**. São Paulo: Companhia Das Letras, 1998, p. 36-48

HOOKS, bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. São Paulo: Elefante, 2019.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção; tradução Ricardo Cruz**. - Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991.

JESUS, Leodegária Maria de. **Côroa de Lyrios**. Campinas: Editora Azul, 1906. (Fac-símile)

JESUS, Carolina Maria de. **Diário de Bitita**. São Paulo: SESI-SP, 2014.

JAUSS, Hans Robert. **A História da Literatura como Provocação à Teoria Literária**. São Paulo: Editora Ática S.A., 1994;

JOYCE, James. **Retrato do artista quando jovem**, tradução José Geraldo Vieira, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira: 2001

KRAMER, S. **Por entre as pedras: arma e sonho na escola**. São Paulo: Ática, 1993.

\_\_\_\_\_. **A Política do Pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

KUHLMANN, JR., Moysés. **Infância e educação infantil: uma abordagem histórica**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

KUHLMANN, M.; FERNANDES, R. Sobre a história da infância. In: FILHO, L. M. D. F. **A infância e sua educação: Materiais, práticas e representações (Portugal e Brasil)**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 15-35

LE GOFF, Jacques, **História e Memória**. (Trad. Bernardo Leitão). Campinas: UNICAMP.1990.

\_\_\_\_\_. Prefácio. In: BLOCH, Marc. **Apologia da História ou ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

LIMA, Luiz Costa. “A ascensão do discurso histórico e suas relações com a literatura” In. **O Controle do Imaginário – Razão e Imaginação nos Tempos Modernos**, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

LOPES, Eliane Marta Teixeira. História da Educação e Literatura: algumas ideias e notas. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, nº 27, jul/98.

LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

MACIEL, Francisca Izabel Pereira. História da alfabetização: perspectivas de análise. In: VEIGA, Cynthia Greive; FONSECA, Thais Nivia de Lima e (Orgs.). **História e Historiografia da Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2003.

MAIA, Débora de Faria. **As “mulheres de azul” da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás: trajetórias, (res) existências e estratégias de intelectuais e artistas goianas (1969-1993)**. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em História), Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, 2021.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARQUES, Oswaldino. Cora Coralina: professora de existência. In: **Poemas dos Becos de Goiás e estórias mais**. São Paulo: Gaudí Editorial, 2008.

MARTINS, G. M. C; CAINELLI, M. R. O uso de literatura como fonte histórica e a relação entre Literatura e História. Anais. VII Congresso Internacional de História, 2015. Disponível em: <http://www.cih.uem.br/anais/2015/trabalhos/1318.pdf> Acesso em 20 de dez. de 2021.

MELO, Thaise Monteiro da Silva. **A representação da cidade na poesia de Bandeira, Drummond e Cora Coralina**. 2014. Dissertação – (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.

MENDES, Viviane Lis Mariano. “**A mim pouco me importa, aberta ou fechada a porta, eu vou entrar**”: os caminhos da escritora Yêda Schmaltz (1941 - 2003)”. Mestrado. (Programa de Pós-Graduação em Educação), Universidade Federal de Goiás, 2022.

MENEZES, Irmã Áurea Cordeiro. **O Colégio Santa Clara e sua influência educacional em Goiás**. Goiânia: UNIGRAF, 1981.

MEYER, Augusto. **Segredos da infância / No tempo da flor**. Porto Alegre: IEL; Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1996.

MOISÉS, Carlos Felipe. **Poesia e utopia**: sobre a função social da poesia e do poeta. São Paulo: Escrituras Editora, 2007.

MORAGAS, Rosana Alves Ribas. **O (re)significar o lugar no ensino de geografia em Goiás**: por meio da poesia de Cora Coralina. Tese (Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana) Universidade de São Paulo (USP), (2017).

MORLEY, Helena. **Minha vida de menina**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Notas sobre linguagem, texto e pesquisa histórica em educação. **História da educação**. Pelotas, v. 6, p. 69-77, out. 1999.

MUNIZ, Diva do Couto Gontijo; SANT’ANNA, Thiago Fernando. Meninas pra lá, meninos pra cá: a experiência de escolarização na Província de Goiás. In: **Caderno Espaço Feminino** | v. 23 | n. 1/2 | p. 79-101 | 2010. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/bitstream/ri/19106/3/Artigo%20-%20Diva%20do%20Couto%20Gontijo%20Muniz%20-%202010.pdf> Acesso em jun. de 2023.

NORA, Pierre. Entre memória e História: a problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo, n. 10, p. 7-29, 1993.

NÓVOA, António. **Para o estudo sócio-histórico da gênese e desenvolvimento da profissão docente**. Teoria e Educação, n. 4, p. 109, 1991

OLIVAL, Moema de Castro e Silva. **GEN**: um sopro de renovação em Goiás. Goiânia: Kelps, 2000.

OLIVEIRA, Elis Regina da Silva. **A representação da loucura em Ermos e Gerais**. Mestrado. (Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística), Universidade Federal de Goiás, 2011.

PAZ, Octávio. **O arco e a lira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

PEIXOTO, Sanderson Mendanha. **O legado de Cora Coralina: um estudo da recepção de sua poesia entre alunos do Ensino Médio**. Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade) Universidade Estadual de Goiás – (UEG), Câmpus Cora Coralina, 2019.

PEREIRA, Deise Quitilhiano. *Diário de Bitita: a autobiografia ensaística de Carolina Maria de Jesus*. **SEÇÃO TEMA LIVRE** • Estud. Lit. Bras. Contemp. (58) • 2019 Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2316-40185811> Acesso em jan. de 2022.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Altas literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. **Texto, crítica, escritura** – 3ªed. – São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PERROT, Michelle. **Mulheres públicas**. São Paulo: Ed. Unesp, 1998.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Tradução: Dora Rocha Flaksman. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, v. 2, n. 3, 1989. p. 03-15.

PRADO, Paulo Brito do. **Aventuras feministas nos sertões de Goiás: as mulheres e as suas lutas nos guardados de Consuelo Ramos Caiado**. 2019. Tese (Doutorado em História Social) –Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2019

PRADO, Paulo Brito do; FREITAS, Eliane Martins de. “Uma poética da emancipação feminina nos sertões goianos (século XIX)”. In: **Revista de Estudos Feministas** 26 (2)-2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/4bj3BJrttx66SXJ7bFjJQpS/abstract/?lang=pt> Acesso em: Jan de 2023.

PRUDENTE, Maria das Graças Cunha. **O Silêncio no Magistério: professoras na instrução pública na Província de Goyaz, Século XIX**. 2009. 145 f. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2009.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. **Sobre ler, escrever e outros diálogos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012

QUEIRÓS, B. C. de. O livro é passaporte, é bilhete de partida. In: PRADO, J.; CONDINI, P. (orgs.). **A formação do leitor: pontos de vista**. Rio de Janeiro: Argus, 1999. p. 23-24.

RAMOS, G. **Infância**. Rio de Janeiro: Record, 1980.

REGO, José Lins do - **Meus verdes anos**. 2a. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1957.

\_\_\_\_\_. **Doidinho**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

\_\_\_\_\_. **Menino de Engenho**. 96ª Ed. – Rio de Janeiro. José Olympio, 2008

REIS, Roberto. Canon. In: JOBIM, José Luiz (Org.). **Palavras da crítica**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

REMÉDIOS, Maria Luiza Ritzel. O empreendimento autobiográfico. In: **As pedras e o Arco**, fontes primárias, teoria e história da literatura. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

REZENDE, Tânia Ferreira. A aesthesis afrodiaspórica na poética de Leodegária de Jesus. In: **Ler em Revista**. Cora Coralina e Leodegária de Jesus: 130 anos de nascimento. Periódico L.E.R. - iiLer/PUC-Rio - RJ-Brasil. N° 16, abril de 2020. Disponível em: [https://iiler.puc-rio.br/portal/wp-content/uploads/2020/05/ler\\_16\\_2020.pdf](https://iiler.puc-rio.br/portal/wp-content/uploads/2020/05/ler_16_2020.pdf) Acesso em jan. de 2023.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**: a configuração do tempo na narrativa de ficção. Tradução: Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

\_\_\_\_\_. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, S.P.: Editora da Unicamp, 2007.

ROCHA, Juliano Guerra. **História da alfabetização de crianças em Goiás, 1835-1886**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, 2019.

RODRIGUES, Edison de Abreu. **O fogão, o quintal e a escrivanhinha**: estudo comparativo entre a literatura de Cora Coralina e a de Manoel de Barros. Tese. (Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana), Universidade de São Paulo - (USP), 2020.

ROMÃO, Jeruse. Org. **História da Educação do Negro e outras histórias**. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. 2005. (Coleção Educação para Todos). Disponível em: [http://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/publicacoes/historia\\_educacao\\_negro.pdf](http://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/publicacoes/historia_educacao_negro.pdf) . Acesso em maio de 2023.

ROSA, Guimarães. **Grande Sertão**: Veredas. 19ª edição. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001.

ROSA, Joaquim coelho. “Cora Coralina”. In: **Leitura em Revista**, Periódico L.E.R. - iiLer/PUC-Rio – Rio de Janeiro, 2020.

SANT’ ANNA, Affonso Romano de. **Ler o mundo**. Global: São Paulo, 2013

SANTOS, Jana Cândida Castro dos. **Cidade e representação**: a cidade de Goiás na obra de Cora Coralina. Mestrado. (Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo), Universidade de Brasília - (UNB), 2017.

SANTOS, Cristiano Bittencourt dos. **A natureza e o meio ambiente em Cora Coralina**: um estudo a partir do sistema de transitividade e do teatro-educação. Mestrado. (Programa de Pós-Graduação Ensino de Humanidades e Linguagens), Universidade Franciscana, de Santa Maria (UFN), 2018.

SANTOS, Saulo Nunes dos. **O direito feminino à dignidade em Mulheres Coralinas: autonomia e emancipação**. Mestrado. (Programa de Pós-Graduação *Strito sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade). Universidade Estadual de Goiás (UEG), 2018.

SARAMAGO, J. **História e ficção**. *Jornal de Letras, Artes e Idéias*. Lisboa, v. 1, n. 400, p. 7, 1990.

\_\_\_\_\_. **Democracia e universidade**. Belém: Ed. ufpa, 2013.

SCHUELER, Alessandra Frota Marinez de; MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello. Educação escolar na Primeira República: memória, história e perspectivas de pesquisa. **Dossiê**. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tem/a/KSZxRDV8gHqmvWNmnr8bNnf/?lang=pt&format=pdf> Acesso em jun. de 2023.

SEVCENKO, N. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SIQUEIRA, Ebe Maria de Lima. **Literatura sem fronteira: por uma educação literária**. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) –Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras, Goiânia, 2013.

\_\_\_\_\_. Anna Lins dos Guimarães Peixoto Bretas. In: **Dicionário de educadores e educadoras em Goiás: séculos XVIII - XXI** / Diane Valdez (Org.). – Goiânia: Editora Imprensa Universitária, 2017. Disponível em: [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/688/o/ebook\\_dicionario\\_educadores.pdf](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/688/o/ebook_dicionario_educadores.pdf) Acesso em jan. 2023.

\_\_\_\_\_. Leodegária de Jesus: um pássaro com espinho na garganta. In: **Leitura em Revista**, Periódico L.E.R. - iiLet/PUC-Rio – Rio de Janeiro, 2020.

SIQUEIRA, Ebe Maria de Lima; CAMARGO, Goiandira Ortiz de. Recordar e Esquecer: a Elaboração Freudiana na Poesia de Cora Coralina. In: **Gláuks** v. 12 n. 2 (2012) 56 -64. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/bitstream/ri/18683/5/Artigo%20-%20Ebe%20Maria%20de%20Lima%20Siqueira%20-%202012.pdf> Acesso em jan. de 2022.

SORRENTI, N. **A poesia vai à escola: reflexões, comentários e dicas de atividades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SOUZA, Tania Regina de. **Infância: memórias em letras de forma**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira, Florianópolis, 1996. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/157992> . Acesso em jan. 2022.

SOUZA, R. F. de. A difusão da escola primária em Campinas. In: NASCIMENTO, T. A. Q. R. et. all. **Memória da educação**. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

TAHAN, Vicência Brêtas. **Cora coragem, Cora poesia**. São Paulo: Global, 1989.

TOSTA, Antonio Luciano de Andrade. Uma in(ter)venção damemória: a universalização do particular na poesia histórica de Cora Coralina. In: DENÓFRIO, Darcy França e CAMARGO, Goiandira Ortiz de. [orgs]. **CORA CORALINA**: celebração da volta. Goiânia: Cãnone Editorial, 2006.

VALDEZ, Diane. **História da infância em Goiás**: séculos XVIII e XIX. Goiânia: Alternativa, 2003.

\_\_\_. **A representação de infância nas propostas pedagógicas do Dr. Abílio Cesar Borges**: o Barão de Macahubas (1856-1891). Tese (doutorado)-Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. Campinas, SP, 2006.

\_\_\_. Encalços na história da escolarização: rastros diversos, trilhas heterogêneas, vestígios plurais. In. ALVES, Miriam Fábria; PINTO, Rubia-Mar Nunes. **Trajatória, memória e história da educação pública na América do Sul**. Goiânia: Editora da Imprensa Universitária, 2020.

\_\_\_. **Dicionário de educadores e educadoras em Goiás**: séculos XVIII - XXI / Diane Valdez (Org.). – Goiânia: Editora Imprensa Universitária, 2017.

VALDEZ, Diane; OLIVEIRA, Elis Regina da Silva; SILVA, Danielly Cardoso da. “Corpos marcados nos tempos da história: infâncias negras na literatura e na imprensa”. In: **Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 25, n. 47, p. 64-91, jan./jun., 2023. Universidade Federal de 89 Santa Catarina. Edição **v. 25 n. 47 (2023): Dossiê infâncias, racismos e educação infantil**. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosais/article/view/90911>. Acesso em maio de 2023.

VASCONCELLOS, Eliane. Precursoras da Literatura Goiana. In: **Revista UFG** / Julho 2010 / Ano XII nº 8. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/48306/23646> Acesso em jan. de 2022.

VAZ, Sérgio. **Cooperifa**: Antropofagia Periférica. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2008.

VERÍSSIMO Luis Fernando. Diminutivo. Disponível em: <http://intervox.nce.ufrj.br/~jobis/l-dimi.htm>. Acesso em maio de 2023.

WHITE, Hayden. **Trópicos do discurso**: ensaios sobre a crítica da cultura. São Paulo: Edusp, 2001.

\_\_\_. **A Meta-História** – a Imaginação Histórica no século XIX. São Paulo: EDUSP, 2008.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Círculo do Livro, 1990.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da literatura** . São Paulo: Ed. Ática, 2009.

ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da. (Org.). **Literatura e pedagogia**: Ponto e Contraponto. Série Confrontos. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

## Catálogo

Cora Coralina, coração do Brasil / [curadoria de Júlia Peregrino; texto de Kátia da Costa Bezerra]. – São Paulo: Museu da Língua Portuguesa, 2009.

## Documentários:

“Cora Coralina: entre poemas e memórias”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=80YNMdv5bcU>. Acesso em jan. de 2023.

## Entrevistas:

Blog Letras In-Verso e Re-Verso. Literatura e entretenimento. Uma entrevista raríssima com Cora Coralina. In: **Revista Mulherio**, maio/junho de 1983. Disponível em: <https://www.blogletras.com/2008/04/uma-entrevista-rarissima-com-cora.html> Acesso em jun de 2023.

CORA CORALINA - CORAÇÃO VERMELHO, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Yra5PYVoaEk>, acesso em jan. de 2020.

CORA CORALINA - Especial Literatura, TVE, 1985. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=VLt2\\_IwZJ98](https://www.youtube.com/watch?v=VLt2_IwZJ98), acesso em jan. de 2023.

CORA CORALINA - Entrevistas reunidas no canal *Inspiração Literária*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4kILDg6qFgA>, acesso em jan. de 2023.

ROCHA, Hélio. “O grande poeta Félix de Bulhões, o Castro Alves de Goiás”, veiculada no **Jornal Opção**, em agosto de 2020. Disponível em: <https://www.jornalopcao.com.br/colunas-geral/memorando/o-grande-poeta-felix-de-bulhoes-o-castro-alves-de-goias-276391/> Acesso em nov. de 2022.

TELES, Gilberto Mendonça. [Mito e realidade literária em Cora Coralina, ou a Celebração do Celebrado](#). In: **Jornal Opção**, junho de 2018. Disponível em: <https://www.jornalopcao.com.br/ultimas-noticias/mito-e-realidade-literaria-em-cora-coralina-ou-a-celebracao-do-celebrado-129659/>. Acesso em jan. de 2023.

VAZ, Geraldo Coelho “O (1º) príncipe dos poetas goianos”, veiculada no Jornal **Diário da Manhã**, em junho de 2016. Disponível em <https://www.dm.com.br/opiniaio/2016/06/o-1o-principe-dos-poetas-goianos> . Acesso em nov. de 2022.

## ANEXOS

## TESES E DISSERTAÇÕES

## 1ª CATEGORIA – Poesia, discurso e memória

PESQUISADOR/A	TÍTULO	PROGRAMA/ INTITUIÇÃO	ANO	PALAVRAS-CHAVE	TIPO
Paula Pinho Dias	Sociedade, cognição e discurso: desvendando Cora Coralina	PUC – SP Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa	2008	Intertextualidade Representações autobiográficas	D
Sueli Gomes de Lima	Práticas de subjetivação e construções identitárias em Cora Coralina	Universidade Federal de Uberlândia Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos	2008	Subjetividade Sujeito Cora coralina Identidade Discurso	D
Iêda Maria Vilas Bôas Pereira	Cora Coralina: a mulher-poeta e suas múltiplas vozes	UNB Programa de Pós-Graduação em Literatura	2009	Literatura Análise literária Metáforas Dialogismo Intertextualidade	D
Adriana Rodrigues Sacramento	<i>A culinária de sentidos: corpo e memória na literatura contemporânea</i>	UNB Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária e Literaturas	2009	Memória Corpo Culinária	T
Clovis Carvalho Britto	Economia simbólica dos acervos literários: itinerários de Cora Coralina, Hilda Hilst e Ana Cristina César	UNB Programa de Pós-Graduação em Sociologia	2011	Não há palavras-chave	T
Maria Ivone Souza Melo	Rastros do vintém perdido: Uma história de leitura da poesia de Cora Coralina	UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA Pós-Graduação em Estudos de Linguagem	2011	Sem acesso ao texto	D
Claudia Barbosa Reis	A literatura no museu	PUC-RIO Departamento de letras do centro de	2012	Museu Literatura Museu-casa Memória	T

		teologia e ciências humanas			
Ebe Maria de Lima Siqueira	Literatura sem fronteiras: por uma educação literária	UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS Pós-Graduação em Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística	2013	Formação de leitor; Mediação; Literatura sem Fronteira	T
José Humberto Rodrigues dos Anjos	“Na minha vida, a vida mera das obscuras”: as representações do eu e de outros espaços em poemas dos becos de Goiás e estórias mais, de Cora Coralina	UFCAT Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (RC)	2013	Cora Coralina Modernismo Representação Outro	D
Paula Pinho Dias	Representações textuais-discursivas na construção do mito de Cora Coralina	PUC – SP Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa	2013	Construção mítica Sociedade Cognição Discurso	T
Denise Moreira Guedes Vieira	Vintém de cobre – meia confissões de Aninha: a poética da experiência em Cora Coralina	CENTRO UNIVERSITÁRIO ACADEMIA/ Juiz de Fora Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira	2014	Cora Coralina. Poesia. Cotidiano. Valores. Reeducação do pensamento.	D
Rosilene Morato Mateus	Pedras: Dificuldades, persistência e superação - Um estudo estilístico em Cora Coralina.	UNIVERSIDADE CRUZEIRO DO SUL/SP Programa de Pós-Graduação em Linguística	2015	Cora Coralina, Análise do Discurso, Ethos, Estilística, Metáfora da Pedra.	D
Ludmila Santos Andrade	Poesia e Crônica em Cora Coralina	UFG/GO – Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística (FL)	2016	Cora Coralina Poesia Crônica Modernismo Dimensão cronística	D
Clovis Carvalho Britto	Gramática expositiva das coisas: a poética alquímica dos Museus Casas de Cora Coralina e Maria Bonita	UFBA PPGMUSEU	2016	Museologia Museus-casas Poética Cora Coralina Maria Bonita	D

Silvana Aparecida Alves Ferreira	Lendo Cora Coralina: um estudo sobre a expressividade discursiva e a constituição do Ethos	UNIVERSIDADE CRUZEIRO DO SUL/ SP Programa de Pós-Graduação em Linguística	2016	Cora Coralina, Ethos, Expressividade.	D
Jorge Luiz Vieira	A poética de Cora Coralina e o processo de letramento literário na Educação de Jovens e Adultos (EJA): o desnude de injustiças sociais	UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO Programa de Pós-Graduação em Letras	2016	Cora Coralina; Poesia; Literatura; Educação de Jovens e Adultos; Direitos humanos.	D
Andréa Figueiredo Leão Grants	(Des)arquivar biografemas: a biblioteca de Cora Coralina	UFSC Programa de Pós-Graduação em Literatura	2016	Biblioteca particular. Autobiografia material. Biografema. Roland Barthes. Cora Coralina.	T
Rosana Alves Ribas Moragas	O (re)significar o lugar no ensino de geografia em Goiás: por meio da poesia de Cora Coralina	USP Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana	2017	Cora Coralina Ensino de geografia Lugar Poesia Sequência didática	T
Maykol Vespucci de Oliveira	Jornada à terra crua: o lugar da poesia na obra de Cora Coralina.	UFRJ Pós-Graduação em Letras Vernáculas	2017	Cora Coralina; Poesia; Memória.	D
Marta Bonach	A expressividade lírica na poesia de Cora Coralina	PUC/GO – Programa de Pós-Graduação STRICTO SENSU em Letras	2018	Poética. Cora Coralina. Memória. História. Goiás.	D
Estela Maris Medeiros Jardim	Palavras palatáveis: a poesia e a gastronomia como ingredientes na obra de Cora Coralina	CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DE JUIZ DE FORA Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira	2018	Cora Coralina. Memória. Gastronomia. Goiás. Poesia brasileira.	D

Maísa Conceição Silva	Tradução- interpretação em LIBRAS do poema “Aninha e suas pedras”, de Cora Coralina	UNB Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução	2019	Tradução literária; Cora Coralina; Literatura goiana; Literatura brasileira em LIBRAS	D
Mislainy Patrícia de Andrade	Cora Coralina e Mary Oliver: a poesia nos diferentes solos e contextos à luz da ecocrítica	UNB Programa de Pós-Graduação em Literatura e Práticas Sociais	2019	Cora Coralina. Mary Oliver. Ecocrítica. Ecofeminismo. Poesia e Natureza	T
Jossier Sales Boleão	Bordaduras poéticas e interculturais: Conceição Evaristo e Cora Coralina em arpilleras	UEG Programa de Pós-Graduação Strito sensu em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI)	2019	Literatura Artes híbridas Poética Narrativas visuais Bordaduras poéticas	D
Sanderson Mendonça Peixoto	O legado de Cora Coralina: um estudo da recepção de sua poesia entre alunos do ensino médio	UEG Programa de Pós-Graduação Strito sensu em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI)	2019	Estética da recepção Cora Coralina Leitor Literatura	D
Simone Oliveira Sales Maria Coelho	Estética da recepção e letramento literário: uma proposta de sequência didática para o 9º ano do ensino fundamental	Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Diamantina	2019	Letramento literário; Estética da recepção; Formação de leitor; Letramento literário; Recepção estética; Entrenamiento de lectores	D
Edison de Abreu Rodrigues	O fogão, o quintal e a escrivania: estudo comparativo entre a literatura de Cora Coralina e a de Manoel de Barros	USP Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana	2020	Cora Coralina Cultura Infância Manoel de Barros Poesia	T
Elizania Rodrigues Oliveira	Pelos becos de Goiás, os poemas de Cora Coralina na EJA: laços	UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA	2020	Poema; Cora Coralina; EJA Letramento literário; Multiletramentos;	D

	entre o lido e o vivido	Programa de Pós-Graduação em Letras		Análise de discurso crítica	
Lilian Rodrigues de Souza Oliveira	Momentos Criativos de Cora Coralina: Uma Leitura do Dossiê Genético de Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais	UFG Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística	2021	Poesia brasileira. Cora Coralina. Crítica Genética. Poemas dos becos de Goiás e estórias mais.	D
Glauciane Rodrigues da Silva	Traços da modernidade e do modernismo brasileiro nos poemas de Cora Coralina.	PUC/GO – Programa de Pós-Graduação STRICTO SENSU em Letras	2021	Cora Coralina. Poesia. Modernidade. Modernismo. Ínfimo	D
Ludmila Santos Andrade	Crônicas de Cora Coralina: laboratório de poesia Goiânia	UFG/GO – Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística (FL)	2022	Cora Coralina, crônicas, laboratório de poesia, poemas, estilo.	T
Rosania Gomes da Silva Domingues	Aspectos interculturais nos usos dos verbos ‘pegar’ e ‘tomar’ na voz da mulher do povo, Cora Coralina	UEG/ Cidade de Goiás Língua, Literatura e Interculturalidade	2022	Verbos pegar e tomar; Metaforização; Gramática de Construções	D
Edina Faria de Almeida	Leitura de poesia e formação do leitor literário na educação básica: a produção poética de Cora Coralina em sala de aula.  A pesquisa originou um documentário.  “Cora Coralina: entre poemas e memórias”	UFG Programa de Pós-Graduação em Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação.	2022	Ensino. Literatura. Leitura de poesia. Formação de leitor.	D

Giovana do Carmo Gonçalves Guimarães	O Eu e o Outro nas memórias dos becos: a alteridade na resistência poética de Cora Coralina	UEG/Cidade de Goiás Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade	2022	Cora Coralina. Poesia. Beco. Memória. Resistência.	D
Ana Carolina Alves	As meias confissões de Aninha: sobre a infância e a pobreza	UFU/MG Programa de Pós-graduação em Estudos Literários (PPLET)	2022	Cora Coralina, Aninha, memória, infância, pobreza	D

**Fonte:** Elaborada pela autora a partir da consulta na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

## 2ª CATEGORIA – MULHER

PESQUISADOR/A	TÍTULO	PROGRAMA/INTITUIÇÃO	ANO	PALAVRAS-CHAVE	TIPO
Marcio dos Reis Sales	Expressividade e estereótipo de feminino em Cora Coralina: um olhar para a mulher marginal	UNIVERSIDADE CRUZEIRO DO SUL/ São Paulo Programa de Pós-Graduação em	2016	Expressividade, Estereótipo de feminino, Escolhas lexicais, Cora Coralina.	D
Patrícia Abadia Pereira Félix	A mulher no discurso de Cora Coralina: uma análise do sistema de avaliatividade	UFCAT – Catalão/Go Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (RC)	2019	Cora Coralina Avaliatividade Atitude Metafunções	D
Saulo Nunes dos Santos	O direito feminino à dignidade em Mulheres Coralinas: autonomia e emancipação	UEG – Programa de Pós-Graduação Strito sensu em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI)	2019	Mulheres Literatura Coralinas Direitos	D
Jailma da Costa Ferreira	Movimentos para fora do eu e produção de singularidades na poesia brasileira contemporânea escrita por mulheres	Universidade Estadual da Paraíba Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade	2020	Poesia brasileira contemporânea. Escritoras brasileiras. Movimentos para fora do eu.	D

Claudia Miranda da Silva Moura Franco	Mulheres, Marginais e Maltrapilhos em Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais, de Cora Coralina	UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários e Linguísticos	2021	Marginalizados; Beco; Cora Coralina; Literatura e sociedade; Metaficção Historiográfica.	D
---------------------------------------	---	--	------	--	---

**Fonte:** Elaborada pela autora a partir da consulta na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

### 3ª CATEGORIA – CIDADE, NATUREZA

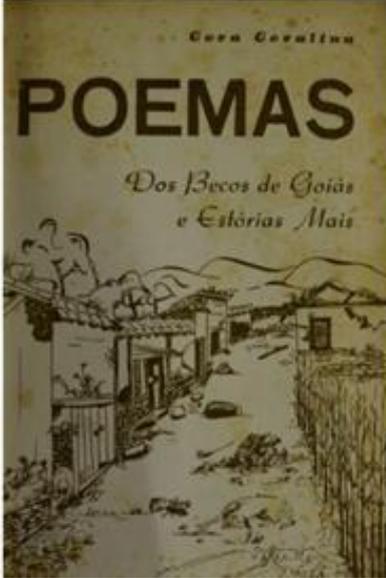
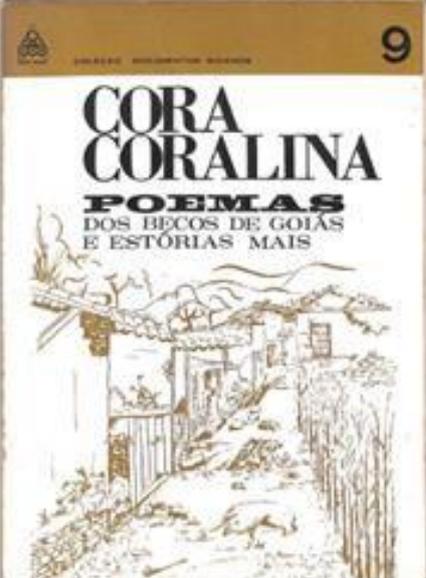
PESQUISADOR/A	TÍTULO	PROGRAMA/INTITUIÇÃO	ANO	PALAVRAS-CHAVE	TIPO
Ana Cristina de Deus e Sousa	Entre monumentos e documentos: cidade de Goiás, Cora Coralina e o dossiê de tombamento.	PUC/GO – Ciências Humanas e da Terra	2009	Dossiê Tombamento Patrimônio Monumento Documento Cora Coralina	D
Thaise Monteiro da Silva Melo	A representação da cidade na poesia de Bandeira, Drummond e Cora Coralina	UFG – Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística (FL)	2014	Poesia Cidade Representação Imagem Modernidade Memória e autobiografia	D
Moema de Sousa Esmeraldo	A representação do espaço e a cidade na poesia de Cora Coralina e José Décio Filho.	UFCAT - Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (RC)	2014	Cidade Poesia moderna Cora Coralina Espaço	D
Samuel Campos Vaz	A menina do caco: imagem, imaginário e religiosidade no cemitério são Miguel da Cidade de Goiás	PUC/GO – Ciências da Religião	2014	Imaginário social Religiosidade Fotografia Cultura material	D
Maria de Lourdes Jacinto Caetano	A natureza na literatura de Cora Coralina: a poética do contexto e lugar	Unievangélica-Anápolis Programa de Pós-Graduação em sociedade, tecnologia e meio ambiente	2015	Cora Coralina, Natureza, Contexto, Lugar, Goiás	D
Rita Carolina Ribeiro Martins	O estilo na poesia de Cora Coralina: (des)velando a	UERJ – Programa de Pós-Graduação em Letras	2015	Cora Coralina Estilo Cidade de Goiás Linguagem	D

	Cidade de Goiás pela linguagem.				
Bento Alves Araújo Jayme Fleury Curado	Inventário das cinzas: brasas dormentes da produção literária sobre o cerrado em Goiás.	UFG Programa de Pós-graduação em Geografia (IESA)	2016	Geografia Cerrado Literatura Goiás	T
Jana Cândida Castro dos Santos	Cidade e representação: a cidade de Goiás na obra de Cora Coralina.	UNB – Programa de Pesquisa e Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo	2017	Cidade, Literatura, Representação, Cora Coralina, Goiás.	D
Cristiano Bittencourt dos Santos	A natureza e o meio ambiente em Cora Coralina: um estudo a partir do sistema de transitividade e do teatro-educação.	UFN – Santa Maria/RS  Universidade Franciscana  Mestrado Acadêmico em Ensino de Humanidades e Linguagens	2018	Natureza. Meio ambiente. Transitividade. Teatro-educação. Interdisciplinaridade.	D
Antonio Carlos Siqueira Dutra	A cidade em atos de memória.	Universidade Federal de Juiz de Fora  Programa de Pós Graduação em Educação	2023	cidade, narrativas, sujeitos de vida longa, história aberta, processos educativos não escolares	T

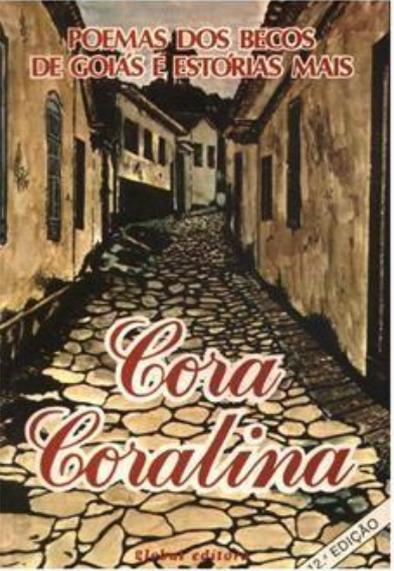
**Fonte:** Elaborada pela autora a partir da consulta na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

**CAPAS DE ALGUMAS EDIÇÕES DOS LIVROS UTILIZADOS NESTA TESE<sup>108</sup>**

***POEMAS DOS BECOS DE GOIÁS E ESTÓRIAS MAIS* (1965)**

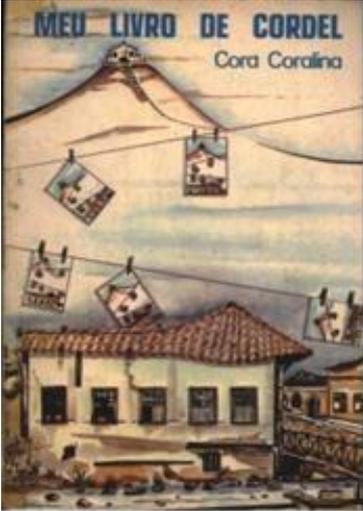
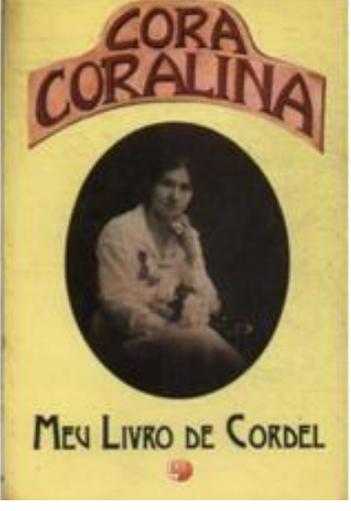
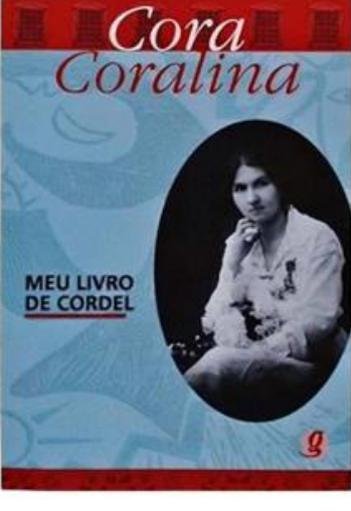
1965 – Primeira edição Editora José Olympio	1977 – Editora UFG	1980 – Editora UFG
		
<p>Fonte: <a href="https://www.levyleiloeiro.com.br/peca.asp?ID=343572">https://www.levyleiloeiro.com.br/peca.asp?ID=343572</a> Acesso em nov. de 2023.</p>		

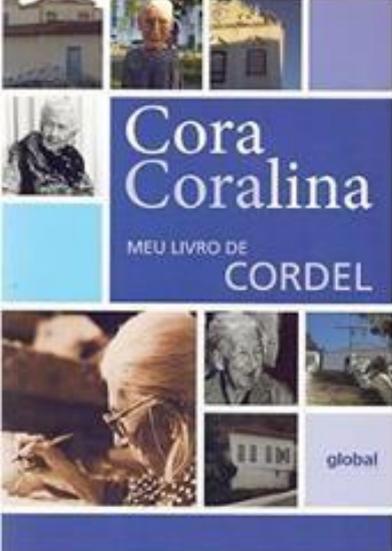
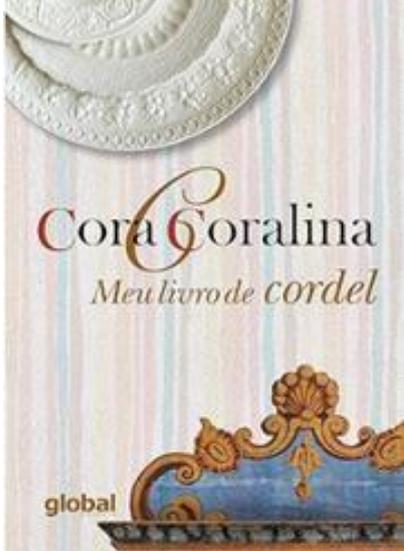
<sup>108</sup> Trouxemos as capas apenas a título de ilustração. Não tivemos a intenção de problematizá-las ou tecer considerações sobre cada uma

1983 – Editora Global	1986 – Editora Global	1990 – Círculo do Livro
 <p>Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais</p> <p><i>Cora Coralina</i></p> <p>Beco da minha terra... Amo tua paisagem triste, ausente e suja. Teu ar sombrio. Tua velha umidade andrajosa. Teu lado negro, esverdeado, escorregadio.</p> <p>Global Editora</p>	 <p>POEMAS DOS BECOS DE GOIÁS E ESTÓRIAS MAIS</p> <p><i>Cora Coralina</i></p> <p>Global Editora 12ª EDIÇÃO</p>	 <p>Cora Coralina POEMAS DOS BECOS DE GOIÁS E ESTÓRIAS MAIS</p> <p>Cora Coralina POEMAS DOS BECOS DE GOIÁS E ESTÓRIAS MAIS</p>
<p>Fonte: <a href="https://www.traca.com.br/livro/1446816/#">https://www.traca.com.br/livro/1446816/#</a> Acesso em nov. de 2023</p>		

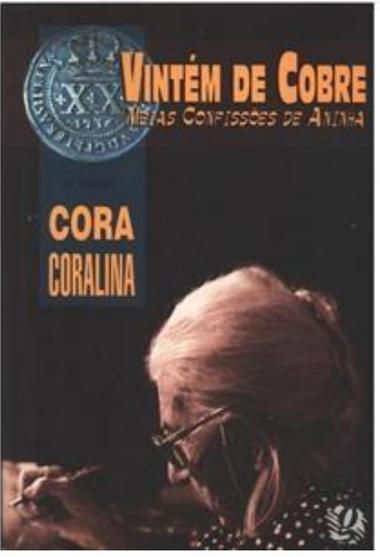
2001 – Editora Global 2008 – Gaudi Editorial	2014 – Editora Global	2023 – Editora Global 24ª edição
 <p><i>Cora Coralina</i></p> <p>POEMAS DOS BECOS DE GOIÁS E ESTÓRIAS MAIS</p> <p>g</p>	 <p><i>Cora Coralina</i></p> <p>POEMAS DOS BECOS DE GOIÁS E ESTÓRIAS MAIS</p> <p>global</p>	 <p><i>Cora Coralina</i></p> <p>Poemas dos becos de Goiás e estórias mais</p> <p>global</p>
<p>Fonte: <a href="https://www.traca.com.br/livro/1446816/#">https://www.traca.com.br/livro/1446816/#</a> Acesso em nov. de 2023</p>		

**MEU LIVRO DE CORDEL (1976)**

1976 – Primeira edição Livraria e Editora Cultura Goiana, GO	1987 – Editora Global	2005 – Editora Global
		
<p>Fonte: <a href="https://www.traca.com.br/livro/1446816/#">https://www.traca.com.br/livro/1446816/#</a> Acesso em nov. de 2023</p>		

2014 – Editora Global	2023 – 19ª Edição Editora Global
	
<p>Fonte: <a href="https://www.traca.com.br/livro/1446816/#">https://www.traca.com.br/livro/1446816/#</a> Acesso em nov. de 2023</p>	

**VINTÉM DE COBRE: meias confissões de Aninha (1983)**

1983 – Primeira Edição Editora UFG	1987 – Editora UFG	1997 – Editora Global
		
Fonte: <a href="https://www.traca.com.br/livro/1446816/#">https://www.traca.com.br/livro/1446816/#</a> Acesso em nov. de 2023		

2001 – Editora Global	2003 – Editora Global
	
Fonte: <a href="https://www.traca.com.br/livro/1446816/#">https://www.traca.com.br/livro/1446816/#</a> Acesso em nov. de 2023	